

Madre

Tua luce dirige

Maria Jose
Butler

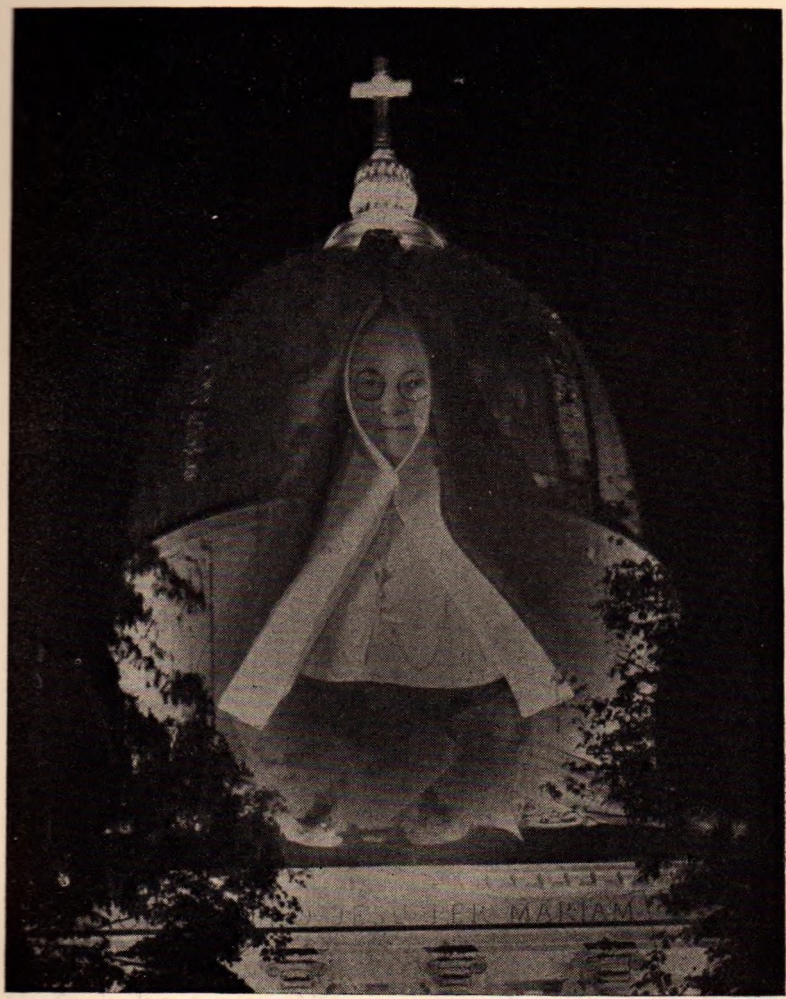
de

Marymount

pos

Katherine
Burton







KATHERINE BURTON

Madre Maria José Butler

(Fundadora dos Colégios Americanos do "Sacré-Coeur de Marie",

5.^a Superiora Geral da Congregação)



EDIÇÃO DO
COLÉGIO "SACRÉ-COEUR DE MARIE"

1948

Tradução do original inglês
"MOTHER BUTLER OF MARYMOUNT"
de
KATHERINE BURTON
por
uma Religiosa do "Sacré-Coeur de Marie"

NIHIL OBSTAT

Rio de Janeiro — Abadia de S. Bento, 29 de Março de 1948

*D. Agostinho Egger O.S.B.
dr. teol.*

IMPRIMATUR

Rio, 2 - IV - 1948

*† R. Costa Rego, Bispo de Mariana
Vigário Geral*

"Não perdemos nunca os que amamos n'Aquela que não
Se pode perder."

Madre Maria José Butler.

"Ele tomou a delicadeza da pomba para a fazer doce;
olhou para o alto como a idealizar a visão da arte angélica;
e insuflou-lhe no coração o amor de Mãe."

Madre M. Gerard Phelan.

Parece que inda me sorri hoje como no passado
E a alegria me aquece uma vez mais o coração;
Como o sol marca o caminho a um outro ano,
Assim marcou-me a vida a sua direção.

Desde que a minha Mãe a ela me confiara,
Fui sua filha na escola e anos de Faculdade,
No seu andar majestoso, minha conselheira e guia,
Nela me acolhi feliz, no júbilo e na saudade!

E agora, não estranho, se ainda ajoelhada,
Na capela me deleito em sua contemplação,
Adivinhando-lhe o sorriso com que adverte ou anima,
E vendo que posso falar-lhe na intimidade da oração.

Jane Butler Flyn.



DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Sinto-me feliz por pagar o meu tributo à memória da Madre Butler, distinta senhora, religiosa exemplar, educadora que acreditava cultivar os dons de Deus, quando procurava, nos cuidados à mocidade, o desenvolvimento harmônico do corpo e da alma.

Para ela, a educação da juventude era Missão sagrada, da qual se desempenhava, mostrando às que dela dependiam que a Religião dá um fim e uma razão à existência, levando a pensar, a agir e a viver retamente.

Reconheceu a objetividade da Verdade e ensinou a autoridade da mesma Verdade.

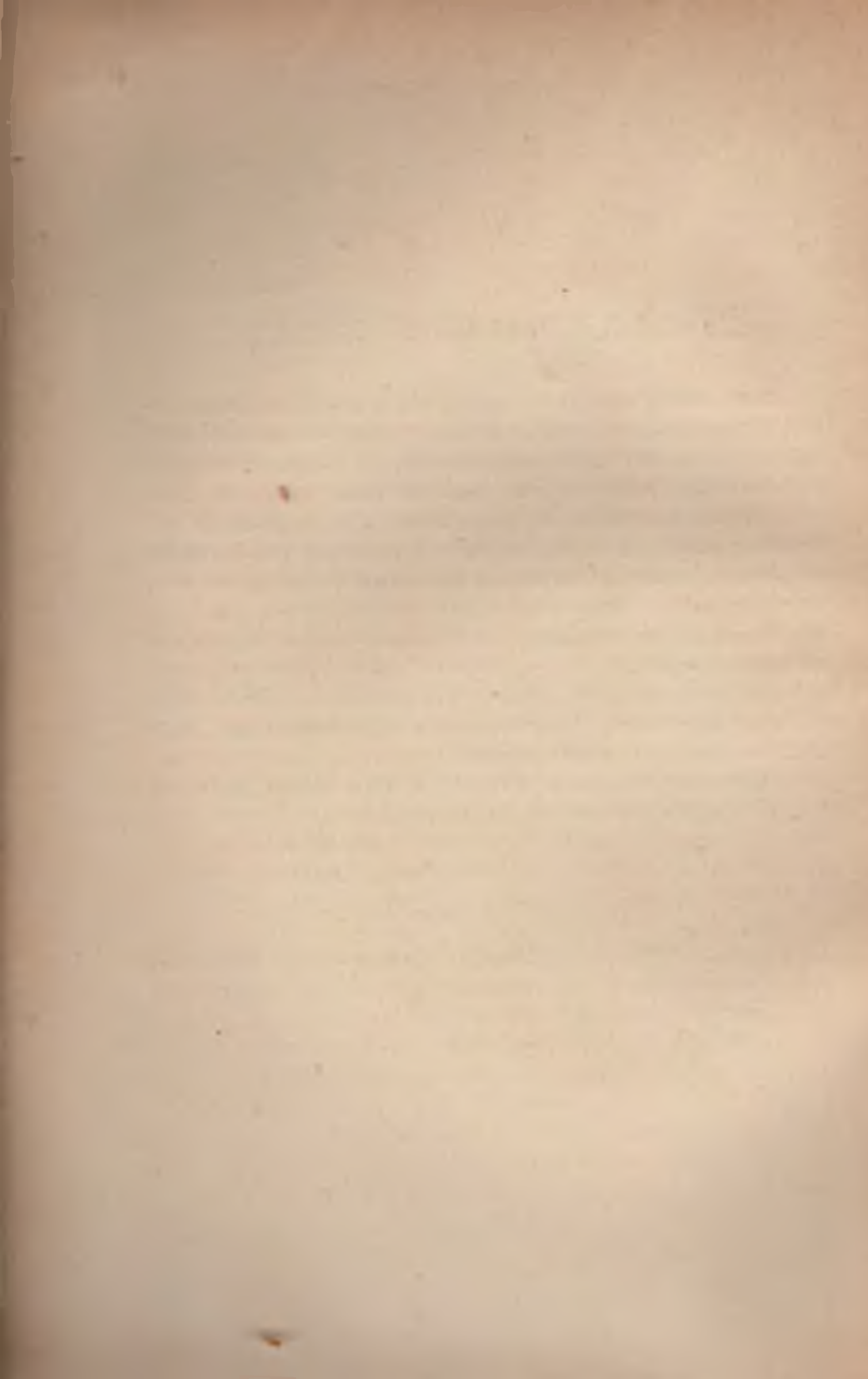
Monumento de Madre Butler é Marymount e o espírito e as tradições de Marymount fundam-se numa ardente devoção ao Coração de Maria, Modelo da mulher cristão.

Faço votos para que, a este Modelo, sejam sempre fiéis as Filhas de Madre Butler e as Alunas de Marymount.

FRANCIS J. SPELLMAN,

ARCEBISPO DE NOVA YORK.

(Atual Cardeal-Arcebispo de Nova York)



PREFÁCIO

Madre Maria José Butler legou à Igreja dos Estados Unidos a mais preciosa das memórias e sua participação no desenvolvimento da educação católica da juventude feminina foi fecunda e inovadora.

Na devoção à Mãe de Deus, viu Madre Butler um desafio e procurou formar a mocidade, de acôrdo com o Coração de Maria.

Para conseguí-lo, levava as Irmãs a aperfeiçoar-se nas ciências profanas, ao mesmo tempo que lhes apontava os mais altos ideais de espiritualidade. Nunca se deixou dominar pelo êrro de supor que uma religiosa deve descurar sua instrução e desejava, em volta de si, senhoras santas que tivessem cultura e senhoras cultas que fôsem santas.

Sua grande ambição era transformar a Congregação que presidia, como Geral, em guarda avançada da educação da juventude moderna, inspirando-se no amor d.Aquela que foi Concebida sem pecado e a Quem a Igreja invoca com o título expressivo de “Sedes Sapientiae”. A Santíssima Virgem devia tornar-se para tôdas que transpunham os umbrais dos seus Colégios, o “Auxílio dos fracos” e a “Causa da nossa alegria”.

Obrigada a viver longe de muitas de suas filhas espirituais, mantinha, todavia, contacto íntimo com elas e estava sempre a par de suas múltiplas atividades. O seu coração batia em uníssono com os de suas filhas, nas dores como nas alegrias. Por tôda a parte em que pude encontrá-la, deu-me a impressão de que era na companhia de suas filhas que se sentia mais feliz. Formavam a sua família, o seu reino; e ela era, por seu turno, seu amor e o motivo de sua ufanía. Tôda delas, o afeto e interêsse que lhes dedicava em geral, não impedia que se ocupasse especialmente de cada uma. De tempos em tempos, falava delas. Que consolação, testemunhar como vivia no seu grande co-

ração com elas e para elas! Ocupassem-na numerosos trabalhos ou abstrusas e sérias preocupações, ainda assim não saíam do seu *paradisio*.

Como Superiora e depois como Madre Geral, não se punha acima de suas filhas, porém ao seu lado, para as ajudar, ao longo do caminho. Grande respeito lhes tinha. Descobria, sua intuição de Mãe, até onde as poderia guiar e onde cumpria deixá-las aos cuidados de Nosso Senhor. Tão incansável se mantinha, a assisti-las, que foi chamada com justiça "Segunda Fundadora do Instituto do "Sacré-Coeur de Marie". A atração que exercia era universal. Modelo e exemplo para pessoas de variadíssimas mentalidades, dados suas diferentes nacionalidades e interesses, foi entre suas religiosas e alunas que, primeiro, realizou seu milagre de amor, que depois se irradiou em tôdas as direções. Dava a cada um o que dava a todos, como se não houvesse ninguém mais a quem dar.

Poucas palavras trocadas com Madre Butler bastavam para deixar singular e duradoura impressão. Os que tinham a sorte de a encontrar, recebiam graça a luz. Sua simpatia conseguia maravilhar e atrair todos os corações. Entre os amigos de sua vida, longa e trabalhosa, não se podiam distinguir os recentes dos antigos. Desde o princípio, cada um podia perceber a lealdade e admiração com que tratava a todos.

Seu espírito irradiante paira ainda sôbre Marymount, para animar suas filhas às quais dedicou tôda a vida e amor. A história de tão digna filha do "Sacré-Coeur de Marie" não pode deixar de ser um exemplo para as Filhas de Maria, em cada passo da existência. Aquelas que a conheceram, hão de seguir-lhe os traços e, peregrinas em busca da felicidade, palmilharão o caminho que conduz a essa mesma felicidade, na realização de uma vida nobre.

† JOÃO J. CANTWELL,

Arcebispo de Los Angeles

PRÓLOGO

No ano de 1814, havia sido por fim libertado da sua prisão, em Fontvieille, o Santo Padre Pio VII, que agora atravessava de novo a França, depois de tão penoso exílio. Na cidade de Béziers, não longe de Lézards, parava o cardeal, para substituição dos cavalos e, quanto a velozidade, sobre quem era o insigne viajante, do alto dos camarões e sobre repicados os siros e o povo em massa corria a saber o Vigário de Crusa.

Um grupo de repicados correu a carraçagem onde seguia o Santo Padre. Sua Santidade curvou-se, surtido-lhes, e, levantando a mão, deu-lhes sobre eles sua preciosa bênção.

Um dos moços, com duas rodas de idade, chamado Pedro João António Gailhac, depois de ter visto partir a carraçagem e os compari-
nheiros voltarem aos seus fulgêdos, ficou ainda longo tempo a segui-la com os olhos até que a vira, afinal, desaparecer numa curva da estrada e, sem dar atenção aos condiscipulos que se brincavam em tórno, dirigira-se pensativa e vagarosamente para casa.

João Gailhac era o mais velho de uma família de oito filhos, das mais exemplarmente católicas da cidade, mas nemora mas atingida na perda dos seus bens, durante a trágica Revolução de 89. Fôra o primeiro neófito batizado na Igreja de Santo Afrodísio em Béziers, depois de a haver resgatado o velho Vigário Martin, após a Tormenta, ao poder secular que a usurpera.

A cidade possui duas igrejas: São Nazário que fôra a catedral, quando era Béziers sede de um Bispado, e Santo Afrodísio. O nosso João gostava de subir ao alto da torre da catedral, para ver a fita prateada do Orb, correndo para o Mediterrâneo, e o "Canal du Midi", ligando o Garona com o mar.

Béziers é antiquíssima, ao Sul da França, construída num planalto entre Narbonne e Montpellier.

Quando os Romanos conquistaram a Gália, percorreram êsses sitios e diz uma lenda antiga que Santo Afrodísio teve a honra de espalhar a semente do Evangelho na antiga Boeterrae. De fato, já no século terceiro, Béziers era Bispedo e continuou a gozar dêste privilégio até 1789, época da Revolução. Na infância de João Gailhac, era uma cidade provinciana, monótona e adormecida, — cerca de vinte mil habitantes — pitoresca, com as suas velhas estalagens, velhos jardins, velho casario: mas, reminiscência de outrora, apenas.

Houve grande alegria, quando o Padre Martin conseguiu abrir ao culto a velha igreja e assegurar, assim, a vida religiosa da cidade, sempre invicta na prática constante da Fé. Nos velhos anais de Béziers, há a notícia de um decreto, com a remota data de 1246, ordenando aos pais o ensino da Ave Maria aos filhos, além do Credo e do Padre Nosso. Visto não ser então, a Ave Maria, a oração popular que é hoje, Béziers pode considerar-se precursora, na devoção a Nossa Senhora.

O Padre Martin já havia notado o mais velho dos Gailhac e soube descobrir-lhe na alma a vocação para o Sacerdócio. Daria um bom Padre... E como eram necessários então bons Padres à pobre França! Sabia do menino o que a ninguém fôra revelado: o caso dos sapatos novos que passara sem ser visto às mãos de um pequeno indigente e a caridade com que destinava as suas parcas economias à compra do pão para uma família sem recursos. Porém correram risco as esperanças do Padre Martin, quando, aos quatorze anos, um dos tios de João, abastado proprietário de uma drogaria em Toulouse, resolveu adoptá-lo como filho, prometendo-lhe em herança o que possuía, se consentisse em ficar praticando com êle na farmácia.

Poucos meses, porém, conseguiu demorar-se na aprendizagem. Grato, embora, ao tio, não era a ambição que lhe sorria. Voltou, pois, e desta vez o Padre Martin viu realizar-se a sua expectativa. Gailhac entrou para o Seminário de Montpellier, onde os confrades, por jovialidade, sim, mas também pela boa impressão que dava o novel seminarista, começaram a apelidá-lo de "pequeno santo".

Santo ou não, provou ser um dos melhores alunos, a quem os professores auguravam brilhante futuro. Aos vinte anos, era nomeado professor de Filosofia no Seminário e, aos vinte quatro, passava a ensinar Teologia Dogmática.

O tempo livre, consagrava-o ao hospital da cidade e os doentes esperavam ansiosos a sua chegada, pois o jovem sacerdote levava-lhes frações doces, chá e ... um sorriso — afirmavam todos — capaz, por si, de curar uma doença.

Discutiam ainda os colegas qual seria o seu futuro, quando em 1830 pediu o lugar de Capelão do Hospital de Béziers, sua terra natal, para poder dedicar-se aos cuidados dos doentes pobres. Menearam os Superiores a cabeça, convencidos de que ia empregar mal nessa vocação os talentos que Deus lhe havia concedido. Uma remuneração apenas de 900 francos por ano... Assim resolvia passar a vida dedicada à margem vantagens sem número que poderia auferir — Sua decisão foi pela afirmativa.

O Vigário Geral mandou-o chamar, inquerindo-lhe o motivo de sua preferência e observando-lhe, criterioso: “É caminho que só pode levar a um IMPASSE...” — “É para mim o caminho do Céu”, responde o Padre Gailhac, fitando-o.

— “Então, meu filho, vá com a minha benção...”

Os amigos não o lamentavam menos do que os professores e o próprio Bispo. Ele, entretanto, sentia-se feliz. Vivia vida de estudo, oração, reflexão e, exteriormente, de labor contínuo. Só por isto suspirara. Não lhe faltou a cruz, no hospital. A carga de religiosas às quais animava espírito diferente, apesar da boa vontade, nem sempre compreendiam as idéias do jovem sacerdote e pouco ou nada ajudavam, nos seus planos de melhorar as condições da casa.

Dois anos depois de ter tomado posse da Capelania, grassou o “cólera” em Béziers. Grande a mortandade nas enfermarias, que se achavam literalmente cheias. O Padre Gailhac, incansável, um a um, lá levando aos padecentes palavras de conforto e fé, administrando o Viático e a Extrema-Unção e rezando pelos que expiravam sob a sua constante assistência. Não o perturbava a vista dos estragos da horrível epidemia nem se deixava abater pelas queixas ou blasfêmias. Por fim viu-se obrigado a ceder, adoecendo de cansaço. A mãe correu ao hospital a tratá-lo, mas, ainda que não restabelecido, sustentado pelo seu amor às almas dos que sofriam, puderam contemplá-lo de novo, mais doente entre os doentes, espalhando consolações e colhendo, como resultado da tão heróica caridade, muitas e sinceras conversões.

Longo o período em que se devotou ao hospital. O trabalho, porém, grande em si, era pequeno para o seu zêlo. Aos pobres e às transviadas da cidade ia dar os seus cuidados, decidindo-se a executar um plano que de há muito vinha elaborando: a fundação de um refúgio para penitentes — raparigas, vítimas do abandono, que, deixando o pecado, se convertiam, voltando a Deus —. Obtida a aprovação episcopal, seis religiosas da Congregação das Irmãs de S. José encarregaram-se das moças e da direção da Casa.

Mal se abrira o Refúgio e já se armava contra êle o acicate da crítica: “O Padre Gailhac tão jovem — trinta e dois anos sômente! — Uma aventura, tal empresa, talhada antes para homens amadurecidos com a prudência dos anos... Não havia que duvidar: tratava-se de um ambicioso que encontrava um meio, afinal, de evidenciar-se, de atrair sôbre si a atenção”.

Até a família, que não devia desconhecer-lhe a intenção elevada e pura, se julgou no dever de incriminar-lhe a caridade.

O novo Bispo, Mgs. Thibault, ao contrário, animava-o a prosseguir, porém, como detratores do Padre Gailhac o instassem continuamente a suspender a obra, sentiu-se o Prelado na obrigação de investigar pessoalmente e decidiu-se a aparecer sem ser esperado em Béziers. Desde então, havendo por si examinado o Refúgio, não só o aprovou sem reservas, mas tornou-se o seu defensor caloroso e seu entusiasmo depressa fazia calar quem quer que em sua presença fallsse em desfavor dos esforços do jovem sacerdote.

Durante algum tempo, correu tudo a contento. Depois a dificuldade surgiu de onde menos podia tê-la esperado. A Casa Mãe das Irmãs de S. José começou a reclamar insistentemente do Padre Gailhac uma contribuição que não lhe era possível conceder-lhe e já receava o zeloso Fundador ter de despedir as convertidas, de lançá-las de novo no abismo, — que isto significava vê-las partir para o mundo, — quando, em meio a perplexidade, lhe enviou Deus auxílio, de forma generosa e inesperada.

Vivia em Béziers, condiscípulo e amigo de infância do Padre Gailhac, o Dr. Eugênio Cure, advogado de fama e muito distinto, que havia desposado Apolônia Pelissier, ex-aluna de um convento da cidade. Eram ricos e já mais de uma vez tinham encontrado oportunidade de ajudar com avultadas esmolas o Capelão do Hospital. A

seu marido. Como sentia-se feliz, nada lhe faltava das comodidades da vida, tinha o cuidado do marido, porém não lhe dera o Céu filhos, o que lhe incomodava profundamente; e, para consolar-se, procurava ajudar os pobres da cidade, aos quais largamente beneficiava, nas suas necessidades.

Como lhe servia a consciência, até que em 1848 faleceu repentinamente Dr. Eugénio Cure. O Padre Gailhac, chamado, só teve tempo de administrar-lhe os últimos Sacramentos.

A vida não era insensível. Sentia agora no mundo, sem ninguém de família ou parente a quem se dedicar, que iria fazer no resto da vida? Respondeu-lhe a natureza, mas essa não a satisfazia.

O Padre Gailhac tomou pedras para visitar seu amigo na Capela Real, e não encontrou que os Cure lhe haviam construido uma casa. Um dia viu, quando Eugénio Cure que o Padre Gailhac estava o Dr. Cure na sala de visitas e indo para casa, consultou a mulher sobre o assunto. Na primeira vista do Padre Gailhac, mostrava-lhe um abito de lã e perguntava-lhe a queima-roupa que a que usava. — "Oh! está assim? é o estêlo que mais me agrada e é muito bonito". Depois falava de outras coisas.

Uma noite appareceu-lhe o Dr. Eugénio Cure com um arquiteto e a planta completa duma capella. — a de forma circular que o sacerdote lhe havia admirado. Agora o generoso amigo ia dormir o último sono, sob a cipeira do tempo que é, então, sem o adivinhar, piedosamente effluvia.

A Viúva Cure ficou mesmo em Beziers onde não lhe faltavam amigos e continuava a assistir o Padre Gailhac como confessor. Mas não conseguia conter as abundantes lágrimas que de contínuo lhe fazia derramar o coração, tão inesperadamente ferido, na mais íntima de suas afeições.

Como, insubstituível na fé, confiava em Deus, a Quem sempre servia com devoção e amor, e, considerando certa vez o futuro que lhe apparecia tão vazio, lembrou-se de uma conversa que tivera um dia com seu marido. Perguntara-lhe êle, meio a brincar: — "Que farias, se eu te faltasse?" — "Far-me-ia religiosa", respondeu, após um instante de reflexão.

E o marido, agora já a sério: — "Pois eu faria o mesmo, se te perdesse".

Estas palavras acudiram-lhe à memória, como uma resposta às preocupações que a angustiavam.

— “Mas havia tantas Ordens e Congregações... À qual estaria destinada?”

Consultou o Padre Gailhac que aconselhou, pensasse maduramente, antes de tomar qualquer decisão.

Em 1848, abandonava êle o lugar de Capelão do Hospital, absorvido o seu tempo com obras já numerosas e principalmente com o Refúgio, que não sabia como conseguir manter, sem o auxílio das Irmãs de S. José. Se lhe doía o coração ver misérias que não pudesse remediar, havia de abandonar as suas arrependidas, quando dêle mais necessitavam?!

Entretanto Apolônia Cure sentia cada vez mais imperiosa a ordem divina; tomou, pois, uma resolução firme e, procurando o Padre Gailhac, anunciou-lhe a sua intenção de se fazer mesmo Religiosa. Sabia, além disto, que, em Béziers, mais duas filhas espirituais do Padre Gailhac sentiam igual desejo; juntas poderiam concertar os seus planos

Sorria-lhe a educação da juventude e ninguém melhor conhecia os perigos da sociedade e a necessidade urgente de sólidos princípios católicos, para contrabalançar nas jovens o assalto das teorias mundanas. Na escola da vida social, preparara-se para essa missão; faltava-lhe, porém, explorar a ciência mais alta da vida religiosa pela qual ansiava, afim de santificar seu trabalho por Deus e pelas almas.

Esse desejo da formação da mocidade também já assaltara por vêzes o espírito do Padre Gailhac. Como a clarividente Senhora Cure, sabia muito bem que o livre-pensamento estadiava em França e era necessário olhar pela educação das meninas de famílias ricas, para que os futuros lares pudessem contribuir ao revigoreamento da Fé.

Sua intuição profunda de Diretor de almas viu no caso de Apolônia Cure uma resposta da Providência e convenceu-se de que Deus atendia dêste modo a oração que lhe dirigia pelas suas protegidas, mandando-lhe o auxílio de que necessitava.

Já via no futuro a nobre Senhora Cure e as duas companheiras unirem a uma vida de oração a atividade dos trabalhos do Refúgio.

É que melhor Noção, que melhor caminho para chegar ao Coração de Deus? — O cuidado dos Seus pobrezinhos passaria a ser um Céleste e sua primeira partilha do pêsso da Cruz.

Muito o santo sacerdote ainda considerou com prudência e antes de exprimir o consentimento definitivo, consultou em seguida o seu Bispo, que tudo aprovou sem restrições. Apoiada Cure com as companheiras, Eulália Vidal e Rosália Gibbal, teciam planos e aguardavam o momento de começar uma vida nova, à qual consagraria, a primeira, também a

Quando lhes foi dado conhecer os planos de fundação do Dire- nas suas vistas e a Obra havia de tomar rápido incre- Veriam sob a Regra de Santo Agostinho adaptada às cir- consideras pelo Padre Gailhac e empregar-se-iam em auxiliar a ju- sob a jurisdição do Fundador.

Dar um nome à nascente Congregação foi cousa fácil. O Cora- ção de Maria era objeto de especial devoção para o Padre Gailhac, pois, é Coração humílimo como o Coração de seu Filho. Uma Con- gregação dedicada ao Coração de Maria devia compartilhar da ter- nera, da generosidade e da dedicação dêsse mesmo Coração. Bati- me, portanto, o piedoso grupo com o nome de Religiosas do “Sacré- Coeur de Marie”.

Em Fevereiro de 1849, estavam terminados os preparativos de Apolónia Cure. No dia 24, atravessou apressada e pela última vez as luxuosas salas do seu palacete. Os olhos se lhe descansaram ainda em tantos objetos queridos e mandou preparar o carro. Na sala de vi- sitas, esperavam-na duas jovens. — “Vamos”, disse ela e seguiram-na, entrando em silêncio para o coche que as aguardava.

Tomaram a artéria principal da cidade onde os transeuntes mal podiam adivinhar que, por detrás dos vidros de tão rica carruagem, três senhoras absortas inteiramente em oração, deixavam, sem pesar, para sempre, tôdas as grandezas da terra. Quando chegaram ao Refúgio do Bom Pastor, apearam-se em silêncio, e, após elas fecharam-se as portas, frágil barreira que agora as separava do mundo. Mo- mentos depois, de joelhos na capela, ofereciam a Deus o seu sacrifício.

As novas Religiosas deviam tomar o véu e ter meia clausura, re- cebendo visitas, mas não podendo sair. Formariam dois grupos: Re-

ligiosas do coro e Irmãs leigas. O Padre Gailhac acenara-lhes para o trabalho futuro desta forma: "Conhecer a própria alma e ajudar as almas dos outros a salvarem-se". Seria êsse o seu programa e, para auxiliar o próximo, edificá-los antes de tudo pelo exemplo. Deviam aprender a conhecer as almas, especialmente os corações jovens, tão acessíveis à dedicação e cuja inocência impunha preservar.

No "Bom Pastor", umas oitenta raparigas dividiam-se em dois grupos: "Refúgio" e "Asilo". Era o campo em que esplendidamente se exercitariam as três postulantes, antes de lhes ser confiada obra mais ampla.

Quanto a Apolônia Cure, os princípios foram penosos. As recolhidas eram difíceis de governar e a isto acrescia a dificuldade, não pequena, de, deixado o luxo e conforto a que estivera habituada tãda a vida, adaptar-se, aos quarenta anos, à rígida disciplina religiosa e começar o exercício do magistério. Quantas e quantas vêzes, a mimada senhora, de fino trato, teve de vencer repugnâncias, esquecer fadigas e entregar-se a árduos deveres, enquanto pedia a Deus paciência, no íntimo do coração!

Recebeu o nome de Madre São João e pedia amiudadas vêzes ao Santo Protetor, lhe desse fôrça, coragem e firmeza a tãda a prova.

No seu coração, alimentava a esperança de que o querido Instituto que se fundava, viesse a dedicar-se à formação de meninas da sociedade, de forma a dar à sua Pátria futuras mães de família, preparadas para uma educação completa, moral e intelectualmente falando. Já sonhava habituá-las ao cumprimento dos deveres sociais, torná-las católicas inteligentes, capazes de compreender a sua Fé, de a ensinar e de a defender, se tal se tornasse necessário.

Contudo, por enquanto, o que Deus manifestava querer dela era vê-la entre as pobrezinhas e arrependidas que o Padre Gailhac entregara à sua direção e ela, compreendendo o seu dever, derramou tãda a caridade do seu coração sôbre as infelizes que Deus lhe confiara e fez calar o sonho doirado da sua vida.

Seguia, quanto possível, as palavras da Regra, a respeito da educação.

— "Falai-lhes muitas vêzes, "escrevera o Padre Gailhac, da Bondade de Deus, do Seu amor pelos homens, dos benefícios da Redenção e de tudo o que Cristo fez e sofreu por nós, de forma a fir-

~~com~~ ~~uma~~ ~~confiança~~ inabalável no Divino Salvador. Falai-lhes também da bondade e ternura do Sagrado Coração de Maria. Ensinai-lhes a ~~recitar~~ suas orações com atenção e a usarem, com espírito de fé, ~~nos~~ ~~gestos~~ de piedade mais simples. Inspirai-lhes profunda veneração pelo Santo Sacrifício da Missa”.

~~Então~~ a Obra progrediu, desde o início. Ofereceram-se mais ~~professoras~~, incluindo várias Irmãs Coadjutoras, proporcionando às ~~mesmas~~ a ~~oportunidade~~ de se dedicarem mais ao ensino. E, com o tempo, foi a ~~Madre~~ São João ganhando experiência, no modo de dirigir conversas e de lidar com moças oriundas do meio popular.

Não se ~~foi~~ prejudicaram, porém, as maneiras sempre distintas ~~de~~ ~~maneira~~ da alta roda a que havia pertencido e aconselhava às ~~suas~~ ~~alunas~~: “Procurem ser sempre dignas, nos seus pensamentos e nas suas palavras, no tom da voz, nos gestos e até no andar”.

No trato íntimo com os de casa, queria-as cheias de bondade, ~~com~~ ~~maternais~~ para com as alunas, como podiam observar que ~~fazia~~ ~~para~~ com as Irmãs.

O Bispo supusera que tinham afinal cessado calúnias e críticas, levantadas tão frequentemente contra o Padre Gailhac; porém, vindo a ~~saber~~ que, ao contrário, haviam redobrado, decidiu pôr-lhes termo, ~~de~~ ~~uma~~ vez para sempre, apresentando-se para uma visita solene ao “Bom Pastor”, resolvendo presidir em pessoa a Cerimônia da Profissão Religiosa das oito Noviças que formavam a Congregação nascente.

Fôra a Regra aprovada no ano anterior e a 4 de Maio de 1851, sua Excelência Reverendíssima recebia públicamente os Santos Votos das Fundadoras, estando presente todo o Clero da cidade e imediações e numerosa assistência de seculares. Muitos vieram para se edificar com o espetáculo admirável da elegante Senhora Cure, bem conhecida na melhor sociedade, trocando a vã ostentação do mundo pela obscuridade da vida religiosa, amortalhando-se no seu hábito azul escuro.

As Constituições marcavam uma vida exterior muito ocupada; estava, no entanto, no primeiro plano, a vida interior: “Grande simplicidade, profunda humildade, afastamento completo do mundo e das suas máximas, a presença de Deus, fazendo tôdas as ações para Sua glória e amor e para honrar o Sagrado Coração de Maria. Meia

lo. O Bispo de Bésançon, o Bispo de Constantino e inúmeros sacerdotes tomaram os lugares de honra que lhes estavam reservados, no terraço do colégio. Também compareceram os oficiais dos regimentos aquartelados em Béziers. O Bispo da Diocese, Mgr. de Cabrières, proferiu o sermão e exaltou a figura dêsse homem que tanto tinha feito pela Igreja.

O santo velhinho escutava silencioso. Lembravam-lhe talvez os anos em que fôra tão mal compreendido, tão criticado até por aqueles que podiam julgá-lo com mais verdade. Mas, humilde nas horas de exaltação como entre as provações, o que sentia era uma gratidão imensa para com a Madre São João, a cujas orações, no Céu, attribuia a expansão do Instituto que juntos haviam fundado.

Das inúmeras saudações pela grande data, comoveram-no mais as que lhe chegaram das suas fundações. Sentiam-se até as mais distantes unidas ao venerado Fundador, juntando-se aos hinos de gratidão que, em festa, a Casa-Mãe dirigia a Deus.

Os Estados Unidos não faltaram nesse côro. Era ainda pequenina a fundação alí e assim havia de continuar a sê-lo alguns anos mais. Porém, nesse mesmo ano jubilar, o Fundador ia receber, na Casa-Mãe da Congregação em Béziers, uma jovem, destinada por Deus a fazer frutificar esplendidamente no Novo Mundo a obra à qual o Padre Gailhac dedicara a vida.

CAPÍTULO I

A INFÂNCIA

Grande desaponto entre os três rapazes da família Butler, em Ballyunnery, quando, no dia 22 de Julho de 1860, souberam que a criança recém-nascida era uma menina. Já havia três irmãos e, na sua opinião, chegava bem para uma família. Agora devia ter sido um rapaz. Mas a criança estava muito tranquila e serenamente insensível de ter causado dissabor e, quando a mostraram pela primeira vez, ela olhou para as suas figuras descontentes, com ar de quem tem a certeza de ser bem recebida.

Foi batizada na Capela de Nossa Senhora da Assunção, perto de Ballyunnery, logo no dia seguinte, perdendo-se-lhe o pequenino cabelo, ao meio das rendas e sedas do vestido de batizado em que a mãe com orgulho a envolveu. A capela ficava a poucos minutos da casa dos Butler, mas tratando-se de uma ocasião tão solene, foi atrelado ao carro o cavalo baio e a "menina" levada com pompa até à capela. Durante a cerimônia, portou-se tão bem que até os irmãos já sentiam vaidade nela. Não chorou nem sequer rabujou, quando as águas lustrais lhe correram sobre a cabecinha. Parecia sorrir, como se gostasse da solenidade. Recebeu o nome de sua avó — Joana.

De tarde, no jantar do batizado, houve alegria e mesa posta para todos os vizinhos e amigos. E, enquanto, em baixo, felicitavam os venturosos pais, em cima, a hóspede de honra dormia suavemente no seu pequenino berço.

Poucos anos decorridos e os irmãos já se arrependiam do abortimento com que receberam a irmãzinha. Agora era o seu ídolo e todos se ofereciam para levá-la aos campos ver o gado ou acariciar os flancos lustrosos dos cavalos que pastavam. E até, depois de saber

colocar um torrão de açúcar ou uma maçã na palma da mão estendida, a deixavam dar êsses mimos aos mais mansos dos cavalos do pai.

Assim ia crescendo audaciosa e destemida, partilhando sempre das travessuras dos irmãos. Era ainda muito pequenina, quando um dia trepou até ao cimo de uma macieira para chegar a uma maçã especial, que lhe veio a apeteecer. Justo quando ia a manobrar para agarrar o fruto, ouviu em baixo a voz do pai: "Venha cá, Joana, desça", dizia êle com bondade e voz serena. "Fêz bem em subir, mas desça depressa que tenho uma coisa para lhe dar". Deixou-se a criança escorregar logo confiadamente. Não tinha percebido o temor no rosto do pai e, quando lhe saltou aos braços, foi surpreendida por uma boa repreensão, em vez de recompensa: "Não torne a fazer outra", disse, zangado. E explicava, mais tarde, à mulher. "Tive de a fazer descer assim, do contrário poderia com o susto cair e daquela altura morreria. Não podia, porém, deixar de repreendê-la; precisa saber que não deve fazer essas coisas".

Ela é que ainda não compreendia ter sido a severidade do pai motivada pelo cuidado da sua segurança e por isso levou tempo a confiar-lhe outra vez na palavra visto ter julgado merecer antes elogio, pelo seu feito, naquela ocasião.

A reprimenda não deu resultado: nem a curou nem a fez menos ousada. Chegou à adolescência capaz de competir com os irmãos em travessuras e, ao menos, podia se lhes igualar. Trepava às arvores tão bem como êles, atirava uma bola com a mesma destreza e corria mais do que qualquer um.

Concorria com êles em desfiladas por montes e vales, atravessando searas e saltando cancelas. Deitava a mão ao remo melhor do que qualquer dêsses seus caros êmulos.

Gostava imensamente de cavalos e trazia sempre no bolso maçã ou açúcar para lhes dar. O pai tinha cavaliariças com cavalos de raça, cada um dos quais Joana já tinha ensaiado em alguma circunstância. Uma vez, como já houvesse um poldro bravo atirado ao chão todos os rapazes que o quiseram experimentar, Joana que achara muita graça à derrota de todos, sentiu-se arrastada de maior audácia. Muito senhora de si, dirigiu-se ao campo onde o animal cabriolava, e, acenando-lhe com o dedo: "Podes escoicear quanto quiseres, hei de montar-te. Por isto, vem cá, meu amigo".

Com o auxílio de uma maçã trouxe-o até à cancela. Então, de uma só vez, saltou-lhe para o dorso e agarrou-se-lhe valentemente. O menino corria saltava, espinoteava. Por fim ou porque a ouvisse a animar-se em um belo animal e se o experimentava era para seu bem ou porque precisasse a mão firme que procurava governá-lo, o caso é que se saltou, e Joana pôde aparecer, num trote fácil, diante dos olhos atônitos, sorrindo e fazendo vénias, — “a cantar de polka” — para o irmão Pat.

Uma outra vez, o seu amor pelos cavalos e cães fê-la desobedecer à ordem do pai. Proibira êste a tôda família, comparecesse aos espetáculos de uma companhia de circo, anunciada em brilhantes cartazes. O Senhor Butler não a achava conveniente, muito menos, própria para as suas filhas; Joana, porém, ouvira falar dos esplêndidos cavalos e amazonas da Companhia e conspirou com sua irmã Maria. As duas conseguiram escapar-se, certas de que ninguém as tinha visto seguir em direção às barracas do circo. Ninguém, é verdade, mas inadvertidamente o Senhor Butler teve de chegar até ao escritório do circo, não como espectador, mas para trocar umas notas, pois era dia de pagamento aos trabalhadores. De repente descobriram os seus olhos as duas filhas, absortas na contemplação duma mulher que fazia piruetas sobre um cavalo. — “É um belo cavalo”, notou êle, antes de se dirigir às meninas e as mandar à sua frente para casa.

João Butler amava aquela filha de espírito empreendedor e ativo, ainda que muita vez tivesse de lhe vencer a resistência. E Joana, por seu turno, amava-o também. Queria igualmente muito à mãe e, apesar do temperamento mais atraído para os riscos, sabia passar horas felizes, a ajudá-la nas lidadas caseiras. Gostava sobretudo de a ouvir cantar, enquanto trabalhavam juntas, velhas canções irlandesas e cantigas da adormecer, numa voz doce e profunda. E, ao passo que ia crescendo, Joana muitas vêzes cantava também e João Butler repetia que ela tinha herdado da mãe a sua bela voz. Afirmavam os vizinhos que ela herdara igualmente a sua beleza; as boas maneiras porém, lhe vieram de ambos os pais. A mãe era alta, de olhos azuis e maneiras suaves, mas tinha ditos muito finos e espirituosos, o que os amigos atribuíam à sua origem francesa.

Helena Forrestal Butler gozava do renome de um grande coração. Testemunhavam-lhe a generosidade com todos, especialmente

com os que sofriam. Era verdadeiramente a rainha do seu lar e, se algum interesse a atraía fora de casa, só podia ser o de beneficiar aos necessitados. Mas poucos momentos lhe sobravam das lides caseiras. Tornava o lar agradável, com sua dedicação e espírito de iniciativa.

O pai de Joana era um homem bonito, alto, de aspecto severo e modos graves e reservados. Mas os filhos conheciam a grande ternura e secreta bondade que se escondiam sob essa aparência exterior. Tinham orgulho no seu porte de fidalgo, de chapéu alto e casaco bem vincado. Gostavam imenso de lhe ouvir os feitos pátrios, porque era muito lido na história da Irlanda, conhecia as suas tradições e era tido pelo melhor narrador das três paróquias de Inistioge.

A casa de família de Joana Butler, assim como a cidadezinha, chamava-se Ballynunnery (cidade de Conventos), nome que recordava os dias em que muitos religiosos habitavam aqueles vales e colinas, se bem que pouco mais do que o nome lhe restasse agora do passado.

Era um sítio encantador e a grande vivenda Butler abrangia vasto cenário de campos frescos e verdes, bosques de arvoredos frondosos de tons escuros e acastanhados. Ao longe, à esquerda, ficavam as montanhas Blackstair com os altos picos, o monte Leinster e o Monte Brandon, fronteiros ao Nascente, recebendo em cheio os primeiros raios doirados do sol matinal. À direita, corriam as águas prateadas do Nore, fundidas com as do Barrow, que deslizavam entre quintas e pomares, coleando junto às imponentes ruínas da Abadia de Cluny, agora deserta e destelhada, mas sempre bela na sua vetustez. Ao sul, Slieve Coilthe erguia-se num esplendor de púrpura e ao longe viam-se os rochedos de Carrigbyrne. O velho farol balisa, Torre de Hook, ainda forte e altivo, como durante os passados séculos, continuava a mandar o bruxulear de sua luz, mensagem de paz aos marreantes.

A quinta dos Butler era vasta. Ricos pastos se estendiam de cada lado da casa. Na primavera, transformavam-se em arco-iris de botões de oiro, violetas e boninas. Entre os prados ficavam os campos de cultivo, os pomares, a horta e o jardim.

Assim tão farta, tornava-se a quinta uma demonstração viva da notável atividade de João Butler. A casa, grande edifício de cantaria, espaçoso e bem arquitetado, tinha bastante espaço para nêlc brincarem à vontade os muitos filhos com que Deus tinha abençoado

As cavaliças bem abastecidas e as dependências dos ~~casas~~ eram testemunho incontestável de prosperidade segura e substancial.

Joana sentava-se, por vêzes, junto da janela e, contemplando a ~~paragem~~, imaginava que a sua quinta devia ser o lugar mais belo do mundo. Ela ainda pouco tinha visto dêsse mundo, mas julgava impossível encontrar-se coisa mais bonita do que essa paragem, com a erva fresca da urze misturada ao doirado das giestas e os lameiros, ao longe, cobertos de iris lilazes. A envolver a cena, o sol ténue do ~~dia~~ irlandês.

Outras vêzes, à noite, ao escurecer, sentada fora com a irmã, Maria, tinham as duas convicção de que o ruído percebido à distância era o “tape-tape” de algum duende a terminar um sapatinho de fada. Também pensavam ouvir, no gemer das árvores, — os lamentos das *Banshee* (fadas irlandesas). — “E elas anunciam a morte”, dizia Joana, assustada, e arrepiavam-se de medo, chegando-se uma à outra, até que corriam para casa a abrigar-se ao calor da sala iluminada.

Amiúde, no verão, se desviavam os ramos entrelaçados para examinar algum atalho, encontravam recantos mágicos em que rosas bravas e madresilva formavam admirável painel e o musgo, uma alcaçofra ideal.

Escondidas lá dentro, pensavam achar-se quasi rodeadas do silêncio sagrado de uma catedral, ou, pelo menos, de alguma santa capela. Aspiravam o perfume dos alvíssimos “bouquets de noiva” escondidos por entre os fetos e escutavam o canto dos tordos, dos melros e até da cotovia, lá muito junto ao céu.

Quando Joana Butler fez oito anos, recebeu a Primeira Comunhão. Um ano mais cedo de que era costume naquele tempo e na sua terra, mas já manifestava profunda piedade, compreendia perfeitamente o catecismo e, apesar de novinha, sentia, a mais, uma verdadeira devoção ao Santíssimo Sacramento. Porém, semanas antes da grande solenidade, adoeceu seriamente e, ainda que no dia estivesse muito melhor, evidente que não devia levantar-se. A mãe resolveu então dar o vestido branco e o véu que lhe havia preparado, à filhinha de um vizinho que, desprovida de meios, ia fazer também a Primeira Comunhão naquela data. Joana anuiu de boa vontade à resolução ma-

terna e, quando todos saíram para a igreja, ficou muito quietinha, com a esperança de participar, por sua vez, no ano seguinte, do Sagrado Banquete. De repente, feriu-a a evidência de que a Hóstia Santa era Nosso Senhor, o mesmo Jesus-Menino a quem ela tanto amava. Sentiu ao mesmo tempo, a privação imensa das graças que ia sofrer, se não fôsse ao encontro da Sua primeira vinda ao seu coraçãozinho, ainda naquele dia.

Sentou-se na cama, sentenciou consigo mesmo que estava muito melhor e vestiu-se à pressa, com o primeiro vestido que encontrou no guarda-roupa. Saiu sorrateiramente de casa e deitou a correr em direção à capela de Nossa Senhora. À porta, hesitou e quasi retrocedeu para casa outra vez, quando testemunhou a visão encantadora dos flocos vaporosos formados de véus e vestidos brancos. Mas não era o vestuário que importava; amava muito a Nosso Senhor, desejava imensamente recebê-lo, decidiu-se sem hesitação a dirigir-se no meio das outras para a Sagrada Mesa.

Surprêsa, a família verificou, entretanto, que não havia piorado: corado o rosto e os olhos cheios de vida atestavam que a sua boa saúde fôra afinal recobrada. Maria, sua irmã, muito solenemente observava, às vêzes: “Não há quem dissuada Joana, quando uma coisa se lhe mete na cabeça.” E os pais algo apreensivos, mas vaidosos, emitiam idêntico parecer.

Algum tempo depois, recebeu a Confirmação. A preparação para o Sacramento que infunde coragem e vigor, foi muito diferente da que se lhe exigira para a Primeira Comunhão. Quase fazia lembrar uma tese teológica, porque o livro que seguiu condensava, em resumo, a Teologia, a Sagrada Escritura e a Filosofia. A pequena Joana estudou a valer, procurando compreender as frases difíceis, mas, aprendendo de cor muita coisa que a sua inteligência ainda não alcançava. Geralmente levava o livro consigo para debaixo de uma frondosa carvalheira, e no campo estudava, cercada de rosas bravas e “bouquets de noiva”, aspirando o perfume delicioso da sebe de madresilva, que lhe ficava atrás. Outras vêzes, o livro caía-lhe das mãozinhas quando se absorvia na contemplação, ao longe, do rio Nore a brilhar, do Monte Brandon, erguendo um pico majestoso, e das distantes ruínas da Abadia de Cluny. Então afigurava-se-lhe estar no céu. E, ao olhar para aquelas balisas do amplo horizonte, punha-se a cismar se teria de via-

dia para além daquele alto pico e daquela fita de água prateada, fuge das colinas e serras, testemunhas dos seus inocentes folgedos.

Outros mais, além das crianças da família Butler, tinham aquela casa por um centro aprazível de reunião. Muitos vizinhos lá iam à noite: os homens fumar um cachimbo e trocar impressões de lavoura com João Butler, as senhoras discutir problemas de govêrno de casa, com sua esposa, Helena. Por vêzes o serão tomava ares de assembléia, onde a aridez dos assuntos sôbre colheitas, política, novidades sociais se suavizava, de mistura com lindos cânticos e interessantes narrativas. Os conselhos de João Butler eram muito procurados, pois todos o tinham por um homem entendido, tanto em negócios públicos, como em questões de agricultura.

De vez em quando a conversa tomava certo rumo que muito agradava à gente nova. Alguém lembrava-se de uma história que, terminada, outra se lhe seguia: — contos de antanho, de heróis reais ou fabulosos, de santos, soldados, capitães, bruxas ou fadas. João Butler era dos melhores narradores, especialmente quando se tratava de histórias de arrepiar. A criançada acotovelava-se-lhe à roda, de olhos escancarados, boquiaberta, presa de cada palavra da história do homem que viu o “João das Lanternas”, a acenar de cima do forte, ou o “Cavaleiro Decapitado”, a cavalgar em volta do cemitério, enquanto os espreitavam os fantasmas, para ver o que se passava . . .

Depois, que trabalho para adormecer os pequenos Butler, a lo-brigar na escuridão tôdas as cenas das histórias! Aqui, um diabinho sentado no peitoril da janela... O estalar de uma tábua que rangia era alguma alma penada, a entrar pela porta do quarto. A governante, em vão, procurava aquetá-los para adormecer: não havia remédio senão chamar a Sra. Butler. Chegava a mãe, dizia uma oração com êles, explicava que Nossa Senhora e os Anjos da Guarda afugentavam todos os gênios do mal e almas do outro mundo. Tranquilos, finalmente lá adormeciam.

Quando o sarau se passava só em família, muita vez alegrava-o a música, principalmente nas longas noites de inverno. Então a vasta sala de reunião parecia cheia de avezinhas canoras. Ambos, pai e mãe, tinham uma voz esplêndida e grande repertório de melodias irlandesas. O filho mais velho, Patrick, era um rapaz calado e pouco comunicativo, mas gostava de cantar e as modulações do seu tenor

pareciam celestes”, diziam, vaidosas, as irmãs, João, logo a seguir em idade, era um baixo profundo e os mais novos, Tomaz e Jaime, ótimos barítonos. Com os contraltos de Joana e Maria e o doce soprano da Mãe, faziam um côro completo.

A voz de Joana, cheia e doce, já profunda para uma menina ainda tão nova, sobresaía no côro da capela. Uma vez houve um desafio de “péla” em Thomastown e não ficou ninguém para Vésperas e Bênção, na Capela. O Padre Cody chegou de sobrepeliz e julgou que estava só. Mas, quando entoou o “*Deus in adjutorium*”, ouviu uma voz só, a responder do alto do côro. — Mas que incomparável contralto! Tôda a paróquia tinha ido assistir ao jôgo; Joana, porém, ficara, a elevar seus louvores para Deus. O sacerdote, escutando o “*Tantum ergo*”, ia pensando consigo que aquela melodia partia bem do íntimo daquele coração de menina, direito, para Deus.

Em casa, à noite, depois das histórias e melodiosas canções, nunca os Butler omitiam uma cerimônia inolvidável. A certa hora, levantava-se João Butler, tomava do Têrço e, alto, preludiava: “Bendita seja a Santa e Indivisível Trindade” e todos na sala se punham de joelhos, recitando juntos os atos de Fé, Esperança e Caridade. Em seguida, João Butler rezava o primeiro Mistério do Têrço, a mãe o segundo, seguindo-se os filhos, conforme a idade. Terminavam com a Ladainha de Nossa Senhora e vários Padre-Nossos e Ave-Marias pelas almas dos parentes e amigos falecidos, e por fim diziam em côro: “Que o socorro divino permaneça sempre conosco, e as almas dos fiéis defuntos descansem em paz.”

No tempo da infância de Joana, as crianças na Irlanda recebiam a instrução religiosa, principalmente no lar paterno. Todos os pequenos Butler iam à escola pública ou nacional de Rower, sub-divisão da paróquia de Inistioge. É claro que a intenção do govêrno inglês era desnacionalizar e “descatolizar”, quanto possível, o ensino. Mas dava-se um fato, que contrabalançava o mal que poderia ser feito à juventude, numa terra que se mantivera firme na Fé, mau grado as tremendas provas a que a expuseram as perseguições: o Reitor da paróquia podia ser o Diretor da escola e assim vigiar pela nomeação dos professores.

Apenas meia hora por semana era aí concedida à instrução religiosa. As antologias adotadas resumiam trechos escolhidos de au-

cozes ingleses, mas havia premeditada omissão de excertos católicos e nacionais. Procuravam ignorar a existência da Irlanda e da Igreja. Era a conspiração do silêncio. Todavia, irlandeses e católicos, os professores conseguiam remediar a instrução puramente secularizada, prescrita pelo govêrno. Os sacerdotes vinham muitas vêzes visitar as aulas e fazer ouvir às crianças a palavra de Deus. Era também em casa que a maior parte se dedicava ao estudo da História da Irlanda e da Literatura Católica.

As escolas transmitiam excelentes princípios de Gramática e Aritmética e havia ainda cursos de Algebra, Geometria e Etimologia. Lian Thackeray, Dickens, Scott, Shakespeare, assim como a prosa vigorosa de Macaulay e o inglês brilhante de Swift.

Joana gostava da sua escola. Tinha espírito observador e fino, mantendo-se nas aulas com facilidade — pelo menos naquelas que lhe agradavam. Era muito lida, o que lhe dava excelente educação suplementar. Recitava bem, com naturalidade e graça, de forma que, quando algum personagem importante visitava a escola, em dias de gala, era quasi sempre Joana a escolhida para o discurso.

As crianças gostavam dela, já porque era bondosa e simpática, já por jogar bem e estar sempre disposta a participar de qualquer brincadeira que se planeasse. Então os seus olhos azuis brilhavam e as lindas tranças castanhas agitavam-se-lhe nos ombros.

Alguns dos seus companheiros guardaram, por muito tempo, a recordação de uma aposta com os irmãos, numa corrida “de pegar”, ao voltarem certo dia da escola. Ela escapou à perseguição dos irmãos, ao chegar a casa, correndo ao segundo andar e saltando lá de cima de uma janela para o jardim! Felizmente não a vira o pai dessa vez. Mas os filhos dos vizinhos foram testemunhas da façanha e contaram-na na escola, no dia seguinte.

Gostava muito também de se vestir com vestidos e chapéus antigos, encontrados nas malas do sótão e de fazer uma parada de modas, com Maria e outras pequenitas. Os rapazes crescidos faziam-lhe troça, mas nem os ouvia. Era agora uma rainha, uma grande fidalga, arrastando as sedas desbotadas, com ares altivos. Olhem como êste vestido cai com graça”, — dizia, pisando a relva, de cabeça levantada e as tranças escondidas por debaixo do chapéu.

Mas também se tornava popular duma forma bem diversa das corridas e jogos. Mais de uma vez — e tão sorratamente que ninguém exceto “a sua cestinha” dava conta, partilhava da sua merenda abundante com algumas crianças que só haviam trazido para a escola pão duro e o tinham de regar com água do poço. Percebia-o, sempre que alguma pequena andava pouco agasalhada e referia-o à Mãe. Então arranjavam-lhe roupa, e ficava entre as duas: que ninguém mais o soubesse.

O seu zêlo pela Igreja não diminuia com os anos. Claro está que não lhe vinha a palavra frequentemente aos lábios, ou pelo menos em voz alta, porque o govêrno insistia em que as Igrejas Católicas se chamassem simplesmente capelas paroquiais, reservando-se ao templo protestante o uso da honrosa classificação de Igreja. Também só essas últimas podiam ter sino! Mas os católicos não desanimaram com a proibição. O seu sino foi pendurado numa árvore próxima e toda a aldeia, ao ouvi-lo, acorria, obedecendo-lhe ao argentino apêlo!...

Desde o dia em que tão às pressas fez a Primeira Comunhão, quis tomar parte nos trabalhos da Igreja, no que foi com justiça atendida. Preferia os encargos da sacristia e do altar, mais diretamente ligados ao Santo Sacrifício. Ela, a Mãe e as irmãs passavam, felizes, muito das suas horas, a bordar toalhas e a compôr paramentos, e um dos seus cuidados especiais era preparar e acender a lâmpada do Santuário. A's vêzes passava as manhãs de sábado, a escolher belas flores no jardim ou no campo, afim de enfeitar o altar para a Missa do Domingo.

Viam-na frequentemente em dias de chuva e frio, palmilhar a estrada; lá ia preparar as coisas para a Missa. O Padre Cody pôde conhecê-la perfeitamente, e melhor do que ninguém compreendia o seu coração ardente e o seu amor a Nosso Senhor.

Lá pelos quinze anos, ainda continuava notável nos desportos, podendo competir com qualquer rapaz, e mais de uma vez fez reear os irmãos, com as suas aventuras arriscadas. Daí por diante, porém, foi-se, rápido, operando a mudança: as travessuras cessaram e substituíram-nas outras atividades. Gostava de dar passeios com as amigas, nas carroças do feno ou pelo rio abaixo e, quando iam a algum pique-nique, no ponto em que o Nore se reúne ao Barrow, era sempre ela quem remava, mesmo contra a corrente... E, quando almo-

çavam no lugar chamado "Red Tourist House", dançava-lhes, graciosa e viva, uma "jig", chegando até a ensinar a muitas os intrincados passos da dança irlandesa. Muitas vêzes saía de casa, ia à Cavalariça, tomava um cavalo de sela e partia a galope por entre os tojais, voltando corada e cheia de saúde.

Em casa, juntava-se ao resto do bando, rindo, cantando, dançando, mas tomava parte com não menos ardor no Têrço desfiado em família. Então àquêle rosto, jovem e simpático, iluminava expressão diferente. Desapareciam os ares traquinas ou audazes e Maria, sua irmã, confessava que, ao vê-la, tinha-se a impressão de que a prece lhe jorrava lá do íntimo e lhe angelizava a beleza do semblante.

Ao passo que ia crescendo, aumentava-lhe a ufania pelas origens da sua família. O nome Butler era muito antigo na Irlanda. Tinha sido dado, no século XII, como título honorífico, (Escudeiro), a um certo Fitzwalter, que acompanhara o príncipe D. João à Irlanda. Durante alguns séculos, distinguiram-se em feitos, como os que ilustravam a maioria das casas nobres do tempo: — combater pelo seu Rei, fundar mosteiros, fazer peregrinações. Porém, no reinado de Henrique VIII, houve quem, da família, abandonasse a Fé, posto que a maior parte se conservasse fiel ao Catolicismo, o que lhes atraíu dolorosas consequências.

Durante centenas de anos, religiosos se sucederam na família. A nossa biografada tôda se entusiasmava, ao saber que com o seu nome — Maria José Butler, — uma Abadessa das Beneditinas inglêsas, era Ipres, a convite de Jaime II, esteve em preparativos para fundar um mosteiro em Dublin. A queda dos Stuarts impediu o êxito dessa empreza e ela voltou para Ipres, onde viveu durante cinco anos na maior pobreza, só com quatro irmãs leigas, que o resto da Comunidade havia sido dispersa. Juntaram-se-lhe então algumas damas da côrte francesa e puderam desfrutar de melhores dias.

A Abadessa Butler morreu aos setenta e dois anos, em alta reputação de sentidade e Joana soube que o seu convento, em Iprês, ainda existia e conservava as bandeiras capturadas por uma Brigada Irlandesa, em Fontenoy.

A mãe de Joana era Forrestal. Os seus antepassados tinham se fixado na Irlanda, no século 18 e, na origem, o nome era Forres-

tier. O primeiro viera de França para a Irlanda, com um oficial da famosa Guarda Irlandesa.

Entre os seus descendentes, havia uma série de mulheres formosas e antigos quadros mostravam vários grupos de jovens tão belas que podiam competir com as do "Cofre das Jóias", nome pelo qual as jovens Forrestal eram designadas pelos muitos namorados que as vinham cortejar.

Por vêzes, quando Joana Butler passava pela casa das amigas, encontrava no caminho os altos portões do Castelo de Kilkenny e parava então, a olhar com interêsse os seus muros fortificados. Sabia que, naquela histórica residência, tinham vivido outrora os ascendentes cujo nome ela se honrava ainda de trazer. O ramo a que pertencia, tomara um rumo diferente do dos Senhores de Kilkenny; ainda que não tão grandes nas páginas da história, vinham-se ilustrando nos anais de Deus. Dêle tinham saído numerosos cavaleiros e damas firmemente dedicados à Fé, assim como muitos servos fiéis, que se enobreciam no serviço do Rei dos reis.

CAPÍTULO II

A JOVEN

Como aos pais acontece muita vez, João e Helena Butler, certo dia tomaram consciência de que a sua Joanita já não era uma criança, porém uma senhora quase. De fato, aos quinze anos, não era mais possível chamar de “pequena” uma menina alta, esbelta e bem proporcionada. Os olhos claros conservavam ainda sua limpidez e candura, e o cabelo, de um castanho carregado, em duas tranças dobradas, continuava a emoldurar-lhe o rosto sadio, de lábios rosados.

— “Olha João, uma linda menina está tua filha Joaninha!”, disse um dia um amigo ao pai, pensando que ela o não ouviria. Mas ouviu-o. Foi ao espelho e examinou-se, de alto a baixo, de frente e de lado, considerando-se: — “Não sou lá muito feia”, disse depois para Maria. E naquela frase inocente notava-se certa satisfação e não mera vaidade.

Era o mesmo sentimento que a levava, quando criança, a vestir-se com as belas roupas antigas e a verificar como lhe ficavam bem.

Mas, por vezes, os assomos de gênio da pequena Joana se surpreendiam ainda na adolescente. Uma vez desejava uns sapatos decotados e deram-lhe botinas. Pois não vacilou e com uma faca bem afiada cortou-as pela altura que queria . . .

Todavia, a par das vaidades inocentes, das remanescentes travesuras e das zangas passageiras, apareciam-lhe as belas qualidades. Era das primeiras na sua Congregação das Filhas de Maria, e ainda cantava no côro, tornando-se-lhe a voz mais melodiosa cada dia. Quanta vez, sossegadamente, lá ia sozinha à capela, visitar a Nosso Senhor no Tabernáculo — Ele ficára sempre o seu melhor Amigo, desde o dia em que, na espontaneidade dos seus desejos, correrá a fazer sua Primeira Comunhão.

Aos treze anos, os pais decidiram mandá-la a um extérnato dirigido pelas Irmãs da Misericórdia, na vizinha cidade de New Ross. Todos os dias úteis, o carrinho do pai levava-a de casa pela manhã, para reconduzí-la à tarde.

Aí recebeu educação muito diferente da da Escola Nacional. Especializou-se em música, canto, pintura, dança e na arte de representar. Pela primeira vez, via-se em contacto com uma Ordem Religiosa e a sua vida de estudo e de piedade fundiam-se numa unidade sumamente formadora. Um ambiente admirável para o seu temperamento! Como gostava da cêrca do convento e de ter a capela à sua disposição! Como apreciava aquelas religiosas de hábito negro, sempre serenas e bem educadas, que falavam com tanta doçura, ensinavam tão bem e cujo exemplo patenteava aos olhos das alunas a beleza da vida religiosa!

Inconscientemente um trabalho profundo se ia realizando na sua alma.

Um dia ajoelhara na capela de Rower, depois de ter preparado o altar para a Missa de Domingo. Absorta em sérias reflexões, começou a inquerir consigo do que poderia fazer por Nosso Senhor. Pedialhe o coração mais do que rezar para ser boa. Era a atração da graça. De repente sentiu dentro em si um desejo ardente de se aproximar mais d'Ele e não no futuro, mas desde aquêle mesmo momento.

— “Se eu abandonasse tudo por Ele, poderia dedicar a vida ao bem dos outros”, pensou impulsivamente. “Mas isso significaria . . .” e caiu em si. O seu espírito ficou aterrado perante o que aquela idéia encerrava de sacrifícios. O seu coração também pertencia à família: — ao pai de modos severos mas de coração terno; à Mãe, sempre alerta pelo bem-estar dos seus; à Maria, aos irmãos, às outras irmãs e até à pequenina Anastácia, que dava sinais de vir a ser artista em música. Já a acompanhava no côro da capela. Evidentemente não podia sequer pensar em deixá-los.

E amava além disso a sua casa, com os seus campos e jardins, a velha casa de cantaria em que suavemente haviam defluido todos os dias e noites da sua vida.

Amava as montanhas distantes e os rios prateados. Parece que faziam parte do seu ser e ela dêles. Como os excluir da sua existência e para sempre?

Antes de abandonar a capela, porém, tinha respondido a tôdas essas perguntas. Sim, podia dar tudo, se tanto fôsse necessário. Se o Amigo Incomparável lhe pedisse, deixaria essas coisas bem-amadas e ainda com alegria por ter algo que oferecer.

Com esta resolução tomada, dirigiu-se para casa contente. Ainda não percebera bem o que lhe exigiria o futuro, mas sentia a convicção firme de que, manifestada mais claramente a vontade de Deus, estaria pronta para a seguir.

Entretanto continuava a vida de todos os dias, ocupada com as lições e deveres de casa, com os encargos que tinha tomado na igreja, decorrendo-lhe feliz o tempo. Por fim a promessa feita na capela de Rower começou a parecer coisa distante, um remoto desejo apenas meio formulado.

Um dia, sem o esperar, abriu-se-lhe diante, claro, o futuro, a solicitá-la. Costumava dar longos passeios com a sua grande amiga Molly Harrington e, quando havia bom tempo, sentavam-se a tecer planos ou a confiar-se mutuamente as suas esperanças. Molly falava-lhe muito na irmã que tinha entrado para um convento, no ano anterior, lá longe, em França, numa cidade chamada Béziers. Era agora Noviça na Congregação das Religiosas do “Sacré-Coeur de Marie” e escrevia à irmã cartas ora alegres ora graves, por vezes reunindo as duas coisas. Trazia Molly algumas para Joana ler. Ambas gostavam da legenda da Congregação, que encimava cada carta: Tudo para Jesus por Maria, escrita em francês: “Tout pour Jésus par Marie.”

E depois de Molly ir para casa, ela ficava a meditar naquela frase. Sentia-se pronta a dar aquêlê “tudo”. Era o futuro a definir-se. Por causa daquelas conversas, tôdas as noites, quando a família se juntava em oração, as Ave-Marias que recitava tinham para ela um sentido muito especial,

Ao repetir as palavras tão familiares, pensava nas religiosas, que davam *tudo* a Jesus, por meio da Virgem Santíssima.

Chegou a primavera e um dia Molly confiou-lhe, pensativa: “Sabes? ando a pensar na minha irmã... Como ela é feliz! Se a minha família deixar, vou para Béziers também.” Joana sentiu o coração parar e depois pulsar com fôrça. Olhou para Molly durante um instante. — “E eu vou também”, disse ela, com o coração já sereno, ante-

vendo o caminho que ia abrir-se e ela a seguiu-o com passo firme, em direção da desejada meta.

Antes de falar à família, foi consultar o Revmo. Pde. Cody. Disse-lhe as suas intenções e perguntou-lhe se realmente se manifestava a vontade de Deus. Perguntou também o que pensava êle, diria a família sôbre a sua decisão.

Êle olhou-a surpreso, ao ouvir-lhe a confidência. — “E’ curioso que se sinta atraída para essa Congregação, em especial. Por acaso já a conheço bastante. Abriram agora uma casa em Lisburn, e encontrei, há pouco, algumas dessas religiosas que desejam estabelecer uma fundação em Ferrybank, perto de Waterford. O ano passado pude auxiliar a entrada da irmã de Molly Harrington. — Madre Silvestre — é como se chama agora.

— “Mas... e eu?” perguntou Joana, chamando o assunto de novo a si. “Será, afinal, o meu caminho?”

O sacerdote olhou para aquêle rosto ansioso, de olhar brilhante. Viu nêle saúde e boa vontade, ótimo espirito e grande amor de Deus. Hesitou um instante enquanto pesava o caso. Joana fez bem em ter vindo consultar o Pde. Cody, porque se tratava de um homem resolutivo. O seu próprio destino num momento êle o decidira por sua vez. Trabalhava na propriedade do pai, quando sentiu um dia vocação para o sacerdócio. Largou o trabalho, foi ter com o pai e disse-lhe que ia partir imediatamente para o Seminário. De fato, na mesma tarde, punha-se a caminho.

Além de conhecer o feitio de Joana, conhecia-lhe também o coração. Tinha-a visto crescer e, de criança feliz e descuidada, transformar-se em uma joven elegante e viva. Fôra todo o tempo seu confessor. Portanto, após ligeira hesitação, pareceu-lhe ver a mão de Deus trabalhando nesse caso. — “Acho que deve ir”, disse, e prometeu pôr, êle mesmo, a família, a par do projeto.

E não era tarefa fácil a que empreendia. Não tivesse a certeza de que o chamamento vinha de Deus e nunca ousaria fazê-lo. Mas via em Joana uma alma chamada à vida do claustro e via ainda outras particularidades nessa vocação. Se, para a maior parte dos que a conheciam, Joana Butler não passava de uma galante menina de dezesseis anos, inteligente e modesta a um tempo, bem equilibrada mas ainda acreançada, ao Pde. Cody, já se lhe haviam revelado as profundezas não

sondadas do seu coração. E, conhecendo como conhecia a Congregação do “Sacré-Coeur de Marie”, não lhe foi difícil descobrir, na atração da joven por êsse Instituto, a sua verdadeira predestinação. E a Providência parecia aplinar os caminhos. Pelo Fundador que ainda vivia, a Congregação começava a estender-se pela Irlanda. Em Ferrybank, a umas quinze milhas de Ballynunnery, abriria dentro em breve um educandário com internato para meninas e o projeto já corria, comentado, nos arredores. Era o argumento que o Pde. Cody tencionava usar com os Butler, caso hesitassem em deixar partir a filha para Béziers.

João Butler e a esposa receberam a notícia da decisão de Joana com assombro. No rosto de Helena Butler notava-se, entretanto, um sentimento de ufania, — justa vaidade, por essa filha ter sido assim escolhida. Porém no rosto do marido o que se lia era a maior desconolação. — “Mas ela só tem dezesseis anos”, disse ao seu interlocutor, “é uma criança”. — “E’ muito nova, bem sei”, concordou o Pde. Cody, “mas tem discernimento e compreensão espiritual superior à sua idade, Sr. Butler. Conheço intimamente o seu coração e é sèriamente que lhe venho dizer isto, tenha a certeza. Consultei a Deus na oração, sinto que é esta a Sua vontade.”

Depois de o sacerdote sair, João Butler voltou-se para a esposa. Viu-lhe no semblante resignação, se bem que lhe corressem em fio as lágrimas pelas faces, como se já estivesse a sentir a perda da sua querida filha. Sem uma palavra saiu da sala e da janela ela pode segui-lo, a percorrer os campos com andar agitado... Ergueu ao céu uma prece por aquêle que tinha de partilhar seu sacrifício.

— Não é”, dizia êle consigo, enquanto caminhava, “que não queira dar uma filha a’o serviço de Deus... É até um privilégio divino. Mas Joana! de todos os filhos a mais querida, a que melhor o compreendia! Para que havia Deus de lha pedir?!” — argumentava, quase irado. Tantas outras que podiam servir!... Sentia que não tinha forças para a deixar ir para tão longe, logo para uma terra onde a própria língua era diferente e na qual ela poderia vir talvez a sentir-se triste e infeliz...

Durante uma boa hora, andou pela quinta de um lado para o outro a discutir consigo mesmo. Mas, quando voltou a casa, trazia fixada a sua resposta.

Joana estava sentada com a mãe na “sala-de-estar” e êle entrou silencioso. Os olhos ansiosos da joven buscaram o pai, para ler-lhe no rosto e sentiu dilacerar-se-lhe o coração, ao vê-lo tão acabrunhado de tristeza. Dir-se-ia ferido por doença mortal, tal a palidez que lhe cobria as faces. A expressão profundamente magoada dos seus olhos tê-la-ia levado a mudar de resolução, se esta se apoiasse unicamente em forças humanas. — Olhou o pai para a filha fixamente, como quem não pode exprimir o que tem a dizer e, num sorriso magoado, murmurou: “Faça-se a vontade de Deus, minha filha!”. Esta atirou-se-lhe aos braços e chorou — de alegria e de compaixão.—

Começaram logo os preparativos para a partida. Durante as semanas que se seguiram, Joana deu-se tôda ao pai, à mãe e aos irmãos. João, o artista da família, escolheu-lhe o enxoval e quis que ela levasse tudo do melhor.

A’ medida que o dia se aproximava, ela e Molly contavam o tempo e queriam enchê-lo de amor, de forma que a sua recordação fôsse uma estrêla de luz, a brilhar nos dias de saudade.

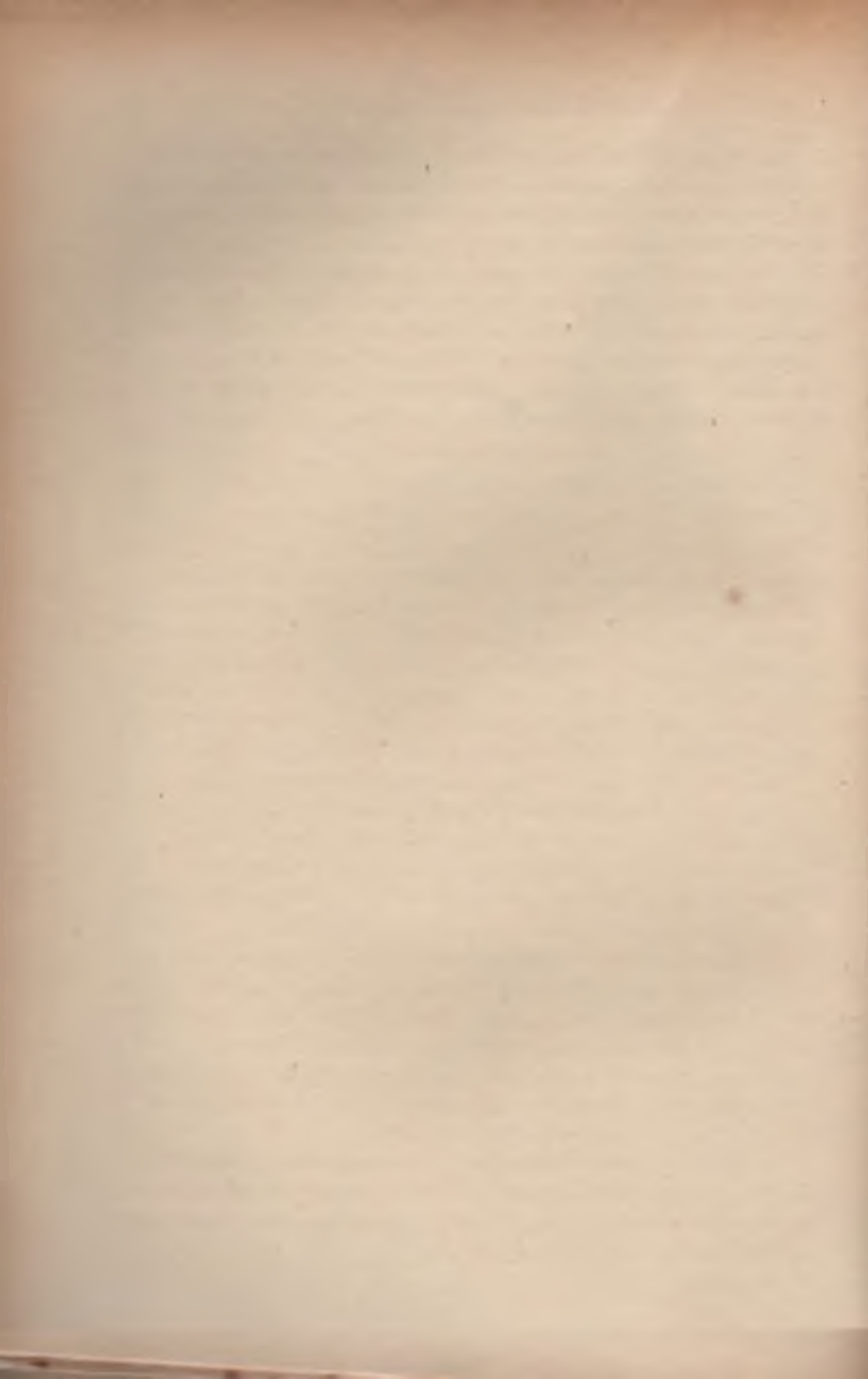
A data da partida fôra fixada com antecedência. Todos o sabiam, mas, quando realmente chegou, parecia um sonho. A família de Joana foi acompanhá-la ao porto de mar de Waterford onde devia tomar o vapor. No meio de todos, viam-na, segurando um raminho de miosotis que seu primo e grande amigo, Nicholas Phelan, tinha colhido para lhe dar e cuja côr suave rivalizava com a dos seus lindos olhos azuis.

Todos a beijaram com afeto e por último beijou-a com ternura o pai. Estava agora sereno, assim como Joana que sorria, mas não parecia a Joana que todos conheciam; havia nela uma gravidade fora do usual.

Quando se ouviu a sireia do navio, correu para bordo com Molly e ambas se collocaram à popa da pequena embarcação, para acenar ainda adeuses saudosos, enquanto ela descia rio-abaixo. Por fim aquella silhueta graciosa desapareceu na distância e a família ficou apenas com a recordação do seu doce sorriso, das suas gargalhadas alegres e seus modos cativantes. Ao chegar a casa, esta parecia ainda cheia de sua presença.

No navio, Joana continuava a segurar o raminho de miosotis, única cousa que lhe restava do seu lar, agora que a bruma lhe escudia à vista a praia e os que lhe eram queridos. A essa hora, caía tam-

béb o manto da noite sôbre a sua velha casa, os estábulos, os campos e os pomares . . . Então, sentindo a pressão da mão de Molly, as duas uniram-se mais em silêncio. Bem mais tarde, depois de terem tomado em Liverpool outro vapor para Bordéos, apareceu finalmente a costa francesa. E agora não passavam de duas meninas, vencidas pelo cansaço. A travessia tinha sido tempestuosa e ondas bravas fustigaram continuamente o barco, muito diferentes das que ondulavam a superfície azulada das águas que corriam, não longe da sua casa. Mas, nesses instantes, Joana nem podia pensar nela, pôrto abrigado de seus verdes anos, a terra tão amada que lhe ficara além, tão longe . . .



CAPÍTULO III

A POSTULANTE

Eis nossas aspirantes, chegando à estação de Béziers. Quem as poderia reconhecer? Eram aquelas duas raparigas “enjoadas”, extenuadas as audazes aventureiras da graça, que tinham há pouco deixado tudo com tanta coragem e ardor? A viagem por mar cheias de frio e em França, no comboio, como última etapa da longa jornada, não fôra de molde a levantar-lhes o espírito. Uma confusão de vozes em redor delas, a falar palavras estranhas... Precisavam tanto do conforto do lar e da amizade íntima dos seus e a cada balanço do navio, com cada solavanco do comboio, mais longe os ia deixando...

A paisagem do Sul da França tem uma beleza muito característica, mas não para aquêles olhos, que só a viam através de uma cortina de lágrimas. Então Molly queixou-se num fio de voz cansada: “Joana! porque não escolhemos um convento mais perto de casa?” E Joana, a altiva, a valente, a intemerata, não encontrou resposta para lhe dar, porque o mesmo vinha ela a inquirir de si própria em silêncio, há muito tempo... Saíram do comboio e entraram para a velha carruagem que as esperava, na então monótona estação de Béziers. No chão, aos pés, a bagagem; Joana ia olhando pela janela e só via casas sombrias em ruas muito estreitas, mal pavimentadas, por onde seguia o carro aos trambolhões e foi com alegria que saltaram fora, quando o cocheiro parou e lhes disse: “Voilà le Sacré-Coeur de Marie” — Aqui está o “Sacré-Coeur de Marie”.

Reuniram as poucas forças que lhes restavam para contemplar o que doravante ia constituir o seu lar. Viram uma fachada de cantaria lisa, tristonha, inóspita e fria e o que até agora havia sido cansaço e saudades tornou-se quase desespero.

— “Será aqui realmente?” pensava Joana. Mas antes de poder falar, a porta do austero edifício abriu-se e a porteira veio buscá-las e à bagagem.

— “Eh bien, mes petites?”, disse ela e, pela primeira vez, alguém, em França, dizia coisa que podiam compreender e em voz carinhosa.

Em poucos segundos estavam dentro, levando-as a Irmãzinha francesa para uma sala onde se encontraram envolvidas numa onda de abraços e de vozes em rápido francês. Não compreendiam tudo, mas era evidente o afeto com que as recebiam e os seus corações abriram-se a tanta demonstração de amizade. A tristeza, todavia, não abandonava o coração de Joana; Molly sentia-se já melhor, ao ver a irmã no grupo que as cercava.

O que Joana desejava é que a mandassem para o quarto descansar; lá ao menos poderia chorar à vontade a sua Irlanda querida e a família reunida sob o teto amigo de Ballynunnery. Até Madre Silvestre lhe parecia uma estranha no meio de tantas outras.

Todavia, em lugar de as levarem a descansar, conduziram-nas ao extremo da vasta sala onde um sacerdote idoso estava sentado. De cabelos brancos e um pouco curvado, os seus olhos negros e penetrantes fitaram-se nas recém-chegadas. Parecia cansado, mas estendeu-lhes a mão, sorrindo, com bondade paternal. Elas se ajoelharam, ao ouvirem unia das religiosas chamar-lhe: “Mon père” e compreenderam que devia ser o Fundador da Congregação. Joana viu aqueles olhos tomarem uma expressão de bondade e de ternura compassiva, quando se fixaram nas duas pobres figurinhas e teve a intuição perfeita de que êle compreendera quão saudosa ela se sentia, nessa terra estranha e distante. Pouco lhes falou, dando-lhes a bênção, e depois as levaram ao dormitório.

Apenas na cama, tomada uma curta refeição que ela mal pôde engulir, tal o nó que lhe apertava a garganta, Joana deu livre curso às lágrimas. Agora sim, já podia pensar na sua querida casa, nos seus irmãos, nos pais, em todos que, certamente, àquela hora, rezavam c têrço em família. E ela era a única que faltava, que andava por tão longe por êsse convento triste e frio, tendo por companheira a saudade! Molly que chorava amargamente na sua cama, pouco ou nada a consolava.

Algum tempo depois, apesar de estar convencida de que não conseguiria dormir em tôda a noite, devia ter adormecido profundamente, porque a única coisa que ouviu foi uma voz suave ao seu lado, a dizer: "Benedicamus Domino". Era manhã e debaixo do travesseiro ainda estava enxuto o lenço que lá pusera para as "lágrimas da meia-noite"! Não fôra preciso.

Com o dia voltaram as saudades. Até a circunstância de estar com elas a irmã de Molly e várias outras religiosas irlandesas lhes recordava a pátria e o pior era aquela confusão de vozes, falando francês, língua tão intrincada e ali tão diferente do francês das aulas.

Quando foram para o refeitório, Joana descobriu surpreendida que tinha fome, mas ficou aterrorizada com a gravidade religiosa que ali reinava; o silêncio e aquêles rostos tão sérios, até parecia que comunicavam a sua severidade aos pratos e ao alimento. Era tudo tão diferente da tagarelice alegre que reinava à roda da mesa em sua casa!

Depois do almoço, Madre Silvestre foi passear com as recém-chegadas para debaixo dos plátanos no terreiro, porém, por mais que procurasse entreter conversa, elas, uma de cada lado, eram duas fontes a chorar, sem lhe prestarem atenção alguma. — "Mas o que têm vocês?" perguntou, e, numa explosão de dor, ambas ao mesmo tempo desabafaram. Madre Silvestre procurou consolá-las: — "Dentro em pouco, já falam francês como qualquer de nós, verão como hão-de gostar de tudo e então dos dias de festa, nem falemos! Que belos dias e que lindos passeios ao campo!" Levou-as em seguida ao parque do convento, pelo túnel que o Padre Gailhac tinha feito construir por debaixo da estrada; percorreram os jardins e os pomares, mas tudo em vão, elas continavam dominadas pela mesma tristeza...

Apontava-lhes para os Pirinéus, lá ao longe, mas não eram o Monte Brandon nem os Rochedos de Carrigbyrne e nem sequer se importavam com os figos do convento, fruta estrangeira que só lhes podia fazer pensar nas maçãzinhas de casa bem melhores. O que queriam era chorar e que as deixassem sozinhas para à vontade lhes poderem correr as lágrimas. Madre Silvestre contava-lhes que também sentira muitas saudades, mas habituara-se e que consolação para ela, viver agora ali. Falava da bondade de "Notre Père", de tôdas as religiosas, e insistia em repetir quanto a Superiora as compreendia. Elas nem metade ouviam e, quanto a ver, os seus olhos nada viam, guar-

dando, ciosos, impressos nas pupilas perturbadas pelo pranto, bem diversos horizontes.

Na manhã seguinte, quando Madre Silvestre deu outra vez de encontro com aqueles rostos lacrimosos, mudou por completo de tática. Levou as suas caras meninas até um canto do jardim e juntas sentaram-se num banco:

“Agora escutem”, disse-lhes em ar de graça; “aqui no Noviciado, não se podem guardar “bebés choramingas”. Devem voltar para casa hoje mesmo. Convém, pois, irem preparar as malas, já que se dão aqui tão mal”. E com isto foi-se levantando, deixando-as sós a resolver o caso.

Fôra uma idéia luminosa. À tarde já não choravam e até conversavam com outras postulantes. — “Então”, perguntou-lhes, à noite, “que foi que decidiram?”

Joana respondeu pelas duas: “Viemos para Béziers aprender a ser religiosas e achamos que o melhor é começar já”, e procurou sorrir, mas a expressão que lhe aflorou aos lábios nem de longe lembrava a espontaneidade do seu sorriso natural; contudo anunciava o têrmo das lágrimas e era princípio de esperança e de interêsse. Ao seu lado, Molly acenava com a sua aprovação.

Porém não era fácil habituar-se depressa a essa vida, que tão fortemente contrastava com aquela que deixara, mesmo alimentando a melhor das intenções. Acostumada à liberdade, apesar de obediente a seus pais, tinha a amplidão do espaço, deambulava pelos campos e matas da sua casa nos intervalos do colégio e das lides caseiras. Prendiam-na agora os muros da cêrca e a vida ao ar livre acabara. Adeus, passeios de barco, galopes a cavalo, deliciosos excursões a pé! E a língua não custava menos; aquêlê francês tão rápido, mesmo ao fim de algumas semanas, lhe parecia incompreensível. Por vêzes escapavam-lhe umas palavras em inglês com Molly e a irmã. Com as outras, porém, impunha falar francês. Escrevendo ao Pe. Cody, disse-lhe: “Queira pedir a Nosso Senhor que me dê uma língua francesa; o Pe. Gailhac deve sentir-se exasperado com a minha detestável pronúncia”.

Também lhe custou muito levantar-se de manhã. Quando ouvia o sinal: “Benedicamus Domino” era quase a dormir que respondia: “Deo Gratis” e sem dúvida falavam os lábios e não o coração. Lá

enfiava o vestido de postulante e seguia para a capela com as outras, para fazer a Via-Sacra antes da Meditação, que começava às 5 1/4. Quantas manhãs de frio intenso, porque então não havia aquecimento e, muito mais alta do que as outras, lá ia para as estreitas “estalas” circulares, cautelosa de não fazer mais barulho do que as companheiras.

Apesar de todos os esforços empregados, inúmeras vezes tinha a sensação de não conseguir chegar a ser religiosa. Quanta diligência punha em acompanhar os pontos da meditação, lidos em francês, durante a meia hora antes da Missa! Mas a imaginação, como doida fugia num tropel de idéias; ao seu lado, as noviças, entretanto, davam a impressão de verdadeiros modêlos de recolhimento. Sim, tôdas exemplares, menos ela.

Gostava das orações em latim e mesmo em francês, sobretudo dos salmos do Ofício, mas a meditação a fundo parecia-lhe difícil e, quando a composição do lugar era em Jerusalém, possivelmente transportava-se em espírito até Ballynunnery. Isto era frequente, durante a recitação do “De Profundis” que em casa sempre se recitava depois do Têrço. Com o andar do tempo, começou a apreciar a beleza dos exercícios de piedade nos quais Nosso Senhor tanta vez lhe falava brandamente à alma e cuja vida interna aos poucos ia descobrindo. A Liturgia prendia-a e ia-se habituando a, rápido, se dirigir para a capela tôdas as manhãs, não tanto com receio de chegar tarde, como pelo desejo de se encontrar de novo na intimidade do Mestre.

Deixando seu Oratório particular, seguiam as Noviças para a Capela em rotunda que a encantava a ponto de não poder desviar os olhos das suas belezas, enquanto não se foi com elas habituando. Contaram-lhe que os esposos Cure a tinham dado ao Pe. Gailhac nos bons tempos da sua amizade, tendo êle escolhido o desenho e planeado esta arquitetura em forma redonda, com as “estalas” em semi-círculo. O altar e todo o resto harmonizava com o desenho tão original. Logo de princípio, Joana tinha gostado imenso das estátuas: Nossa Senhora, sorrindo sôbre o altar-mor; S. João que parece fitar diretamente do seu nicho a Virgem Maria; o belo Anjo da Guarda, de asas abertas, a proteger uma criancinha que conduz para o Tabernáculo.

As 6,30, quando o Pe. Gailhac saía do confessionário, já sabiam que ia começar a Missa, e a nossa postulante sentia-se à vontade naquele ritual de louvor. Muitas vezes o celebrante era o mesmo Fun-

das, o velhinho de madeixas brancas e modos suaves que abençoara as saudosas postulantes na noite da chegada. Agora, também Joana já estava ao corrente das circunstâncias da fundação e conhecia por tradição a piedosa senhora que fôra a auxiliar do Padre Gailhac. Sabia que muito antes de começar a Missa já êle estava no confessional a atender as numerosas almas que o procuravam, mesmo gente de fora da Cidade, porque a sua fama como diretor espalhara-se muito além de Beziérs. Quando êle oferecia o Santo Sacrifício, ela sentia-se sempre mais perto de Deus e comovia-se, assistindo à sua Ação de Graças. Foi realmente o Pe. Gailhac quem lhe prendeu o coração à Congregação. Êle sabia ser bondoso e firme, tendo uma maneira muito especial de afastar a amargura de uma admoestação. Um dia contaram-lhe a história de uma noviça que já estava ajoelhada perante o Bispo para pronunciar os Primeiros Votos, mas na confusão do momento esqueceu a fórmula e desatou a chorar. O Pe. Gailhac então subiu os degraus do altar, colocou-lhe a mão no ombro e foi repetindo com ela, uma a uma, as palavras de Profissão Religiosa.

Com grande confusão de Joana, êle louvava-lhe por vêzes a maneira como aprendia a língua francesa e até a sua côr rosada de irlandesa, mas, quando estava a sós com ela, costumava pelo contrário mostrar-lhe os defeitos. No princípio, sentia-se atraída para êle por motivo menos espiritual: baixo e rosto corado também, parecia-lhe mesmo um irlandês.

Pouco a pouco foi-se habituando, as saudades da Irlanda foram passando e recuperou a costumada alegria. O silêncio nas refeições e a certas horas lhe custava, tanto mais que agora já falava francês com relativa facilidade; sentia ainda bastante as intempéries do clima, não só no inverno rigoroso como no verão quente, tão diferente do clima da Irlanda, mas já sabia guardar para si e aproveitar essas causas de real mortificação.

Com as outras companheiras, regava as plantas e flores, varria o túnel e entregava-se ao resto das ocupações destinadas às postulantes e até alguma vez teve a alegria de trepar às árvores do parque, a pendurar bandeiras para a procissão.

Nos recreios passeava com as outras pelo lindo parque, parava na ponte rústica sôbre o lago, contemplava os lindos peixes doirados ou

espreitava as salamandras a correr pelos muros. Então conversava animadamente com as outras postulantes e noviças. Foi de fato o hábito do silêncio o que mais lhe custou a adquirir, achando muito difícil ter de interromper uma frase no ponto mais interessante, ao ouvir o sino anunciar o fim do recreio.

Outra coisa que a atormentou por muito tempo foi a descoberta que fez nas primeiras semanas de que as coisas que consigo tinha trazido não seriam suas, mas só do seu uso e para servir-se delas devia pedir licença aos superiores. Ao Pe. Gailhac explicou esta dificuldade, no dia em que lhe afirmaram nem um copo d'água poder beber sem licença. “É ridículo”, protestou; “até os cavalos podem beber quando querem”. O Pe. Fundador respondeu-lhe muito a sério: “Os cavalos, minha filha, não estão obrigados à obediência, pertence isso às criaturas racionais e inteligentes que Deus criou à sua imagem e semelhança; e, quando Ele as chama ao seu serviço, essa inteligência deve levá-las a obedecer a tudo o que os Seus representantes impõem”. E, dizendo, ia estudando o rosto expressivo da sua interlocutora. — “Compreendo, agora”, conclue esta, “mas não será de fácil prática tamanha dependência, ainda que exprima a verdade”. Depois de se retirar, o Fundador ficou a refletir: “Eis uma postulante de mérito. Com a inteligência bem esclarecida, vai chegar esta jovem a ser muito útil à Congregação. Belo caráter, ótimas qualidades. É sã de alma e de corpo”.

E sentia que a Fundadora, Madre S. João, partilhando-lhe as impressões, se ainda vivera, ter-se-ia alegrado igualmente, por a ter como filha na sua Congregação.

De todos os exercícios usados no Convento, o que Joana Butler preferia eram as orações da Bênção das horas e meias-horas. Ao soarem as badaladas da hora no relógio, quando trabalhavam juntas, a mais antiga de Profissão começava: “Vive Jesús!” e tôdas respondiam: “À jamais dans nos coeurs!” e seguiam-se curtas invocações e petições pela Igreja e pelo Instituto. Uma frase sobretudo encantava-a: — “Coragem, minha alma, o tempo passa e a Eternidade aproxima-se; pensemos em bem viver afim de bem morrer”. Palavras graves, sombrias até, mas vigorosas, que a jovem de elevados ideais gostava de repetir com frequência.

Em Béziers todo o tempo estava tomado. Orar, varrer, lavar, cozer e ainda estudar; a tudo se entregavam as noviças. Doutrina Cristã, Liturgia, História da Igreja, Constituições do Instituto e ciências profanas. Nestas, não o mesmo para tôdas, mas segundo as aptidões de cada uma... Joana tinha facilidade para as línguas e começou a gostar do francês, que tanto horror lhe causara ao princípio; para a música tinha talento e quanto se lhe desenvolveu a voz com o estudo! Gostava de cantar. Parecia-lhe que nunca rezava com tanto fervor, como quando exalava o seu coração para Deus em algum belo hino de devoção. Lera que "quem canta reza duas vezes" e nunca esquecia isso, quando cantava.

Também exercitava os dedos em trabalhos de agulha e "crochet", sob a direção de religiosas e até aprendeu os intrincados pontos do bordado português com algumas companheiras dêsse país.

Se bem que o seu dia começasse ao quarto das cinco, pouco tempo lhe sobrava dos estudos e trabalhos manuais. No inverno era ainda noite e tinham, para alumiar o dormitório, só o clarão vacilante de uma lâmpada de azeite; no verão, por espírito de economia, abriam as bandeiras das janelas, para aproveitar desde os primeiros alvores da madrugada. Uma estufa no centro da sala do noviciado, durante os rigores do frio, conseguia espalhar algum calor, apesar da ventania gelada que penetrava assobiando pelas frinchas e, para ativar a circulação, as noviças, a rezar o têrço, perambulavam rápidas à volta da sala.

Nos dias de grande festa, havia recreio todo o dia; por exemplo, quando o Senhor Bispo vinha ao Convento. A recepção era cuidadosamente ensaiada, umas das mais antigas, desempenhando o papel de Sua Excia. Revma., ao entrar na sala, a Mestra de noviças avisava: "Monseigneur arrive! Saluez, mes enfants", e tôdas faziam profundas cortesias: — três de fato: uma quando êle aparecia à porta, outra quando chegava ao meio da sala e a terceira quando se sentava. Depois de terminada a visita, alvo de tantas saudações, as noviças tinham recreio todo o dia, conversando e rindo alegremente. Se estava bom tempo, iam para o parque — o vasto terreno que o Pe. Gailhac tinha tido o bom senso de adquirir alguns anos antes. Sabia que para um trabalho sério e produtivo impunha conservar a saúde

e o bem-estar físico de suas religiosas: queria-as fortes e saudáveis para um desempenho eficaz de seus deveres.

O terreno baldio agora era um parque bem traçado, com ruas, canteiros de flores, árvores de fruta; possuía uma boa estufa, um lago com peixinhos e de uma pequena elevação de terreno ao meio podiam receber a aragem, quando soprava do Mediterrâneo.

Uma coisa que Joana gostava de fazer, no parque, era alongar a vista até a Cordilheira das Cavennas, nos dias claros, ou descobrir ao longe a fita prateada do mar. Então, como tomada de um presentimento, punha-se a cismar se algum dia iria por êsse mundo fora, conquistar almas para Deus. Ficaria ali ou voltaria à sua querida Irlanda? Já sabia agora que se sentiria contente onde quer que a mandassem, bem convencida de que o trabalho do Senhor se podia fazer em qualquer parte do mundo por quem quer que realmente deseje servi-lo.

Como havia respondido à Madre Silvestre, estava a aprender a ser religiosa e já compreendia que podiam a vida intelectual e a cultural aliar-se perfeitamente à espiritual e entendia até que ponto o exterior é um espelho do interior. Exercitava-se em dominar os seus sentimentos naturais, fazendo-se mansa e serena, a cultivar maneiras delicadas e dignas, a tornar a voz afável e modesta e a ter modos capazes de inspirar respeito a todos.

Outro acontecimento importante para as noviças era a visita da "Notre Révérende Mère" — a Reverenda Madre Geral — ao noviciado. Em sua honra, ofereciam habitualmente um concêrto cuidadosamente preparado. Joana teve imenso receio, quando tomou parte pela primeira vez, devendo tocar a quatro mãos com outra noviça, e mal podia tirar as luvas das mãos nervosas para aplicá-las às teclas escorregadias. Mas tudo correu bem, a Reverenda Madre ficou satisfeita e a postulantezinha olhava para ela com um misto de respeito e de temor, pensando de si para si, como devia ser difícil ocupar lugar tão alto e de tanta responsabilidade, julgando-se sumamente feliz na sua posição de simples noviça, sem cuidados nem aflições.

No verão iam a Bayssan, a grande quinta que fazia parte do rico patrimônio legado ao Instituto pela Fundadora, para passarem as férias; e, no correr do ano, tôdas as semanas, revezavam-se duas a duas as postulantes, indo até lá de carro com o Fundador.

Da primeira vez Joana ficou encantada; ainda não havia saído fora do parque do convento. Passaram pela Catedral de São Nazário e pelo canal construído por Paulo Riquet e o Pe. Gailhac mostrou-lhes as antigas muralhas e ruínas da cidade construída pelos romanos. Contou-lhes a história de Béziers: — tinha sido governada pelos romanos e no século IV Carcassonne e Béziers haviam estado sujeitas a Narbonne. Depois vieram os bárbaros e destruíram-na e mais tarde saquearam-na os albigenses do Sul.

Aqui e além, pela estrada, calvários com ramos de flores bravas no sopé, a inspirar devoção aos que passavam e, ao longe, as badaladas suaves de um sino indicavam ao viandante que à distância se erguia algum mosteiro.

Num dado ponto, o Pe. Gailhac mandou parar o cocheiro e as postulantes, ao descer, puseram-se a seu lado, a ouvir uma comovente evocação: “Aqui neste mesmo lugar estive eu quando rapazito, a receber a benção do Santo Padre Pio VII. Regressava do cativo imposto por Napoleão. Vinha velho e alquebrado, mas sorria à multidão que o aclamava, como se fôsse novo e forte. E os sinos repicavam nas torres das igrejas e todos se ajoelhavam para receber a sua bênção. Que dia inolvidável!” E as postulantes o escutavam com encantamento.

Joana ficou admirada, vendo a extensão da propriedade da Senhora Cure. A casa de habitação deitava para vasto eirado que comunicava com um enorme jardim e uma grande horta; pelo centro, uma rua e, no extremo desta, as estátuas da Santíssima Virgem e de São José.

Era uma delícia estar em Bayssan. As refeições tomavam-se ao ar livre, debaixo das velhas árvores e só quando chovia comiam dentro de casa. Depois dos exercícios de piedade, as postulantes com a sua enérgica Mestra davam longos passeios, visitavam Santuários próximos, percorriam as vinhas ou iam pelas estradas ou atalhos sombreados de carvalhos e azinheiras, a colher flores ou à procura de ervas odoríferas. O Pe. Gailhac ajudava a alegrá-las. Compreendendo bem essas jovens noviças ainda quase adolescentes, proporcionava-lhes como distração um “pic-nic” de vez em quando ou distribuía-lhes bombons e doces. Em horas assim, regumava todo êle bondade e alegria. Assistiam à Missa na velha igreja de pedra que já tinha 800 anos, de

degraus gastos, porta carcomida, e que pertencia à propriedade, logo junto à casa senhoril... À tarde, quando voltavam da última visita à capela, o Pe. Gailhac contava-lhes coisas da Madre S. João, do tempo em que juntos trabalhavam para fundar a família do "Sacré-Coeur de Marie". Mostrava-lhes a carruagem que pertencera à nobre senhora e ainda conservavam guardada, fazendo-lhes ver quantos bens do mundo ela tinha abandonado por Deus. Contou-lhes que uma vez ao visitar Bayssan encontrara a Fundadora o seu belo cavalo "Bijou" a trabalhar nas vinhas... "Meu pobre Bijou", exclamou, "tu também trabalhas por amor de Deus!"

E quanto se trabalhava em Bayssan! Nas vindimas, as noviças gostavam imenso de colher uvas todo o dia, pelos vinhedos extensos da propriedade; forneciam um vinho excelente, que ministrava à Casa-Mãe parte das suas rendas.

As sextas-feiras iam às vêzes em peregrinação, descalças, ao velho santuário de Nossa Senhora da Consolação, fazendo as estações da Via-Sacra, ao longo das colinas sobranceiras ao Mediterrâneo. Era uma capela abandonada no meio dos campos solitários, de difícil acesso. O caminho, ao sair da estrada, não pasava do leito sêco de um rio. Nenhuma árvore por ali, a amenizar o calor daqueles meses de verão. As estações da Via-Sacra, imperfeitas e rudes, e a capela meio arruinada a que uma ornamentação berrante e estátuas pouco artísticas roubaram o encanto agreste, não conseguiam afastar os fiéis que numerosas curas lá operadas atraíam, deixando-lhe em testemunho de gratidão, inúmeras muletas e ex-votos. Lugar de penitência, o Pe. Gailhac mostrava às jovens noviças as ofertas e flores com que os devotos agradeciam a Nossa Senhora.

À noitinha, pelas tardes calmosas — e quase tôdas as noites de verão no Sul da França são sêcas e agradáveis, — juntavam-se nos degraus de pedra da capela da quinta e passavam o recreio a cantar hinos e cânticos; era uma serenata Àquêle que presidia do Céu à formação das suas futuras esposas.

O Pe. Gailhac nunca perdera de vista a postulante de Ballynunne-ry, que achava tão extraordinário que se pedisse licença para beber água, e ela também o venerava cada vez mais, depois das semanas passadas em Bayssan. Era tão bondoso, tão simples, mostrava-se tão contente quando lhes proporcionava prazer que tôdas se sentiam felizes

~~Até~~ Até a sua frase habitual a chamá-las à ordem: — “Não há ~~deixas~~ para a Regra” — parecia fazer parte do amor e contentamento em que lhes decorriam os dias.

De vez em quando, ao encontrar Joanã nos corredores em Béziers, inclinava-se condescendente e cheio de dedicação perguntava-lhe: “Então, minha filha, tem alguma dificuldade que a perturbe?” ou: “Guarda bem a Santa Regra?” ou ainda: “Ama a Deus com todo o seu coração?”. E esperava sempre a resposta, para mostrar a importância que ligava a êsses assuntos. Depois sorria e continuava o seu caminho. Foi o Pe. Gailhac que lhe fez compreender que não fôra ela quem escolhera Nosso Senhor, mas Ele Quem a escolhera, portanto era necessário ser sempre fiel à graça e pôr tôda a confiança, não em si, mas no Dispensador dessa mesma graça. Nunca ela pôde esquecer uma das suas sentenças: “Uma religiosa”, dizia êle, “deve assemelhar-se à toupeira, à qual se lhe vê o trabalho enquanto ela permanece escondida”.

O Fundador aconselhava-a a ler e, quando tinha tempo, aproveitava-se da excelente biblioteca da Comunidade, para conhecer biografias de tantos homens e mulheres ilustres nas veredas da espiritualidade. Também era-lhe dado ouvir diàriamente por uma religiosa a vida de algum grande santo lida em alta voz, enquanto tôdas iam bordando ou executando qualquer outro trabalho manual.

Tinha-se adaptado quase por completo à vida conventual; somente algumas vêzes, ao recitar as orações da noite, lhe parecia que os muros caíam e as vozes das religiosas eram as da sua família, dizendo as orações. Entretanto, já não chorava. As saudades tinham passado, há muito, assim como à Molly. O amor dos seus vivia sempre no seu coração, mas agora era um afeto sereno e sobrenatural.

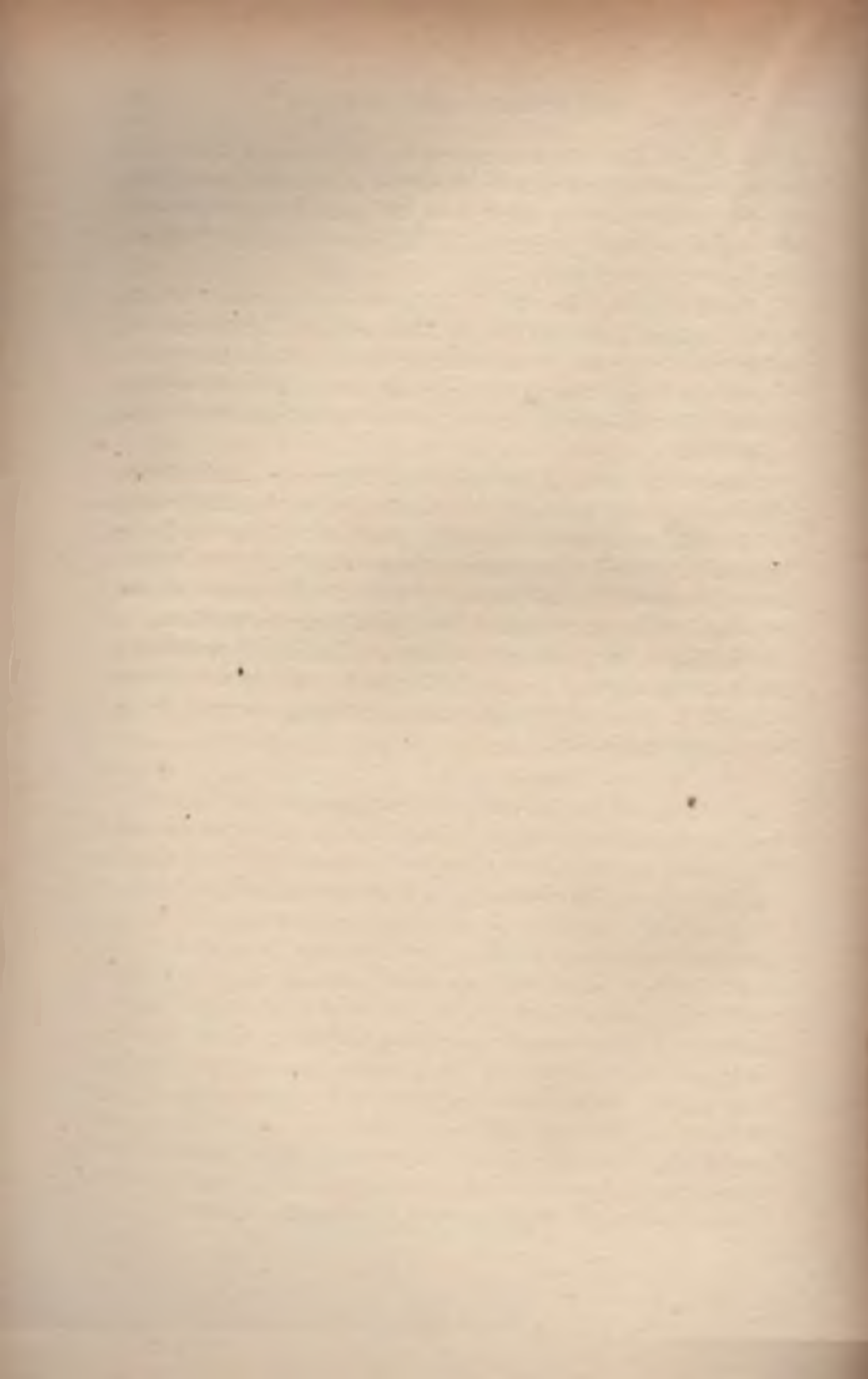
À tempestade sucedera a bonança. Não quero significar com isto que não sentisse dificuldade em adquirir a virtude do desapêgo que ela sabia ser a alma do seu instituto; muito menos, que sentisse saudades dos prazeres mundanos abandonados nos primeiros assomos do seu entusiasmo por Deus. Conquanto a êstes nem lhes concedesse um pensamento sequer, a sua casa pelo contrário vivia em sua recordação: aí tinha gozado de uma vida tão rica de movimento e liberdade que, mesmo humilde e simples por natureza, era impossível na disciplina austera da sua alta vocação não sentir por vêzes o

desejo daquela liberdade encantadora de Ballynunnery. Para casa, porém, suas cartas transpiravam só alegria, insistindo com satisfação que mostrara desde o princípio os três sinais exteriores de uma boa vocação — como, gracejando, lhe indicavam: — dormir bem, comer bem e rir com vontade.

Pouco a pouco, o Pe. Gailhac foi-lhe ensinando a necessidade do espírito de desapêgo na vida que ela tinha escolhido. Aqueles que trabalham na salvação das almas, a santificação pessoal é a indispensável garantia de abundantes frutos e o zêlo interior leva os membros de uma Ordem Religiosa a qualquer parte do mundo onde os mande a obediência.

Ensinou-lhe a apreciar êsse zêlo das almas que nela desabrochava, à luz dos Corações de Jesus e de sua Mãe bendita. A aplicação pessoal do problema deu como resultado a morte ao “eu” no coração de Joana. Transformadas tão austeras lições em objeto constante das reflexões do seu espírito, tudo o que ia prometer se lhe revelou, no seu verdadeiro sentido de grandeza e transfiguração para a sua alma.

A Pobreza deixou de ser sacrifício; a Castidade tornou-se um grande dom; e acima de tudo, a Obediência, que tanto receava prometer, à luz da graça pareceu-lhe o maior testemunho de amor que a Nosso Senhor podia dar.



CAPÍTULO IV

A NOVIÇA

Já eram passados seis meses, desde que as duas meninas de Bay-lynnerry transpuseram os umbrais da Casa-Mãe em Béziers.

Joana Butler e Molly Harrington, com um grupo de outras postulantes, preparavam-se para se revestir do Hábito Sagrado do “Sacré-Cœur de Marie”, na tocante e significativa cerimônia da Vestição. Esta solenidade, quisera-o o Padre Gailhac muito simples, sem o aparato de circunstância ou convidados a testemunhar o ato. Para as postulantes e a Congregação era uma festa de família, isenta de toda a repercussão externa. No pensamento do Fundador, a atenção da postulante devia voltar-se, inteira, para o Espôso e que nada a viesse distrair, no desenrolar da liturgia simbólica.

Portanto, entre as companheiras, envolvida no seu singelo traje preto, Joana subiu os degraus do altar e pediu para ser admitida na Congregação do “Sacré-Cœur de Marie”. Trazendo pela última vez a touquinha e o véu negro, ajoelhou-se diante do Padre Gailhac.

— “Minhas filhas, o que desejais?” — perguntou êle, usando a fórmula do Cerimonial. Juntas responderam: “Revmo. Padre, o Santo Hábito das religiosas do Sagrado Coração de Maria”. — “Minhas filhas”, continuou gravemente: “o Santo Hábito desta Congregação é um símbolo da morte ao mundo, da obediência, renúncia, pobreza e humildade que deveis praticar todos os dias da vossa vida, assim como da vida perfeita que é preciso abraçar, a exemplo de Jesus Cristo e de sua Santa Mãe”.

O Padre Gailhac benzeu os hábitos e as postulantes, em ordem, saíram da capela. O côro cantou o “Regnum Mundi”, no intervalo e, quando voltavam vestidas de noviças, com os véus bracos e as cau-

do hábito descidas, solenemente, o órgão executou “entrada” corajosa e triunfal.

Diante do altar escutaram atentamente o Padre Gailhac que dava a cada noviça o seu novo nome em Religião. Quando chegou a Joana, esta ouviu enlevada “De hoje em diante te chamarás Soror Marie Joseph”.

O côro cantou o “Veni Sponsa Christi”. A cada Noviça foi entregue uma vela acesa, enquanto lhe colocavam na cabeça a coroa de espinhos. Estava terminada a cerimônia.

Voltando para o seu lugar, Joana Butler tinha desaparecido e Soror Marie Joseph ajoelhava, a agradecer a Deus tamanha bondade, enlevada diante da transfiguração de sua vida, doravante tôda consagrada a estender o Reinado de Nosso Senhor na terra.

Teria gostado do nome de Eucaristia, mas sentia-se indigna de tão alto título e Maria José era bonito também. Tinha como padroeiro um esplêndido Santo, o Pai putativo daquele a quem ofertava a sua existência em flor.

O ano do Noviciado passou, rápido, sempre ocupado mas cheio de graças. Cada vez mais o Padre Gailhac a ia exercitando nos princípios e práticas da vida interior. Ensinava-lhe o valor do silêncio e mostrava-lhe a sua necessidade para o desenvolvimento da união com Deus. E o Santo Fundador ensinava não só com palavras mas com a força do exemplo que dava à sua Comunidade. Apesar de idoso, nunca se permitia afrouxar no trabalho de ganhar almas. Quando do seu lugar da capela, a nossa Noviça o via sair do Confessionário antes da Missa, sabia que o seu dia havia começado há muito. Levantava-se sempre às 2 horas, até nas mais frias madrugadas de inverno e ficava no Oratório a rezar até às 4, quando ia para o confessionário. Manhãs houve, durante o seu primeiro inverno de Béziers, em que Joana acordava sem coragem para se levantar e atravessar os corredores gelados; mas, lembrando-se do Padre Gailhac há tanto tempo já entregue à oração, mais facilmente oferecia o sacrifício.

Em 1875, no ano anterior ao da sua chegada a Beziere, o Padre Gailhac havia celebrado as suas Bodas de Ouro, consentindo nas festas com que filialmente lhe marcaram tão cara data, visto a vontade expressa do seu Prelado.

Tão grande foi a afluência de amigos, contaram depois as postulantes e noviças, que a Santa Missa teve de ser campal e entoada pelo Padre Gailhac. Causou admiração a todos, em razão de sua voz, forte e suave ainda. Depois o Bispo de Montpellier, em eloquente panegírico do santo sacerdote, referiu-se com o maior aprêço aos seus trabalhos e às muitas perseguições e calúnias que êsses lhe acarretaram nos primeiros anos.

O Padre Gailhac, desde os primeiros contactos com a jovem Madre Marie Joseph, teve a intuição da obreira excelente, a modelar educadora de meninas da alta classe social, conforme a idealizara para a finalidade apostólica da sua Congregação a Santa Fundadora, Sra. Pelissier Cure. Muita vez falava à jovem noviça do seu futuro trabalho junto à mocidade. Repetia-lhe quanto era preciso ser esclarecida para infundir nas almas juvenis a força de reagir sempre contra o espírito da época.

Prevenia-a, quanto à clareza e ortodoxia da doutrina e tradições históricas da Igreja Católica a ministrar às almas.

Ele mesmo tinha sido testemunha dos tristes efeitos do ensino laico, a educação sem Deus, e convidava as jovens professoras da sua Congregação, para que em louvável esforço buscassem assimilar bem o ponto de vista católico, sobretudo nas chamadas questões mistas, antes de o transmitir pelo ensino. Insistia que a Religião devia andar intimamente ligada aos outros estudos, de forma a tornar-se mais forte e mais rica, auxiliando-se mutuamente. E buscava à Madre Marie Joseph assim como às outras, infundir um zêlo ardente pela salvação das almas — zêlo que fôsse capaz de levar os membros da sua Congregação a qualquer parte do mundo, atendendo ao apêlo da obediência, — para espalhar o bem.

Ao mesmo tempo, procurava desenvolver-lhe as disposições necessárias, em vista dos Votos que haviam de fazer ao fim dêsse ano preparatório. Agora tôdas as ambições de Madre M. Joseph cifravam-se num só ideal: — ser Espôsa de Cristo — e, medindo o seu zêlo pelo d'Ele, nem se dava conta de que o seu "eu" ia dando lugar pouco a pouco ao Espírito de Deus. A Pobreza, a Castidade, a Obediência já a não assustavam: iam se tornando as doces realidades que vivia...

Elas, inquirindo se a devia pôr em prática. A resposta pareceu desconcertante: — “Ficassem, custasse o que custasse — mesmo que tivessem só uma aluna”. E ficaram. E as alunas começaram a voltar, tornando-se o colégio cada vez mais frequentado. Miss Hennessey, a antiga Diretora, ficou também e a confiança voltou aos trabalhos..

Mais tarde as religiosas, estendendo o benefício da educação às crianças pobres, juntaram ao Colégio um asilo onde com o curso primário ensinavam costura, bordados e trabalhos domésticos.

Agora que as portas da Casa-Mãe se iam bater atrás da jovem Madre M. Joseph, quanta coragem para não deixar correr as lágrimas, ao abandonar aquêlo ninho onde ensaiara os vôos para as alturas do espírito!

Já no comboio, suavizando a saudade, buscava desvendar o futuro na sua nova Pátria, mas parte do coração ficara-lhe em Béziers, como lhe tinha também ficado em Ballynunnery. Diz com acêrto o poeta:

“On laisse un peu de soi-même
À toute heure et en tout lieu...”

CAPÍTULO V

EM TERRAS DE PORTUGAL

Num quente dia de verão de 1879, Madre M. Joseph e as Irmãs que a acompanhavam, desciam cansadas do comboio de Lisboa. Não traziam o Hábito querido mas vestes seculares e fora da moda. Contudo o ar de elegância com que M. M. Joseph usava o seu pobre vestido e o seu sorriso encantador chamaram a atenção dos empregados da Alfândega que a viram assinar o nome numa caligrafia rasgada e elegante e logo a cercaram do maior respeito e atenções, até mesmo depois de saberem que se tratava de uma religiosa disfarçada. Era óbvio que consideravam a recém-chegada como pessoa muito distinta.

Desembarcava no Porto cansadíssima e sentiu pungente saudades, ao ver-se diante de uma casa onde não conhecia ninguém. Mas, apenas entrou e ouviu a voz da santa Madre Sto. Tomaz Hennessey falar-lhe na língua natal, dissipou-se-lhe tôda a tristeza. Teve até a ilusão de estar outra vez em Ballynunnery. — “Parece que estou em casa”, dizia radiante à bondosa Madre, uma das primeiras religiosas inglesas vindas para Portugal.

Pouco tempo fôï preciso para compreender a esplêndida superiora que tinha. A Madre Sto. Tomaz era uma verdadeira senhora e uma verdadeira santa. Serena nas provações, sempre paciente e calma, ativa, mas dotada de grande espírito de doçura, aparecia como o exemplo vivo da Regra.

Muito fervorosa, costumava desafiar as filhas a ver quaí seria a primeira a dar o “Bom Dia” a Nosso Senhor pela manhã; todavia, por mais cêdo que alguma chegasse à capela, quem ganhava sempre era a piedosa superiora.

Logo na semana em que chegou ao Pôrto, Madre M. Joseph pode presenciar um desses gestos incomparáveis de bondade e inteligência com que muitas vêzes se traduzia o govêrno da Madre Sto. Tomaz.

Uma Irmã deixou cair um dia um braço de pratos que levava e, como quase todos se quebraram, foi segundo a Regra mostrar os fragmentos à superiora. “E’ uma Irmã que quebra tudo”, disse ao lado impaciente uma religiosa. A Madre olhou sorrindo para a delinquente em lágrimas e as suas palavras a levantaram: “Só quem nunca lida com as coisas é que não as quebra. Vejamos, minha filha, cortou-se?” perguntou maternalmente, examinando-lhe as mãos. Também a sua bondade a levava a enrolar o têrço no braço, deixando tilintar as medalhinhas quando andava pelos corredores, de forma a que tôdas a ouvissem aproximar-se e não fôsse obrigada a admoestar a quem não estivesse no seu dever.

Aquela Comunidade do Pôrto tivera uns princípios interessantes. Uma das senhoras que em Béziers procurava o Padre Gailhac para a direção espiritual era Miss Murphy, preceptora em casa de uma família rica da cidade. Por vêzes êle, falando-lhe, referia-se ao desejo que sentia de ver a sua Congregação trabalhar em outros países, inquerindo-lhe se não conhecia algumas jovens atraídas para a vida de apostolado. Miss Murphy pensava então na Irlanda e no seu querido Kilkenny. Quantas almas em flor e alimentadas de fé lá se achariam, vivendo dos desejos de se dedicar ao bem de outras almas... Resolveu escrever a uma tia, superiora de um convento de Carmelitas em Dublin, para lhe falar no zêlo e santidade do Padre Gailhac, na doce Fundadora do “Sacré-Cœur de Marie” e na necessidade de recrutas irlandesas.

Pouco depois vinham para Béziers duas postulantes: Rosanna Mac Mullen e Teresa Hennessey, que em Religião se chamaram Madre St. Charles e Madre Tto. Tomaz. A esta última se deveu o progresso da fundação em Portugal e, como já sabemos, era agora lá superiora.

A irmã da Madre Sto Tomaz, Margarida Hennessey, dirigia um colégio de meninas no Pôrto, conhecido por “Colégio Inglês”. Quando já cansada resolveu passar-lhe a direção, quis deixá-lo entregue em mãos competentes, lembrando-se de escrever à sua irmã, Madre Sto. Tomaz, então em Béziers, a perguntar-lhe se às religiosas do “Sacré-Cœur de Marie” não interessaria tomar conta do educandário. Entretida uma longa correspondência sôbre o assunto, decidiu-se por fim o caso, a favor da proposta de Miss Hennessey, deixando um pe-

como número de Irmãs a Casa-Mãe, com destino ao distante Portugal.

A primeira superiora no Pôrto foi, caso curioso, também uma das Irmãs Hennessey — a Madre Sta. Maria, igualmente Religiosa do "Sacré-Cœur de Marie". Teve a cargo a fundação e só alguns anos mais tarde a outra irmã, Madre Sto. Tomaz, foi nomeada Superiora, concluindo a casa a prosperar. Em Béziers, buscara esta aprender a língua com algumas Irmãs portuguesas, facilitando-se-lhes deste modo os primeiros passos na sua missão. A sua grande bondade ganhou-lhe muitos amigos e, entre as almas, verdadeiras afeições. Dentro em pouco já havia pedidos para novas fundações em outras cidades.

Madre Sto. Tomaz adiou por algum tempo, mas cedeu por fim à insistência e abriu a casa de Braga, terra ideal para o fim que propunham.

Braga é a Roma Portuguêsa, terceira cidade do país em importância, mas a primeira em piedade e fé. Em Julho de 1876, num dia calmoso de verão, recebeu, feliz, as seis religiosas que levaram o encargo de fundar o colégio.

A primeira superiora foi a Madre St. Liguori, que contava apenas vinte anos; porém a superiora do Pôrto ia a Braga tôdas as semanas dar-lhe conselhos e auxiliar a sua incipiente experiência.

Eram confessores os religiosos do Espírito Santo e os Sacerdotes da Companhia de Jesus ocupavam-se dos retiros e exortações espirituais. Tudo corria bem e Sua Excelência o Senhor Arcebispo de Braga seguia com todo o interêsse o desenvolvimento da instituição.

No Pôrto, a Madre Sto. Tomaz alegrava-se ao testemunhar as brilhantes qualidades da Madre M. Joseph, já de início educadora ideal e professora exímia e resolveu desenvolver-lhe as aptidões, confiando-lhe apesar de muito nova aulas de maiores responsabilidades. Todavia a sua principal tarefa continuava a ser o cuidado das almas pequeninas. Com elas começou a aprender o português e, como tinha natural facilidade para línguas, não lhe exigiu esforço maior êsse trabalho. Também algumas religiosas portuguesas lhe davam lições, porém tinham pouco tempo livre e ela lá se ia arranjando mais só.

Chegou o tempo da Profissão e preparou-se uma cerimônia simples, como simples fôra a solenidade da Vestição.

A 22 de Abril de 1880, em plena primavera, aproximava-se do Altar da Capela do Pôrto e respondia com outras noviças às perguntas do Sacerdote. — “Estais determinadas a observar os vossos Votos todos os dias da vossa vida?” — “Sim, com o auxílio da graça de Deus”. Depois de pronunciada a sua Consagração, concluiu o celebrante: “E eu, da parte de Deus e conforme à sua inviolável promessa, se fordes fiéis aos vossos Votos, prometo-Vos uma vida melhor — a Vida Eterna.”

Antes do fim do ano, um dia a jovem Madre St. Liguori veio ao Pôrto e lá se encontrou pela primeira vez com Madre M. Joseph. Observou-lhe o trato com as alunas e o método de ensinar e foi direito à superiora. — “Dê-me Madre M. Joseph para o meu colégio”, suplicou, e a Madre Sto. Tomaz que de fato formava a jovem professora com êsse fim, anuiu, acrescentando, porém, tristemente: “Sempre a queria ter mais algum tempo comigo”. Contudo a Madre St. Liguori com os seus argumentos venceu e levou-a consigo para Braga.

Também a nossa jovem professora teria preferido ficar no Pôrto com a santa Madre Sto. Tomaz, para a guiar e auxiliar — quem é que não gosta de sentir de perto a influência de um santo? — mas a obediência chamava-a e ela correu ao novo apostolado.

Agora, mau grado a sua mocidade, — ainda não completara vinte anos — via-se encarregada das aulas de inglês e francês e, segundo as circunstâncias, auxiliava em outras disciplinas, pois o colégio tinha cada vez mais alunas e as professoras eram poucas.

Em menos de dois anos a casa já não comportava mais e foi forçoso alargá-la.

Em português é que a ciência de Madre M. Joseph ainda não passava dos rudimentos, mas ela soube descortinar meio de aprender ao mesmo tempo que ensinava. Propunha a um aluna fazer-lhe uma pergunta qualquer em português e, procurando entender-lhe bem o sentido, repetia a frase, exigindo que lhe corrigissem com tôda a liberdade a pronúncia. Depois era a sua vez de ensinar a aluna a dizer a frase em inglês, fazendo-lha repetir até que chegasse a uma correta dicção.

Desta forma, de parte a parte aprendiam-se as línguas.

Aqueles primeiros anos em Braga, foram-lhe muito agradáveis; era nova, ainda gostava de brincar e as crianças, como mandava dizer para Béziers, eram “encantadoras”.

Sim, adoravam essa professora que quase parecia uma delas. Os próprios pais a tratavam como se fôsse portuguesa, tão bem ia falando a língua e adaptando-se aos costumes do país.

Não podia haver em todo o Portugal terra mais própria para abrigar uma filha devotada da santa Igreja do que a cidade onde trabalhava.

Lisboa era o centro administrativo de Portugal; o Porto, o centro comercial; Coimbra o universitário, mas Braga era o centro espiritual do país.

Madre M. Joseph sentia-se felicíssima, ao verificar o espírito de piedade daquela gente e, quanto melhor ia conhecendo a história dessa Braga tantas vêzes secular, melhor ia compreendendo a sua profunda devoção.

Desde o início do Cristianismo na Península, fôra a cidade santa, famosa pelo culto da Santíssima Virgem. Não a haviam mudado os tempos. Novos e velhos continuavam sinceros devotos da Mãe de Deus. Entre os elegantes edifícios modernos, continuavam a aparecer muitos, com nichos e estátuas, a atestar o fervor desse afeto à Mãe de Deus. Então, pela tarde, elevava-se ao céu o coração de Madre M. Joseph ao ouvir os sinos dos carrilhões da cidade a tocar a “Angelus” e o povo na igreja e até nas ruas a cantar devoto: “Ave, Ave, Ave, Maria!”

Uma das coisas para a qual a jovem religiosa mostrava mais aptidão, era para presidir aos recreios das alunas. Se se organizava um “pic-nic”, não esquecia nenhum pormenor. Nas audições e academais, não havia melhor ensaiadora. Tinha jeito para todos os papéis, ainda que preferindo a comédia. E que ascendente nas alunas, diante das quais mantinha a mesma autoridade na aula, depois de as ter feito rir a gargalhadas na véspera, em alguma cena cômica!

Até em ocasiões de susto conservava a influência. Uma vez estalou de noite fortíssima trovoadas. Madre M. Joseph correu ao dormitório das mais pequeninas e procurou serená-las, rezando com elas, mas uma — agarrou-se-lhe, a gritar. — “Não seja egoista, menina”, disse-lhe, “lembre-se dos pobrezinhos que andam a esta hora sem

abriga." Vendo, porém, o terror comunicar-se a tôdas — era uma tremenda tempestade — levou-as para a capela e Madre Ste. Foy, passando pelo corredor, ouviu vozes e, entrando, encontrou todo o grupo de joelhos diante do altar, a implorar em voz alta a divina proteção.

Fizeram a Via-Sacra ao ribombar dos trovões, alumiadas pelo clarão sinistro dos relâmpagos que fuzilavam constantemente e só quando tudo sossegou foi que as levou de novo para o dormitório.

Todos os anos, nesse caro colégio, duas festas se celebravam com grande entusiasmo. Uma, a Imaculada Conceição, no dia 8 de Dezembro; outra, o passeio ao Sameiro.

A' primeira compareciam em massa tôdas as antigas alunas e, cada ano que passava, Madre M. Joseph tinha a consolação de ver um número maior a saudá-la.

Era dia de muito trabalho, levando-a de mesa em mesa, pela grande sala onde era servido o almoço, depois da Missa em que tôdas as Filhas de Maria, de branco e com as fitas azuis, tinham recebido a Sagrada Comunhão. A' tarde, — lembrança da Madre M. Joseph — uma outra festa altamente simpática. O dia devia ser de alegria para todos: a parte das orfãzinhas era uma merenda servida pelas próprias pensionistas do colégio.

O passeio ao Sameiro... que grande alegria! alunas e mestras seguiam em carros ou, como ainda não havia elétricos, nos americanos a vapor.

Uma vez a nossa jovem professora foi alvo de lisongeiro cumprimento que lhe passou, porém, despercebido. Um cavalheiro e sua mulher, da alta aristocracia local um e outro, iam a entrar para a igreja ao mesmo tempo que ela. — "Que majestade!" ouviram as alunas à senhora. E ao marido: "Parece uma rainha!" Radiantes, passaram a observação de bôca em bôca e tôdas as meninas se puseram a estudar o andar da mestra e até a copiá-lo...

Ainda que ignorando essa admiração crescente e justa, procurava por palavras e exemplo inculcar às alunas a necessidade do próprio aperfeiçoamento e desenvolver-lhe um zêlo ativo e prático pelas obras de caridade, as Missões, etc. Entre os meios de que se aproveitava, no intuito de plasmar o caráter das estudantes, punha, em primeiro plano, as vantagens da Congregação das Filhas de Maria, cujo

centro no colégio lhe estava confiado. Todos os meses fazia a reunião e no mês de Maio obtinha o privilégio de Missa diária na capelinha particular da Congregação. Cada dia destacava uma congregada para ornamentar o altar. A elegância e bom gosto em escolher e dispor as flores representava-lhes para os inocentes corações oferta de amor à Mãe Celeste.

Propositadamente, dificultava a admissão na Congregação e o resultado era que se distinguiam as Congregadas entre tôdas as companheiras e as alunas mais novas ansiavam pelo momento em que lhes fôsse dado pertencer ao número das Filhas de Maria e gozar dos seus privilégios.

Com a aprovação da sua superiora, Madre St. Liguori, organizou retiros para senhoras, no colégio, e admiravam-se religiosas antigas de ver o tacto com que a sua jovem irmã tratava essas senhoras pertencentes a maior parte delas à alta fidalguia de Braga. Sem confusão nem ruído, muito ao contrário, serenamente, presidia aos diferentes exercícios de piedade na capela e às refeições na sala de jantar.

— “Não há dúvida, dizia a Madre Sto. Tomaz ao Padre Gailhac, quando da sua visita a casa do Pôrto. Madre M. Joseph sabe realmente tratar com os portugueses, a ponto de a considerarem como da sua mesma nacionalidade.” Contaram-lhe até a história que se passara com os empregados da Alfândega, uma vez em que fôra esperar algumas religiosas de Béziers.

Na estação, à saída, carregava nos braços uma estátua de Nossa Senhora de Lourdes trazida por uma das Irmãs. Um guarda fiscal viu a estátua e chamou: “Olhe lá, isso paga direitos.” — “O que?” diz Madre M. Joseph, arregalando muito os olhos, “o senhor não vai ser capaz de multar a Santíssima Virgem!” O homem ficou a olhar para ela de bôca aberta e Nossa Senhora entrou em Portugal sem pagar direitos.

Como tôdas as outras, Madre M. Joseph exultou, quando soube que o Fundador viria a Portugal. Quanto gostava de o tornar a ver. Verdade é que lhe parecia ter êle continuado a estar sempre junto delas, tão patente lhe sentia o espírito a pairar naquela casa. Era quase como em Béziers, quando o encontrava nos corredores e lhe falava. Desde 1885, ano em que fôra a Casa-Mãe pronunciar os Votos Perpétuos, não o tornara a ver.

Essa volta ao Bêrço do Instituto encheu-a de felicidade apesar de ~~esta~~, pois era esperada em Braga, onde fazia falta e a cerimônia simples mas muito fervorosa, lhe ficou para sempre gravada na memória: as jovens professoras prostradas ante o altar, recitando o “Confiteor”, a grade do Santuário aberta e cada religiosa subindo e ajoelhando-se junto ao Tabernáculo; a solenidade das palavras, quase iguais às dos Primeiros Votos. Então dissera: “Faço voto e prometo a Deus, por um ano”, agora dizia: “Faço voto e prometo a Deus, *para sempre.*”

Preparou-se com cuidado e carinho a recepção do Fundador, organizou-se uma Academia, ensaiaram-se as meninas, limpou-se a casa de alto a baixo, a capela e o altar reluziam com os melhores ornamentos, cuidou-se da música sacra com repetidos ensaios... Mas... sobrevém um desastre.

A Madre St. Liguori, organista, era quem devia acompanhar a Madre M. Joseph num solo a que a unção de sua piedade filial tinha comunicado tanta perfeição e doçura. Porém aparece o Padre Gailhac algumas horas mais cedo do que era esperado. Na confusão do momento, a Madre Mt. Liguori dá um golpe muito profundo num dedo! — “E agora, como hei-de tocar amanhã?!” queixou-se, aflitíssima, ao ver sangue a correr sem parar.

Madre M. Joseph olhava para o dedo sem encontrar resposta a tão desoladora pergunta... Mas o Padre Gailhac ouviu no corredor que qualquer coisa de anormal tinha acontecido e quis ver o que era. Ligou então o dedo, abençoou-o e disse à Madre que não lhe tocasse até ao dia seguinte de manhã. Assim procederam e, quando na manhã seguinte tiraram a gaze, o corte estava perfeitamente curado, podendo executar-se o solo constante do programa, acompanhado por Madre St. Liguori.

E os anos iam passando, alguns serenos e agradáveis, outros já atravessados por sérios embaraços com as autoridades governamentais. No princípio de 1883, uma notícia abalou profundamente tôdas as famílias de Braga. A estátua da Virgem do Sameiro erguida no tôpo da Montanha sobranceira à cidade, apareceu uma manhã caída e despedaçada no solo. A noite fôra sacudida por forte tempestade e alguns atribuíram o caso à descarga elétrica; outros, porém, insistiam em que devia ter sido obra dos inimigos da Fé...

Madre Maria Joseph era agora Assistente da Madre St. Liguori e Mestra Geral. Em 1890, recebera êsses encargos, mas na sua humildade escondeu o fato às alunas. Se ela não aparentava nada a idade que tinha. . . Tão airosa e juvenil aos trinta anos, dava a ilusão de não ter atingido ainda os vinte.

Já era tempo de pensar em adquirir edifício conveniente para poderem alargar as instalações do colégio. Compraram afinal uma casa e terreno, no então Campo da Vinha, hoje ocupado por uma guarda republicana, assim como parte de antigo Convento Beneditino que lhe ficava contíguo. Continuava-se a obra das crianças pobres que recebiam a sopa todos os dias, apesar de não ser pequeno encargo, pois chegaram a frequentar a escola umas cem crianças.

Em 1891, a pedido de Sua Excelência o Senhor Bispo de Vizeu, fundava-se nova casa, da Congregação nessa antiquíssima cidade, capital da Beira Alta, onde a beleza do cenário era moldura adequada a um novo Santuário do Imaculado Coração de Maria.

Fôra nomeada para lá Superiora a Madre St. Liguori e dois anos mais tarde Madre M. Joseph ficava como Superiora em Braga. Que festa no colégio! Convidadas, acorreram tôdas as antigas alunas e até publicaram em sua honra um opúsculo intitulado “Ecos Saudosos”.

Tudo corria sereno até que em 1900 voltaram a circular más notícias: El-rei D. Carlos assinara um decreto, abolindo as Ordens Religiosas. Desanimaram as irmãs, com exceção de Madre M. Joseph que as sossegava, estimulando-as a continuar tranquilamente os seus trabalhos e dando ela mesmo exemplo. Interiormente, porém, sentia-se preocupada e aflita.

Um dia chegou mesmo a dizer à Madre Ste. Foy: “Quem sabe se não seremos obrigadas a ir para França ou Inglaterra? O pior serão os pobras religiosas velhinhas que não nos poderão seguir, talvez.” E, suspirando, acrescentou: “E, coisa incompreensível, passar-se isto em Portugal onde tudo é tão católico!!!”

As alunas tomaram a peito a causa das suas mestras e algumas das antigas perguntaram à Madre M. Joseph se consentiria em que expedissem petição a Sua Majestade, no sentido de ser conservado o seu colégio. Ela concordou, confiando que resultaria daí algum bem. — “El-rei é nobre”, disse, “é, entretanto, vítima por seu turno como

nos do manejo dos maus." A deputação de antigas alunas foi então a Lisboa levar a petição coberta por milhares de assinaturas, em que impetravam a revogação da injusta lei; porém alguns dias depois, receberam como resposta que se faria o que fôsse possível, segundo os interesses do govêrno. Já os Ministros o haviam dissuadido da revogação e aquelas senhoras dedicadas e generosas voltaram para Braga com a morte na alma, diante do fracasso da sua tentativa. Também Madre M. Joseph sentia invadí-la uma grande tristeza. — "Assinou o decreto de morte", disse ela proféticamente, referindo-se a D. Carlos, "porque os inimigos da Religião não depõem as armas facilmente, e voltam-nas em geral contra os fracos em se lhes opor."

Todavia o colégio continuava a funcionar, tomando as Religiosas vestes seculares até se chegar a uma decisão.

Os delegados do govêrno viriam inspecionar a casa e dar solução ao caso. Um belo dia chegaram e, introduzidos na sala de visitas, foi a sua presença anunciada à superiora, Madre M. Joseph. Dirigiu-se esta para a sala e disse ao entrar: V. Excias. desejam falar-me? Sou a superiora, Madre M. Joseph."

Levantaram-se os cavalheiros e entreolharam-se interditos. Diante dêles estava, não uma freirinha assustada e tímida, mas uma senhora alta, de porte distinto, vestida à última moda. Ela fingiu não dar conta do embaraço dêsses intrusos e continuou: "Desejam visitar o colégio, não é verdade? Queiram acompanhar-me!"

Com ares de uma rainha que condescende, levou-os por tôda a casa e dependências, dando-lhes uma por uma as informações e acrescentando por fim delicadamente: "Nada temos a esconder". Ficaram muito bem impressionados e só recomendaram fôssem expedidas ao govêrno contas anuais.

Os rumores continuavam, entretanto, e havia boatos de que lançariam fogo às casas religiosas e seriam estas expulsas de Portugal. Deixaram as Irmãs de ir passar as férias de verão à Casa da Mesa do Sameiro que a Superiosa costumava alugar todos os anos e ficava contígua ao célebre Santuário. Mas a vida da Comunidade defluía pacífica. À sua frente estava uma mulher, que não só aconselhava um exterior calmo, mas era sempre a personificação da serenidade.

Nas suas conferências íntimas não perdia o tom simples e amigo, e discorria sôbre qualquer ponto de Regra ou a pessoa do Fundador; poucas vêzes usava da autoridade.

As Religiosas cercavam-na de atenções, procurando-lhe o melhor, mas geralmente iludia-lhes as esperanças e, quando na travessa vinha o pedaço que lhe era destinado posto de forma a que se servisse, ia buscar um qualquer que fôsse menos bom. Uma vez, em domingo de Ramos, Madre M. Berchmans, então sacristã, preparou linda palma, colocando-a sôbre as outras para lhe ser entregue na distribuição. Dando conta, conseguiu escondê-la debaixo das demais de forma que o sacerdote lhe deu uma palma pequena, ficando a outra com uma das Irmãs.

Que desaponto para a pobre Madre M. Berchmans! Madre Joseph riu-se com gôsto da partida que lhe pregou.

Mas refiramo-nos aos acontecimentos desenrolados entre os anos de 1890 e 1900. Em 1890 feriu à Congregação profundo golpe. Em Janeiro viu extinguir-se a longa existência, tão enriquecida de merecimentos, do venerando Fundador, e Madre Marie Joseph dizia à Comunidade: "O nosso Fundador era um verdadeiro santo, deve ter ido direito ao Céu. Todo o dia, só falava de Deus, só Deus era a razão de sua vida inteira!"

Em 1898, o Cardeal Vannutelli, então Núncio em Portugal, visitou Braga e o colégio. Prepararam-lhe brilhante recepção que recor dava a Madre M. Joseph os seus dias de postulante, quando era esperado no convento de Béziers o Prelado. Houve uma Academia em honra de Sua Eminência que louvou as pequenas artistas e alguns meses mais tarde veio comunicação da Casa-Mãe de que Sua Eminência tinha aceitado com satisfação o cargo de Cardeal Protetor do Instituto, mostrando-se amigo dedicado do "Sacré-Cœur de Marie" até à morte.

Foi ainda por êsse tempo que perdeu a Congregação e sobretudo Portugal e a Madre M. Joseph em especial, a santa e infatigável obreira, Madre Sto. Tomaz.

1900 era Ano Santo e, em Braga, M. M. Joseph procurou que êle abrisse com tôda a solenidade possível. Esteve o Santíssimo Sacramento exposto tôda a noite de 31 de Dezembro e o dia de Ano

Novo, início ainda de novo século e noite e dia se passaram em Adoração.

A casa de Braga progredia material e espiritualmente; Deus abençoava-a, concedendo-lhe numerosas vocações. Entre vinte e cinco alunas da divisão das mais velhas, cinco abraçaram a Vida Religiosa na Congregação e, graças a estas e às que no colégio do Pôrto e Vizeu ouviram também a voz do Espôso Divino, o Instituto em Portugal podia agora manter-se com pessoal português e mesmo fazer frente a novas fundações.

Para êste resultado havia concorrido muito o intenso amor de Deus e as altas qualidades de govêrno das Madres Sto. Tomaz e M. Joseph. Agora, já na idade madura, conservava esta ainda o espírito jovem e gostava de animar as alunas com passeios e festas. Tivemos ensejo de falar da bela data da Imaculada Conceição, sempre celebrada com tanto esplendor. Havia Missa Solene, admissão de Congregadas, reunião de antigas alunas e em tôda a parte aparecia a Madre M. Joseph, a executar êste ou aquele pormenor, a conversar com alguma mais acanhada, a dilatar os corações. Queria que tôdas estivessem alegres e felizes, sentindo-se à vontade no seu colégio. Também animava os jogos e brincadeiras e não admitia idéias acanhadas e vistas curtas. Tinha como princípio que a virtude na mulher deve ser a flor e o perfume da vida, o seu melhor ornamento e não coisa que a diminua e a torne pouco amável ou antipática.

Um dia una aluna em quem já despontava a vocação religiosa corre a procurá-la preocupada: — “O meu irmão quer que eu vá com êle a um baile ao Pôrto! Que hei-de fazer?” — “Ora essa, diz Madre M. Joseph muito decidida, vá e dê-lhe êsse prazer!” E até a ajudou a preparar o lindo “traje a rigor”.

Por vêzes, quando as meninas se mostravam menos dóceis ou as notas deixavam a desejar, itinha por costume dizer-lhe com um aceno de cabeça: “Olhem que me vou embora para a América.” E isto dava sempre resultado, porque tôdas a estimavam muito e tal idéia mesmo a brincar aquietava-lhes logo as cabecinhas travessas. Contudo essa terra longínqua, às discípulas e até à sua dedicada mestra, só lhes surgia à imaginação, como uma região quimérica, um país de sonho.

Por Regra, nenhuma Superiora deve permanecer no govêrno de uma casa além de seis anos. Madre Marie Joseph o sabia: êsse ano de 1903 trar-lhe-ia sua transferência, e, de passeio a Vizeu onde a Madre St. Liguori ainda exercia o seu cargo, lembrou-se de que provavelmente se tornaria a capital de Beira seu novo campo de ação.

Deus, no entanto, tinha outros desígnios... Num quente dia de Julho, ao aproximar-se de um grupo de alunas maiores, alegres e cheias de vida, essas a cercaram como habitualmente e notaram-lhe com surpresa excessiva seriedade no semblante.

E ao acolhê-las, teve um triste sorriso: “Tenho de as deixar”, escapou-lhe. — “Para ir para a América?” — perguntou de brincadeira uma do grupo e tôdas riram com a frase do costume. Mas desta vez ela não riu. Sentiram as meninas um baque no coração: “Mas está zangada conosco? Está a falar a sério?” Madre M. Joseph respondeu-lhes a verdade. Era chamada a Béziers e ignorava se voltaria.

Que profunda desolação em todo o colégio! As alunas e as mães choravam inconsoláveis... A uma postulante, que tinha sido sua aluna e se lamentava pela perda de tão grande amiga, deu êste conselho: “Minha filha, nunca te prendas a nenhuma religiosa individualmente. As religiosas são como as andorinhas: hoje aqui, amanhã, Deus sabe...” Porém, por sua vez, sentia, aguda, a saudade: parecia que perdía parte do ser. Havia dezoito anos que chegara ao Pôrto, em pleno verdor da mocidade e de ideais! e êsse período tão fecundo em trabalhos por Deus tinham-na prendido a Portugal. Este lhe parecia uma pátria e realmente nunca lhe acudira a lembrança de que poderia ter outro campo de ação senão onde labutava, ardente e generosa, há tanto tempo!

De Deus eram outros os desígnios, repito. Traçava-lhe planos bem diversos. E à vontade de Deus, queria-a hoje Madre M. Joseph ainda mais do que outrora a quisera Joana Butler. Com muitas saudades, mas também com um coração disposto a novos empreendimentos, preparou a partida para França. Na resposta a Béziers só formulava um pedido: esperar que a Madre Bon Conseil, que se extinguia, cerrasse enfim as pálpebras. O médico havia dito ser questão de pouco tempo e ela gostaria tanto de assistir aos últimos momentos dessa filha espiritual que encaminhara desde os bancos escolares...

Aguardou a resposta, mas, quando chegou o último correio e não lhe trouxe, resolveu partir. Foi à enfermaria para dizê-lo à doentinha. Um sorriso iluminou o rosto pálido da jovem religiosa, ao ver entrar sua Superiora que se curvou sobre ela e lhe acariciou as mãos descarnadas. — Sabe, minha filha, fui chamada à Casa-Mãe e quanto antes... terei mesmo de partir amanhã." Desvaneceu-se o sorriso no rosto da moribunda que tomou da mão de Madre M. Joseph e suspirou. Depois voltou o sorriso e ela murmurou: "A minha Mãe vai para a Pátria e eu também..."

CAPÍTULO VI

DO VELHO AO NOVO CONTINENTE

Foi um dia de lágrimas aquêles em que M. M. Joseph saiu da casa de Braga em direção a Béziers e dali para rumo desconhecido...

Comunidade e alunas, tôdas, tôdas a cercavam chorando e ela, escondendo no coração as lágrimas, a cada uma sorria e animava. Era um dia de verão encantador e na Benção entoou a sua melodia preferida, em louvor da Mãe Celestial: "Maria Mater gratiae". Madre Ste. Foy lembrara-se de lhe pedir para a cantar, embora algumas religiosas opinassem que recusaria em circunstâncias tão comoventes. Enganavam-se. Subiu ao côro e a voz bem timbrada e forte, repassada de expressão, cantou-a até ao fim, sem uma falha. Mas, se a harmonia se manteve segura e clara, em baixo os soluços enchiam a capela. A última nota foi tão firme como a primeira. Depois de um momento de silêncio, ergueu-se a voz grave do Sacerdote a entoar a antífona e todos rogaram a Deus e à SSma. Virgem, acompanhassem aquela que as ia deixar...

Saiu logo após a Benção e prometeu à Comunidade que faria todo o possível para que lhes mandassem a Madre St. Liguori, se ela não voltasse.

Contudo tôdas confiavam que regressaria para a direção do colégio de Vizeu; ela mesma levava no coração essa esperança, ainda que a não manifestasse. Sorriu-lhes mais uma vez e deixou-as entregues à alta proteção da celeste Mãe.

Ei-la de novo em Béziers, percorrendo os corredores e o parque, relembrando cenas passadas e contemplando as mudanças que o tempo operara. Durante alguns dias, sentiu-se jovem e sem cuidados; parecia-lhe ser de novo a postulantezinha que corria para a capela nas frias manhãs de inverno, que escutava a palavra vigorosa do

Padre Gaiihac, há muito adormecido em Deus na Capela Redonda ao lado dos bons amigos, o Sr. e a Sra. Cure. Lembrava-se da adolescente saudosa que tanto tinha chorado, por causa do francês que não entendia e da preciosa liberdade que tinha perdido... e agora sorria, ao pensar na doce ingenuidade dêsses primeiros passos. Firmara a resolução que a trouxera a êsse Berço, trabalhara e aprendera com os anos que a verdadeira liberdade consiste em obedecer.

Uma das primeiras coisas que lhe disseram na Casa Mãe, foi que lhe haviam respondido para Braga que poderia ficar até que expirasse a Madre Bom Conselho. Infelizmente a carta não chegou a tempo. Pouco depois, de Braga vinha a notícia de que a jovem religiosa se finara no dia seguinte ao da sua partida muito serenamente, com o rosto iluminado pelo mesmo sorriso que lhe notavam, sempre que M. M. Joseph entrava no seu quarto de enfôrma.

Pouco tempo depois, a Comunidade Bracarense soube por sua vez da sua querida Superiora. Não voltaria para Portugal, comunicava em carta, ia para uma fundação na América! A frase que tanta vez dissera a gracejar transformava-se em realidade.

A Irmã Vitória devia ir encontrá-la em Béziers para a acompanhar para a América. No fêcho da carta, dava-lhes a boa notícia de que a Madre St. Liguori iria substituí-la em Braga.

Pouco depois começavam a chegar-lhe presentes das alunas antigas e atuais e de numerosas pessoas amigas e uma das cartas que os acompanhavam assim dizia: “Em Béziers, a nossa querida Mãe saberá quanto era estimada das suas filhas de Portugal”.

Nesse momento absorvia-se ela em estudar o presente e perscrutar o futuro, êsse futuro que a preocupava.

As quatro Conselheiras — Madres St. Félix, St. Charles, Ste. Constance e St. Calixte, — que a tinham escolhido para ir trabalhar tão longe, não o haviam feito sem maduro exame. A Madre São Basílio, Fundadora nos Estados Unidos, espírito atraído antes para a solidão do que para a ação, não conseguira acomodar seu esforço ao ritmo das amplas necessidades que solicitavam o interêsse de educadores religiosos nesse grande país. Era uma alma muito santa, compreendendo maravilhosamente o espírito de religião e a perfeição monástica, mas sem a envergadura exigida para fazer progredir uma obra tal como a fundação da América. Havia se dedicado, mas, em vinte e cinco anos,

a Congregação não conseguira sair da pequenina área onde começara senão para outra pequena casa no extremo de Long Island, sítio pouco propício ao desenvolvimento, por não possuir então suficientes meios de transporte.

Precisavam de uma Superiora firme e experiente, mas empreendedora ao mesmo tempo, que se abalançasse aos trabalhos necessários para fazer progredir as fundações. As Conselheiras Gerais bem sabiam como a Madre M. Joseph tinha governado bem e feito progredir Braga, por isso confiavam-lhe agora o futuro da Congregação na América...

Princípios invulgares tivera nos Estados Unidos a história da Congregação.

Alguns anos antes de M. M. Joseph chegar como postulante a Béziers, o Padre Gailhac havia acompanhado a então Superiora Geral, Madre St. Félix, a Roma, onde foram submeter a Regra da Congregação à aprovação do Santo Padre Pio IX.

Na Cidade eterna conheceram uma senhora, Mrs. Sarah Peter, que viera a Roma com uma peregrinação americana. Nova ainda e recém-convertida, era extremamente zelosa, em especial no tocante ao Catolicismo no seu país, ainda uma terra de Missão, nesse tempo em que faltavam Congressões Religiosas para o ensino e a enfermagem, grande lacuna! e Mrs. Peter já tinha conseguido, com os seus pedidos instantes e ofertas de auxílio material, quatro grupos de religiosas para a cidade de Ohio onde vivia.

Agora andava em combinações para obter outro grupo para Cincinnati e procurava também religiosas que se dedicassem ao ensino.

Nada conseguiu nesse primeiro encontro com o Fundador do "Sacré-Coeur de Marie". Porém no ano seguinte viram-se outra vez em Roma e novamente a Sra. Peter insistia com o Padre Gailhac que mandasse alguém da sua Congregação para o Novo Mundo. "Com um tal Fundador", dizia a ver se conseguia convencê-lo, "já sei que as suas filhas nos levarão algo de seu largo espírito". Informada dos métodos educativos da Congregação, sentia que correspondiam perfeitamente às necessidades de seu país.

Agora muitas pessoas em Roma já falavam ao Padre Gailhac da muita influência de que gozava a Sra. Peter na sua terra e da sua viva fé, por isto, antes de deixar Roma, prometeu o Fundador man-

dar-lhe para a América algumas Religiosas, logo que ela lhes tivesse arranjado casa, o que pensava conseguir, apenas lá chegasse.

A notícia de que breve haveria uma fundação nos Estados Unidos causou o maior entusiasmo em Béziers. Era lá tão longe... As religiosas nem sequer imaginavam como aquilo seria. Porém, semelhante à África e à China, estava êsse país de legenda incluído entre os campos de Missão no estrangeiro...

Quem é que não desejava ser escolhida para os Estados Unidos? O Padre Ganlhac, entretanto, não se apressou e só em 1877 decidiu aventurar-se e propôs as que deveriam levar a empresa à realização.

Escolheu quem soubesse ao menos um pouco de inglês para se prevenirem as dificuldades dos princípios e escreveu à Sra. Peter, a anunciar a partida das Irmãs, recebendo os seus agradecimentos e a promessa de uma casa e auxílio.

Nessa época era M. M. Joseph postulante, recém-chegada ao Convento. Mas tomou parte no entusiasmo da aventureira despedida e, quando o pequeno grupo se fez à vela no início de Fevereiro, do pôrto do Havre, como as outras ficou esperando ansiosa por notícias daquelas exploradores de almas juvenis.

As primeiras cartas contavam os contratempos sofridos e muito se podia adivinhar nas entrelinhas.

Primeiro, a viagem fôra tormentosa. Tôdas enjoaram e sentiram o maior alívio ao aportar no cais de North River. Supunham que a Sra. Peter as viesse esperar e iriam imediatamente para a tal casa onde começariam logo o seu trabalho. Porém, ninguém no pôrto... E lá ficaram no cais... a olhar desoladas para aquela terra estranha — o Novo Mundo — onde apenas conheciam uma pessoa e essa mesma parecia tê-las desamparado...

Nisto aparece uma senhora procurando alguém e logo se dirigiu a elas, cumprimentando-as. Explicou que era a Sra. Dallon, de Brooklyn, e que a Sra. Peter havia adoecido repentinamente e falecido no mês anterior, já sem haver tempo de avisar para Béziers, adiando a partida das Irmãs. Contudo ainda tivera a calma de combinar com as Irmãs Franciscanas do Hospital de S. Pedro ali perto, para receberem as religiosas do "Sacré-Coeur de Marie" temporariamente. Essas Irmãs tinham vindo também a pedido da Sra. Peter alguns anos antes e sentiam muito gôsto em receber as estrangeiras.

As seis pobres irmãs, agora já mais tranquilas, acompanharam a sua nova amiga, pedindo, no entanto, para entrar primeiro na igreja mais próxima, onde agradeceriam a Nosso Senhor o chegarem a salvação e se ofereceriam a Êle para todo o trabalho que a Sua Providência lhes quisesse indicar nessa nova pátria.

No dia seguinte, depois de um cordial acolhimento por parte das Irmãs do Hospital e de uma boa noite de descanso em terra firme, souberam que estava decidido não irem para Ohio, mas sim para Sag-Harbour em Long Island, ficando a ensinar na paróquia do Padre James Heffernan.

Dera-se essa mudança em consequência da morte inesperada da Sra. Peter e pouco depois o Padre Gailhac comunicava numa carta seus entendimentos com um dedicado sacerdote que já lhes havia adquirido uma boa casa em meio a vasto terreno.

Efetivamente quinze dias depois da chegada aos Estados Unidos, Madre Basílio e as cinco Irmãs dirigiam-se a Sag Harbor, não sem expressarem, à despedida, o mais vivo reconhecimento pela tão cordial acolhida no Hospital de S. Pedro.

A pequena cidade para onde iam agora, tivera o seu passado. Centro muito próspero de pesca da baleia, comerciando com as Índias Ocidentais, fôra outrora o segundo porto de mar em importância, logo abaixo de Nova York. Ainda que protestantes a maior parte dos seus moradores, havia contudo uma Missão Católica estabelecida desde o princípio daquêle século, se bem que, só há uns vinte anos, o Sacerdote católico lá residisse permanentemente. Agora, em 1877, os estaleiros estavam parados e os baleeiros já não saíam à pesca; a cidadezinha vivia, pois, da pesca nas águas locais. O espetáculo que se deparou à vista das Irmãs, ao chegarem ao pôrto, não foi nada lisongeiro. No mês anterior, havia um incêndio devastado a frente do pôrto e mistér iôra às recém-chegadas atravessar ruas embaraçadas de escombros, antes de atingirem o seu destino, a um quarto de légua do local do sinistro. Porém ficaram encantadas, ao ver o edificio que lhes estava destinado. Era uma vasta casa colonial com altas e graciosas colunatas, largos pórticos e vastos e bem cultivados terrenos em volta. A casa estava bem mobilada e souberam logo que tôda a vila recebia com agrado as religiosas vindas de França.

Moravam ainda em Sag Harbor muitas famílias, cujos antepassados haviam sido poderosos comerciantes muito viajados e apreciavam a cultura intelectual, portanto gostavam de ter um colégio onde as filhas aprendessem o francês e outras línguas modernas.

A 15 de abril de 1877, a casa foi benzida por Sua Excelência Mons. Longhlin, primeiro Bispo de Brooklyn, acolitado pelo Revdo. Padre Heffernan. No dia seguinte principiavam as aulas. Duas Irmãs tomaram conta da Escola paroquial que até então tivera professorado leigo cuja incompetência muito afligia o Sacerdote. As outras começaram o colégio — ou Academia — como lhe chamava o Jornal de Sag Harbor, dizendo que o seu fim era inspirar às alunas uma alta idéia da Religião, formar os seus corações na virtude, cultivar-lhes o espírito pelo estudo das diferentes ciências e torná-las, não só ornamentos na sociedade mas modêlos de verdadeira e sólida piedade. E acrescentava: “A saúde é beneficiada por exercícios físicos e o porte, maneiras e pronúncia são alvo de contínuas atenções”. Anunciava também que o estabelecimento admitia externato e internato.

No ano seguinte, havia 19 internas e bom número de externas; as três professoras tinham imenso que fazer. Recebiam também meninos até aos doze anos. Três das primeiras alunas graduadas tornaram-se noviças na Congregação, sendo uma delas a filha da Srz. Dalton que recebera as Irmãs à sua chegada. Mais religiosas vieram de Béziers, quando se tornou evidente que a obra, bem consolidada, reclamava auxílio.

Estava tudo em franco progresso, quando inesperadamente surgem dificuldades internas. Levanta-se uma questão com o Pe. Heffernan e êste escreve para Béziers à Madre Geral, pedindo-lhe a substituição da Superiora. Foi grande a surpresa na Casa-Mãe, tanto mais porque meses antes o Padre Heffernan, numa viagem que fizera à Europa, falara ao Padre Gailhac do imenso aprêço em que tinha a habilidade e o trabalho de Madre Basílio. Donde essa transformação? Talvez tivesse a sua origem na opposição que encontrou, quando o Padre quis interferir nos negócios internos do Convento. A Madre Basílio foi chamada a Béziers para prestar esclarecimentos aos Superiores, mas voltou no ano seguinte ocupar o seu pôsto em Sag-Harbor.

O Padre não só recusou reconciliar-se, mas procurou afastar os paroquianos das religiosas — situação delicada, porque todos as estimavam, mas também não queriam desgostar o pároco que lhes construíra uma igreja e o presbitério, reunira o rebanho disperso, formando com êle sólida e ativa família paroquial. Até o Bispo lhe aconselhou desistir dos seus agravos. Sentiram todos, pois, um grande alívio quando, em 1886, foi S. Revcia. transferido para uma paróquia de Brooklyn.

A casa progredia com o acréscimo de novas alas e a construção de outro andar. Também se ergueu uma capela para substituir a primitiva. Faltavam, porém, vocações e a comunidade ainda recebia reforços unicamente da Europa. Em 1902, ofereceu-se outra fundação em Long Island City para a qual vieram várias religiosas de Inglaterra, e durante o primeiro ano a Madre Basílio cumulou o cargo de superiora das duas casas; contudo aguardava solução mais adequada ao bem das duas fundações e um dia ficou radiante, ao saber que viriam para a América duas outras religiosas, afim de ajudar no estabelecimento recém-fundado e uma delas era a Madre M. Joseph Butler. À vista daquele nome, logo se delinearão na imaginação da bondosa superiora consoladores projetos. Talvez conseguisse agora o que há tanto tempo desejava: descansar das responsabilidades do govêrno.

À sua passagem por Béziers, ouvira lisongeiros referências à M. M. Joseph, como excelente professora e hábil superiora, em cujas mãos progrediram tanto as fundações portuguesas e Madre Basílio preparou-se para a receber de braços abertos. Madre M. Joseph é que pouco conhecia da história da fundação da América e agora na Casa-Mãe interessava-se cuidadosamente por ela, traçando planos para o seu novo trabalho. Nas horas livres, ia venerar as reliquias dos Fundadores e parava às vêzes junto do confessionário, a recordar as palavras de sabedoria que ali tinha ouvido, orando na intenção de obter fôrça e coragem para os graves encargos que pressentia e luz para as suas responsabilidades. Às vêzes cantava. As Religiosas antigas gostavam de a ouvir de novo e as jovens escutavam-na com delícia. Várias vêzes ergueu a voz no belo hino — "Maria Mater Gratiae" e, na manhã em que se despediu da Casa-Mãe, suplicaram

sôdas à Mãe de graça e de Misericórdia, a guardasse na longa travessia do Atlântico.

No vapor "S. Lourenço" seguia agora Madre M. Joseph com a irmã coadjutora francesa, Vitoria, que lhe era um auxílio, um entretenimento e por vêzes motivo também de desagrado.

A irmã tinha uma idéia fixa: a "*Ma Mère*" precisava ser servida e cercada de atenções. Mas ninguém podia ocupar-se dela, a não ser ela, Irmã Vitória, que disto estava encarregada... Passou a maior parte da viagem a censurar os criados e a rabujar com os oficiais de bordo, por não chegarem a entender que a "*Ma Mère*" era a pessoa mais importante daquele transatlântico!... Todavia o seu rápido francês misturado a um português mal falado e a uma ou outra palavra de inglês, tornavam felizmente as suas acusações ininteligíveis. Quando chegaram a Nova York, não permitiu que tocassem na bagagem da "*Ma Mère*" e conseguiu fazer compreender, parte por palavras e parte por mímica, que tomaria conta de tudo e não admitia que ninguém se ingerisse. Mas eis um guarda na Alfândega que pede a chave da mala a M. M. Joseph; esta por sua vez a reclama da irmã, já que ciosamente a guardara consigo, como tudo mais da "*Ma Mère*". Agora é a pobre irmã que se vê embaraçada. A maletazinha não lhe está sob o braço! Desata a chorar — "Oh *Ma Mère*, le porte-feuille?" O saquinho? Lá se foi...

O "trágico" dura, porém, um instante, porque aparece um carregador a correr para ela. — "Irmãzinha, perdeu um tareco?" — "Um tareco! repetia a Madre muito admirada, mas a Irmã já dera conta do que o bom homem trazia: — "Ah! voilà le porte-feuille!" e agarrou logo nêle, deixando a Madre a agradecer ao homem o trabalho enquanto a Irmã soltava, numa confusão de línguas, alegres exclamações: "Bon homme! Nice man!" em acenos de agradecimento a que êle jovialmente correspondia.

Com que profunda comoção encontrou a M. M. Joseph o seu irmão Tom a esperá-la no cais! Vinte anos que não o via, mas teve a ilusão de que voltavam ao passado. O cenário desapareceu. Julgaram-se por um momento outra vez em Ballynunnery.

Nesses tempos, um dia um rapaz e uma menina tinham vindo da escola apostando corrida e a menina para ganhar saltara da janela do segundo andar com grande pasmo e aflição do irmão. Hoje uma reli-

giosa de hábito escuro caminhava ao lado de um cavalheiro distinto, trajando com a máxima elegância. A adolescente transformara-se em educadora ponderada e culta e Tomás, por sua reconhecida capacidade, tornara-se o braço direito do primo James, nos sérios negócios a que se entregara nos Estados Unidos.

As feições tinham mudado com os anos, mas nos olhos da religiosa ainda brincava o mesmo sorriso que animava os de Joana Butler e Tom olhava para ela com a admiração daqueles tempos de folguedos e despreocupação. A Irmã Vitória, reduzida ao silêncio, contemplava-os a ambos, admirando-lhes a semelhança de fisionomia e expressão.

Tom Butler levou as duas religiosas para o seu carro onde a mulher esperava para conhecer a cunhada e seguiram juntos para Long Island City. A espôsa de Tom era bonita, muito viva, de olhos castanhos e expressivos, espirituosa e dotada de uma graça natural muito semelhante à de M. M. Joseph.

A Comunidade esperava a sua superiora com muita alegria, no vestibulo onde se tinham reunido para a receber e, trocadas as apresentações, M. M. Joseph pediu a uma das religiosas, as levasse à sala de visitas. Madre Malachy ficou atrapalhada, sorriu e levou-os para uma pequenina sacristia, enquanto duas irmãs traziam umas cadeiras. Em resumo, não havia sala de visitas... Conversaram um pouco, sentados em cadeiras trazidas da cozinha e M. M. Joseph foi fazendo as honras da casa como pôde.

Depois de terem prometido ajudá-las no que fôsse necessário, saíram os dois e foram agora as religiosas mostrar a casa à Madre Superiora. E não levou muito tempo; além da escola que ocupava todo o primeiro andar, havia uma sala grande que servia de sala de jantar e de comunidade, alguns pequenos quartos, uma Capelinha e a cozinha. Se a Madre Superiora sentiu o grande contraste entre a bem mobilada e espaçosa casa de Braga e esta, ninguém o soube. Esperou pelo dia seguinte para tomar conta dos seus deveres, com tôda a boa vontade e verdadeiro espírito missionário que não conhece o que é lastimar-se. A Irmã Vitória é que se encarregava das lástimas. “Ma pauvre Mère, eu muito triste. Em Portugal ela ter tudo, aqui ela ter nada...” Madre M. Joseph ria das suas aflições e dizia: “Irmã, não vivemos no passado, vamos vendo o que podemos fazer no presente

e, quanto ao futuro..." Mas a irmã não cessava de carpir a sua sorte.

Verdade é que, quando a Madre Superiora chegou a Long Island City naquele findar de 1903, pouco conforto material encontrou, porém apreciou logo a pequenina comunidade de Irmãs jovens, prontas a auxiliá-la, e isso era para ela de maior valor que o dinheiro. De resto, só pensava em ter as suas freirinhas contentes e felizes e em aumentar o número das alunas.

Procurou que as religiosas estudassem com cuidado para os exames oficiais obrigatórios, arranjando-lhes mesmo explicador de Matemática e sentiu-se satisfeita, quando tôdas receberam o seu diploma. Animou-as também a estudar música, o que não era no seu parecer parte de somenos importância entre os estudos.

Descobriu talentos para essa "arte divina" e arranhou cursos de música vocal e instrumental.

O primeiro inverno foi de muito frio e Madre Butler, depois de tantos anos passados em clima temperado, estranhou muito, tanto mais que fechavam os irradiadores à sexta, depois da saída das crianças, e só os abriam à segunda-feira de manhã. Por vêzes as pobres religiosas estavam tão enregeladas que Madre Butler lhes temia pela saúde. Cansadas do trabalho da semana, com aquêlo frio extremo, quando se juntavam a expandir-se em recreio na sua sala comum, quase nem lhes apetecia falar. Então a superiora comprou-lhes uma estufazinha e sentavam-se-lhe à roda enquanto, maternal, as alegrava, contando-lhes engraçadas histórias. Preparava-lhes "cházinhos" quentes na cozinha, afim de prevenir resfriados ou afecções mais graves que poderia resultar do rigoroso inverno, e isto completamente esquecida da própria pessoa.

Em troca, como a amavam! Mas quem poderia deixar de amar a essa Mãe sorridente que trabalhava para elas, cantava para as consolar, lhes aquecia as mãos, os pés, e chorava quando era testemunha de seus sofrimentos? Se na cozinha cuidava da saúde do corpo, na pequenina capela, entoando louvores diários com a sua deliciosa voz, levantava e aquecia as suas almas.

De França, levara consigo um livro de que lia por vêzes em comum um capítulo, quando juntas cosiam à roda da pequena estufa. Era a vida de uma jovem religiosa francesa, Thérèse Martin, carmelita

de Lisieux. A Madre Butler o pressentia: aquela freirinha encantadora chegaria a ser proclamada “santa” pela Igreja. Vibrava-lhe a voz, ao traduzir os delicados rasgos de humildade e amor divino, penetrando bem na vida interior da jovem carmelita.

Na véspera de Natal, à Madre Butler sobrevém de repente uma lembrança: não tinham feito o pudim para o jantar do dia seguinte. Corre à cozinha, põe um avental sobre o hábito azul e deita-se ao trabalho com o que encontra à mão. Ainda que ao pudim fumegante, que no dia seguinte apareceu de surpresa no fim da refeição, faltassem alguns dos aromáticos ingredientes que essa tradicional sobremesa costuma levar, a comunidade encantada afiançou que nenhum jamais lhe pareceu mais gostoso em tôda a vida do que êsse que mãos tão carinhosas haviam preparado.

As religiosas de Sag-Harbor escreviam frequentemente a outras casas da Congregação a contar as maravilhas da América, mas não falavam da sua pobreza. Evidentemente a idéia era evitar que as louvassem ou lastimassem. Histórias um tanto pitorescas a respeito da abundância nos Estados Unidos se tinham espalhado, especialmente uma que até chegou a Portugal e Madre Butler acreditou:

“Tanta era a fruta que bastava estender o braço pela janela, para a colher”. Um dia em que foi a Sag-Harbor tratar de negócios, perguntou: “Qual foi das Irmãs que contou para a Europa aquelas histórias a respeito das frutas aqui? Todo o caminho, bem que procurei, quando o combóio parava, alguma frutinha madura e doce para colher pela janela. Quanta fantasia para atrair a gente e fazer atravessar os mares!...”

Apesar da pobreza e frio, ia-se vivendo feliz. A jovem Madre São José, cuja saúde se achava realmente abalada, mandou-a a boa superiora passar uns meses na Irlanda. Com os ares da pátria, pôde voltar perfeitamente restabelecida. No verão melhoravam as coisas. O irmão de Madre M. Joseph obteve-lhe um lugar delicioso para irem passar as férias no campo e emprestou-lhes um carro e um cavalo a que Madre Butler chamou Malcus. Assim puderam ir à Missa todos os dias, pois a Igreja ficava um pouco longe.

Muito mais teria êle feito, mas a Madre M. Joseph nunca lhe dizia o que faltava. Se soubesse do inverno que tinham passado e lhe houvesse sido dado ver a sua querida irmã roxa de frio tanta vez,

certamente teria modificado muita coisa. Ela, porém, calava, e só aceitava auxílios quando destinados à escola.

Madre Butler mesma guiava diariamente o carro e gostava de sentir as rédeas na mão, ainda que se tratasse agora de uma égua mansa e pachorrenta em vez dos fogosos cavalos da casa do pai.

Umás férias maravilhosas para tôdas. Em setembro voltaram com novo vigor ao trabalho. Mas chegou outra vez o inverno e, ao fechar-se o aquecimento nos fins da semana, a Irmã Vitória revoltava-se. Tinha trazido a sua superiora com mil cuidados, através do Atlântico. Testemunhara-lhe depois o duro sofrimento durante um inverno inteiro... clamara contra tudo e contra todos. Não poderia consentir em vê-la arrostar com outro semelhante. O seu inglês já fizera alguns progressos, ainda que falasse sempre a correr. Agora deita-se a perseguir o Pe. Maguire sempre que o via. "Olhe para "Ma pauvre Mère". Eu tão triste... Em Portugal ela ter tudo, aqui ela ter nada, nada, mon père, e põe-na doente, não lhe dão calor". Outras vezes ia esperá-lo à alameda da entrada: "Eu quebrar gêlo esta manhã, eu quebrar gêlo todo o tempo. — Vós fazer gêlo, mon Père". Referia-se à ordem de fechar o aquecimento. "Agora vós fazer calor".

E ou porque ela o aborrecesse com tanta lamúria ou por haver afinal compreendido que devia ter maior solicitude por essas distintas senhoras que o estavam ajudando — enérgicas e sacrificadas, sim, mas sujeitas como qualquer outra às delicadezas do seu sexo — o certo é que o Padre concordou em deixar aberto o aquecimento, também nos fins da semana.

Quando alguma religiosa ficava impossibilitada de cumprir seus deveres ordinários por uma emergência qualquer ou por doença, Madre Butler ia substituí-la na sala de aula. Então podia julgar por si da audácia dos pequenos americanos em matéria de travessuras. Mas meninos ou meninas... quem não gostava dela? A autoridade não a fazia impertinente. Tratava as crianças com lealdade, ouvia-as como à gente crescida e elas gostavam... Iam ao seu gabinete e punham-se-lhe em volta da secretária confiadamente.

Um dia perguntou a uma pequenita: "Que desejas ser quando cresceres?" Sem nenhuma hesitação respondeu: "Dansarina ou irei-

ra!” E a Madre muito séria: “Até podes ser uma coisa e outra.” E contou-lhe a história do “Jogral de N. Senhora”.

Muitas das crianças eram pobres. Informava-se discretamente do que lhes faltava em roupas e obtinha-as dos Butler e de outros amigos. Não tinha acanhamento de pedir para elas, o que levava algumas religiosas, testemunhas de como facilmente se comovia com qualquer história, a reccar abusassem da sua boa fé.

Ao passo que a Comunidade ia prosperando, já não era preciso gastar todos os vinténs em coisas essenciais. Por isto a sua escrivinha foi-se tornando um reservatório de tudo quanto dá prazer: — rebuçados, medalhas, santinhos, livros, que sei? Tudo era rapidamente distribuído, mas Tom Butler e a mulher sabiam da história e sempre que a visitavam renovavam o fornecimento.

Numa das visitas levaram alguém em sua companhia. A dama, Madre Butler nunca a tinha visto, mas o cavalheiro? Olhou-o por um momento e exclamou: “Olá, James! E’s James Butler, não é verdade?” e êle, acenando que sim e apertando-lhe as mãos nas suas: — “Então nisto foi que se transformou a nossa travessa Joana?!”

Os presentes sorriam, porque era engraçada a conversa entre êsse homem importante, afeito a grandes negócios, e a superiora de um convento.

Durante alguns momentos felizes, volveram à juventude e Tomás ria a bom rir da série de partidas cada qual mais engraçada que iam recordando. Depois de sair, a Sra. James Butler não se cansava de louvar a prima. “E’ espantoso que, habituada a conviver com tanta gente culta, agora, aos quarenta anos, se adapte a esta situação tão acanhada”.

A mulher de James e Madre Butler compreenderam-se desde logo. Maria Ana O’Rourke, educada em Liverpool com as Religiosas de “Notre Dame”, conservava sempre o primeiro fervor de católica, empregando a sua grande fortuna na prática do bem. Sabia do trabalho realizado por Madre Butler em Portugal e admirava-se de como podia ajustar-se agora àquele cantinho e pobres cadeiras, recebendo lá as visitas como se fôsse num brilhante salão.

E’ que a saleta tinha um grande Crucifixo na parede e um quadro de S. José com o Menino Jesus — e eis o que lhe dava real valor.

Por fim começou a aparecer o elemento decisivo que faltava às fundações da América há tantos anos: as vocações. Em Sag-Harbor as houvera nos primeiros anos, eclipsaram-se depois.

Agora vinham algumas jovens de ideal compartilhar da alegria e da vida de sacrifício de Madre Butler. Progredia também a escola e em 1906 abriram uma outra casa em Borough Park, Brooklyn. Parte da comunidade mudou para lá.

Porém um trabalho de larga envergadura esperava agora a Madre Butler. Patrocinado diretamente pela Sra. James Butler, as duas primas tinha-no discutido em longos entretenimentos. A Sra. James Butler mostrara sempre vivo interêsse pela educação católica, sobretudo a educação feminina da alta classe, problema a que trouxera solução cabal o Fundador das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie".

Madre Butler confiava-lhe ser o fim do seu colégio revelar N. Senhora às educandas, para que estas encontrassem em seu Sagrado Coração um modelo a imitar. Por seu lado, a Sra. James Butler conhecia o sistema de educação da Europa e, como a Sra. Peters, apreciava as Instituições Católicas de Ensino.

De viagem ao Velho Mundo no ano anterior, trouxera uma idéia e agora expunha-a a Madre Butler. Queria comprar terreno e construir uma Academia e Escola Superior onde meninas da posição social de suas filhas pudessem encontrar conveniente preparação à vida e à sociedade. Infelizmente, em 1906, antes de poder executar um plano tão louvável, faleceu repentinamente de um colapso cardíaco.

Inconsolável ao princípio, o marido pouco a pouco começou a refletir que a mulher não lhe consideraria a dor pessoal como uma maneira digna de lhe perpetuar a memória e então decidiu-se a realizar o projeto que tantas vezes lhe ouvira, como sendo do seu maior desejo. Seria o monumento da sua saudade a imortalizar-lhe o nome, a criação dessa obra que tantas vezes planeara com a prima.

Procurou Madre Butler e confiou-lhe a sua decisão: "Vou colocar parte do meu dinheiro em "bancos celestiais" — disse — "Maria Ana ficará contente, bem o sei".

Pediu uma audiência ao Arcebispo Farley para a semana seguinte. Mal suspeitava Sua Excelência Reverendíssima o que lhe queria James Butler. Julgava que se tratasse de lhe obter algum favor, em troca de outro muito grande que James Butler tivera ocasião

de prestar-lhe no ano anterior. Sua Excelência Reverendíssima, ansioso por pagar a dívida da Catedral, tinha-o consultado; a resposta de James Butler foi a oferta de uma soma generosa e a promessa de ainda angariar outras entre os seus amigos de negócio. Com grande admiração e contentamento do Arcebispo, tôda a dívida ficou paga dentro de uma semana. Não é para admirar que o Arcebispo estivesse pronto a atendê-lo e a conceder-lhe o que pudesse desejar.

Quando o Sr. James Butler chegou, abordou um assunto de vital interêsse para o Prelado: — a educação, especialmente a educação católica. Há anos vinha Sua Excelência Reverendíssima procurando melhorar as escolas paroquiais; tinha protegido imenso a Associação Nacional de Educação Católica, a Universidade Católica, havia construído cinquenta escolas e duplicado o número de crianças que nelas estudavam. Fundara ainda uma obra — “Os obreiros de Deus e da Pátria”, Associação de Professores Católicos, que auxiliavam na educação religiosa dos filhos de emigrantes impossibilitados de seguirem o Curso Dominical Católico.

O Sr. Butler expôs a sua idéia ao Arcebispo: a obra em memória de sua falecida espôsa. Escola Superior que pudesse competir com as melhores instituições seculares do gênero, tanto nas instalações quanto na eficiência e valor da educação e ensino ministrado. Era de opinião que tal obra, entretanto, requeria religiosas de elevado nível pedagógico. — “Ah, disse o Arcebispo tristemente, pois é essa a grande dificuldade: uma obra dessas exige professorado à altura e difícil é obtê-lo”.

Então o Sr. James Butler continuou: “Conheço a Madre Superiora de uma escola em Brooklyn que é capaz de nos livrar do embaraço. E até, por uma admirável providência, é minha prima; mas não lhe exagere as qualidades por isto. Está à frente de uma pequena comunidade de religiosas muito instruídas, falando o francês e o inglês perfeitamente. Tem dotes de administradora, fôrça e coragem e fará progredir esta obra. O Arcebispo sorriu: — “Você faz dela o melhor conceito”. — “Sim, é verdade, a confiança que deposito neste plano vem-me dela”.

Conversaram muito ainda a respeito do projeto, mas o Arcebispo queria assegurar-se melhor. Com uma administração capaz e as condições financeiras que lhe dava o Sr. Butler, a obra assentaria em

solos alicerces, mas era mister examinar de perto primeiro as religiões, antes da aprovação definitiva. — “Porque não há de estabelecer-las primeiro na cidade, onde Madre Butler grangearia amigos e auxiliares para preparar essa obra?” — lembrou êle. E dispunha por acaso de um lugar que lhes poderia ceder desde já: uma escola paroquial em Bronx.

Na semana seguinte, o Sr. James Butler foi a Borough Park: discutir com a prima os seus planos e encontrou-a perfeitamente de acôrdo com êles, prometendo escrever logo à Superiora Geral, em Béziers, afim de a pôr ao corrente das propostas.

No início de 1907, estava tudo pronto para a abertura da Escola que ficava situada na paróquia de Sto. Tomaz de Aquino. O Sr. Butler arranhou casa para residência das Irmãs. Dizia êle: “Devo dar duas casas e duas escolas. E’s capaz de arranjar pessoal competente para o ensino?” — “Claro está que sim”, respondeu tôda entusiasmada.

Agora realmente é que o trabalho na América se ia expandir. Para que hesitar perante as dificuldades?

Situada na Rua 176, perto de Bronx Parque, lugar arborizado e muito perto da escola, a casa estava habitada por um Ministro protestante e a mulher, mas deviam deixá-la livre, dois dias antes da chegada das religiosas.

No dia 8 de Setembro, o grupo de irmãs saiu de Borough Park, tomou o combôio elétrico subterrâneo e, carregadas de bagagem, ficaram bem contentes quando avistaram a nova residência. Ao chegar, verificaram, no entanto, estar cheia de mobília que não lhes pertencia. Mal podiam atravessar a entrada, embaraçadas com caixas, valisas, cestos de louça embrulhada em papéis, que sei? Na cozinha Madre Butler foi descobrir um homem e uma mulher a abrirem uma mala.

— “Prometeram-nos esta casa hoje vazia e limpa”, disse. “Peço desculpa de ter vindo enquanto ainda aqui estão, mas talvez houvesse algum engano...” O homem largou a corda, enquanto a mulher continuava o serviço, sem um olhar nem um sorriso para as viajantes.

“E’ que... nós ainda não arranhamos casa para nós, por isso pusemos a mobília no primeiro andar e ocupamos o segundo!” Madre Butler não podia compreender semelhante explicação. — “E para onde havemos de ir?”, diz ela. Êle dignou-se ficar um tanto embaraçado: “Pensamos, pudessem talvez ocupar as águas furtadas!...”

Madre Butler voltou ao vestibulo falar com as irmãs e de novo foi à cozinha, agora com uma proposta: “A nossa mobília está a chegar. Rogamos a fineza de retirarem a sua para um guarda-móveis e o mais que podemos fazer é reservar um quarto para a sua mulher, enquanto o senhor procura casa”. O ministro olhou para ela com espanto. Bem se lhe lia nos olhos o que pensava: “Umás exóticas senhoras... seria ardil para o separar da sua mulher?” E essa não estava menos alarmada. O resultado da caritativa oferta foi que pela tardinha já quase tôda a mobília havia saído, assim como o assustado esposo da carrancuda matrona.

Madre Butler olhou em volta para os pavimentos cobertos de papéis rasgados e de lixo. — “Vamos pôr-nos a trabalhar”, disse ela, depois de muito terem rido. A mobília já está a chegar, é sábado e amanhã de manhã há de estar tudo varrido e em ordem. Madre Febronie junto da janela a observar as vizinhanças, exclamou: “Vem alguém”. — “Será já a mobília”, diz aflita Madre Butler. — “Não, é um homem e penso que é um padre”. Mas, olhando melhor: — “Santo Deus! é o Arcebispo”. Não se enganava, era mesmo o Arcebispo! Foi uma recepção única a do Prelado e do seu Secretário em meio a tanta confusão. Por um instante olhou em redor do vestibulo vazio. Nem cadeiras nem mesa nem sequer um cabide para o chapéu! Valisas, maletas, embrulhos e a mala do ministro protestante que só devia partir mais tarde... Madre Butler explicou a situação e ofereceu para se sentarem a mala do pastor, que foi aceita no meio de gargalhada geral.

À tardinha veio Mons. Lavelle fazer uma visita amiga. Nessa hora já havia chegado a mobília, o chão estava varrido e puderam oferecer-lhe uma cadeira para se sentar.

Poucos dias passados na nova casa e Madre Butler e a sua comunidade aprendiam por experiência o que vale o apóio de altas personalidades, pois não foi animadora a maneira como foram recebidas em Bronx.

O Pároco, Padre Coyle, e o seu Cura, Padre Barry, eram muito bondosos, mas percebia-se claramente que essa comunidade de Irmãs de França não correspondia ao que aspiravam. A escola era um projeto dos dois sacerdotes que vinham trabalhando, há anos, para a realizar e o edificio ainda não estava pronto; tinha apenas o rés-do-chão

que servia de assembléa paroquial e um primeiro andar onde tencionavam fazer uma sala de reuniões. E... não pensavam abrir a escola, enquanto os andares superiores não estivessem terminados!

Era de supor, portanto, que ninguém estava lá muito satisfeito com a decisão do Prelado, mas conformaram-se todos e pelos fins de Setembro via-se o rés-do-chão transformado em salas de aula e ali a Escola se abriu. Arranjaram uma sala para capela temporária, o que foi um alívio para as religiosas. Até aí eram obrigadas a ir à Missa à Paróquia, no extremo da Avenida Tremont. Com sol ou com chuva, Madre Butler e as suas religiosas diariamente assistiam ao Santo Sacrifício, de forma que agora sentiam a vantagem da capela assim próxima.

Logo que o trabalho se normalizou, Madre Butler tratou de organizar um curso de estudos para as religiosas. Algumas tinham chegado há pouco da Europa e não conheciam os métodos de ensino americano.

Tôdas as manhãs as irmãs iam do Convento à Escola e tornaram-se familiares às pessoas que as viam passar. Nunca, porém, se dirigiam a quem quer que fôsse nem paravam a falar. Os habitantes da paróquia sentiam-se por isso acanhados. Respeitavam-nas e admiravam-nas, mas alguns tinham dificuldade de compreender a vida de meia clausura que levavam essas senhoras. Eram, entretanto, umas vizinhas tão sossegadas e distintas e o seu trabalho com as crianças dava tanto resultado que já começavam a sentir gôsto em as possuir.

Madre Butler fundou logo uma Congregação de Filhas de Maria entre as jovens do lugar. Nos dias de festa de N. Senhora havia cerimônias e procissões bem organizadas a que todos queriam assistir.

Ganharam fama também no ensino da música, que lecionavam aos sábados e durante as horas livres, e com grande entusiasmo da criançada, Madre Febronie começou até a organizar uma orquestra na escola. Ao mesmo tempo as representações da Escola S. Tomaz de Aquino tornavam-se célebres no bairro.

Eis porque, se no dia da abertura do curso pequena era a frequência, no trimestre seguinte já era grande a afluência de alunos e, muito antes de o edifício estar concluído, as aulas literalmente cheias

~~impunha~~ o doloroso dever de recusar outras matrículas. Ao mes-
~~mo tempo~~ ~~em~~ ganhando amigos e, nomeado o Padre Barry diretor da
~~escola~~, as dificuldades do princípio desapareceram. Faziam-se agora
~~plano~~ para a hora em que as finanças lhes permitissem a realização:
— ~~construir~~ o edifício, construir um convento, um presbitério, etc., etc.

Desde o dia em que o Arcebispo Farley as fôra visitar em Nova
York, acompanhara com vivo interêsse o trabalho das Religiosas do
"S. C. de Marie" e James Butler por sua parte o imitava, esperando
que o Arcebispo se convencesse de que Madre Butler e as suas reli-
giosas eram capazes de executar o grande plano do Colégio Feminino
de Ensino Superior, em memória da sua muito querida Mary Anne.

Várias vezes ia conversar no assunto com a prima e encontrava-a
sempre a delinear projetos para o dia em que a obra se tornasse uma
realidade. Agora era tempo de começar a procurar local que lhe agra-
dasse. Na sua opinião estava indicado o condado de Westchester,
pesquisou-o em várias direções. Afinal conseguiu o que desejava:
uma propriedade antiga pertencente a família de amigos de longa data,
os Reynards, grande, murada e acessível para a cidade. Então convi-
dou o Arcebispo Farley um dia para almoçar na sua casa de campo:
Eastview, em Westchester. Passaram o tempo antes do almoço a ver
o sítio e as cavalariças onde o Sr. Butler contou os triunfos dos
seus cavalos de corrida, escutando o Arcebispo com grande interêsse,
pois também era apreciador de cavalos.

Depois do almoço foram dar um passeio de carro pelas pitores-
cas estradas que ladeiam os lindos lagos de Tarrytown. De repente
o Sr. Butler mandou parar o carro diante de uma linda vivenda.
— "Eis um lugar que serve para o colégio", disse. E apontou para
um edifício na encosta da colina. O Arcebispo fixou-o uns momentos
e depois estendeu a vista para os cabeços arborizados de Pocantico
e para os lagos prateados ao lado. O Hudson espraiava-se em baixo,
formando nesse ponto o encantador Tappan Zee. Pela frente, a vista
abrangia vasta extensão de terreno até às altas paliçadas fronteiras.
Voltando-se para o seu amigo, confiou-lhe: — "Na verdade não se
pode imaginar lugar mais belo; se o resto fôr semelhante, a proprie-
dade é ideal". — "Creio que Vossa Excelência Reverendíssima achará
tudo a contento; se está disposto, vamos ver a casa".

A carruagem tomou pela avenida da propriedade dos Reynards e o Arcebispo com o Sr. Butler percorreram e examinaram, pormenor por pormenor, local, casa e terrenos.

— “E’ realmente maravilhoso para o seu colégio e tem tôda a minha aprovação, se a adquirir para êsse fim”, disse, concluindo, o Arcebispo, e regressou ao seu palácio sumamente satisfeito.

Alguns dias depois falava sua Excelência Reverendíssima com Madre Butler e depois de lhe ouvir de novo a determinação de trabalhar com todo o afinco para o êxito do colégio que o primo planeava, os olhos do Arcebispo fixaram-se-lhe nas longas e largas mangas do hábito. — “Minha filha, se faz tenção de realizar tôdas essas esperanças, bem pode arregaçar essas mangas...” Ela sorriu e respondeu: “Já o tenho feito mais do que uma vez, Excelência Reverendíssima”. Por seu turno sorriu também o Excelentíssimo Prelado, acrescentando agora com grave reflexão: “e conservá-las arregaçadas...” ao que ela respondeu também já séria: “Também o posso fazer”.

Então discutiram a educação católica, ambos inspirados pela mesma idéia de desfazer as objeções dos católicos de alta posição social, a respeito das instituições católicas, incapazes em sua opinião de lhes dar às filhas a instrução completa e a educação sólida que exigia o progresso dos nossos tempos:

— “Não há dúvida que o mais necessário em Nova York são colégios que atraíam não só os melhores católicos mas até os mais mundanos, de forma a que já não dêem preferência para as filhas às instituições seculares”, considerou o Arcebispo. “Mas olhe que é um problema tremendo, Madre. Terá de ganhar fama e contrapor-se aos melhores; terá de ser verdadeiro e totalmente católico, de ser mesmo melhor do que os melhores...” Madre Butler fitou serenamente Sua Excelência Reverendíssima: — “Parece-me que com o auxílio de Deus o poderemos fazer. Vem exatamente procurando preencher essa lacuna o nosso Instituto em França desde que se fundou e para o mesmo fim abrimos casas em vários países da Europa. Sempre procuramos dar o melhor, tanto em instrução religiosa como profana, mas claro está que a nossa verdadeira fôrça tem sido uma completa e inteira confiança no Sagrado Coração de Jesus e em sua Mãe Santíssima”.

Depois dessa entrevista, compreendeu o Arcebispo que a confiança de James Butler na prima era bem fundada; dotada de energia natural e sobrenatural, levaria a cabo a sua empresa.

Agora sim, ia realizar-se o plano providencial que a trouxera à América; poderiam continuar os trabalhos locais e paroquiais já começados, mas seriam completados pelo fim principal: exercitar as jovens nos altos princípios da educação cristã, formar pioneiras para os círculos católicos futuros.

E era àquela pequenina comunidade que estava reservada tão grande tarefa: — “Será obra de Deus”, dizia Madre Butler consigo; “o zelo suprirá o número e o amor do Sagrado Coração de Maria chamará os nossos corações”.

Sentia-se contente; abria-se-lhe à frente longo e árduo caminho, mas o Sagrado Coração de Maria nunca lhe tinha faltado.

Indubitavelmente Ela levaria a obra aos cumes antevistos.

E até já tinha nome para a sua nova casa:

Marymount — Monte de Maria.

CAPÍTULO VII

COMEÇOS DE MARYMOUNT-ON-HUDSON

Depressa se ultimaram as combinações de Madre Butler com a Superiora Geral em Béziers e com o Arcebispo de Nova York. Madre St. Félix sentia-se feliz por ver as suas esperanças realizadas na expansão das casas da Congregação na América. Em Dezembro de 1807, o local do Colégio havia sido adquirido e o edifício esperava as suas novas habitantes.

O solar ficava quase ao cimo de uma colina densamente arborizada, aos pés da qual se estendia Tarrytown e ao largo, o rio Hudson. Era um lugar esplêndido, sadio, tendo à volta belas propriedades particulares, portanto escolhida vizinhança.

Tarrytown era uma povoação muito antiga, fundada pelos Holandeses que lhe arrotearam o terreno, cultivando o cânhamo e o trigo — e o próprio nome vinha-lhe da palavra holandesa “tarry” que significa trigo.

Madre Butler que gostava de investigar as origens remotas dos lugares onde vivia, achou interessante os princípios de Tarrytown. Não era tão antiga como Ballynunnery ou Béziers, contudo tinha a sua história também. Até à Revolução, os ingleses haviam sido senhores do distrito de Rye. Então, holandeses, irlandeses e até muitos descendentes de ingleses mostraram-se ardentes patriotas. Na noite anterior à retirada dos ingleses de Nova York, o General Washington estava, reza a história, como hóspede em casa de um tal Frederico Philipse, perto do lugar onde hoje se acha Marymount. O fato é, porém, discutível, porque o dono do solar, êsse Philipse, conhecido Legalista, quando Corwallis se rendeu, fugiu para a Inglaterra e todos os seus bens inclusive essa propriedade foram confiscados. Passou então para os Pauldings e em seguida para os Reynards e agora, com-

prada pelo Sr. James Butler, passava êle as escrituras em nome da Madre Butler e das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie".

O Sr. Reynard tinha começado a construir casa na propriedade, quando morreu. A viuva terminou a construção, segundo a planta feita e aí viveu com os cinco filhos e duas filhas bastante tempo. Crescidos, êstes estabeleceram-se e, não precisando de casa tão grande, resolveu vendê-la; ficou radiante, quando o seu procurador lhe disse a quem ia agora pertencer a casa que tanto estimava.

O dia 8 de Dezembro, dia em que as religiosas iam tomar posse da sua nova fundação, caiu num domingo frio, ameaçando neve.

Foram quase as únicas viajantes que se apearam do comboio na pequena estação de Tarrytown Heights. Tomaram a bagagem formada de algumas malas usadas e uma estátua de Nossa Senhora e começaram a subir a colina que conduzia à sua nova colméia. Não era longa a caminhada, porém já sentiam os dedos enregelados, quando viram um fumo zinho acolhedor a subir da chaminé do edifício. Madre Butler ficou encantada com o aspecto da casa — desenho colonial de tijolo vermelho, com uma larga varanda. Pararam um momento, antes de transpor a larga porta da velha mansão. Altas árvores, agora despidas, estendiam-se até ao monte Pocantico e os lagos com a sua leve camada de gelo pareciam espelhos.

Sete eram as Religiosas que vinham formar a pequenina comunidade e tôdas, exceto uma, tinham já estado com Madre Butler em Brooklyn e em Bronx. Só Madre Gerard é que acabava de vir da casa de Seafield na Inglaterra.

Justo quando Madre Butler ia para descerrar a porta, esta abriu-se e dois rostos sorridentes appareceram a apresentar boas-vindas: eram o Sr. James Butler e o Padre Lennon, Pároco da igreja de Pocantico.

Dentro, estava a residência deliciosamente quente e quando Madre Butler exprimiu sua surpresa por isto, o primo sorriu, explicando: "Chamamos o James Regan, que foi aqui jardineiro muito tempo, afim de nos abrir a casa e prepará-la um pouco para vos receber.

Souberam também que estavam de posse de um grande cão de guarda que se recusara a sair quando os Reynards foram embora e agora saudava as novas donas com alegres latidos.

Foi então que surgiu mais alguém, vindo da parte posterior da casa: uma risonha rapariga de têrço na mão!... Era Katie Waters, ~~uma~~ postulante a quem tinham recomendado, se apresentasse em Tarrytown na manhã de 8 de Dezembro. Ei-la que cumpre alegremente a determinação: às 8 horas aí está, não encontrando senão o jardineiro, que agora aparece atrás dela bastante embaraçado. Então ela explica que se lembrou de começar por fazer um pouco de oração e pediu àquele senhor para rezar o têrço com ela e acabavam exatamente naquele instante. Logo que pousaram as maletas e trocaram os cumprimentos repassados de justa admiração pelas maravilhas que as cercavam, Madre Butler desembrollou a estátua que trouxera consigo e voltando-se para James Butler: “E’ de Nossa Senhora o primeiro lugar na sua nova casa”, e colocou-a com cuidado sôbre o precioso mármore do artístico fogão da sala de visitas. Agrupadas em volta da superiora, entoaram então um “Magnificat” que ecoou pelas vastas salas da casa. “Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes...” E ao fim do bellissimo hino, Madre Butler emocionada exclamou: “Em honra de Maria, a Imaculada Virgem, e em memória de Maria Ana Butler, chamaremos a esta nova fundação: “Marymount — Monte de Maria”. Que lindo nome! Que prelúdio! Que programa!

Em seguida visitaram a casa, admirando os candelabros de cristal e a suntuosa escadaria de carvalho. Madre Butler, entretanto, ia cogitando consigo que tudo aquilo era muito lindo, mas só havia uma cama nos quartos e a dispensa estava vazia...

O Sr. Butler, como se lesse nos seus pensamentos, disse-lhe sorrindo: “Não se aflija, vêm tôdas hoje jantar a Eastview”. E contou-lhes uma delicada história, presságio daquele momento em que chegavam para habitar tão lindo recanto. As duas jovens Reynard haviam voltado para as férias, do convento onde estudavam em França. A mãe deu um baile em sua honra e durante a festa, enquanto se distraíam todos, correram as duas ao jardim, enterrar uma pequena estátua de Nossa Senhora, pois rezava uma velha tradição que um dia aquela propriedade seria ocupada por religiosas e elas desejavam preparar-lhes os passos, santificando antecipadamente o lugar, com a presença, às ocultas, da Mãe do Céu...

Gostava imenso Madre Butler da idéia de enterrar medalhas e estátuas porque sentia inteira confiança na sua eficácia, por isto, que satisfação ouvir que aquelas meninas lhe tinham assim preparado os caminhos!

Prontas a partir para Eastview, Madre Butler lembrou com pesar: não tinham tido Benção do Santíssimo, naquela grande festa da Imaculada Conceição. O Sr. James Butler não respondeu, mas, enquanto rodava o carro pela estrada de Wilson Park, a sua vista fixava uma cruz, à distância. Os sinos da velha igreja holandesa anunciavam cinco horas, quando desciam à porta do Convento das Irmãs da Misericórdia. — “Aqui, estou certo de que encontra o que quer”, disse o Sr. Butler. Então Madre Butler recordou o piedoso costume de formular três desejos, quando se entra numa igreja pela primeira vez.

As irmãs receberam-nas muito bem e Madre Butler exultou, ao curvar a cabeça para receber a Benção naquele dia, não só iluminado pela beleza da Imaculada, mas enriquecido de um tão grande dom para o seu coração cheio de desejos de fazer bem à juventude. Quanta gratidão e amor no seu “Adoremus in aeternum”, ao final da cerimônia!

Depois de um jantar muito agradável em casa dos Butler, decidiu voltar a Bronx passar a noite e duas ficaram em “Marymount”: Madre Sacré Coeur e Katie Waters. No dia seguinte, Madre Butler mandaria camas e tudo mais que era preciso.

De regresso para Tarrytown, dois dias após, encontraram Katie Waters, que tinha assumido o papel de cozinheira improvisada e temperava com as suas constantes brincadeiras o café que não era lá dos melhores! E ainda se servia dêle para tingir os ovos lá encontrados e brancos demais, ao lado dos escuros das galinhas de James Regan!...

Fez o que podia até que veio substituí-la a Irmã Joana, afamada cozinheira e não estrepante de boa vontade.

O Pe. Lennon aparecia de vez em quando, a dar os seus conselhos e a contar histórias. Conhecia todo aquêlê distrito, as suas lendas e contos do tempo da ocupação holandesa com as escaramuças guerreiras! Contou-lhes o caso do “Cavaleiro Decapitado” que elas talvez poderiam ver nalguma noite bem escura, a galopar sem cabeça com o famoso capitão Kidd, o qual, dizia a lenda, vinha depositar os

ricos despojos subtraídos arditosamente, nos rochedos conhecidos por Kidd's Rocks.

— “Não conheço o Capitão Kidd”, dizia Madre Butler, “mas, quando era criança, muita vez esperei ver o “Cavaleiro sem cabeça” a entrar-me pelo quarto dentro e a galopar por cima da minha cama, pois também há essa lenda na Irlanda”.

E o bom do Padre continuava as histórias, referindo-se aos navios dos ricos holandeses, que do seu país traziam peles, trigo e frutas. Quando estalou a revolução, combateram com tal denodo pela pátria adotiva que o Governador Tryon ordenou a destruição do Tarrytown, pois, afirmava: a povoação não se rende nem a dinheiro nem à força das armas. Também fôra capturado em Tarrytown o célebre Major André cuja alma, diziam, ainda por lá penava. Porém as novas proprietários da histórica colina jamais chegaram a entrever o tal “Cavaleiro Decapitado”, ou algum dos outros heróis revolucionários. Não tinham tempo para essas quimeras nem de noite nem de dia. Andavam, sim, bem atarefadas, com a saia do hábito presa para cima e as mangas arregaçadas, a pôr tudo em ordem e a preparar uma capelinha onde pudessem abrigar o Divino Hóspede. Enquanto aguardavam pela sua feliz vinda, iam à Missa e Benção às Irmãs da Misericórdia.

Felizmente a casa pouco mais precisava do que uma boa limpeza e a fachada pintada de novo. Além disso era fácil adaptá-la ao uso do colégio e da comunidade. Para isso trabalharam e dir-se-ia haver lá muito mais obreiras e não passavam dos “sete gozos de S. José”, como lhes chamava Madre Butler.

Estava próximo o Natal e queriam tudo pronto para a celebração do Nascimento do Divino Rei.

A véspera dêsse Aniversário Cristão, belo e consolador entre todos, despontou serena e fria, na colina, sôbre o Hudson. Ao cair a noite, o silêncio era apenas interrompido pelo estalar do gêlo ou por algum trenó deslizando pela estrada.

Nos corredores de Marymount havia alegria, uma certa expectativa, enquanto enfeitavam a sala grande que deitava para a avenida do parque.

Por fim, quase à meia noite, ouviu-se a campainha e o Padre O'Byrne subia a escadaria. Já as Religiosas estavam reunidas, quando êle entrou na improvisada capela, onde se fez ouvir a linda voz de

Madre Butler, cantando: “O’ noite santa...” Na realidade era uma noite santa para tôdas elas. Repetia-se o milagre de Belém: nem altar havia, apenas uma mesa para depor a Sagrada Hóstia. Os paramentos eram simples e os linhos sem enfeites. A sala, um arremedo da capela que já então planeavam. Mas ali havia amor e isso bastava. De tarde disseram-lhes Madre Butler: “Como os Magos, ofereci o oiro do vosso amor, o incenso das vossas fervorosas orações e a mirra dos vossos trabalhos e mortificações”. E ei-las a oferecer êsses dons, mais queridos ao Divino Infante que os esplendores das Catedrais.

Mas, se não foi farto, foi feliz o primeiro Natal de Marymount. Pelo Correio viera um cheque que a tôdas encheu de curiosidade e de esperança. Quantos planos para o emprêgo do dinheiro!

— “Carteiras, carteiras é de que precisamos, para o colégio”, reclamava Madre Gerard, pensando na sua futura aula.

— “Paramentos, eis a necessidade imediata”, repetia Madre São José, a sacristã.

— “Um piano”, acudia do lado a pianista.

E uma por uma, cada qual pedia o que julgava fazer falta no seu emprêgo: — esta quer uma prensa para espremer os grandes limões e Katie tem a esperança de que a quantia será gasta em parte em uma máquina de torcer roupa. Ao abrir o cheque, Madre Butler estendeu-o aos olhares desapontados de tôdas: cinco dólares! apenas o equivalente de cem cruzeiros atuais. Alguns dias depois o Sr. James Butler veio visitar as religiosas e alguém indiscretamente narrou-lhe o ocorrido. Em resposta disse-lhes simplesmente que vinha disposto a dar-lhes um presente, inquerindo de cada uma o que desejava. Lá saiu tudo, desde o piano e o espremedor de limão até à máquina de torcer roupa. Êle tirou do bolso o cheque — um papelito azul igual ao outro — mas desta vez, quando foram examiná-lo, puderam ler: cinco mil dólares!

Agora que já estavam bem adaptadas à nova casa, era necessário estudar o problema do colégio. Madre Sacré-Coeur tinha voltado para Bronx como superiora, restavam-lhe três professoras; uma delas, Madre Gerard, que seria também diretora do colégio. Era uma mestra magnífica, tendo já ensinado na Academia do Coração de Maria de Seafield, depois de tirar diplomas de Filosofia e Letras nas Universidades de Oxford e Cambridge. Desde logo se mostrou in-

substituível, porque possuía dotes magníficos para orientadora dos estudos: saber, juízo são, muito entusiasmo, irradiação e simpatia!

Madre Butler tinha-a pedido para a nova fundação e notou logo que a sua Assistente, a par dessas grandes qualidades, era favorecida por um gênio muito alegre, grande energia e otimismo a tóda a prova; a obra requeria todos êsses recursos. Duas outras professoras, Madre S. José e Madre Evangelista, também possuíam o dom de ignorar dificuldades e de ver tudo côr de rosa. Em breve se lhes juntou Madre Estanislau que, além de excelente professora de piano, tocava pelo menos meia dúzia de outros instrumentos. Juntas tornaram o primeiro inverno menos difícil. Mas a alma da casa era Madre Butler. Como superiora guiava o barco, porém, se era superiora, era ainda mais amiga e mãe. Havia humildade na sua autoridade e gratidão no seu coração, por cada pequenino serviço prestado à causa de Deus. A sua coragem não admitia obstáculos quando se tratava de fazer a vontade de Deus Nosso Senhor.

— “Tudo posso n’Aquêlê que me conforta” — ser-lhe-ia a divisa, se quisesse sintetizar a sua vida numa frase, como o Apóstolo. A tóda a hora a podiam consultar e procurar, porque a encontravam sempre pronta a atender e sabia ganhar o coração das suas religiosas. Mais tarde, quando começaram a vir postulantes, com que bondade as tratava, como sabia ser maternal com elas, de forma que tódas se sentiam à vontade na sua presença.

Já sabemos que Madre Butler tinha a experiência dos longos anos passados em Portugal, mas quantas vezes nessas primeiras semanas se lhe apertou o coração, ao ver quão poucas obreiras para seara tão vasta. Nessas ocasiões lembrava-se de que aquêlê grupinho de filhas dedicadas já tinham passado com ela horas amargas, em casas pequeninas, entre vizinhos hostís, suportando os frios intensos da primeira fundação; pensava também que outras viriam ajudá-las com o andar dos tempos e sobretudo que não havia lugar para desânimos, pois o Sagrado Coração de Maria estava com elas, a inspirá-las e dar-lhes forças.

Aqui ao menos tinham uma situação encantadora que a fascinara desde aquêlê dia 8 de Dezembro em que pela primeira vez a visitou. O rio Hudson divisava-se em graciosas curvas, através dos ramos nús

das árvores. Em baixo, no vale, o casario de Tarrytown; em cima, Marymount a dominar o cenário.

Como gostava de se sentir naquelas alturas! Dava-lhe a sensação não só de grandeza e de beleza mas também de força e de poder, fazendo-lhe repetir interiormente atos de agradecimento a Deus, por as ter conduzido a tão magnífico local.

Começou agora o colégio a funcionar e numerosas pessoas iam visitá-lo e informar-se. Quantas amizades nasceram então e não se desmentiram jamais!

Uma das primeiras visitas foi do Pároco da Igreja de Irvington, Pe. Early, dessa igreja cujo sino melodioso fôra dos primeiros sons que ouviram quando ali chegaram. Padre Early foi quem lhes arranjou o primeiro altar.

Também os Padres Carmelitas mostraram extrema bondade. O primeiro Capelão era um Religioso Carmelita e, durante todo o inverno, quando a neve não permitia carros nem cavalos, lá ia um dêles a pé até Marymount, para que as religiosas não ficassem privadas da Santa Missa! Sempre à hora, lá estava à porta o Pe. O'Byrne ou Southwell.

Aquêles inverno passou-se com muito trabalho, sobretudo trabalho de preparação para a grande obra que planeavam. O maravilhoso cheque dos cinco mil dólares fôra bem aproveitado, dando carteiras, cadeiras, camas, mesas e tanta coisa de que careciam... Por vêzes as religiosas de Bronx iam lá passar o fim de semana. Tomás Butler também aparecia algumas vêzes a mandado do primo, que no inverno raro saía da cidade. A Sra. Ashman, parente de duas das religiosas, fazia-lhes frequentes visitas e, como proprietária de um grande hotel na cidade, que ela mesma dirigia, os seus conselhos a propósito de material, fornecimentos, etc., eram de grande utilidade.

De França, Portugal, Inglaterra e Irlanda recebiam cartas cheias de bons desejos e palavras amigas. E Madre Butler, ao ver a estampilha de Portugal ou de França, não podia impedir-se de sentir saudades das muitas amizades que por lá deixara; porém, ao responder-lhes, dizia — e era verdade — que se apaixonara pela América, êsse grande país, e admirava profundamente a simplicidade, generosidade e coragem daquêles povo, chegando mesmo a provocar naquelas

a quem escrevia desejos de atravessar o oceano, para ir ajudá-la nessa tarefa ingente em que se empenhara.

— “E’ vasta a messe”, dizia, “mas os obreiros ainda poucos”. E com a Superiora Geral insistia sempre que aguardava, ansiosa, sua auspiciosa visita às casas da América.

As vêzes a comunidadezinha de “Marymount” tinha a impressão de que a primavera nunca mais voltaria a vestir os ramos secos e a aquecer o Hudson gelado. Sentiu-se, porém, um dia um sôpro tépido e dentro em pouco foi a primavera realidade. Tôdas se sentiam mais alegres e cheias de vida. Contemplavam um quadro novo com os variados tons de verde das árvores, as manchas escuras das faias e, mesmo em frente da casa, o côr de rosa vivo de uma cerejeira do Japão.

Como gostavam de seguir os passarinhos, a construir ninhos em arbustos ou nas perfumadas magnólias que enchem o jardim! Madre Butler mostrou logo um certo interêsse pela cerejeira e muitas vêzes examinava da varanda os seus ramos onde poisavam os pintarroxos a tomar sol.

— “Tenho um pressentimento com aquela árvore”, disse uma vez. “Quando secar, parece que anunciará a minha morte”. Sorriu a religiosa que o ouvira; Madre Butler sorriu também, porque a árvore era vigorosa e a superiora estava então cheia de vida e de saúde.

Logo que o tempo permitiu, as aulas das pequenitas começaram a ser dadas ao ar livre, numa clareira do pinhal onde respiravam o ar acre dos ábetos. Ora, essa aula comportava então — “três alunas” — princípio não muito animador para quem tinha traçado tão largos planos. Mas o Pe. Donlon afirmava, apoiado numa certeza íntima: — “Não passaria muito tempo e estariam obrigadas a construir novos edifícios para abrigar as estudantes”.

Em Fevereiro de 1908, o colégio abrira com uma aluna. Certo cavalheiro do México, o Señor Elorduy procurava colégio para a filha, e o Dr. Furman, Diretor da Escola de Irvington, lembrou-lhe “Marymount”. Achava que a Diretora com que já havia conversado, tinha esplêndidos planos de educação. O Senhor Elorduy visitou o estabelecimento, mas mostrou não ser o que êle desejava para a sua Maria Teresa. Entretanto dois dias mais tarde voltou para matricular a menina, sem dar mais explicações.

Na semana seguinte, vieram mais cinco juntar-se a esta — Loreto Hanlon, da Flórida, as três irmãs Shearon e Mary O' Donnel, de Nova York. Até à abertura solene da Academia em Setembro, foi este o número total de alunas.

Contudo afeiçoaram-se imediatamente ao colégio e às religiosas, e, reciprocamente também, umas às outras. Quando foram para férias em Junho, — que esplêndido reclame! — a todos repetiam que o seu colégio era o melhor do mundo.

O verão passou depressa e as alunas fundadoras haviam combinado voltar em Setembro. Já se contavam também outras, inscritas para o trimestre do fim do ano. Contudo não era o bastante, pensavam alguns, para os planos que Madre Butler preparava pôr em execução. Até havia quem procurasse desanimá-la e dissuadi-la. Mas, na sua opinião, poucas ou muitas, as alunas deviam poder desfrutar das melhores vantagens tanto no espiritual como no material. Para o seu otimismo e a sua fé, o colégio era um fato consumado e por isso, com área tão extensa, havia onde desenvolver-se: planeou levantar uma ala nova junto a casa. E' curioso que só uma coisa a mortificava, coisa que geralmente não preocupa quem constrói — ter de derrubar algumas árvores! Ela amava as árvores, considerava-as como amigas e as religiosas por vêzes viam-na arrebatada diante das frondes magníficas de algumas no jardim. Uma vez, estando a passear com uma jovem professora, à vista de tão rica vegetação e das águas cintilantes do rio, parou e poisou-lhe a mão no ombro a dizer-lhe: "Ajoelhemos, filha, e louvemos juntas o Criador de tantas maravilhas!"

Ora, por mais que Madre Butler desejasse conservar tôdas as árvores, era evidente que algumas tinham de ser cortadas e então com que cuidados passava a calcular as que podiam poupar-se e as que necessário era sacrificar.

Durante os meses de verão completou os seus planos: levantar uma ala de quatro andares. A 9 de setembro de 1908, foi benzido o terreno, sendo o jovem Pierce Butler escolhido para dar o primeiro golpe de picareta. Em princípios de Novembro, as obras estavam bastante adiantadas e o Arcebispo Farley consentiu em presidir à festa do lançamento da pedra angular.

Pierce acolitava e leu, no seu entusiasmo de moço, a inscrição depositada na pedra: "Esta placa comemora o lançamento da pedra

angular das obras do Colégio "Marymount" entregue à direção das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie", em Tarrytown-on-Hudson — Nova York, no ano do Senhor 1908, doado pelo Sr. James Butler, Eastview, Nova York. — A pedra angular foi posta por sua Excelência Reverendíssima John M. Farley, D.D. Arcebispo de Nova York, na presença de muito clero e amigos, no ano quarto da presidência de Teodoro Roosevelt e no terceiro do Generalato da mui Revda. Madre Ste. Constance, Superiora Geral da Congregação do "Sacré-Coeur de Marie". A Comunidade de Marymount é composta da Revda. Madre Maria José Butler, Superiora, Madre S. João, Assistente, Madre Gerard, Diretora dos estudos, Madre Evangelista, Madre Dorotéia, Madre S. José, Madre Estanislau, Madre Teresa, Irmã Vitória, Irmã Dorotéia e duas postulantes coadjutoras: Catarina Waters e Maria Tisdale".

Nesse outono eram umas 20 as meninas, na abertura das classes. Juntaram-se na pequenina capela para ouvir a Missa do Espírito Santo e chamar as bençãos e luzes de Deus sôbre o seu novo ano escolar. Havia entre elas quatro grupos de irmãs: as Shearons de Long Island, três Driscolls, duas Standings e duas Cavanaughs. Umam eram da cidade e três do Kentucky e, além dessas, as fundadoras, que ocupavam, claro está, um lugar especial, engrandecido ainda na sua opinião. Eram de idades e adiantamentos diversos, de forma que se estabeleceram desde o início quatro classes ou divisões. Tinham lições separadas, ainda que por vêzes as salas servissem para várias aulas. A proximidade em que viviam professoras e alunas produzia uma certa vida de família que muita apreciavam.

A pequenina Edna Driscoll fazia-se porta-voz das suas companheiras, quando uma bela manhã, enquanto estudavam as suas lições debaixo dos pinheiros, se saiu com esta: "Eis a sala de aula mais encantadora que jamais outras alunas puderam ter".

O Sr. James Butler aparecia por lá algumas vêzes e gostava muito de gracejar com as pequenitas. E' curioso: êsse homem que tinha fama de severo, nunca Marymount o viu sem um sorriso rasgado. Suas filhas Beatriz e Genoveva e os três filhos James, William e Pierce, muita vez no verão, apareciam lá de manhã no seu carro, para assistir à Missa na capela do convento. As jovens a quem a morte da mãe cêdo havia amadurecido e cuja educação já estava ter-

minada, tomavam grande interesse pelos projetos de Madre Butler, em parte por os acharem interessantes, em parte por serem uma lembrança da sua querida mãe.

No verão de 1909, recebeu Marymount importante visita. A Superiora Geral da Congregação, Reverenda Madre Ste. Constance, visitou as fundações da América. Sempre tinha acompanhado com interesse os seus trabalhos. Madre Butler, contudo, desejava imenso que ela tivesse uma impressão pessoal e direta da obra estabelecida. Acompanhava-a a Madre St. Calliste, grande amiga e co-noviça de Madre Butler. Discutiram-se planos para o futuro, relembrou-se tempos de Béziers e de Bayssan. A Madre Ste. Constance havia entrado para a Congregação, já depois da ida de Madre Butler para Portugal. Por oposição da família, só aos 26 anos pôde realizar seus ideais e foi até por causa da firmeza da sua vocação que lhe deram o nome de Constance. Em 1905 fôra eleita quarta Superiora Geral das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie".

A Revda. Madre gostou imenso, ficou encantada com as várias casas dos Estados Unidos, especialmente com a beleza e a arte de "Marymount". — "Oh que vous avez de bon goût!" ia dizendo, ao percorrer os edifícios e os parques. A Madre Ste. Constance e a Madre St. Calliste voltaram para França no fim de Junho, muito satisfeitas com a obra de Madre Butler. A Superiora Geral agradecia a Deus a inspiração de terem mandado uma religiosa tão bem dotada para os Estados Unidos, pois, tanto a Madre Ste. Constance como a sua predecessora, nos primeiros anos nutriam poucas esperanças de ver consolidar-se as fundações da América. Agora antevia-lhes grandes promessas e voltava para Béziers sem cuidados pelas suas filhas do Novo Mundo, sonhando até com a expansão do seu Instituto até aos últimos limites do Continente Ocidental. Com Madre Butler ao leme, tranquilizava-se: o seu sonho se transformaria em consoladora realidade.

Portugal é que lhe causava agora sérias preocupações. Depois de meio século de trabalho e completo êxito, em 1910, o espetáculo foi desolador: tôdas as casas fechadas e as religiosas... dispersas. Escrevera à Madre Butler que certamente um grupo em breve procuraria asilo em "Marymount". Lamentavam ainda os pobres sacerdotes exilados, contando Madre Butler que dois dos que conhecera muito

visitadas pelas pessoas amigas. A construção, de tijolo e terra cota, de estilo gótico, ocupava dois lados de um quadrilátero. O vestíbulo da entrada tinha vidros de côres e, por sôbre a porta, em relêvo, destacava-se o escudo da Congregação encimado por uma cruz. Uma larga escadaria de mármore conduzia aos andares superiores.

O Sr. e a Sra. Tomás Butler tinham oferecido um vitral. Colocado no patamar, refletia o esplendor da luz da manhã. Representava o Sagrado Coração de Maria, parecendo sorrir a dar as boas-vindas aos que entravam. À direita um corredor cheio de sol conduzia à Capela e pela esquerda levava à sala de jantar onde as largas janelas abriam sôbre os lagos e por cima do fogão de sala também se podia ver um escudo com as armas e a divisa do "Sacré-Coeur de Marie".

No princípio do verão de 1910, fizeram-se as cerimônias da bênção e consagração da Capela. Nessa dia "Marymount" foi um centro de álaçre atividade. Bandeiras em tôdas as janelas abertas ao sol quente de Junho, plantas em vasos e urnas espalhadas pelo vestíbulo e corredores... Nos jardins, flores e árvores estavam um encanto. As cerimônias revestiram-se de pompa. Depois de feita a dedicação, o Arcebispo Farley, com os Monsenhores Hayes, Dunn, Lavelle, Edwards e Mooney, em vestes violeta, entraram em procissão na capela, sendo celebrada a Missa Solene por Monsenhor Edwards, pregando o sermão Monsenhor Lavelle. Falou dos grandes benefícios da educação católica e do papel da Igreja com relação aos colégios e às necessidades da sociedade. Terminou, louvando o trabalho das religiosas do "Sacré-Coeur de Marie" e o Sr. James Butler, graças ao qual aquela grande obra era uma realidade, perpetuando assim a memória de sua virtuosa esposa, que a sonhara para o bem das jovens católicas da alta classe.

Depois da cerimônia, Sua Excelência presidiu à formatura das estudantes de "Marymount" e seguiu-se o almoço na nova sala de jantar. À tarde, o Sr. James Butler deu ainda mais um presente às religiosas: numa reunião do Conselho Administrativo, entregou formalmente as escrituras de compra de tôda a propriedade àquelas que já a vinham usufruindo, as Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie". Foi um gesto público, muito significativo da confiança depositada no valor de Madre Butler como administradora. Todos sabiam que James Butler era homem de negócios, um "cérebro", que sabia distin-

para as apoiar as emprêsas prometedoras e bem dirigidas. A sua ~~atitude~~ demonstrava, portanto, a plena satisfação que lhe dava a ~~administração~~ administrativa de "Marymount".

Nesse mesmo mês, teve "Marymount" uma visita importante, a ~~qual~~ foi prestada brilhante homenagem, na vasta varanda engalanada ~~com fitas~~ de tocar.

Era o Cardeal Logue, Arcebispo de Armagh e Primaz da Irlanda ~~que~~ voltava do Congresso Eucarístico em Montreal. Não era a ~~sua~~ primeira visita a "Marymount", já havia estado lá em 1908.

Uma semana cheia. Mas o Prelado sempre conseguiu encontrar ~~tempo~~ para visitar os amigos, entre os quais James Butler, que o ~~acolhera~~ acolhera como hóspede um dia inteiro, em Eastview.

Começou por celebrar missa em "Marymount" e depois foi visitar a pista dos concursos hípicas e as cavalações de Eastview. O Cardeal mostrou desejos de ver uma corrida de cavalos e imediatamente o ~~satis~~ satisfizeram, organizando uma. A principio o Cardeal ia seguindo tudo serenamente, mas, quando James Butler Junior transpôs o primeiro obstáculo, brilharam-lhe os olhos e começou a aplaudir. Depois, os três rapazes Butler seguiram em apertada corrida e o Cardeal entusiasmou-se, deixando até cair o cronômetro que segurava na mão para marcar o tempo. No fim abraçou James, o vencedor: "Bravo, bravo!", disse-lhe, "auguro-lhe sempre êste vigor".

De tarde, houve em "Marymount" nova reunião. Varandas e galerias achavam-se enfeitadas com plantas, vindas expressamente das estufas de Rockefeller; pelos jardins espalhavam-se os Prelados e Sacerdotes a conversar. As estudantes com os seus vestidos brancos e largas fitas azuis, nos cabelos, davam uma nota agradável à festa. Nem faltaram dois mehininhos a servir de pagens: Oswald e Billy Lord. Nos dias precedentes, as alunas chegaram a cansar-se de ensaiar "cortesias", mas com que perfeição acolheram os ilustres visitantes, dizem-no as palavras do Bispo Brown, que tinha vindo da Irlanda com o Cardeal. Apresentou-lhes parabéns:

— "Melhor do que as damas da côrte da Rainha Vitória!" — disse. Edna Driscoll fez o discurso de boas-vindas a Sua Eminência, o Pe. O'Byrne falou de Tarrytown e por fim o Cardeal dirigiu a todas algumas palavras, manifestando o prazer que sentia, ao ver a amizade entre os católicos e os protestantes da América.

— “Eu mesmo não sou combativo”, disse, “gosto de deixar os outros, quando são sinceros, gozar das suas crenças e seguir a sua consciência”. E terminou, dizendo que a tolerância era uma das principais causas do engrandecimento da América.

Ao despedir-se na varanda, reparou na bandeira irlandesa, desfraldada ao vento ao lado da americana:

— “Duas belas bandeiras!” — exclamou. “Deus queira que sempre se conservem assim unidas!”

O mês de Outubro foi assinalado pela visita de outro Prelado ilustre: o Cardeal Vannutelli, Delegado do Papa e Protetor da Congregação do “Sacré-Coeur de Marie”. Trouxera o encargo de presidir à Consagração da Catedral de S. Patricio, acontecimento importante ao qual também estiveram presentes dois outros Cardeais — Gibbons e Logue — vindos propositalmente para tomar parte na solenidade. Importante foi essa cerimônia! Dava aos diversos círculos da cidade a consciência do significado internacional da Igreja Católica. Também demonstrava especialmente às outras Nações que a América já não era considerada pela Igreja como território missionário.

O Cardeal Vannutelli era um velho amigo de Madre Butler com quem já tinha estado em Portugal. Agora, ao visitar “Marymount” com o Arcebispo Farley, ouviu comovente cumprimento de boas-vindas e lindo canto de saudação, traduzindo a imensa felicidade de “Marymount” ao recebê-lo.

Depois o Cardeal e Madre Butler puderam conversar, ela, relatando-lhe os seus projetos e mostrando o que já estava realizado, referindo-se ainda à expansão da Congregação nos Estados Unidos. Sua Eminência prometeu assistí-la com os seus conselhos, como amigo e Protetor do Instituto.

Seguiu-se a visita de um outro Prelado, de forma que “Marymount” mal tinha tempo para os deveres usuais. Agora era o Bourne de Inglaterra. No vasto pórtico, depois de ter visitado as instalações, deteve-se a olhar em volta para aquela paisagem tão bela e esplêndido edifício, não podendo impedir-se de romper em admiração: “Deus dotou liberalmente êste lugar! Sob Sua altíssima Protecção, que grandioso futuro lhe estará reservado!!!”

CAPÍTULO VIII

EXPANSÃO DA OBRA-NOVICIADO-RETIROS

Nos fins de 1910, Madre Butler começou a pensar num assunto que lhe vinha atraindo a atenção de há muito: estabelecer um Noviciado Canônico em “Marymount”.

Falando nisso à Revda. Madre Ste. Constance, esta aprovou a idéia de todo o coração. Era evidente que, se a Congregação devia estender-se na América, necessitava de um Noviciado para as postulantes americanas, agora que as vocações se desenvolviam rapidamente.

Em resposta ao seu pedido urgente de uma experimentada mestra de noviças, mandaram-lhe de Portugal a Madre M. Baptiste Holohan, que havia entrado para a Congregação em 1900. Apesar de ter passado a sua vida religiosa a ensinar em Portugal, nunca Madre Baptiste se tinha encontrado com Madre Butler. Era um grande esteio que vinha reforçar o grupo já tão cansado. De 30 anos de idade, dotada de muito bom senso e bom humor, excelente disciplinadora, podia ao mesmo tempo desempenhar encargos no ensino, sobretudo no que se referia, às belas-artes, — um claro a preencher em “Marymount”. Era particularmente hábil no trabalho de cerâmica, mas a sua superiora pensou que ainda seria melhor plasmadora de almas e, um mês ou dois mais tarde, a convivência revelou-lhe uma magnífica mestra de noviças na recém-chegada, sumamente hábil em exercitar na perfeição religiosa, tarefa que exige qualidades muito acima do ordinário.

A 8 de Dezembro de 1910, chegavam a “Marymount” as duas primeiras postulantes — Jennie Kearney e Aloysia Twomey. Em Novembro, escrevera Madre Butler uma carta a esta última, dando-lhe instruções para a vinda e marcando-lhe o dia. Acrescentava em se-

guida: "Agradeça muito aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria o dom da vocação religiosa; só chegará a compreender êste privilégio, ao atingir uma idade avançada em Religião.

"Entregue a êsses amantíssimos Corações as suas preocupações e pesares e na Sagrada Comunhão de todos os dias encontrará a força de que necessita para corresponder ao chamamento divino. Ore também pelas nossas casas em Portugal que estão a ser fechadas e pelas pobres religiosas dispersas... inutilizando o trabalho de meio século!

"Como odeiam êsses ditadores maçônicos a Religião e o próprio Deus! Ore pelos pobres sacerdotes e religiosos; alguns já estão presos, incluindo os nossos bons amigos, os Jesuitas".

A uma outra postulante que se afligia por causa da falta de dote, escrevia: "Eis os dotes de que necessitamos: boa vocação, juízo e algum talento. Se trouxer um coração desprendido de tudo, será rica e muito bem recebida entre nós. A sua cela é tão pequenina, quase como a da Irmã Terezinha, e não lhe levará mutio tempo a familiarizar-se com o seu mobiliário. Não acrescente mortificações corporais à fadiga da viagem. Deve chegar bem disposta de saúde, como as antigas vítimas que eram bem tratadas, para se tornarem mais dignas de ser oferecidas".

As duas postulantes do dia 8 de Dezembro foram pioneiras em todo o sentido. A sua sala era na torre da casa primitiva, exatamente por cima do gabinete de trabalho de Madre Butler. Apenas separava as duas da sua superiora um curto lance de escadas e era para elas grande alegria sabê-la tão próximo, especialmente durante as saudades dos primeiros tempos. Então fazia-lhes frequentes visitas à sala da torre virada para o Hudson, a qual serviu a um tempo durante seis anos de sala de noviciado, capítulo e estudo.

Talvez a razão que tanta vez a levava lá fôsse o lembrar-se das saudades que ela própria havia sentido nas primeiras semanas em Bé-ziers, apesar de ter Molly Harrington por companheira. Nessas visitas, detinha-se a Madre um pouco a falar-lhes e as noviças sentiam-se felizes, tomadas da impressão de que estavam a fazer exatamente o que deviam, para executar o palno de Deus sôbre as suas vidas. Talvez o segredo dêste êxito decorresse do alto significado que tomava aos olhos da Madre Butler a sua missão, o que comunicava certa força moral às suas filhas. Para ela o seu ofício era um mister sagrado que

Importava não trair no mais insignificante pormenor. Cada alma que lhe era confiada, olhava-a como um tesouro precioso que impunha cuidadosamente guardar até a conduzir à desejada meta.

Uma das postulantes adoeceu pouco depois de ter chegado; enquanto estava de cama, absorvia-se com a idéia de que corria o risco de ter de renunciar à vocação, por falta de saúde. Madre Butler apparecia a animá-la com um sorriso e palavras de esperança, várias vezes ao dia. Já restabelecida e entregue ao trabalho, parecia-lhe que a superiora tinha a habilidade de adivinhar, justo os instantes em que se sentia mais desanimada, para exatamente então a procurar e como médica de almas levantava-lhe o espirito mediante qualquer palavrinha, predispondo-a assim a chegar mais depressa a uma saúde mais perfeita.

Durante êsses primeiros anos, as postulantes trabalhavam ao ar livre nas tardes agradáveis dos sábados, limpando e sachando os canteiros do jardim ou em casa, enfeitando a capela para o domingo. Como não eram abundantes os recursos, tinha a boa vontade de suprir muita coisa. Quantas vezes Madre Butler enfeitava o altar também e auxiliava a ensaiar o côro, pondo as cantoras em cima de banquinhos, para lhes dar mais relêvo às vozes.

Com o andar dos tempos aumentou o número de postulantes e Madre Butler conservou-se sempre em contacto com elas. Queria que as recém-chegadas descansassem bem antes de começarem os seus trabalhos, especialmente as que vinham de longe, o que era frequente. Uma vez ouviram-lhe dizer, a propósito de uma que chegou mais desfeita: "Dêem-lhe leite, óleo de fígado de bacalhau e tónicos todos os dias."

Juntava-se por vezes às Postulantes nos recreios e punha-se a apreciá-las, na maneira como desempenhavam os seus deveres. Um dia viu-as a cortar as raizes de dentes de lião e parece que lhe custou a suportar a maneira pouco habilidosa como uma trabalhava. Tirou-lhe o canivete das mãos e ei-la a trabalhar com agilidade, cortando farta porção em pouco tempo; e a postulante comentava quando ela se retirou: "Como mostrou a Revda. Madre não ter melindres de poupar as mãos!..." Outra vez, encontrou um grupo a dobrar cobertores. Nisto uma das noviças estremeceu, ao perceber uma voz por trás dela, a repetir baixinho: "Algumas noviças de três dias põem-se

tão à vontade nos seus hábitos religiosos que não hesitam em os amarrotar para dobrar cobertores”; e logo a superiora, tomando uma das pontas do cobertor, começou a ajudá-las nessa tarefa, indo até ao fim, sem fazer caso do calor, afastando-se depois, serena e sorridente.

Custava-lhe muito ver a estreiteza do Noviciado, sem lhe poder ainda trazer remédio. A Madre Baptiste dizia-lhe uma vez: “Certos motivos espirituais e sobretudo disciplinares estão a reclamar casa independente para as nossas noviças...” Ela concordou. O que fazer, porém, senão pedir paciência para mais algum tempo? Quando finalmente a pôde arranjar, as noviças é que não ficaram lá muito contentes. Nunca se tinham queixado. Gostavam de sentir-se assim perto de Madre Butler e apreciavam as visitas amiudadas que lhes fazia sem formalidades. Em casa própria, essa intimidade forçosamente ia desaparecer.

Adivinhando a Madre que o número dessas aspirantes à vida do “Sacré-Coeur de Marie” iria aumentando nos Estados Unidos, fez construir um “chalet” de dois andares, voltado para o lago. Terminado, fizeram as noviças a mudança, com grande aparato e muita graça lhe achou Madre Butler, ao ver colchões e mobília espalhados por todo o parque.

Depois de terem organizado a sua nova casa, a superiora foi lá levar-lhes os cumprimentos e apresentar votos de felicidade e bem-estar. Voltando para o seu gabinete, ia dando graças a Deus por a ter livrado do barulho constante de passos sôbre a cabeça. Além disto compreendia ainda que o noviciado era a base de todos os seus trabalhos futuros e reclamava solidão e sossêgo, para poderem as noviças dedicar-se à vida interior. Sentia saudades de suas filhas mais novas e elas ainda mais, lembrando-se das vêzes que lhes aparecia para lhes dizer: “Quero que orem por uma intenção muito especial” — ou: “Peçam a N. Senhor, nos conceda uma grande graça” e logo lhe faziam a vontade.

Também havia ocasiões em que lhe exercitavam a paciência. — “Peça a N. Senhora”, disse um dia a uma noviça que fazia muitas tolices por falta de atenção, “que lhe dê mais um pouco de juízo ou ao menos a deixe tirar proveito daquêle que tem...” Apesar de não transigir com o mal, estava sempre pronta a reconhecer o menor sinal de emenda. As noviças sentiam-se felizes porque encontravam nela

um espírito muito culto aliado a um coração de mãe. A uma, mandada para clima mais frio, dava na despedida um chale mais quente; a outra, no dia da Profissão, dizia: “Se a sua Mãe aqui estivesse hoje, havia de oferecer-lhe com certeza muita coisa boa”. E presenteou-a com uma caixa de doces finos, dizendo-lhe, os fôsse comer com as companheiras.

Mas essa casa que inicialmente julgaram demasiado ampla, dentro de pouco tempo se tornou pequena: aumentavam as vocações e vinham algumas de longe...

Junto a “Marymount”, outra bela propriedade atraía os olhares “cubiçosos” de Madre Butler... — “Aquilo daria um ótimo noviciado”, dizia. Por fim pôs tôda a gente a rezar e foi atirando medalhinhas para dentro do terreno. Infelizmente não havia a menor probabilidade de a quererem vender. E as noviças continuavam onde estavam, a trabalhar na sua perfeição espiritual e na sua formação exterior, mas iam pedindo sempre com fervor a graça de obterem o terreno contíguo. Uma casa correspondente às necessidades de um noviciado florescente parecia posta alí de propósito para pertencer a “Marymount”.

E as medalhinhas e as estatuetas iam por lá sendo enterradas disfarçadamente, em significativas súplicas para obter a intercessão dos celestes Padroeiros, quando um belo dia se anuncia a venda da propriedade. Nessa noite Madre Butler deitou-se certa de que a sua prece seria atendida; eis se não quando, na manhã seguinte, vê no jornal que uma família rica de Chicago, os Mc Cormicks, a tinha comprado por um preço superior ao que ela oferecera! Toca a deitar mais medalhas para a propriedade, porém as religiosas perderam as esperanças por então. Aparece contudo outra oportunidade. Do lado oposto ao da entrada, em Castle Ridge, havia uma propriedade com três belos edifícios e agora era posta à venda, muito maior do que a outra. De tanto não carecia o Noviciado... mas já novas idéias germinavam no cérebro de Madre Butler. Talvez fôsse a ocasião de transformar em realidade um sonho há muito acariciado: tornar “Marymount” Escola Superior com curso completo. Discutiu a idéia com o primo e este foi ver a propriedade, ficando encantado com as esplêndidas vistas sobre o Hudson, os bosques, os lagos e as colinas de Pocantico. Estava em boas condições; tinha pomares, celeiros, garages, jardins e

estufas. Aprovou, pois, a compra e serviu de intermediário e lá se estendeu "Marymount" pela colina acima.

Examinadas as três casas, decidiram instalar na mais pitoresca e mais próxima do edifício central o Noviciado. Mais um dia de humorístico recreio para as noviças essa nova mudança, com mobiliário muito mais abundante mas também com muito mais gente a ajudar.

O dono, pessoa evidentemente de gostos muito diferentes, grande colecionador de estátuas, que apareceu por ali nesse dia para qualquer contrato final, ficou de certo surpreendido, ao divisar no jardim uma grande estátua de Sto. Estanislau, Padroeiro do Noviciado, no pedestal em que erguera outrora uma celebridade grega e as noviças delicadamente tiveram de soffrear o riso, quando o viram a espreitar pela porta a sala de visitas da sua antiga residência, agora ocupada por estranhos visitantes esculpturados...

Depois de tudo organizado, colocaram na entrada a estátua de S. José, sorrindo benignamente para aquela mocidade alegre que o rodeava. Madre Butler decidiu dar ao Noviciado o nome de S. José, Patrono da Igreja Universal, pois Ele se tinha mostrado ótimo colaborador e padroeiro de tôdas as suas emprêsas.

Altas árvores abrigavam o edifício contra os ventos e afirmou alguém ser um recanto tão encantador que o próprio Deus teria gôsto de lá morar. Completamente cercado de flores: madresilva, rosinhas de tocar, vinhedo, lírios do vale, magnólias, etc. Tudo com profusão. Um verdadeiro "Horto Cerrado".

O Noviciado que começara com duas americanas, tornara-se internacional. Havia jovens da América do Sul, da Irlanda, Inglaterra e Canadá, oferecendo-se à forte e doce formação de Madre Baptiste. "O Pombal", assim batizado por um Padre Jesuíta que o visitou, encheu-se rapidamente, e já a Madre Butler premeditava acrescentar-lhe uma ala.

Mas os belos dias de comunicação diária das noviças com Madre Butler tinham teminado. Agora só ia ao "Pombal", quando organizavam alguma festa ou lá a conduzia alguma notícia importante a dar. Os anos não a tinham, entretanto, tornado menos alegre de coração, e certo dia, depois de escutar, paciente e delicada, um discurso a proclamar-lhe as virtudes e méritos, quando postulantes e noviças esperavam imóveis palavras de sabedoria que já adivinhavam bro-

tar-lhe dos lábios, ela murmurou com um olhar e sorriso santamente malicioso: “Digam lá se não é terrível sujeitar-se uma pobre coitada a escutar tanta mentira a meu respeito...”

As noviças agora perfilavam-se sempre em duas alas a esperar a sua chegada, e tanta cerimônia a divertia: — “Aposto que nenhuma ousa mexer-se nem sair do seu lugar”, e “posição de sentido”, dizia-lhes uma vez, com esperanças de desmanchar aquela *rígida* formatura. Quando eram festas de brincadeira, dizia: “Hoje estavam todos à vontade, até as noviças”... Lembraram-se estas uma vez de pôr, como preço de entrada para uma sessão, a recitação dos sete Salmos Penitenciais pela “conversão” das postulantes e Madre Butler entrou na sala a entoar o “Miserere” com tôda a solenidade.

A parte melhor era no fim das Academias, quando tôdas se aninhavam ao redor da sua cadeira, sentadas mesmo no chão e Madre Butler começava a desembrulhar muito atentamente a grande caixa de bombons, que com solicitude maternal levava consigo. Conforme cada uma se aproximava para receber a sua parte, era acolhida segundo o papel que havia desempenhado: — “Deve acentuar mais as vogais, filha!” ou — “Aqui vem o meu querido S. José; pobre velhinho, precisa de um bordão novo”. “Quantas horas de música estuda por dia? A sua voz seria linda, se tivesse mais vivacidade”. — “Se não se põe direita, dentro em pouco fica como uma velha”. E assim, de mistura com os bombons, ia corrigindo todos os defeitos da apresentação, de forma amena e feliz. Depois dava-lhes notícias das religiosas do estrangeiro, das pessoas amigas e contava-lhes histórias do Fundador e Fundadora, acrescentando sempre: “Peçam a Nosso Senhor para sermos tôdas santas. E’ a única coisa que o S. Coração de Jesus quer de nós, e temos de cumprir a Sua Vontade”.

Compadecia-se sempre das postulantes recém-chegadas e, quando as encontrava, animava-as. Uma vez, no dia de S. Patrício, encontrou uma a chorar com saudades da Irlanda. Por experiência própria, sabia que era pior animá-la e então disse-lhe: “Olhe cá, quer que lhe empreste um chapéu verde e uma bandeira, para ir tomar parte na parada da 5.^a Avenida?” O ridículo da proposta fez rir a postulante e lá se secaram as lágrimas...

Em outra ocasião, foi-lhe uma noviça mostrar um espêto do fogão que tinha partido na cozinha. Ela pergunta-lhe muito séria: “E nas

costas de quem partiu isso?...” Ainda a outra que partira um garfo: “Assim era dura a carne?!...”

Uma noviça deitara para a loja do lixo uma barrica com louça, por engano; olhou-a séria um momento e depois sorrindo: “Todos nós podemos ter nossos enganos; êste, porém, foi forte, mas eu preferia ver tôda a louça partida do que presencê-la a quebrar um ponto da Santa Regra”.

Um dia, uma postulante acabava de despedir-se da família e seguia, tristonha, para o Noviciado; nisto encontra uma religiosa muito alta que a abraça com tanta efusão que lhe acalma o amargor da despedida; só mais tarde vem a saber que era a Revda. Madre.

Tinha um tacto especial para tratar com as postulantes, perguntando-lhes pela família, escutando-lhes os desabafos e penas, sem nunca lhes dizer que tinha ela também passado pelo mesmo. Dissê-lhe um dia uma delas que receava ser demasiado ativa para viver no convento, ao que Madre Butler respondeu: “Sabe, filha, nunca será boa religiosa, se não tiver muita vida”.

Se não as via agora tanto como nos primeiros dias, contudo não esquecia nunca as suas postulantes e noviças e, apesar de as saber em muito boas mãos entregues à Madre M. Baptiste, reservava para si o dar-lhes certos mimos. Eram a Congregação do futuro e, além de tudo, suas filhas. Se alguma a procurava no seu gabinete, nunca de lá saía com as mãos vazias; levava sempre alguma lembrança: uma imagem, uma medalha, um livro e, se lhe davam alguma caixa de bombons ou cestinha de fruta, logo geralmente uma noviça a levava para o Noviciado. E metia-lhe dentro um bilhete: “Um bombom para cada um dos meus borrachinhos do Pombal; estou ansiosa por as ver. Continuem a orar, tenho um “caso difícil” entre mãos. Tôdas as graças nos vêm por Maria. M. J. B.”.

Uma noviça tinha estado com a “gripe”; encontrando-a perguntou-lhe: “Para onde vai agora?” — “Para a capela, minha Revda. Madre”. — “O que a Irmã precisa é do sol de Deus; diga a N. Senhor, ao passar pela capela, que O vai adorar nas belezas da sua natureza.”

Apreciava muito qualquer serviço que as noviças lhe prestassem, agradecendo sempre. Uma viu um dia a Revda. Madre muito ocupada com certa costura difícil de fazer; largando o que tinha entre mãos, foi coser-lha. Quando voltou para lha trazer, já ela a esperava e dis-

— “Aqui tem umas luvas de lã afim de lhe aquecer as mãos e des-
cansa ter-lhe interrompido o trabalho; muito obrigada pelo seu servi-
ço!”

Também dava sempre às jovens professoras que saíam do Novicia-
do os seus conselhos e avisos. “Chegou a ocasião”, dizia a uma,
“de provar que é verdadeira religiosa: fiel aos seus votos, humilde,
modesta, simples como a nossa Mãe bendita, perfeita imitadora do S.
Coração de Maria”. — “Muitas vêzes lhes tenho dito que ninguém
dá o que não tem... Conservem as suas almas livres de tôda a im-
perfeição e passem os instantes disponíveis junto do Tabernáculo, pe-
dindo ao Divino Espôso a luz de que carecem”.

Com a construção da ala Sul, tinha Madre Butler conseguido rea-
lizar um dos seus sonhos para o trabalho que “Marymount” devia
produzir no futuro e agora já ela preparava novas obras, uma das quais
o apostolado espiritual entre as senhoras do mundo. Como a casa
era espaçosa e apropriada, ia organizar retiros, à maneira do que já
havia realizado em Portugal.

Nesses dias distantes, quando a jovem Madre Marie Joseph fun-
dou os retiros em Braga, ficara surpreendida com o elevado número
de senhoras que acudiram ao chamado.

Começara convidando as antigas alunas para o retiro anual das
Filhas de Maria na festa da Purificação de Nossa Senhora. Vieram
tantas que se animou a empreender “retiros” no verão, exclusiva-
mente para as senhoras suas amigas. Dentro em pouco vinham as-
sistir pessoas de tôdas as classes da sociedade e a obra propagou-se
por Portugal fora. Quando o Cardeal Vannutelli, então Núncio Apos-
tólico em Lisboa, visitou a casa de Braga, em 1898, mostrou a conso-
lação que sentiu com aqueles “Retiros” iniciados pela jovem reli-
giosa. O movimento, ainda que de origem não recente, era então ex-
tremamente raro na Europa e na América.

Agora que Madre Butler conhecia a geenosidade e piedade es-
clarecida das jovens americanas, tinha confiança de que a obra pro-
grediria rapidamente em “Marymount”. O primeiro retiro realizou-
se no verão de 1909, com o Pe. O'Donovan como Diretor. Jesuita do
Condado de Waterford, fôra o primeiro religioso que saudara Madre
Butler, quando esta chegou à América.

Desejando garantir o êxito da iniciativa, recomendou muito à Comunidade, orasse para terem bom tempo e muitas exercitantes. Quanto a ela, estaria longe, em Béziers: a reunião do Capítulo Geral da Congregação obrigava-a a ausentar-se, justo na ocasião. Quando regressou, encontrou as suas filhas radiantes: todos tinham gostado imenso e, se não fôra muito elevado o número de senhoras, o Diretor pregara inspiradamente e o tempo estivera esplêndido.

Podia considerar-se um princípio auspicioso. Foi então cumprir o Arcebispo Farley, recentemente elevado ao Cardinalato, e, curiosa coincidência! também ela no Capítulo recebera a distinção de ser constituída Provincial das casas da América.

A notícia do pequeno número de senhoras que se apresentaram ao retiro não diminuiu o entusiasmo de Madre Butler por essa obra que julgava do agrado de Deus e, quando sentia isto, nada a demovia de continuar o que houvesse iniciado. Quantas horas já havia passado diante do altar em oração, considerando tão belo plano de ação profunda nas almas: via o caminho a trilhar, considerava-o um dever, havia de desenvolver a obra. Razões práticas ainda lhe assistiam, quanto ao bom resultado dos retiros em "Marymount". O local era magnífico, chamando à meditação e à solitude. A natureza era uma página convincente do poder de Deus e das belezas que criou. O firmamento estrelado parecia tão próximo e o arvoredo lembrava uma catedral subindo para o Céu.

A Madre Butler os encantos que a cercavam falavam uma eloquente linguagem; não duvidava que outros a pudessem igualmente apreciar. Por vêzes na varanda, a compôr as trepadeiras, punha-se a considerar o silêncio que a cercava, os leves ruidos apenas perceptíveis: o murmurar da brisa entre os pinheiros e carvalheiras semelhante a uma prece. No verão, durante horas inteiras, era o único som que se ouvia e parecia-lhe que até as avezinhas e os esquilos saltavam com cautela para não perturbarem êsse silêncio de louvor a Deus. Ao longe viam-se passar os automóveis, mas o seu ruído não penetrava nessa calma. As tardes então eram esplêndidas com o Hudson a refletir o sol poente e pouco a pouco a linha distante dos montes a vestir-se do manto azul-violeta do crepúsculo. Realmente êsse lugar era feito para a oração: e não só para as aspirações ardentes da juventude, mas ainda para a comunhão das almas meditativas, nas di-

versas etapas da vida. Chamá-las aí onde Deus podia ser louvado e glorificado, a êsse cenário que haviam moldado as suas mesmas Mãos divinas, santificar esses formosos outeiros com a oração e santos propósitos, eis o que lhe absorvia o pensamento...

Era, pois, seu intento organizar êsses retiros com frequência e que cada um fôsse melhor do que o precedente.

No ano seguinte, quando o Pe. O'Donovan veio pregar de novo os exercícios, Madre Butler estava em "Maymount", a receber com todo o agrado cada uma das exercitantes. Durante êsses dias, viam-na, solícita, pelos corredores e perto da capela: fazia consistir o seu principal cuidado em ajudar o trabalho de Deus nas almas, contudo não desprezava as exigências de uma alimentação conveniente e um repouso proporcional ao trabalho interior. Muito raro falava com as exercitantes, elas, porém, encontravam sempre conforto no seu sorriso e maneiras acolhedoras e às mais novas sabia tratar com a indulgência que reclamava a sua idade.

A um grupo que uma vez fazia mais barulho do que o costume nos retiros, mandou-lhes placas de chocolate com o gracioso aviso: "Seria preferível quebrar aquelas ao silêncio prescrito..." No entanto bem compreendia o esforço que requer um primeiro retiro. No fim dos exercícios, colocou as mãos nos ombros de uma dêsse mesmo grupo e disse-lhe: "Minha filha, ainda um dia ficarás conosco." Riram tôdas, inclusive a própria menina, mas realmente voltava poucos anos depois, como postulante. Uma outra vez, o Revdo. Pe. O'Donovan disse a Madre Butler, falando-lhe de outra exercitante: "Madre, tem aqui uma futura postulante." Todos acharam graça, porque evidentemente êle parecia gracejar; porém a profecia realizou-se e mais tarde entrava a menina na Congregação.

Já vemos que os retiros davam fruto. Um dos primeiros turnos de exercitantes compunha-se quase exclusivamente de alunas de Hunter-College e travessas que eram! Porém o Pe. Singleton conteve-as, repetindo-lhes de vez em quando: "Lembrem-se de que a força escapa com as palavras". E assim guardaram o silêncio todo o retiro.

Em 1916, veio o Revdo. Pe. Drum e com êle prosperaram muito os retiros e com o R. Pe. Donlon ainda a afluência foi maior.

De uma coisa fazia Madre Butler questão: que tivessem os retiros excelente música. Ela mesma gostava de escolher cânticos e pe-

ças de órgão mais próprias para mover e tocar os corações. Felizmente a organista e ensaiadora, Madre Estanislau Phelan, apreciava como a superiora o valor da música.

Fazia parte de uma família de três irmãs muito talentosas, tendo professado as três na Congregação. Madre Inês ensinava e tocava o órgão na Inglaterra; Madre Teresa ensinava Letras em Tarrytown e de Madre Estanislau dizia-se baixinho que era capaz de tocar qualquer instrumento numa orquestra... O órgão da capela nas suas mãos não era um mero instrumento e as exercitantes, transportadas pela suavidade ou grandeza que as mãos da artista lhe comunicavam, sentiam que essa música lhes falava à alma como a própria pregação. O caso é que Madre Estanislau entrara como parte essencial nos retiros e quando, em 1913, a não viram ao órgão, tôdas perguntaram por ela com interêsse; estava então gravemente doente.

Madre Butler, esquecida desta vez das suas exercitantes, passava dias e noites à cabeceira da sua querida filha. Ao terminarem os Exercícios, Madre Estanislau voava serenamente, como serenamente vivera, para a Pátria do Céu. Deus que tudo prevê deixara à Madre Butler Madre Maria Edmundo, capaz também de organizar um retiro com proficiência. Não faltavam em "Marymount" organistas hábeis, mas encontrar quem se dedicasse e organizasse retiros já era mais difícil.

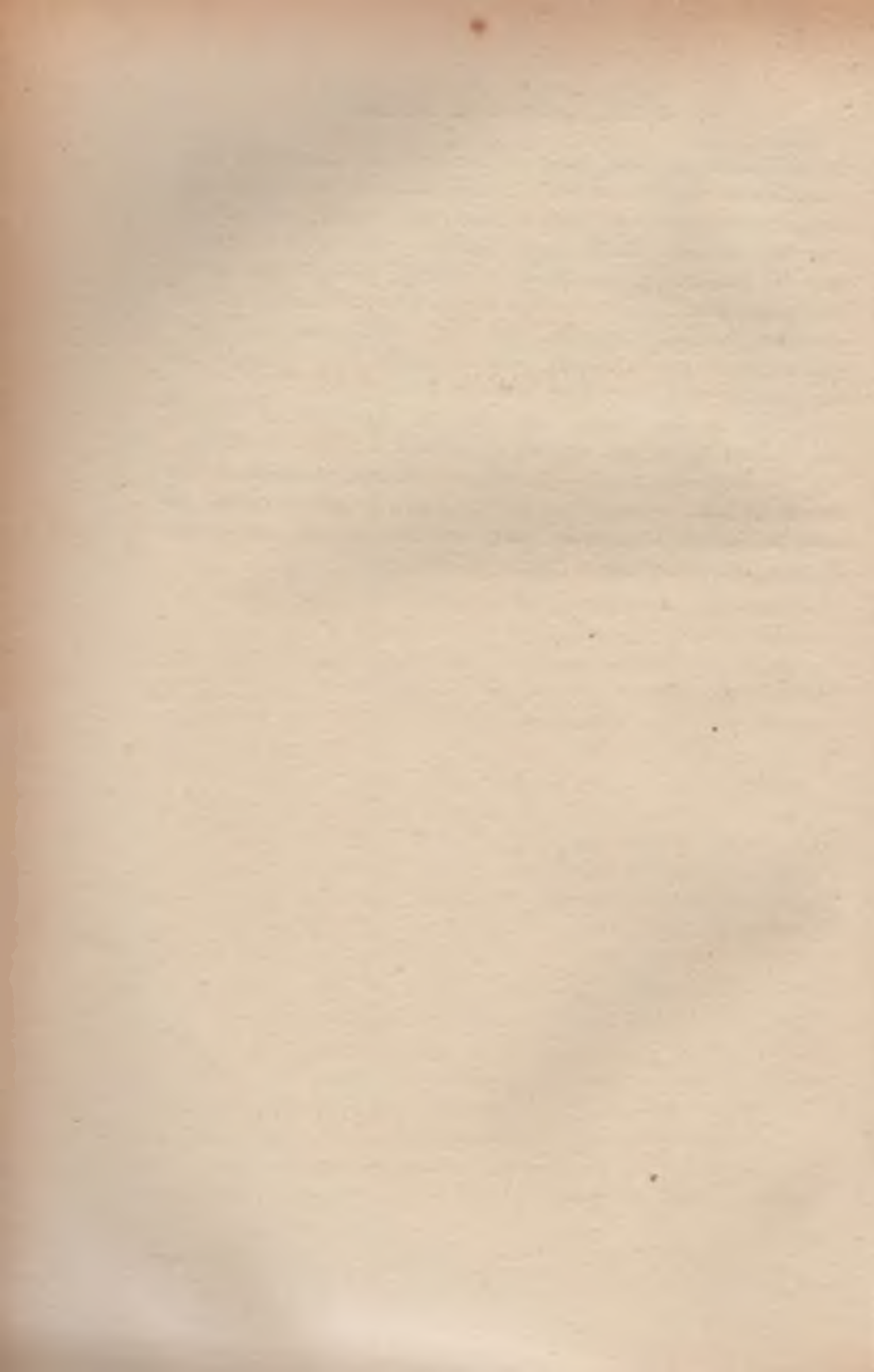
Claro está que Madre Butler contava sempre com os Revdos. Pes. Jesuitas para o serviço principal. Desde que lhe fôra enviado o Revdo. Pe. Shealy para a Missa dos domingos, nêle encontrava um amigo e auxiliar dedicado. Grande a afinidade entre essas duas naturezas: corações generosos, dotados de profunda fôrça de simpatia e como dizia alguém: "capazes de penetrar até ao fundo da alma, a arrancar-lhe os espinhos dolorosos..."

Além disso, o Pe. Shealy era um sábio; os seus alunos em "Holy Cross" levavam à cena peças escritas por êle em Latim e Grego. Da Escola de Leis na Universidade de Fordham fundada por S. Revcia., já haviam saído alguns dos melhores advogados e juizes de Nova York. Contudo, apesar de "Marymount" se referir com admiração ao seu vasto saber, o que lá mais lhe apreciavam era a incansável bondade. Mau grado suas numerosas e absorventes preocupações, encontrava sempre tempo para dar os retiros do verão e ir celebrar a Missa

da Meia-Noite no Natal, dando ainda conferências e palestras quase semanalmente em “Marymount”. Possuía o dom de saber dizer a palavra acertada no momento próprio, quer para consolar quer para alegrar ou aconselhar. Madre Butler guardava como um belo exemplo desta sua qualidade, a carta que êle escrevera a felicitá-la uma vez, no dia da sua festa: “Sabe muito bem o que cartões artísticos e imagens simbólicas lhe diriam neste dia; mas o meu coração tem uma linguagem muito sua para a felicitar e não há oração, voto ou benção que não contenha para a boa Madre e os que lhe são caros.

“Cada vez que tenho o feliz e inspirado privilégio de visitar a sua família religiosa, sinto-me renovar no amor a Nosso Senhor.

“— Ad multos anos” — é o meu voto sincero, extensivo aos que lhe são queridos — oração que hei de dirigir, amanhã de manhã, no altar, ao Sagrado Coração de Jesus, como aliás faço em cada manhã do ano. Deus a abençoe e guarde no Seu amor!”



CAPÍTULO IX

MARYMOUNT-CURSO SUPERIOR

Em Julho de 1918, a Revista "América", editada pelos Revdos. Padres Jesuitas, trazia um artigo intitulado — Nova Escola Superior, em "Marymount". Referia em seguida que o programa incluía um curso de dois anos para graduadas do Curso Colegial e um curso de quatro anos que se encerrava com a formatura.

Falava dessa nova obra, intitulado-a: "Coroa dos esforços das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie" na América."

Madre Butler podia com justiça sentir orgulho no trabalho realizado por ela, durante êsses anos em "Marymount". Acrescentar um curso de 5.º e 6.º ano aos estudos acadêmicos, já ela o desejava há muito, se bem que línguas, história e filosofia já se ministrassem em grau superior no seu estabelecimento. Quando em 1917, acrescentou aos estudos um curso de Leis e Economia Política, mandou para a Imprensa um comunicado, a explicar o fim que se propunha: "Não tencionamos formar advogados nem temos a pretensão de, com êste curso, dispensar e superar os procuradores. Desejamos apenas dar vastos conhecimentos de certos problemas que poderão permitir às mulheres ocupar o lugar que lhes compete na vida pública e sobretudo prepará-las a administrar as suas propriedades. Nunca precisou mais o mundo da inteligência e do auxílio da mulher do que hoje. A educação que vise preparar as condições da vida moderna, não pode descuidar um meio, pelo qual a juventude feminina americana há de conquistar a sua verdadeira posição."

A última cláusula resumia muito bem o fim de Madre Butler. Ela podia ainda ter acrescentado que o seu intento, expondo as verdadeiras bases da Civilização Cristã nos estudos da Literatura, da História e da Filosofia, era dar às jovens católicas a oportunidade de

se equipararem às suas irmãs de outros credos, de alto nível intelectual. Madre Butler via que o que poderia melhor comprovar a harmonia entre a ciência e a revelação divina seria uma sã e elevada educação moral e religiosa.

Tôda a sua vida, havia de repetir às estudantes de “Marymount” que importava mais que tudo seguir sempre as leis da Igreja. Inculcar-lhes os princípios católicos, exercitá-las na liderança da fé e não das modas: eis seu constante labor. — “Marymount” era, antes de tudo e essencialmente, um colégio católico, apesar de frequentado por alunas de todos os credos.

As suas teorias atraíram-lhe comentários nem sempre lisonjeiros: nem todos concordavam com o que êles batizavam de idéias avançadas. Porém ela é que as não havia adquirido da noite para o dia; tinha-lhes consagrado longas horas de meditação, como procedia com qualquer dos seus grandes projetos. Mas, por outro lado, se dava tamanha importância à preparação das suas professoras; se obrigava às que não eram formadas a matricular-se nos cursos universitários para obter os seus diplomas: insistia em que não se deviam deixar absorver pelo estudo a ponto de perder a unção da piedade.

Nunca foi de opinião que a boa religiosa tivesse de ser uma ignorante; dava-lhes pelo contrário oportunidades de se aperfeiçoarem nos estudos seculares, desenvolvendo-lhes ao mesmo tempo a espiritualidade. Dizia uma delas que ela gostava de se ver rodeada de religiosas santas e cultas. Uma das causas do êxito de Madre Butler com as pessoas que trabalhavam sob a sua direção era a intuição com que distribuía os deveres e cargos, aproveitando as qualidades e aptidões de cada uma: formava assim boas “cabeças”, aptas a continuar obra mesmo quando a sua mão faltasse. O seu ideal na educação baseava-se nos três C, como gostava de dizer: Catolicismo, caridade e cortesia, aplicados às estudantes e às religiosas. E, quando lhe perguntavam qual o fim principal de um colégio ou escola católica, respondia sem hesitar: “Formar mulheres católicas capazes de amar a Deus”.

Com tôda a sua largueza de planos, não deixava o Catolicismo de ser a pedra angular do seu método de educação. — “O nosso trabalho é obra de fé, servindo-se de meios naturais, dizia ela, e o centro de todo êsse trabalho — a Missa. Nas suas casas, mandava ensinar às alunas mais novinhas a maneira de assistir à Missa; as mais velhas

aprendiam a responder ao Sacerdote. Nas grandes como nas pequenas coisas, guiava-as para Deus, ensinando-lhes a pedir-Lhe a Benção nos seus trabalhos e jogos, a fazer-Lhe uma visita, antes de tomar parte numa academia ou de prestar um exame e de O procurar no Tabernáculo, em ocasião de dor ou alegria.

Quando o Cardeal Farley veio abençoar e benzer a nova propriedade, nos princípios de Junho de 1918, já os três edificios tinham nome e finalidade. As noviças estavam instaladas no de "S. José"; o edificio central, no meio dos jardins que haviam constituido o orgulho do seu proprietário, o Sr. Herman, seria ocupado pelas estudantes do Curso Superior e, por unanimidade de votos, foi chamado "Butler Hall"; a casa maior com os seus torreões ficou destinada a conferências e assembléias e começou a denominar-se o "Sacré-Coeur".

Infelizmente os donos das casas só saíram três dias antes da data fixada para a cerimônia da Benção. Uma epidemia de influenza havia prostrado muitos dos trabalhadores e criados da casa, portanto tudo entrou em ação. Sob a direção de Madre Butler e Madre Gerard, ninguém deixou de ajudar na mudança: noviças, estudantes, religiosas e professoras andavam de um lado para o outro, a levar cadeiras, mesas, ardózias etc., trabalhando a valer para arranjar tudo a tempo.

O Cardeal Farley conservara um interesse constante pela obra de Madre Butler, desde o dia em que com ela discutira assunto de educação em Broux; animava-a e muitas vezes a guiava com os seus sábios conselhos. Como essa grande religiosa, aprovava Sua Eminência a educação superior para as moças católicas e até, tal era o seu interesse pela formação da mocidade que, como o Arcebispo Hughes, se lhe perguntassem qual o destino a dar a algum legado — igreja nova ou nova escola? opinaria por nova escola.

A cerimônia foi impressionante. A Faculdade e as estudantes saíram em forma do edificio central, cantando as Ladainhas da Santíssima Virgem e dirigiram-se para as varandas cheias de sol do "Sacré-Coeur". Seguiu-se uma curta oração e um pequeno improvisado feito por cada professora. Depois o velho amigo de "Marymount", Pe. Shealy, afirmou terem-se transformado afinal em magnificas promessas a opposição e as dificuldades por que a obra havia passado. E, se Madre Butler e as suas cooperadoras triunfavam enfim de tantos.

obstáculos que a falta de fundos e outras contrariedades haviam levantado, é porque confiavam em Deus que lhes mandava “ir e ensinar...” E assim iriam para frente, confiando e vencendo ainda. O mundo precisava de mulheres bem preparadas nas ciências profanas, mas dotadas a um tempo de profunda fé católica. E a grande vantagem de “Marymount” era precisamente a de possuir professoras religiosas, de alta cultura natural e sobrenatural...

A pessoa que escudou com maior atenção êste discurso foi Madre Butler, porque o Padre Shealy havia mantido uma oposição tenaz à educação universitária feminina e várias vêzes tentara desanimá-la e à Madre Gerard, mais entusiástica ainda do que a própria superiora, no projeto de estudos superiores para o seu sexo.

Uma vez, um dos seus confrades, o Padre Miguel Kenny, que assistia em “Marymount” à discussão do assunto entre o eminente Jesuita e a Diretora dos estudos, Madre Gerard, ofereceu-se como árbitro para solucionar a questão: Ouvidos com atenção de parte a parte os argumentos, pronunciou-se a favor dos altos estudos para mulheres.

— “Olhe”, disse o Padre Kenny ao Padre Shealy, “elas têm razão quando argumentam que, na Idade Média, exatamente quando a cultura católica tocava ao apogeu, as freiras escreviam peças em Latim ou outras obras-primas de Literatura e as mulheres davam conferências ou ocupavam cátedras em Universidades de renome.

E veja se não é ainda um fato histórico as senhoras cavalgarem em selim de homem até que uma princesa inglesa aleijada tornou o silhão moda para as damas da nobreza?...”

Quer isto convencesse o Pe. Shealy ou êle refletisse melhor no caso, o fato é que se tornou adepto das teorias de Madre Butler a respeito da educação das jovens católicas.

Passaram-se os meses. Um dia, em presença da Comunidade, Madre Butler saiu-se com esta: “Bem desejara saber se alguma vez Santa Rosa de Lima teria tido dificuldades para descobrir um homem...” As religiosas riram: entenderam a que se referia. E’ que tôdas essas casas reclamavam contínuos cuidados e assídua fiscalização. Urgia entregá-las a um bom administrador... E não era coisa fácil encontrá-lo. Muitos se ofereciam, mas nenhum nas condições requeridas. Tanto ouviram as Irmãs falar no assunto que a Madre

Edmundo resolveu pregar uma partida à Revda. Madre. Esta recebeu um dia a carta de uma certa Sra. O'Grady, que nessa mesma noite se apresentou em pessoa. Era a Irmã Hilda muito bem disfarçada a representar o papel de viúva em más circunstâncias... A sua Sra. O'Grady chorou amarguradamente e lamuriou-se pelos seus pequenos órfãos." Os "guris" foram os únicos bens que me deixou em herança o meu marido... que Deus tenha na glória. Mas seja Ele ouvido! sei fazer tudo: varrer, lavar a louça, cozinhar e até... servir à mesa ao Bispo, se for preciso".

Madre Butler, muito pesarosa, procurou consolar a pobre viúva e já que não podia dar-lhe emprêgo, ia buscar algum dinheiro para os seus caros "guris", coitadinhos...

A peça fôra bem desempenhada e a pantomima pôs bem em relevo a falta do administrador para a linda e extensa propriedade de "Marymount".

Madre Edmundo, porém, ficou com receio de que a coisa fôsse longe de mais. Então, aproximando-se, pouco a pouco foi retirando os disfarces da pobre viúva até que a Irmã Hilda se reconheceu em pessoa. Madre Butler, que começou por se espantar com a indiscreção da religiosa junto da viúva, riu depois a bom rir e, quando as outras vieram escutar a brincadeira, a pseudo senhora O'Grady ainda lhe provocava o riso com a sua "gíria" e as suas lamúrias tão bem fingidas... E a Irmã concluía: "A Madre é tão boa que certamente Deus há de dar-lhe um homem..."

E foi o que aconteceu. No último dia de uma novena feita por essa intenção, êle apareceu. Chamava-se James Coady e sabia fazer de tudo.

— "Mas qual é o seu ofício atualmente?" perguntou-lhe Madre Butler —. "Eu", disse, "agora sou atirador. Vim para os Estados Unidos com os atiradores de Tipperany e quero ficar cá".

Madre Butler decidiu-se a aceitá-lo, confiando mais na novena do que em outros motivos: — claro que êle não podia ensinar a sua profissão em "Marymount"... Quando trouxe a bagagem, mostrou com orgulho à superiora um arco de atirador feito para êle de propósito pelo Irmão Malaquias do Mosteiro Trapista de Roscrea.

Madre Butler não se arrependeu nunca de o ter contratado; pelo contrário, agradecia muitas vêzes a Deus o "homem" que lhe man-

dera. Se era atirador, sabia também ser bom lavrador, carpinteiro, oleiro ou até improvisar-se de engenheiro se necessário... Era o que reclamavam as exigências do momento. Compunha relógios e aparelhos elétricos; tratava dos fornos e das geladeiras... Cuidava das capoeiras, dos pomares, e dos jardins e era um gôsto observar como tudo desabrochava em flores e dava frutos nas suas mãos. Onde descobria algum espaço livre, logo lá plantava as flores favoritas de Madre Butler — uma combinação de rosas côr de rosa entremeadas de centáureas azues.

As noviças ajudavam-lhe a cortar o feno e a colhê-lo com os forcados e êle gostava de apreciar-lhes a alegria, enquanto elas se deleitavam, por seu turno, ouvindo-lhe a relação das suas viagens. Dava-lhes notícias de todos os campeões americanos no despôrto, desde o "base-ball" até às corridas de cavalos que acompanhava com todo o interêsse.

E conhecia as estudantes dos diferentes cursos, não calçando luvas para as repreender, se acontecia estragarem-lhe alguma planta...

Uma vez — tinham-se passado anos... — pôs-se fixamente a olhar para uma matrona imponente que, visitando a casa, estava na varanda quando êle passava. — "Ah, disse, aquela é uma das que me arrancou o meu aipo, em 1920..."

Tinha para o serviço um cavalo e uma carroça de formato extravagante. Dá pela falta da equipagem um belo dia. Que havia acontecido? Travessuras de uma estudante, que inventara experimentar um passeio nela... O Sr. Coady ficou fora de si de indignação. Quando a menina voltou, Madre Butler, cruzando-se com ela no vestibulo, interrogou-a sôbre a peça que acabava de pregar ao empregado. A menina contou o passeio, mas com o coração nas mãos na expectativa de uma reprimenda da Rvda. Superiora. Mas a resposta foi uma gostosa gargalhada desta a exclaimar: "Quem me dera tê-la visto aos solavancos pela estrada naquela caranguejola!"

Quando o Colégio abriu nesse outono de 1918, contava-se como uma das principais inovações a organização da disciplina das estudantes com aprovação da Faculdade segundo um código baseado antes no auto-govêrno das estudantes do que na autoridade — era o "self-governement" dos Estados Unidos, que inspira tanto senso de responsabilidade desde a infância.

Madre Butler sugeriu, escolhessem o escudo e a divisa da Faculdade. Propuseram uma cruz em forma de trevo encimada de uma estrela. Debaixo da Cruz, treze barras; de um lado o Coração de Maria e do outro a flor de lis. O Coração de Maria representava a Eterna Morada e o fim da Congregação; a flor de lis, a França, berço do Instituto; as barras, a América, sua pátria de adoção. Como divisa, Madre Butler lembrou as palavras que se tornaram a senha do colégio: TUA LUCE DIRIGE.

Madre Gerard ficou encarregada da direção geral dos estudos, desde o curso do Liceu. Quando os Inspectores Oficiais vinham de visita ao estabelecimento, encontravam tudo em plena concordância com o que prescrevia o Estado, quiçá ainda em melhores condições. Vieram várias alunas para "Marymount", recomendadas por um dos Inspetores e uma contou que ouviu dizer a êsse cavalheiro a respeito de Madre Butler: — "Aquela senhora é a alma de "Marymount" e a inspiradora das suas alunas..."

Quando Madre Butler como Presidente e Madre Gerard como Vice-Presidente requisitaram do Govêrno um Alvará para o colégio, foi concedido sem dificuldade e o decreto passado por unanimidade, em razão do crédito do estabelecimento e dos nomes dos professores que formavam o seu corpo docente. Um professorado à altura e, em primeira linha, as suas próprias religiosas.

Madre Gerard era o braço direito da Revda. Madre; Madre Teresa, uma freirinha baixinha mas muito viva, professora de filosofia, capaz, no entanto, de ensinar fôsse o que fôsse, desde harpa até astronomia. Dizia ela com graça que não lhe servia manejar um só instrumento... e, falando das noviças, achava que uma boa noviça devia poder tocar o órgão, cantar uma Bençã.o a três vozes e acolitar o Padre ao mesmo tempo... De Inglaterra vieram também Madre Cecilia que ensinava Inglês e era ótima auxiliar na organização de horários e na determinação dos mínimos pormenores que se não devem esquecer, quando da programação das atividades colegiais.

Entre os que vinham de vez em quando dar conferências e palestras, figuravam o Dr. Mac Auliffe como diretor da parte de Ciências; o Dr. Stapleton, para Literatura Inglesa; o Pe. Shealy, para Filosofia; o Dr. Marcel Jousse, para Literatura Francesa; o Pe. Singleton, para história e o Dr. Mc Guire para bacteriologia. De entre

todos, distinguia-se, como mais brilhante, o Rvdo. Pe. Shealy, até que um Jesuita estrangeiro se tornou seu formidável émulo em "Marymount".

Foi o Revdo. Padre Jousse, doutorado pela Sorbonne. Chamado às fileiras do exército pouco depois da sua ordenação, conquistou o pòsto de oficial de artilharia e meia dúzia de condecorações. Era um homem distinto, cujo porte traía a parte dramática que tomara na guerra. Chegou à América, durante a grande conflagração européia, para ensinar ao exército dos Estados Unidos o uso do famoso canhão 75 e o Pe. Shealy levou-o a "Marymount", onde se tornou o centro de atração do Colégio. No seu uniforme azul, viam-no amiúde subir a encosta num dos cavalos do Sr. Butler, para visitar as aulas ou dar palestras de sob elegante e poética pérgula tôda entrelaçada de glicínias, que dominava o terraço. A sua tez bronzeada, o seu uniforme azul de galões de ouro, a narrativa dos seus lances de guerra, o entusiasmo com que falava, tornavam-no um herói aos olhos dessa mocidade promissora.

Deu também esplêndidos Retiros em "Marymount" e então irradiava os melhores valores de que era dotado: sólida espiritualidade e erudição nas Sagradas Letras. Porém — e era natural — as mais interessantes histórias que narrou referiam-se sempre a vitórias dos franceses. A ponto de, um dia, dizer-lhe Madre Gerard, brincando: "Creio que V. Revcia. seria capaz de pintar de branco o demônio, se êle fôsse francês". O Padre guardou o malicioso dito e aproveitou-se logo da primeira conferência para tirar desforra. Falava de Vitor Hugo e, vendo Madre Gerard, solene, dirige-se à assembléia: "Ajoelhemos um momento para recitar "Le Crucifix" — os versos dêsse grande poeta". E Madre Gerard teve de resignar-se como os outros.

Também êle apreciava imenso "Marymount". Ao regressar à França, escrevia de Paris em Maio de 1919, "que, por detrás de uma cadeia de montanhas, divisava uma colina encimada de uma grande cruz de ouro! E verei por muito tempo e a grande distância essa Cruz..." Acrescentava ainda: "Sem o céu estrelado de "Marymount", sem a frescura dos seus bosques, nunca poderia ter suportado o tremendo cansaço daquelas conferências contínuas". Também se lem-

ficava muito da capela “onde tanta vez orava e se sentia tão próximo do amantíssimo Coração de Jesus...”

Mais tarde escrevia tristemente: “Não ganhamos a guerra em Versailles, mas, seja como for, aprendemos a sofrer, e os franceses nunca desanimam...”

Durante a guerra e nos anos seguintes, Madre Butler obteve conferências dos mais distintos oradores para “Marymount”.

Em 1914, Mons. Robert Hugh Benson falou na capela. Todos conheciam de nome o famoso escritor de novelas, êsse sacerdote filho do Arcebispo Protestante de Canterbury, e esperavam defrontar-se com um homem de imponente estatura. As colegiais ficaram desapontadas, quando um vulto muito simples e modesto atravessou o corredor, em companhia de Madre Butler e Madre Gerard. Tinha-lhe aquela notado o andar nervoso e no falar sinais ainda da doença por que há pouco passara; esperava, contudo, que as meninas o compreendessem. Quando na capela começou a alocução, desvaneceram-se-lhe os receios: a voz era clara e vibrante. Discorreu com simplicidade, sem flores de retórica, a respeito de um quadro que acabava de admirar no corredor: o do jovem rico do Evangelho. Comentavam depois as alunas que ao ouvi-lo haviam perdido de vista o romancista famoso, vendo nele só o sacerdote, arrastado pela eloquência sublime das Divinas Verdades.

Seguiu-se-lhe Cecil Chesterton que estudou os literatos ingleses. Também êste causou surpresa. Tinham avisado o “chauffeur” de que devia ir à estação buscar um cavalheiro inglês muito distinto. Quando o comboio parou, observou o “chauffeur” cuidadosamente os viajantes, mas não encontrava ninguém a quem atribuir as lisongeiras referências que lhe haviam feito... Depois de se esvaziarem os carros, notou um homem que ainda ficava displicentemente, com ar de quem tem sono, com um traje pouco elegante, cabeleira espessa e desalinhada, encostado à parede, fleugmático, a fumar. Só quando lhe ouviu dirigir-se ao chefe da estação, no inglês puro e característico da sua terra, foi que disse de si para si: “Cá está o homem”.

Na sua palestra, Chesterton apreciou devidamente escritores tais como H. C. Wells e falou também da combinação Chesterton-Belloc e outros autores católicos ingleses, de imprimirem em grandes caracteres a Igreja Católica, no mapa do seu país.

Em seguida receberam outro vulto célebre muito parecido com o Cardeal Farley — Monsenhor Bickerstaff Drew que, sob o pseudônimo de John Ayscough, oferecia ao público novelas e artigos brilhantes. Êste falou do romance contemporâneo, mostrando a tristeza paganizadora da novela secular e o imenso material histórico que se tem à mão, para produzir livros genuinamente católicos. Também o escritor francês, Padre Ernest Dimnet, falou em “Marymount” mais de uma vez.

Quem fez, porém, mais impressão, embora pouco dissesse, foi o grande patriota, Primaz da Bélgica, Cardeal Mercier. Apresentado pelo Arcebispo Hayes, que fôra o chefe dos Capelães Católicos durante a guerra, percorreu todo o Colégio, agradecendo às estudantes o auxílio prestado por elas aos refugiados belgas e às ambulâncias e enfermeiras.

Durante a guerra, “Marymount” dispensou largos auxílios por tôda a parte, sem olhar a castas ou partidos. As estudantes organizavam chás, feiras, reuniões e mil outras coisas, para angariarem dinheiro.

De Viena, o Cardeal Piffl agradecia-lhes donativos ao povo austríaco e abençoava-as. O Pe. Jousse exprimia-lhes seu reconhecimento, pelo auxílio aos conventos e paróquias da Lorena. Falava de um altar comprado para uma igreja em ruínas e escrevia a Madre Butler, dizendo que o Pároco lia aos seus paroquianos a maneira como as americanas trabalhavam pelas suas irmãs de além-mar e “que o nome de “Marymount”, pronunciado à francesa, devia brilhar e desabrochar perante os Corações de Jesus e Maria, em flores mais graciosas do que as mais brancas rosas do seu jardim...”

CAPÍTULO X

A CAMINHO DO OCIDENTE

Em 1920, Madre Butler pediu licença a Sua Excelência, o Senhor Arcebispo Hayes, para dois novos empreendimentos, cada um dos quais daria que pensar um ano inteiro: ela porém esperava haver-se com ambos ao mesmo tempo. O primeiro referia-se a ampliações dos edifícios de "Marymount". A ala Sul já não bastava ao número de alunas: "Butler Hall" tornara-se pequena para as universitárias, e Madre Gerard insistia na necessidade imperiosa de ultimar o desenho quadrangular, levantando uma ala nova do lado Norte .

Madre Butler concordava com a sua Assistente, mas a obra parecia impossível naquela ocasião. Essa parte nova tinha de ser duas vezes maior do que a existente, por conseguinte custaria o dôbro e estava destinada a dormitórios, salão de festas e um vasto ginásio.

Ja tinham planeado também uma capela dentro do quadrado, em memória de Pierce Butler, morto em França durante a Grande Guerra, mas o resto das obras ficaria a expensas de "Marymount". Segundo os cálculos, o edifício inteiro cobriria uma área equivalente ao dôbro da que ocupavam as demais construções. Que quantidade de tijolos, cimento, vigas de aço e outros materiais! Avaliado o custo em meio milhão de dollars! Ora quantos milhares teriam de ficar a cargo da Providência! . . .

Agora estava a Superiora numa posição delicada, como em outras ocasiões já acontecera, perante os donativos dos Butler. Os jornais atribuíam tôdas as obras e aquisições de "Marymount" a James Butler e por delicadeza a Congregação não podia esclarecer a opinião pública. O próprio Sr. Butler várias vezes se referia a estas informações errôneas: — "Eu fico com a fama de dar muito mais do que dou",

disse êle uma vez à prima, mostrando-lhe uma notícia que louvava a sua generosidade em cobrir tôdas as despesas de "Marymount" . . . De fato êle havia sido o seu grande benfeitor e as religiosas não lhe regateavam a gratidão, pois, sem o seu auxílio, nunca se teria aberto o Colégio. Tinha-lhes comprado e oferecido a propriedade dos Reynard, ficara como fiador nos empréstimos, ajudando-as em todos os negócios importantes . . . mas, quanto às aquisições de "Marymount" no desenvolvimento da sua obra de educação, arranjara-se como pudera o próprio estabelecimento.

O Sr. James Butler era homem de negócios; achava, portanto, que as emprêsas deviam render o suficiente. Dera o primeiro impulso ao Colégio, ajudara durante uma crise . . . Agora que se arranjassem! Não compreendia, pensava por vêzes Madre Butler, que os colégios religiosos não podem pautar-se pelas linhas de comércio. Quanto melhor educação se dá, mais dispendiosa fica e as pensões pagas pelas alunas nem sempre chegam a cobrir as despesas. A maior parte dos estabelecimentos de ensino, ia ela vendo, viviam sobretudo de doações e legados: ora "Marymount" poucos donativos recebia, porque havia geral impressão de que James Butler fornecia tudo.

À gratidão devida ao seu generoso parente, Madre Butler precisava acrescentar a economia das suas Assistentes e a confiança na Divina Providência. "Nenhuma delas me faltou nunca", comprazia-se a repetir, acrescentando: "As minhas religiosas são o meu melhor legado".

Pôs-se, pois, a rezar e a meditar nas reclamações da sua cara Assistente, convencendo-se depois de muita oração que as obras se deviam realizar. Impunha-se executar a planta, empregando os melhores materiais, enriquecidos da mais pura arte cristã na ornamentação. "Amo a pobreza", dizia ela, "mas, detesto a avareza".

Com inteira confiança, fixou a data do lançamento da pedra fundamental no dia 20 de abril de 1921. Nessa tarde, todo o corpo docente e discente assistiram à cerimônia. Colocaram dentro uma cópia do alvará do Colégio, medalhas e documentos. Não lhe sendo possível assistir em pessoa, o Arcebispo Hayes delegou Sua Excelência o Bispo Dunn, que leu a oração ritual e deu umas pancadas na pedra com a colher de trôlha, enquanto tocavam os trombetas. O côro cantou

um hino de júbilo, pois outro marco se levantava a anunciar o desenvolvimento de "Marymount".

E agora que estavam dados os passos necessários para o progresso desse empreendimento, podia tratar do segundo, que também era arrojado: abrir em Paris uma casa que, segundo dizia o jornal *Boston Herald*, "devia servir de centro intelectual e cultural para o intercâmbio de idéias entre as jovens americanas católicas e as francesas."

Desde 1918, Madre Butler trazia na idéia este plano, movida pela compaixão por suas alunas que iam para Paris terminar os cursos e seguiam escolas que nem sempre eram das melhores.

Também os pais desejavam uma casa como "Marymount", para lhe confiarem as filhas que viam partir sozinhas. E é fácil compreender que as religiosas do "Sacré-Coeur de Marie" estavam particularmente indicadas para dirigir um estabelecimento desses, visto ter sido a França o berço do seu Instituto. O Revdo. Padre Jousse aprovava calorosamente a obra, dizia que todos os Padres da sua Comunidade a desejavam, que da sua parte ansiava por ver um "Marymount" em Paris onde pudesse dizer Missa tôdas as manhãs e escrevia: "Venham depressa; não se demorem."

No verão de 1921, começadas as obras em Tarrytown, Madre Butler decidiu não esperar mais e tornar o seu sonho uma realidade, mas até tinha medo de si própria: era um empreendimento temerário, quase louco, pois as obras de "Marymount" lançavam sôbre a Comunidade pesados encargos. À frente, levantavam-se-lhe dificuldades tremendas e... hesitou.

Todavia, pensando no benefício que a obra constituiria para as jovens católicas americanas, certificando-se em longa oração na capela de que a Divina Providência e auxiliaria, decidiu-se a ir para a frente...

Foi a Paris e levou consigo Madre Gerard. Duas ótimas companheiras de viagem, mas com idéias muito diferentes a respeito do modo de preparar as malas... Madre Butler gostava de fazer tudo devagar e começar uns dias antes, e Madre Gerard iniciava à última hora e procedia a correr... Uma vez disse-lhe a superiora: "Os espiritos atrambolhados pensam que, empacotando à pressa, fecham

melhor a mala . . .” Da sua parte, dava tôdas as explicações para que o hábito ficasse bem dobrado e os sapatos bem acondicionados.

Os dias a bordo corriam agradáveis; Madre Butler repousava, pois, ao princípio, sentia-se tão cansada que adormecia logo que tomava de um livro ou do rosário. Escrevia cartas com muitas recomendações e conselhos. Disse uma vez: “Cá estou a pregar e certamente aí com tanto calor nem me ouvem. Continuem a rezar por nós.”

Em Paris devia obter antes de tudo licença do Prelado e soube que nesse mesmo ano o Cardeal Dubois a recusara a outras Comunidades Religiosas, que lá desejaram abrir casa. Dava como razão não querer provocar um govêrno já hostil. O Padre Jousse estava em Paris, pronto a auxiliá-la. Por meio dêle, avistou-se Madre Butler com o Padre Piolet, um dos eclesiásticos a quem “Marymount” havia enviado dinheiro durante a guerra. Era um santo e sábio sacerdote que vestia pobrementemente e parecia quase um pedinte, porém contava o Padre Jousse a sua ascendência: gente rica e influente o procurava no seu pequeno escritório para lhe receber os conselhos.

O Padre Jousse por sua vez não parecia o mesmo. O brilhante capitão de uniforme azul e oiro vestia agora uma batina preta com chapéu eclesiástico. A única cousa que conservava dos tempos da América era a conhecida pasta dos dias de “Marymount”, que continuava a trazer sempre debaixo do braço.

Foram apresentadas a um banqueiro católico, o Snr. Rueffer que as dirigiu ao Monsenhor Gosselin. Após ouvir-lhes os planos, prometeu levá-las ao Cardeal e apoiar-lhes o pedido.

Durante êsse tempo hospedaram-se num mosteiro de Beneditinas, à Rua Monsieur, sendo lá muito bem tratadas. — “É esplêndido”, referia em carta para a América “estar-se num verdadeiro convento e em tão mística atmosfera . . .”

Enquanto esperavam pelo resultado do seu pedido ao Cardeal Dubois, a Superiora Geral, Madre Ste. Constance, chegou a Paris para conferenciar com Madre Butler. Corriam boatos que já tinham chegado aos ouvidos da Madre Geral, com respeito à casa de “Marymount”, e até que o Arcebispo Hayes aconselhava uma divisão do Instituto. Madre Ste. Constance que já hesitava em dar crédito a tais rumores, de todo os afastou do pensamento, logo pôde falar com Madre Butler, que humildemente lhe solicitou os conselhos com relação à instalação

de Paris, combinando com ela a visita a algumas propriedades. Quando chegou a desejada carta do Cardeal, tinha a Madre Geral tanto empenho em saber a resposta como as suas duas filhas. Madre Butler abriu-a receosa, mas logo o rosto se lhe iluminou — “Temos a auctorização” disse. “*Deo gratias!*” respondeu Madre Ste. Constance, e regressou a Béziers, contente, por ver como tudo prosperava nas mãos de Madre M. Joseph. Começaram a procurar casa, mas a Superiora Geral importava-se pouco com o edificio, o que desejava saber era se possuía jardim. — “Il faut un jardin, mes enfants”, repetia e era inútil dizer-lhe que jardins em Paris estavam a mil francos o metro quadrado!

Madre Butler e Madre Gerard passaram o mês de Julho a percorrer propriedades, na cidade e nas imediações.

Finalmente, exaustas de calor e não tendo encontrado coisa que não custasse para cima de 3 milhões de francos, decidiram, seria melhor comprar terreno e construir. Encontraram um lugar esplêndido em frente ao “Bois de Bologne”, a cinco minutos dos “Champs Elysés”. Não ficava muito próximo da Sorbonne, mas tudo era tão adequado que fecharam logo o contrato. Infelizmente a alegria foi de curta duração; descobriu-se que a propriedade não podia ser vendida a um estrangeiro! O arquiteto que devia levantar a planta, dirigiu-se ao Prefeito, ao governador e ao conservador, mas não lhes foi permitido comprar nem construir para fim algum. E lá voltaram, esgotadas, a procurar outro lugar: Madre Butler tinha agora mais de sessenta anos e o calor aumentava-lhe a nevrite de que sofria, por conseguinte ordenou o médico completo repouso e teve de ir com Madre Gerard passar três agradáveis semanas em Aix-les-Bains, a tratar do seu reumatismo. Antes de deixarem Paris, conseguiram encontrar outro local, junto dos jardins de uma grande casa que um membro da família Rothschild mandara construir.

Teriam como panorama êsses belos jardins que começavam a ser desenhados. Era muito caro, porque pertencente a bairro aristocrático. — dizia Madre Butler a Madre Baptiste quando lhe escreveu — e bem sabia que o preço pago na ocasião seria apenas uma vigésima parte da soma total. Estava igualmente convencida de que mal dispunha de dinheiro para levantar uma casa para cinquenta pessoas, mas com o bom câmbio — estava o dolar a 50 francos — e o lugar

esplêndido, "parece-me um bom negócio e haverá, mesmo compensação material, dentro de pouco tempo", concluía.

Foram em seguida a Béziers, para obter a aprovação da Superiora Geral, encontrando a Comunidade de lá desolada, pois o granizo tinha destruído metade das uvas, que eram a sua fonte de receita . . .

Passaram por Lourdes onde oraram por tôdas e acenderam uma vela diante da gruta pelas intenções do momento.

Ao regressarem a Paris, caíra uma faisca no carro em que viajavam, causando muitos estragos e ferindo várias pessoas, entre elas um bebézinho que morreu antes de chegar a Paris. Sabendo Madre Butler que a criancinha não estava ainda batizada, pediu água e administrou-lhe o batismo.

Chegando a Paris, foram informadas de que o terreno comprado não era bom para construir e tiveram de avisar o advogado que o pusesse de novo à venda. Madre Butler sentia-se agora desanimada. Lá se perdia todo o trabalho do verão e o dinheiro que com tanto custo conseguira juntar e, como nada havia a fazer, voltou com Madre Gerard para a América, em fins de Agosto de 1921. Apenas em casa, recebia uma carta do advogado, comunicando a venda da propriedade com tanta vantagem que ela ainda ganhava cento e oitenta mil francos. — "Bem digo eu", comentava, "o que julgamos às vêzes ser cruz são bênçãos!" e, olhando para a conta do advogado francês: "Ele é que não trabalha de graça! Esses favores só se encontram na América". E recordava a generosidade da firma "Rogan e Rogan" que lhes tratava dos negócios.

Por então pôs de parte o projeto de Paris, passando a ocupar-se totalmente da construção da ala Norte e da capela Butler, que iam adiantadas.

Nesse inverno de 1921-22, um terceiro projeto se juntou aos dois que já conhecemos. O Bispo de Los Angeles e Monterey há muito andava a pedir uma sucursal de "Marymount" para a sua diocese da Califórnia.

Mostrava-se desolado, porque tantas famílias mandavam as filhas para estabelecimentos completamente seculares e escrevia: "Se não tomamos providências, em breve teremos uma geração educada fora de qualquer orientação católica." Sei que a vossa Congregação vai crescendo e estendendo-se e espero que também crescereis em

sabedoria, idade e graça e — no desejo de me auxiliar... Lembrai-vos ainda de que sois na maior parte irlandesas e, em séculos passados, um escravo fugitivo ouviu, um dia, vozes de criancinhas a chamá-lo para as auxiliar. Não sentireis coragem de vir para Los Angeles fazer pela juventude o que S. Patrício fez pelos filhos da Irlanda?" Dizia-lhe depois, que havia lá várias escolas e colégios bons, entretanto nenhum capaz de persuadir os católicos ricos e internarem as suas filhas. — "Se vierdes, estou certo de que Deus abençoará êsse sacrifício com grande cópia de graças. Considerai esta carta com paciência, mas não me falteis, senão..." Esta frase comoveu Madre Butler, não estava na sua índole recusar um pedido de auxílio e êste comovia-a. De mais a mais, uma fundação para o Oeste era uma idéia agradável... Contudo ponderou: "E o projeto da casa de Paris? Poderia aguentar as duas coisas?" Como costumava fazer, consultou a Deus Nosso Senhor. Orou, passou muito tempo a passear na varanda entregue à sua meditação, pois, ainda que por vêzes desse a impressão de que se decidia depressa demais em negócios importantes, os que melhor a conheciam, sabiam que isto não era verdade. Quando tomava uma resolução não mudava, mas as suas melhores obras foram geradas na oração e, se conseguiu levá-las a cabo com facilidade, é porque a força lhe vinha da Fôrça divina do seu Celeste Espaço.

Escreveu então ao Senhor Bispo, comunicando-lhe o que decidira: gostaria de abrir uma casa na sua diocese, mas, em razão das enormes despesas feitas em Tarrytown e Paris, preferia começar por um externato. Mais tarde, se obtivessem resultados, poderiam abrir internato. Sua Excelência respondeu-lhe imediatamente que estava radiante por ter tão distinta Comunidade em Los Angeles, convidando-a a ir com uma companheira ver o local e combinar as coisas, sendo sua hóspede e pagando êle as despesas. Sabendo que a Madre Ste. Constance aprovava a idéia, escreveu de novo, a agradecer o ter-lhe feito chegar o clamor dos filhos da Califórnia.

Madre Butler informou Monsenhor Hayes e pediu-lhe a benção para a viagem, partindo então com Madre Gerard, rumo ao Oeste. À última hora apareceu terceira companheira: sua cunhada, viúva de seu irmão Tomás, decidiu-se a ir também. Como tinha um feitio muito vivo e engraçado, era uma agradável companheira.

Quanta vez já auxiliara a cunhada e, desde que perdera o marido no princípio da guerra, entregara-se tôda a obras de caridade para esquecer a sua dor profunda.

A única coisa que toldava o prazer dessa viagem era saberem que o seu velho amigo, o Padre Shealy, estava a morrer. Durante todo o trajeto, no trem, Madre Butler orava por êle e, quando recitava o rosário, incluía as suas alunas de "Marymount", junto do seu Instituto, nos quinze mistérios diários — cinco em Latim, cinco em francês e cinco em inglês.

As manhãs e as tardes no deserto encantavam-nas. Quando soube que Needles, em Arizona, era considerado o lugar mais próximo do inferno, não concordou. — "Acho que tem beleza e calor, mas não é tão quente como no sul da França, em alguns dias que lá passei."

Realmente parecia não sentir o calor. Apeou-se na estação de Needles e passeou no cais, falando com os índios que lhe vinham vender bugingangas que ela comprou para dar depois em "Marymount". Porém uma manhã acordou, dizendo que tinha tido um pesadelo: Roe, o cão de guarda, mordera alguém, produzindo desassossêgo na comunidade.

Em Los Angeles esperavam-nas duas religiosas do Colégio do Imaculado Coração e levaram-nas para a sua casa. O carro era guiado por uma das estudantes, — "Exatamente como em "Marymount" — dizia Madre Butler, muito satisfeita. Em primeiro lugar pediram para visitar uma igreja e foram receber a Sagrada Comunhão à Paroquia dos Franciscanos. Madre Butler invocou o auxílio do Espírito Santo para a sua nova missão.

Depois de terminadas as suas devoções, mostraram-lhes as riquezas da igreja — casulas e capas trazidas, há séculos, da Espanha, curiosos quadros e fazendas tecidas e coloridas com as côres vegetais fabricadas pelos índios; relíquias dos Santos e até um breviário que outrora pertencera ao Padre Junipero Serra.

Terminada a visita, seguiram para o Convento e pouco depois chegava S. Excia. o Bispo Cantwell. Já Madre Butler tinha recebido tôdas as informações sôbre o zeloso Antistite. Sagrado só em 1917, conseguira em três anos construir quarenta e cinco igrejas em Los Angeles e continuava a planear e construir outras em tôda a sua diocese. Madre Butler e Madre Gerard simpatizaram muito com S. Excia.; viram que

era um bom amigo, alma generosa, a um tempo dotado de grande força de caráter e de uma profunda humildade.

À tarde, foram pagar-lhe a visita ao Palácio, situado nas praias de Santa Mônica e maravilharam-se diante do Oceano Pacífico. Em viveiros havia um bando de passarinhos a chilrear e o Bispo falava e conversava serenamente ao som do canto deles, como quem se lhe acostumara de há muito.

S. Excia. concordou com o plano de Madre Butler: iniciar com um externato. No dia seguinte começaram as duas a procurar casa para o colégio.

Los Angeles era fascinante, Madre Butler, porém, com os seus olhos práticos, viu além da beleza, o clima, os grandes cidreirais e as vastas reservas de petróleo que prometiam grande expansão futura. Quanto às flores exóticas e tão belamente extravagantes, não se cansava de as admirar. Que diferença de "Marymount" onde levava tanto tempo para conseguir que uma macieira ou cerejeira desse fruto!

Aqui as árvores cresciam e frutificavam em poucos anos... E, cidade prodigiosa, onde não havia o problema do carvão!...

Enquanto procuravam casa, foram apreciando a encantadora "urbs". Na Missão de Riverside encontraram coisas muito interessantes; entre elas trabalhos de cera, representando o Santo Padre e a côrte papal. Foram a S. Diogo onde Madre Butler se sentiu em família: lembrou-lhe Portugal. Viram a primeira missão do Padre Serra e as capelas de S. Luiz, Rei, e de S. João Capistrano. Uma só coisa a entristeceu: a cidade estava a sofrer uma greve provocada por comunistas. — "Essa ameaça subterrânea, o Comunismo, que está a roer o coração da Europa, também procura semear a discórdia aqui", escrevia para "Marymount". "Oh! se os homens se entendessem e amassem! E' esta falta de amor e a injustiça das classes altas que são responsáveis pela revolta das massas. Um dever nosso é orar muito e ensinar o mundo a amar, como no tempo dos primeiros cristãos."

Havia em Los Angeles os mais extravagantes cultos: uma colônia Teosofista, sob a direção de uma mulher chamada The Purple Mother (a Mãe Purpúrea) e uma florescente academia Yoga. — Estranho isto, numa cidade onde Junipero Serra fundara a primeira Missão Católica do Oeste e mais estranho ainda que fôssem tão pou-

cos os católicos na cidade. Diziam as Irmãs da Misericórdia que era raro aparecer-lhes um doente católico no hospital.

Não encontraram o lugar que procuravam, mas o Senhor Bispo prometeu completar-lhes a busca, certo de que encontraria dentro em pouco coisa que as satisfizesse. “E havemos de conservar o colégio dentro da maior simplicidade possível, porque às vêzes somos exigentes demais, mas infelizmente vivemos numa terra que é a feira da Vaidade.” (alusão ao livro de Tacheray).

Tiveram de regressar por S. Francisco, por haver greve nas estradas de ferro. Levaram carta de recomendação do Bispo Cantwell para os Revdos. Padres Franciscanos, afim de ouvirem missa na Missão de Santa Bárbara, e Monsenhor Cantwell, irmão do Senhor Bispo, iria esperá-las. A primeira impressão, à chegada a S. Francisco, ao ver a “Porta Dourada” cintilando ao sol, foi a de assombro e Madre Butler exclamou: “Louvado seja Deus!” Dentro da cidade, gostou mais da Missão Dolores onde lhe mostraram os trabalhos dos índios convertidos nos séculos passados. Como eram diferentes os tempos! Nesse mesmo lugar viveram contentes êsses índios ensinados pelos Missionários, semeando e colhendo frutos e ouvindo as palavras de vida, ao som mavioso dos sinos das Missões. Hoje, um povo inquieto e paganizado contemplava os velhos templos, como se fôsem museus.

Em Setembro de 1922, o Bispo Cantwell visitou “Marymount”, ansioso por saber quando poderiam abrir a nova fundação. — “Be:n sei que vai constituir uma das grandes consolações e alegrias da minha carreira episcopal. Os princípios serão aborrecidos talvez, como sempre acontece, mas olharemos para a glória futura, pois eu sei que os alicerces são sólidos.” Deu-lhes nessa ocasião de presente um paramento para a capela e pediu que a primeira Missa a que servisse fôsse por êle e suas intenções.

Já tinha encontrado uma propriedade que certamente lhe agradaria; ficou, portanto, combinado que Madre Butler e Madre Gerard iriam ver a nova casa que estava ocupada por Catarina Butler, que para isso gentilmente se oferecera.

Partiram de “Marymount” na Terça-feira da Semana Santa, contando estar na Califórnia no Sábado Santo. Desta vez a viagem foi

muito incômoda. Por motivos de economia tinham preparado um bom fornecimento de “sandwiches” que parecia nunca ter fim.

Felizmente Madre Butler recebeu numa das estações uma cesta de fruta, que de Nova York lhe mandavam pessoas amigas. Já a Mãe havia apreçado laranjas nas estações, mas recusara-se a dar por elas o alto preço que lhe pediam.

Escreveu para “Marymount” em vésperas da chegada, a dizer: “Imagino-me ver cada uma no cumprimento dos seus variados deveres. Nada há de novo por enquanto, a não ser que vamos começar o nosso terceiro dia de “sandwiches”... Estão bons e bem feitos”. Contudo um post-scriptum poderia se ter acrescentado à carta por Madre Gerard — “que ficara com tal e tão profunda antipatia a “sandwiches” que certamente lhe havia de durar a vida inteira...”

Foram recebidas pelo Prelado com a notícia de que podiam ir ver a casa e propriedade e, depois de terem percorrido tudo, Madre Butler felicitou S. E'xcia. pela escolha.

A variedade de árvores e arbustos nos vastos jardins encantava-a. “Com o auxílio do jardineiro já contei cincoenta e nove diferentes”, dizia muito satisfeita. A casa estava em ótimas condições.

Tinham-na conservado tal qual se achava, quando morrera a jovem esposa do Snr. Brockman, o proprietário. Tôda a mobília em muito bom estado e o dono, que a não quisera vender até então em razão do amor que tinha à casa que pertencera à sua mulher, resolveu-se afinal, prometendo deixar a mobília de quarto, de mogno, a da biblioteca e da sala de jantar, os tapetes, as cortinas e até as lâmpadas elétricas. !

Assim, com grande satisfação de Madre Butler, só se impunha a compra do material escolar e, quando partiu, poucos dias antes de as Religiosas tomarem posse formal da casa, o Prelado prometeu arranjar pessoa de confiança que vigiasse por ela e pelos jardins.

— “Agora a casa é sua, e quero dizer-lhe que realizou esplêndido negócio.”

— “Compreendo isso perfeitamente,” disse ela; “alguns dos nossos amigos de Nova York que não simpatizam muito com êste projeto, mudarão de opinião, quando virem as fotografias que levo comigo e souberem o que paguei por ela.”

Em fins de Maio de 1923, quatro religiosas já tinham sido escolhidas para partir: Madre Cecilia como superiora, as Madres Mônica e Benedict e a Irmã Bernadette. Outras seguiram em Setembro. A viúva Tomás Butler as precederia para abrir a casa.

Madre Butler devia partir para França em princípios de Junho e bem lhe custava estar tão longe, na ocasião em que — “as quatro grandes” — como ela lhes chamava, se preparavam para deixar “Marymount”. Esperou até depois da festa do encerramento das aulas, marcada nesse ano para 30 de Maio, dia escolhido também para a consagração da Capela Butler e da ala Norte da casa.

A capela, já pronta, ostentava majestosa beleza na sua forma de basílica, com estalas e bancos de talha trabalhada à mão, pavimento de mármore cinzento a casar lindamente com as ornamentações de grinaldas de rosas lembrando a frescura da juventude. Fazendo fundo ao altar-mor, três vitrais belíssimos, das côres mais ricas. O do centro representava uma aluna de “Marymount”, oferecendo o coração a Nossa Senhora. Nos do lado, de vidro antigo de Munique, viam-se a SS. Virgem a receber a Sagrada Comunhão das mãos de S. João e a vitória do Arcanjo S. Miguel contra Satanás. O primeiro, em memória da Fundadora do Instituto, Madre S. João.

Dos lados da nave, dois outros vitrais mostravam o Fundador e a Fundadora da Congregação do “Sacré-Coeur de Marie”. Uma placa na parede dava o motivo por que fôra erguida a capela: — “Em saudosa memória de Pierce H. Butler, morto na grande guerra, em Novembro de 1918”. Dois dentre os três altares que existem na capela, foram oferecidos por suas irmãs, como preito de saudade.

Durante o primeiro dia, a bordo do transatlântico que a levava a França, Madre Butler não cessava de pensar no grupo das pioneiras do Oeste e à tarde escrevia-lhes: “Não há grande prazer em viajar, quando isso é contra o nosso desejo, contudo há a consolação de se saber que é vontade de Deus e que temos de nos sacrificar para ganhar o Céu. Gozem dessas lindas e frondosas árvores, das rosas encarnadas e belos pintarroxos”. E alguns dias mais tarde dava-lhes a notícia de que tinha a primeira aluna para “Marymount” no Oeste: a neta da Sra. Dexter que viajava com elas, contando Madre Gerard que essa mesma senhora se tinha aproximado da cadeira de Madre Butler, dizendo-lhe tê-la observado enquanto passeava no convés e

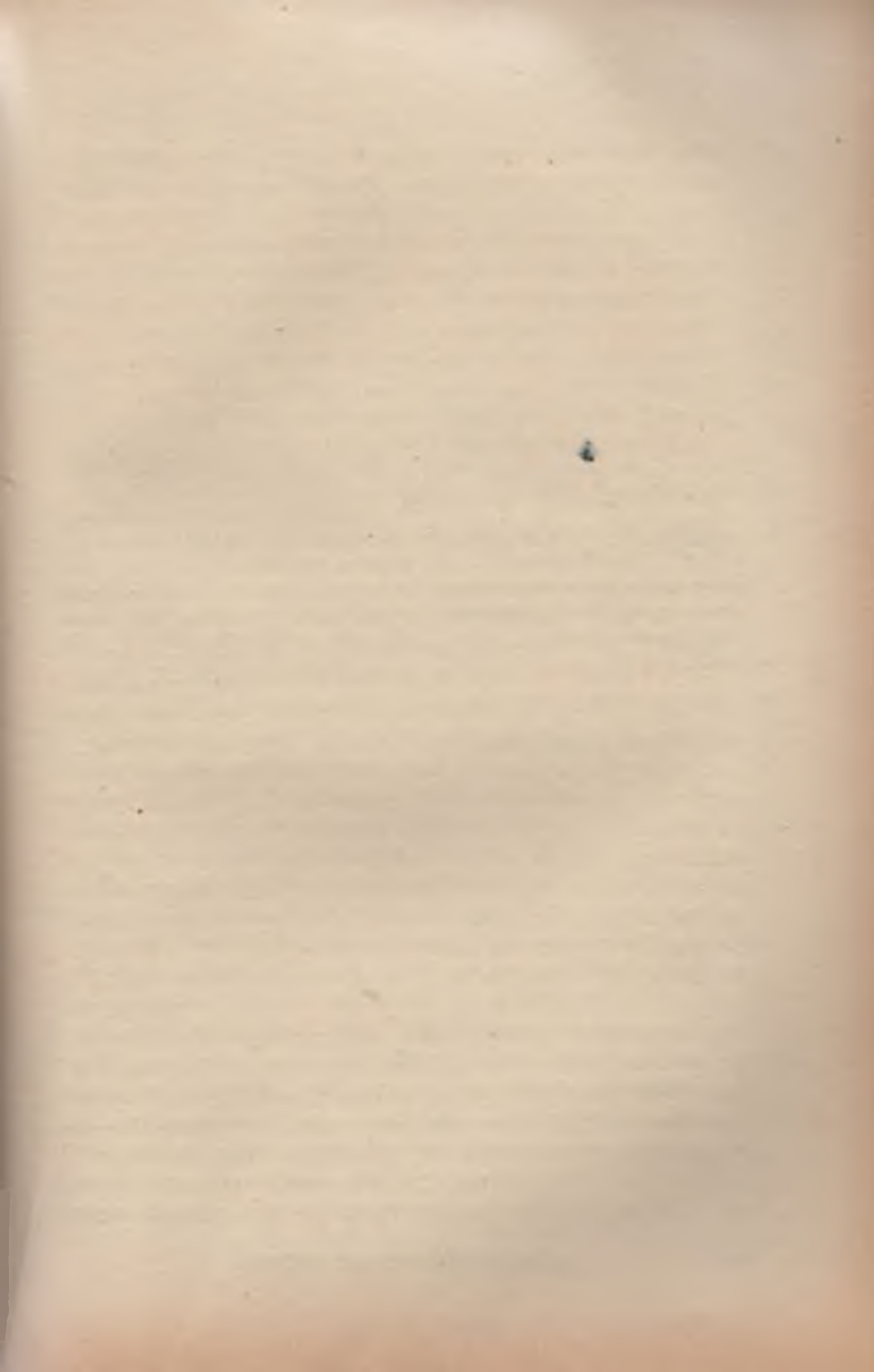
muito desejaria vê-la na sala de estar do vapor, ensinando às jovens a manterem um porte digno e distinto.

Contava também várias coisas engraçadas e descrevia por exemplo uma senhora moderna — fascinante — que no convés segurava sempre o seu bebê num dos braços e o cigarro na outra mão; referia-se a um oficial de bordo, que perguntou a um padre Jesuíta se êle não achava que a *Revd. Madre Abadessa* gostaria de presidir o Offício Divino . . .

Pouco depois de chegar a Paris, recebeu Madre Butler notícias do grupo de Los Angeles. Estavam instaladas; tinham limpado e arranjado a casa e agora ocupavam-se em confeccionar paramentos. Todos se mostravam cheios de bondade para com elas. A viuva Butler era um valioso auxílio para a fundação e os dias voavam, pois estavam sempre ocupados. E estudavam piano e harpa, exercitavam-se no francês e até iam escrever nessa língua para se desenvolverem. Contudo percebia-se que ainda tinham saudades, como o indica esta frase: "Todos aqui nos dizem que havemos de gostar tanto de cá que nem desejaremos mais ir para Nova York outra vez. A tanto ainda não chegamos . . ."

Sua Excelência o Senhor Bispo Cantwell era incansável e falava das suas novas Religiosas por tôda a parte. O Capelão, muito prestativo, mas, escrevia Madre Mônica, supunha não ter êle a menor idéia de quantas janelas haveria na capela, nunca levantava os olhos e a Sra. Butler acrescentava que tinha a certeza de que êle julgava uma das irmãs, visto recomendar-lhe tôdas as semanas, na confissão, pedisse a *santa perseverança* . . .

As alunas começavam a aparecer e a pequena Comunidade fazia violência ao Géu com as suas orações.



CAPÍTULO XI

NOVAS FUNDAÇÕES: MARIEMONT EM PARIS E A CASA DE QUINTA AVENIDA

Quando Madre Butler e Madre Gerard chegaram a Paris, no dia 10 de Junho de 1923, dirigiram-se, antes de iniciarem seus trabalhos, à Basílica do S. Coração de Jesus, afim de orar pelo êxito de sua empresa. No dia seguinte conferenciaram com o advogado e começaram a procurar a casa desejada.

Deram volta à cidade, examinando diferentes residências: uma só lhes apresentou certas vantagens. Terminaram as pesquisas do dia com uma visita a Nossa Senhora das Vitórias. Descansando no dia seguinte, passaram o tempo organizando uma lista de casas e, ao terceiro, visitaram quinze regressando cansadíssima: — “Não posso mais com esta correria”, disse Madre Butler. “Amanhã vamos entregar tudo nas mãos de Sto. Antônio. Ele que nos auxilie.”

Percorreram Paris em tôdas as direções e Madre Butler escrevia a Madre Baptiste: “A cidade é um aglomerado de grandeza, mundanismo, santidade, pobreza, riqueza, sofisma e simplicidade.” Mas não encontravam o que andavam buscando, apesar de os Padres Jousse e Piolet as estarem ajudando. Mesmo Santo Antônio não mostrava ser mais bem sucedido...

De repente surge um palacete espaçoso, cercado de arvoredo, em Neuilly, bairro de vivendas ricas. Tinha cinco salões, vinte e dois quartos, duas salas de jantar e duas copas, boa cozinha e esplêndido jardim. — “É’ uma casa linda e higiênica, situada perto do Hospital Americano, o que supõe garantir a saúde e a boa vizinhança”, escrevia Madre Butler.

Quando iam assinar o contrato, sobrevém um imprevisto. O Código, conhecido por “Lois d’Education de France”, preceituava que

nenhuma Congregação Religiosa podia adquirir propriedade, dirigir ou administrar colégio. Portanto foi necessário arranjar um comprador secular e uma diretora para o colégio, devendo as professoras ser seculares também. A viúva Katerina Butler viera a Paris ver se necessitavam de seu auxílio sob qualquer forma; ficou como Diretora e administradora e Melle. Thebault, antiga professora de "Marymount", como Diretora dos Estudos. O comprador e dono legal era James Butler que dizia rindo: "Cá estou novamente a arranjar créditos de coisas que não faço."

Em vista da hostilidade do govêrno, lembrava o advogado que esperassem um ano, para mandar religiosas para o colégio e concordou Madre Butler de início; porém mudou de idéia e escolheu duas religiosas de "Marymount" que se juntaram à chegada a quatro irmãs européias.

Foram dias de muito trabalho para Madre Butler, que procurava capelão e corpo docente francês. O Revmo. Padre Jousse foi de grande auxílio durante êsse tempo. Lembrou que mandassem vir boas fotografias do Arcebispo Hayes, do Bispo Cantwell e do Sr. James Butler com a sua condecoração de S. Gregório, para ilustrar o prospecto do "Colégio Franco-Americano de Marymount."

Enquanto preparavam o contrato e a casa, as religiosas fizeram uma breve peregrinação a Lourdes. Ali Madre Butler sentia aumentar-lhe sempre a esperança. Enquanto lá estavam, chegou uma peregrinação de Liverpool: umas mil e oitocentas pessoas! e, no dia seguinte, veio numeroso grupo de Amiens. Com as lágrimas nos olhos, Madre Butler contemplava a gigantesca procissão das velas e ouvia os hinos de fé que pareciam atravessar os céus e chamar as benções de Deus. Escrevia: "O meu coração de velha sente vergonha da pouca fé que tem."

Dalí as Superiores foram a Béziers e de volta a Paris encontrou a zelosa Superiora tudo pronto, podendo escrever para a América que tencionava partir no próximo paquete — "e nenhuma fôrça humana a afastaria de "Marymount", durante os dez anos seguintes."

Apesar dêsse protesto, partia para França em Outubro do mesmo ano de 1923. Havia surgido complicações legais e o advogado chamava-a imediatamente. Como vemos, nesse outono atravessou a Madre Butler o oceano três vêzes.

Um desgosto assinalou o curto repouso entre as duas viagens. O Revmo. Pe. Donlon, Jesuita, dava o retiro de Agosto nesse ano em "Marymount". No fim de uma das conferências, passou pelo escritório de Madre Butler e pediu a enfermeira. — "Não me sinto bem; talvez ela me dê qualquer coisa que me levante." Estava tão pálido que ela decidiu logo chamar o médico que explicou não se tratar de nada de estômago, mas de um ataque do coração e acrescentou: "Esses sacerdotes são todos iguais, nunca se rendem."

Fizeram-no deitar. — "Não se aflijam comigo," disse êle; "aviso, se precisar de alguma coisa."

Antes da meia noite, o enfermeiro avisou Madre Butler: "O Pe. Donlon está muito mal." Ela correu junto dêle e ficou alarmada com a mudança que lhe notou. Falaram um pouco sobretudo da morte, e êle falava dela como quem ia tomar o comboio para Nova York. De madrugada adormecia no Senhor. A sua última Missa fôra na segunda-feira e na terça, de manhãzinha, já estava no Céu.

Essa última Missa havia sido celebrada por alma do Pe. Drum, seu confrade; quem poderia imaginar que a do dia seguinte seria por êle?

— "Marymount tem recordações suaves e tristes dos gloriosos filhos de Santo Inácio", escrevia a Madre Geral.

Êsse Sacerdote era um dos maiores e mais antigos amigos de "Marymount". Conheciam-no lá desde 1913 e aplicavam-lhe agora as palavras que o Revmo. Padre Drum dissera num retiro dado às Religiosas: "A morte deve ser o último ato de amor e não de temor, e devíamos sentir-nos alegres nessa ocasião, como uma colegial que fôsse para as férias."

Em Paris, nesse outono, Madre Butler encontrou a Madre S. João que vinha abrir a casa e Madre Aloysius que chegava de Béziers para assistir, com várias outras.

Contaram então as peripécias seguintes: Não estava ninguém na estação ao desembarcarem, porisso tomaram um taxi e encontraram a casa fechada e sem sinais de vida. Tocaram a campainha e apareceu um homem que as mandou ao portão adiante, por onde entraram. Uma mulher veio a correr, comunicando: "Ma Mère, ma pauvre Mère" e, com muitos gestos e lamentações, explicou que dentro

só havia papéis velhos e nada de comer. Era a encarregada da residência.

Quatro cadeirinhas pequenas, duas chavenas e dois pratos, um bule e dois talheres de prata: eis só o que acharam. Nem uma vela, nem eletricidade...

Com uma lata vazia e um garfo improvisaram a refeição. A Madre Aloysius que sabia um pouco de cozinha arranjou um guizado; as outras fritaram batatas, cozinharam umas maçãs e jantaram, sentindo-se no fim com mais coragem.

Como a Madre Aloysius tinha trazido camas, cadeiras, mesas e mais alguns pratos, quando Madre Butler chegou, estavam as coisas preparadas para a inauguração da casa, que não podia revestir-se de muita pompa. Via-se a capela tôda de verde e doirado, com cortinas de seda verde como as de "Marymount", umas cadeiras-genuflexório, de palhinha, muito curiosas e várias estátuas bonitas de côr creme — o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora, S. José com o Menino Jesus e Sta. Ana, porque tinha a casa sido comprada no dia de sua festa.

Leram-se as cartas com as bençãos do Arcebispo Hayes, o Bispo Cantwell e o Cardeal Dubois, Arcebispo de Paris.

A' tarde, houve Benção do Santíssimo e a pequenina capela estava repleta de pessoas amigas que vieram cumprimentar as Religiosas e desejar-lhes as maiores venturas.

Mais uma vez, Madre Butler dispos-se a regressar a sua casa. Estavam removidas as dificuldades e o colégio prometia já de início prosperar... Antes de partir, entretanto, quis falar ao advogado, a respeito da vivenda contígua a "Mariemont", pertencente ao mesmo proprietário e que, em vista de desenvolvimentos futuros, desejava fôsse incluída numa das cláusulas do contrato, afim de ser dada preferência ao colégio, no caso de um dia a venderem.

Nesse inverno recebia ótimas notícias da nova fundação; se o número de alunas ainda não era considerável, contudo muitos pais mesmo franceses falavam em lá colocar as filhas; e Madre Butler nunca duvidou dos resultados de uma instalação, que supusera dentro dos planos da Divina Providência, desde que lhe concebera a idéia.

Em Outubro de 1925, "Marymount" celebrava com Missa solene a festa de Sta. Teresa de Lisieux, canonizada êsse ano. Agora já

a América Católica conhecia a jovem religiosa e a sua vida traduzida em inglês. Porém, mais de vinte anos atrás, tinha Madre Butler lido à sua Comunidade, numa pequena brochura francesa, a história maravilhosamente simples da jovem religiosa, que agora ascendia aos altares. Durante êsses anos, sempre venerara a Teresinha e via agora com satisfação as honras que lhe eram prestadas. Na capela do Colégio, erguia-se a sua estátua, emergindo de entre flores; estas, no entanto, só serviam de fundo: a realidade era a Santa.

Madre Butler esperava agora poder ficar sossegada na sua casa de "Marymount". Levava a vida de Marta, quando a de Maria era a que desejava. No seu otimismo ia repetindo de si para si que ainda não julgava tarde para procurar juntar bem e unir com a vida de Marta a de Maria. Porém já pensava na consolação de incluir numa das suas viagens a sua querida Irlanda, que, dizia, "gostaria de rever, banhada de sol, paz e esperança."

Em 1926, a Congregação do "Sacré-Cœur de Marie", na América, podia contemplar com santa ufania os seus estabelecimentos de ensino. No Oeste e a Leste dos Estados Unidos, já se viam os seus colégios, escolas e ainda as fundações de Tarrytown. Certamente era suficiente para acalmar o zelo de qualquer Superiora cheia de desejos de trabalhar pelo Divino Mestre. Madre Butler, contudo, tinha a profunda ambição de tôdas as grandes almas religiosas: estender sempre mais a Fé e em particular implantá-la nas almas dos pequeninos.

A sua grande experiência tinha-lhe ensinado: para educar a infância e dar-lhe formação que resistisse às dificuldades da vida, impunha-se ministrá-la a pequenos grupos, de forma a conseguir contacto íntimo e pessoal entre professor e alunos. E que o desenvolvimento do espírito pelas ciências não suplantasse a formação do coração e da vontade! O único método capaz de resultar eficiente seria de juntar as três formações, dando a cada uma um desenvolvimento relativo à sua importância. Com êsse intuito, tomou tôdas as precauções para conservar em "Marymount" a unidade de princípios e de fins educativos. Ideal que propunha a todos os seus estabelecimentos, planeou estendê-lo ainda a uma nova escola.

Os pais de algumas das suas alunas de "Marymount", que conheciam e apreciavam o seu método de educação, instavam com ela mui-

ta vez, para que abrisse um externato na cidade de Nova York para crianças pequeninas, longe ainda da idade de admissão em Tarrytown. Ora, a insistência condizia com os seus desejos: descer até às criancinhas de Deus, — ricas ou pobres — para lhes transmitir desde os tenros anos princípios profundamente cristãos, lembrando-se da súplica do Arcebispo Cantwell, quando lhe solicitou a fundação de Los Angeles: “para as *po*bres *criancinhas ricas*”...

A idéia tomara forma no seu espírito, pelo desejo dos Butler de que os netinhos de James Butler começassem, de pequeninos, receber a devida instrução religiosa. Esse grande cristão recomendava, recebessem todos os seus descendentes educação profundamente católica para a vida familiar e social, visto ser o melhor meio de conservar e, mais tarde, transmitir a Fé.

Depois de considerar as cousas e consultar a Deus na oração, Madre Butler e sua prima Beatriz, agora Sra. Philip Mac Guire começaram a procurar casa pela cidade. A prima com todo o interesse por causa dos filhinhos. Com muito mais facilidade do que em Paris, descobriram o que desejavam: o conhecido edifício dos Burden, na esquina da 5.^a Avenida com a Rua 84. Madre Butler viu tudo e voltou para “Marymount”, convencida de que o deviam comprar, e agora pedia à Comunidade as mais fervorosas orações, para que o custo não fôsse superior às suas posses.

James Butler ofereceu-se para emprestar o preciso e auxiliar a compra e logo se concluiu o negócio. A casa era de estilo francês “Renaissance”, com vasta frente para a 5.^a Avenida, e comportava seis andares. A frente dava também para o Parque Central e Museu de Arte. Pouco era preciso alterar no interior, porque continha vastas salas, capazes de acomodar muitos alunos. Assinou-se o contrato no último dia de 1925. Quando os convidados vieram assistir à abertura da escola no dia da Purificação de Nossa Senhora, mal pensavam no imenso trabalho realizado para pôr tudo em ordem, em tão curto espaço de tempo.

As religiosas tinham ficado desconcertadas quando, logo depois do dia de Ano Novo, se juntaram para examinar o trabalho que havia a fazer na nova casa. Tudo estava por limpar, do teto ao chão em cada sala e do telhado ao andar subterrâneo. Madre Butler animou-as: tudo se havia de arranjar e... “com trabalho voluntário.”

Destacou-se, pois, um grupo disposto de "Marymount", *alistaram-se* ainda as noviças mais fortes e juntas mourejaram de manhã até à noite, com a energia e o entusiasmo de braços robustos e juvenis. Quando Madre Butler as via cansadas e quase a perder coragem, dizia com modos vivos: "Agora, para repousar, pendurar quadros."

Mas ficou bonita a residência; o largo vestíbulo e a escadaria, a biblioteca forrada de papel-seda, com as paredes almofadadas de mogno, e a delicada tapeçaria da capela, tudo exatamente como Madre Butler planeara para a nova casa.

As salas do 3.º e 4.º andares eram mais do que suficientes para as aulas; o 5.º andar, as águas-furtadas e o andar subterrâneo, primitivamente compartimentos destinados aos criados, reservaram-se para as religiosas e, se possível, mais despídos ainda do que quando os habitavam êsse serviçais. Madre Butler queria por parte de suas filhas estrita observância do espírito de pobreza.

É o Revmo. Padre O'Rourke, da Igreja de Sto. Inácio, contou a Madre Butler uma história curiosa, sôbre a nova residência.

Em 1911, fôra chamado à pressa para uma pessoa que estava a morrer naquele mesmo edifício. Transportado pelo elevador ao último andar, teve a impressão de uma morada sem moradores. Toda-via encontrou nas águas-furtadas uma família inteira. Essa gente ficara encarregada da casa, enquanto os donos tinham ido veranear, e era uma das suas filhas que se achava muito doente. De fato a criança agonizava e os pais e irmãos cercavam-lhe a cama, rezando com velas acesas. O que mais impressionou o Sacerdote foi o fato de os pais não pedirem a cura da menina; pelo contrário ofereciam a sua alma a Deus. Administrada a Êxtrema-Unção, ficou ainda o Pe. O'Rourke a rezar até que a pequenita expirou.

A mãe da criança acompanhou-o à porta, agradeceu-lhe os serviços, acrescentando que a pequena havia dito algo de muito extraordinário, antes de sua chegada.

"Um dia virão viver religiosas aqui e ocupar esta casa!" Foram quase as suas últimas palavras. É estranho contá-lo, mas pensei que V. Revcia. gostaria de o saber, pois quem sabe não se realizará?" — "Realmente é curioso e pode bem vir a suceder", respondeu o Padre à Senhora Kinsella.

"E é o que acaba de acontecer", concluiu o Sacerdote para Madre Butler.

A escola abriu-se em Fevereiro e o Bispo Dunn oficiou, celebrando a Santa Missa na capela.

Nos discursos referiram-se a Madre Butler, fundadora, a James Butler, benfeitor.

Entregue a Madre M. Inácio, a escola teve notável êxito desde o início. A reputação das professoras, o local esplêndido, tudo ajudava e em breve viram-se cheias as salas de aula. Tôdas as manhãs numerosos grupos, com o uniforme azul de "Marymount", se dirigiam para a 5.^a Avenida. Havia entre as crianças vários Butler: dois de James Butler Junior, os três Travers e Mac Guire, mostrando quanto a família Butler apreciava a educação de "Marymount", o que proporcionava uma grande consolação a Madre Butler; conhecia a influência das crianças nos pais e pessoas de relações.

Na cidade havia infelizmente muitas famílias ricas de católicos desleixados, entre os quais os casamentos mistos e divórcios causavam grande mal e a perda da Fé. Havia aqui, pois, um largo apostolado: as crianças, bem exercitadas na Religião, com o tempo se transformariam em defensoras da Fé e propagadoras da verdadeira crença. Madre Butler convidava frequentemente os pais a visitar a escola. Ela mesma deixava "Marymount" e lá estava, na 5.^a Avenida, para o dia da Primeira Comunhão, cheia de esperanças de testemunhar a comoção dos pais, à vista das suas filhinhas tão puras, recitando as orações com fervor, certa de que muitos recordariam também a sua Primeira Comunhão. O Senhor Bispo, que vinha sempre administrá-la, dirigia-se às crianças com palavras simples ao alcance da sua compreensão. Era êsse ato, inicial na sua opinião, do apostolado dessas criancinhas. Envoltas nas suas vestes imaculadas e ajoelhadas às grades do altar, falava-lhes a inocente atitude ao coração dos pais. Depois da cerimônia, eram êsses apresentados a S. Excia. Revma. e iam almoçar na sua companhia, enquanto almoçavam as mães junto aos neo-comungantes, em outra sala.

Madre Butler dava em seguida a cada uma das crianças piedosa lembrança daquele dia bendito.

Quando visitava em outras ocasiões a 5.^a Avenida, chegava a Nova York sem se anunciar senão no momento mesmo de partir. As

religiosas esperavam-na no “hall” para ouvir-lhe o alegre “*Vive Jésus!*” e logo a seguir a pergunta habitual: — “É como estão tôdas as minhas filhas?”

Depois percorria a casa para ver alguma gravura ou estátua nova que houvesse para lhe mostrar. Rejeitava-as, se não fôsem “obras de arte” ou não estivessem de acôrdo com o conjunto. “Até as representações das obras de Deus devem dar glória a Deus”, advertia.

Sempre muito solícita pelas suas alunas e religiosas, costumava mandar-lhes de “Marymount” pequenos recados pelo telefone: Queria certificar-se se estavam dando chocolate e bolinhos às crianças nos dias de muito frio; se a casa estava bem aquecida, etc, etc.

Entre os visitantes ilustres que honraram a escola, nomearemos o Cardeal Dubois, os Bispos Mignen, Dunn, Donahue. O Cardeal Hayes foi lá celebrar e uma vez contra o seu costume presidir a uma Academia e conferir diplomas. O Abade Flynn e o Abbé Loue também lá estiveram. Quanto ao Arcebispo Cantwell, nunca vinha a Nova York sem se deter na casa da Quinta Avenida.

As criancinhas tinham uma predileção especial por Madre Butler e por vêzes juntava-se um grupo numeroso à roda dela, exatamente como as religiosas que a cercavam até à porta, quando se retirava após cada uma das suas visitas. E então o seu alegre “*Vive Jésus!*” era correspondido por tôdas: “*A' jamais dans nos coeurs!*”

Sempre simples e natural, as suas religiosas contam a história de um cavalheiro que foi a “Marymount”, quando procurava colégio para internar a filha. Percorreu-o, mas não parecia interessar-lhe e a Assistente supôs que não mais o veria. Voltando no dia seguinte para inscrever a menina, confessou que não tinha essas tenções na véspera, porém mudara muito de idéia, depois de conversar com a religiosa que encontrara na varanda, à saída. — “Era a Madre Geral”, disse a Assistente, sorrindo, porque Madre Butler já então havia sido eleita. — “Impossível,” respondeu o cavalheiro; “uma pessoa tão simples e natural!”

E ainda uma das alunas mais novas melhor do que ninguém a definira: — “Quando for grande, quero ser religiosa, mas como a Madre Butler.”

CAPÍTULO XII

MADRE BUTLER É ELEITA SUPERIORA GERAL

Uma manhã, o Rev. Pe. Treacy subiu até Tarrytown para uma visita a "Marymount". Aberta a porta, ao deparar-se com a porteira, essa olhou para êle, desatou a chorar e desapareceu, deixando-o sem uma palavra! No corredor encontrou outra religiosa que, ao dar-lhe os "bons dias", também se desfez em lágrimas e desapareceu como a primeira. Ao cruzar com a terceira, vendo-a igualmente tôda chorosa, pensou aflito: "Que tragédia terá acontecido no alegre e feliz "Marymount"?"

Quando essa terceira ia desaparecer, êle embargou-lhe os passos, exclamando: "Mas que é isto? Conte-me a calamidade que caiu sobre esta casa."

— "Oh", disse ela, "sim! uma grande calamidade! Perdemos a nossa Reverenda Madre."

Foi um choque para o bom sacerdote. — "Mas que teve ela? Ainda há poucos meses a encontrei e pareceu-me tão bem disposta".

A religiosa sorriu: "Não é isso. Graças a Deus vai bem, mas foi eleita Superiora Geral!"

Em 1926, na Quinta-feira Santa, um telegrama de Béziers anunciava a morte da Madre Ste. Constance, Superiora Geral da Congregação desde 1905.

Francesa de origem, internacional na simpatia que irradiava, era a Madre Ste. Constance amada de tôdas as religiosas do seu Instituto.

Foi um duro golpe para Madre Butler, pois sempre a Madre Ste. Constance a tinha apoiado nas suas emprêsas da América, tão diferentes dos costumes tradicionais franceses. Madre Butler era-lhe mui-

to dedicada e apreciava a sua nobreza religiosa e o encanto da sua personalidade. A Sexta-feira Santa dêsse ano foi duplamente triste.

Poucas semanas depois recebia uma carta do Cardeal Vannutelli, Protetor da Congregação, que lhe veio ainda acrescentar ao desgosto. O Cardeal escrevia: "Foi uma grande perda; continuamos a orar por sua boa alma e pedimos a Deus, conserve a sua providencial proteção ao Instituto." A carta dizia em seguida que, havia algum tempo, escrevera à Madre Ste. Constance, sugerindo-lhe fundar uma casa em Roma e dizendo-lhe, lhe parecia ser Madre Butler a pessoa mais indicada para o conseguir e pôr em execução. Agora pedia à Madre que considerasse o caso e lhe dissesse o que pensava. O tom do Cardeal perturbou-a; parecia que S. Emcia. a considerava já no exercício de uma nova autoridade.

Em fins de Junho dêsse ano de 1926, partiram as Superiores Americanas para tomar parte na reunião do Capítulo Geral em Béziers. Ali, no berço do Instituto, encontrar-se-iam com Superiores e Delegadas dos diferentes países europeus e das duas Américas.

Madre Butler deixou, como de costume, as suas recomendações sôbre o que se devia fazer na sua ausência, nos diferentes negócios da casa, e, ao entrar para o carro que a conduziria ao vapor, ainda se voltou para a professora de música a insistir: "Veja que o côro se exercite, para conseguir mais ressonância nas vozes e que pronunciem bem, sempre, a última letra!" — O carro deu sinal de partida, fazendo ouvir a sua buzina característica.

Ei-la em Béziers de novo. Era-lhe sempre cara essa visita; contudo triste, o motivo que a chamava aí dessa vez. Como Madre Vigária da América, tomou lugar na primeira fila e ia-se dando conta do modo de pensar das diferentes Delegadas, o que se vê pela sua primeira carta para "Marymount": — "As coisas complicam-se cada vez mais. Esperavam-me aqui quatro cartas das Assistentes Gerais. Pedem-me que não recuse... Claro está que, se fôr grande a maioria, será a santa vontade de Deus, mas não me sinto com forças para tanto e estou desolada."

Outra carta do Cardeal Vannutelli expressava-se muito mais claramente do que a primeira: "Ponha-se nas mãos de Deus e não estrague os planos da Divina Providência, que sabe muito bem dirigir tudo do modo melhor. Não posso deixar de dizer-lhe que con-

sidero a sua eleição como um grande benefício para as obras da sua Congregação e o seu particular progresso. Se tôdas concordarem, não discorde, pois deve alguém aceitar o cargo.

Antes de começar o retiro que precedeu a eleição, a 1.^o de agosto, escrevia para a sua casa dizendo que, como último apêlo ao Espírito Santo, mandava dizer três Missas afim de que iluminasse e dirigisse as Madres Eleitoras e “quer eu tenha a boa fortuna de escapar ou pelo contrário perca tôdas as esperanças, rezem por mim e santifiquem-se cada dia mais, para assim aliviarem o pesado fardo a impôr-se sôbre os meus velhos ombros.”

Escrevia ainda, insistindo na esperança de que Deus a ouviria, recaindo a escolha sôbre a Madre St. Callixte.

— “Poderá fazer mais do que eu. Profundamente piedosa, conhece muito melhor a França.”

Todavia em outras cartas dizia: “Mais vale esperar o pior, vou, no entanto, confiando em que o Espírito Santo nesse dia dê alguma volta para me salvar. Se não, fiat!” Na carta seguinte expressava-se assim: “Bem sei que, ao receber o terrível telegrama, tôdas erguestes ao alto os corações, aceitando a vontade de Deus resignadamente. Eu também tenho procurado dizer: “*Sume et suscipe!*” Dai-me só o Vosso Amor e a Vossa Graça.”

Antes da eleição, algumas Delegadas dos Estados Unidos opunham-se a que fôsse eleita, pelo receio de a verem sair da América; porém, quando observaram que entre as Superiores e Delegadas estrangeiras não havia um só voto contrário, cederam, compreendendo que as suas vozes se perderiam no meio da opinião geral.

Madre Gerárd disse-lhe que ela estava fadada a tal dignidade de todo o sempre, o que bem se via na unanimidade da eleição, faltando apenas o seu voto.

— “Aceita?” perguntou-lhe Mgr. Mignen, Bispo de Montpellier, que presidia.

Ela levantou-se e com lágrimas correndo em fio, respondeu com voz sumida: “Que la volonté de Dieu soit faite!”

— “Merci bien pour l’avoir acceptée”, replicou S. Excia. e falou então do sacrifício e alegria que a sua eleição lhe dava e a tôda a Congregação.

Madre Gerard agora escrevia para a América: “Estávamos bem demais e Deus empresta-a aos outros, para que possam compartilhar da nossa felicidade”. Ia, no entanto, dando-lhe ânimo com a idéia de que poderia abrir-se uma excepção para o seu caso, permitindo-se-lhes permanecerem na América uma parte do ano.

No dia seguinte começaram os telegramas a afluir a Béziers e as cartas depois. Vinham de tôdas as casas do Instituto, do Clero, de tantos amigos, que se tinha a impressão de chegarem do mundo inteiro. Sorriu quando leu o seu primo James: “Deus a proteja General Butler”. (General, em inglês, serve para General e Geral).

O Cardeal Vannutelli dizia: “As mais sinceras felicitações; agradeçamos à Divina Providência.” Depois, numa carta, falava naquela providencial eleição e dizia que o Instituto certamente colheria dela enormes benefícios, graças ao zêlo que sempre a animara, e à sua longa experiência. — “É um grande sacrifício, mas Deus o cobrirá com a sua bênção, tornando-o rico em frutos de salvação.” “Não conheço”, acrescentava, “os vossos planos, mas espero, não tardeis a vir a Roma para receber em pessoa a bênção do Santo Padre.”

Ao ler esta frase, apertou-se-lhe o coração. É evidente que a Superiora Geral tem como primeiro dever visitar o Santo Padre, mas, apesar de gostar muito de ver o Pai Comum, contudo a sua humildade fazia-lhe temer êsse momento. Quando ia no carro que a conduzia à estação de Béziers, de onde partiria para Roma, disse à Madre Aloysius que a acompanhava, mostrando verdadeiro receio: “Daquí a meia hora vou a caminho de Itália! Parece um sonho! Que mêdo tenho a esta viagem que eu tanto desejei um dia!”

Na Cidade Eterna ainda pensava na estranheza de se encontrar ali e, ao escrever para “Marymount”, dizia: “Se eu pensaria, há um ano, que hoje vos escreveria de Roma?! Há muito eu ansiava por vir aquí, porém sem esta pesada cruz aos ombros. Deus ordenou assim, “Fiat”.

As religiosas do “Sacré-Coeur de Marie” estavam hospedadas num convento das “Companheiras de Maria”, Congregação inglesa fundada há uns cincoenta anos. Ficava próximo de São João de La-trão e as religiosas eram muito amáveis. Porém Madre Butler sentia-se triste e unicamente a consolava o pensamento de que afinal, uma só coisa valia: a glória de Deus e o bem do Instituto. Mas, no

íntimo, quem lhe dera poder trocar os papéis com algumas das suas filhas e poder ajoelhar-se aos pés do Mestre, tendo de dar contas apenas de sua alma? A oração é que sempre lhe tinha valido e com ela contava agora ainda.

Não foi, todavia, insensível às belezas de Roma. A cada passo que dava, ia-o recordando: aquele solo havia sido regado pelo sangue dos mártires. Ao assistir à cerimônia da Beatificação dos Sete Mártires Franciscanos, pediu para si a graça de morrer mártir, — “Porque”, dizia ela a Madre Gerard, “seria a única maneira de vir a ser santa.”

Foi alvo das maiores atenções por parte do Cardeal Vannutelli e relembrou os tempos antigos de Portugal. S. Eúcia. não partilhava dos receios de Madre Butler acerca da sua eleição. Durante muitos anos, tivera provas do seu tacto no govêrno e do seu grande espírito e coração. Sentia-se satisfeito por a ver Superiora Geral do Instituto colocado sob a sua proteção.

Discutiram largamente os seus futuros trabalhos e a Superiora ficou com licença de permanecer na América o tempo que julgasse necessário. À partida, abençoou-a e disse-lhe que lhe havia preparado uma audiência do Santo Padre. Convidou-a e à Madre Aloysius para jantarem com êle e, quando se escusava, alegando que era contrário aos costumes da Congregação, sorriu. — “Dispenso-a imediatamente, e, se necessário fôr, irei pedir licença a Sua Santidade.”

Madre Butler acedeu logo, contente com a oportunidade de falar mais longamente ainda com o Cardeal, porquanto muito desejava discutir o projeto por êle lembrado em Abril dêsse ano: — uma fundação em Roma. E dizia ela à Madre Aloysius: “E’ tão venerável S. Eúcia. que me recorda S. Joaquim ou um dos antigos patriarcas.”

Um antigo amigo seu, o Revdo. Pe. Pedro Magennis, agora Geral dos Carmelitas, ofereceu-se para lhe mostrar as igrejas e monumentos de Roma. Foram a S. Pedro e ao Cenáculo; à igreja do Pe. Magennis; à Scala Santa, onde ofereceu a subida dos degraus pelas suas casas, desejando poder um dia oferecer um degrau pela casa de Roma; à Praça de S. Pedro, onde as fontes atiram os seus repuxos quase até ao Céu. Viram os tesouros do Vaticano: a rosa de ouro, as pinturas preciosas semelhantes a mosaicos e os riquíssimos para-

mentos. Assistiu à Missa do Santo Padre uma vez e recebeu de Suas Mãos a Sagrada Comunhão.

Um dia, chegou-lhe uma mensagem para uma audiência particular, no dia 12 de Outubro, às 16 horas e meia. Madre Butler continuava a sentir profunda emoção, crescendo esta, quando ao lado de Madre Aloysius passou pelos Guardas Suíços de vistosos uniformes, diferentes para cada pòsto. Quando afinal pôde encontrar-se com o Santo Padre, achou-o tão acessível e bom que se sentiu logo à vontade. A impressão primeira, ao vê-lo sentado à secretária, foi de que tinha em frente um novo Cura d'Ars.

A razão que a levava a temer tanto a audiência papal era o sentimento da sua pequenez em face de tão alta santidade. A audiência tão receada transformou-se, porém, num encontro muito simples. O Santo Padre foi, não digo só — bondoso, mas generoso até, concedendo-lhes mais do que as benções e favores que lhe foram pedidos.

— “Como é que arranja a falar o italiano tão bem?” perguntou Sua Santidade, surpreendido ao ver que a Madre se lhe dirigia na sua própria língua.

— “Estudei-o com os meus professores de música no Pôrto, para melhor compreender as canções italianas.”

O Santo Padre achou graça e louvou-lhe a boa pronúncia.

Ao sairem do Vaticano, as religiosas nem ousavam quebrar o silêncio até que algum tempo depois Madre Butler, voltando-se para a companheira com expressão radiante, lhe disse: “Havemos de cantar um “Te Deum” e um “Magnificat” em ação de graças, por tudo isto. Dieu soit béni!”

O grande desejo de Madre Butler, agora, era voltar para a América, o que já podia fazer, em virtude da dispensa que havia obtido. Sentia-se ansiosa por ir dar a “Marymount” a boa nova dos favores que o Santo Padre lhe havia outorgado, porisso, tendo agradecido ao Cardeal Vannutelli, ao Rev. Pe. Magennis e às Irmãs da Companhia de Maria, com Madre Aloysius embarcou no Havre a bordo do “Majestic” e chegou a Nova York a 26 de Outubro. Esperava-as uma surpresa. Só depois de estar no cais e ver a multidão e no meio dela numerosos rostos familiares, foi que se deu conta de que se tratava de uma recepção. Lá estava o Senhor Bispo Dunn a representar o Exmo. Cardeal, grande quantidade de clero, Cavaleiros de S. Gregório, alunas

e amigos de "Marymount", todos reunidos para saudar a sua admirável Madre Butler ou antes, Madre Geral, primeira Superiora Gerat Americana de uma Congregação Internacional da Igreja Católica.

Ainda não refeita da surpresa, quase sem poder articular palavra, encontrou-se num automóvel, seguido de uns quarenta outros enfeitados com a bandeira americana e a de "Marymount" e acompanhada por uma escolta de cavalaria, a correr a tôda a pressa para o Colégio onde estava o Cardeal e outros Prelados, aguardando a sua chegada.

Pouco depois, graças à grande velocidade, começaram a avistar a cruz doirada de "Marymount" e Madre Butler viu ainda que todos os edificios e até os portões ostentavam bandeiras e galhardetes. Pelas avenidas que levavam ao edificio central, alegres estudantes com os uniformes universitários davam vivas. E, apenas o automóvel de Madre Butler transpôs o portão, saudou-a um cântico que irrompeu de todos aqueles peitos juvenís.

— "O nosso cântico chega até ao céu", repetiam e Madre Butler sorria para os rostos alegres e frescos que emergiam de entre as bandeiras azues e brancas.

Escoltada por uma guarda de honra, a Revda. Madre Geral atravessou a porta principal e dirigiu-se imediatamente à capela, onde, enquanto o côro cantava o "Magnificat", foi recebida pelo próprio Cardeal Hayes. Tomou então lugar no trono que lhe fôra preparado, fazendo a guarda de honra um grupo de estudantes da Academia.

Madre Butler relanceou, então, um olhar pela capela e, no pôsto de honra do Santuário, descobriu o primo, James Butler, com o uniforme de Cavaleiro de S. Gregório, a limpar as lágrimas, e pôde contemplar tôda a capela adornada de bandeiras, flores e folhas de louro.

O altar de S. José, à direita, estava lindamente ornamentado, visto partilhar o Santo das honras rendidas à sua tutelada: emergia-lhe a imagem de entre velas, flores e arcos elétricos.

De repente viu-se um relâmpago no altar de S. José e as chamas iam subir, quando um dos assistentes saltou para dentro da Capela-Mor e, dando conta do curto-circuito, que havia causado êsse contratempo, apagou o fogo.

Madre Butler apreciou o fato de tôdas as estudantes se conservarem serenas nos seus lugares.

Vendo que se extinguiu o acidente sem outras consequências, o capelão do Colégio, Pe. Hastings O. C. entoou uma oração de ação de graças e o Cardeal levantou-se para falar. Primeiro olhou com satisfação para Madre Butler, enquanto ela, sob um exterior digno e calmo, esperava, se desfizesse todo aquele incenso.

— “Este dia, Revda. Madre Geral”, começou S. Excia., “é na verdade o meridiano da vossa vida. O *“Magnificat”* da Virgem Mãe de Deus, que há pouco encheu esta capela, encerra a frase que vos compete: “Fez em mim grandes coisas Aquele que é poderoso...” Pela Sua graça e pelos seus dons, preparou-vos par esta grande responsabilidade. “Marymount”, aqui na América, nesta Arquidiocese, pode orgulhar-se de ser hoje o noviciado e ponto em que se concentra o exercício da supremacia da vossa ilustre Congregação. Benvinda sêde, pois, entre nós. Três vêzes benvinda, em nome de Cristo e em nome de Maria, e nesta data sobem os nossos corações a Deus a pedir-Lhe, vos conceda cada vez mais fôrça, mais luz e sabedoria, para dirigir as almas consagradas, agora colocadas sob a vossa autoridade.

Irradiais hoje até nós uma graça e uma benção e, se houverdes de partir, estamos certos de que, afastando-vos em corpo, deixareis muito do vosso coração aqui em “Marymount”, conosco. Que Deus vos abençoe por muitos e longos anos e que o vosso trabalho, como Superiora Geral, seja tão precioso e frutífero para o vosso Instituto e tão notável, como o que realizastes em “Marymount”.

De tarde houve recepção no “Auditorium”, tendo discursado Monsenhor Lavelle e representantes das alunas e professorado.

Monsenhor Lavelle discursou lindamente nesse dia, ao dirigir-se à homenageada: “Não são passados muitos anos, desde que desembarcastes em Nova York pela primeira vez, contudo nos conquistastes a todos.” Referiu-se à forma como havia obtido o auxílio de S. Emcia. o Cardeal Farley, de James Butler e — “a seguir subjugaste-nos a todos, tendo-nos sujeitado ao mais feliz dos domínios. “Marymount”, surgiu quase como o Palácio de Aladino, enfileirando entre as melhores Academias e Colégios Superiores.” Comentou a educação aí ministrada — “intelectual como os mais exigentes o poderiam desejar; culta, qual diamante lapidado; espiritual, à maneira de Santo Inácio e de S. Francisco de Sales; americana como as Constituições do país; católica como o Papa.”

Falou da honra agora conferida, referiu-se à nuvem que empanava o sol, naquele dia: “Perdemos alguma coisa que muito prezávamos, pois agora não nos pertenceis a nós somente, mas a todo o mundo.” Terminou, esperando que, visto o Sto. Padre lhe ter concedido licença de permanecer na América quanto tempo pudesse, passasse trezentos e sessenta e cinco dias cada ano sob a bandeira americana. Ao voltar para o seu lugar, ainda retrocedeu a acrescentar: “Ouví há pouco pessoa amiga e entusiasta chamar a Madre Butler de “anjo”, todavia espero que, no sentido literal da palavra, ela o não seja por muitos anos.”

No fim das cerimônias, S. Emcia. o Cardeal Hayes deu a Bênção Apostólica que a Revda. Madre tinha obtido do Sto. Padre para todos os que se reunissem em “Marymount”.

Quando as sombras da tarde começavam a baixar e os convidados se preparavam para partir, apareceu uma nova surpresa. Num instante tudo ficou coberto de pontos luminosos, seguidos das luzes brilhantes dos fogos de artifício, surpresa preparada pelas alunas e que se via do outro lado do rio.

Depois, tudo terminou: os convidados retiraram-se e Madre Butler teve então ocasião de cumprimentar com amor tôdas as suas filhas e de saber como estavam.

Quando alguém falou no fôgo da capela, ela disse logo com uma chama no olhar: “S. José não podia suportar essa ostentação. Homem simples, é ainda um Santo simples e não quis deixar de mostrar que não aprovava tamanha pompa.” “Mas, acrescentou, a mim não incomoda essa repercussão, já que isto causa prazer às alunas e às minhas filhas.”

E compreendia-se que ela se julgava feliz, tendo testemunhado quanto fôra honrada e estimada a sua Comunidade naquele dia. Não era o brilho de seu nome que apreciava. Sabia pôr de parte o elemento pessoal e ficou muito embaraçada e confusa, quando as alunas a presentearam com uma magnífica cadeira de espaldar para ocupar na capela.

Agora, terminados os festejos, Madre Butler e “Marymount” puseram-se de novo ao trabalho. Porém êsse trabalho era agora incomparavelmente maior para ela. Os seus ombros suportavam um fardo

muito mais pesado, abrangendo, um por um, os lugares do mundo onde trabalhavam membros da sua Congregação.

Foi-lhe, porém, de grande consolação a carta que então recebeu do Cardial Vannutelli; repetia-lhe o que já antes lhe havia dito, isto é, que a sua eleição era um acontecimento importante — a eleição de uma americana ao Generalato de um Instituto Francês, com a Casa-Mãe em França. E mostrava-se contente por o Cardeal Arcebispo de Nova York ter tomado tão grande parte nas festas promovidas em sua honra.

“Todos os favores espirituais pedidos por nós, foram concedidos”, continuava ainda a carta: “Pode mandar imprimir a Missa do Sagrado Coração de Maria concedida às casas do vosso Instituto. Se têm um “Ordo” especial, deve inseri-la nêle. No “Ordo” diocesano não é obrigatório inseri-la, porém é lícito mencionar que as casas do “Sacré-Coeur de Marie” usam dêste privilégio. Agradeço e conto com as vossas boas orações nos primeiros sábados de cada mês. Abenção de todo o coração “Marymount” e a sua Comunidade e tôda a Congregação do “Sacré-Coeur de Marie”.

O privilégio a que se referia o Cardeal era a licença de ter Exposição e Benção do Santíssimo no primeiro sábado, de cada mês, com uma oração, consagrando casa, religiosas e meninas ao Sagrado Coração de Maria.

A oração que, junto com as devoções do Primeiro Sábado, desfruta de uma indulgência plenária concedida pelo Santo Padre, é a seguinte:

O Coração de Maria, Coração da mais terna das Mães, neste primeiro sábado do mês, agora solenemente dedicado a honrar-Vos, a Vós consagramos sem reserva o nosso coração, o nosso corpo e a nossa alma. A Vós desejamos pertencer na vida e na morte. Bem sabeis, ó Mãe Imaculada, que o vosso Divino Filho nos escolheu, na sua Infinita Misericórdia, apesar da nossa miséria, não só como Suas filhas e esposas, mas também como vítimas para consolar o Seu Divino Coração no Sacramento do seu Amor, para reparar pelos sacrilégios e obter o perdão dos pobres pecadores. Vimos, pois, hoje, oferecer-Lhe por meio do vosso Puríssimo Coração o sacrifício pleno de nós mesmas. Renunciamos livremente a todos os desejos e inclinações da nossa natureza corrompida e aceitamos, resignadas, as provas que

vos aprouver enviar-nos. Porém, cõscias da nossa fraqueza, imploramos a graça de sermos amparadas pela vossa maternal proteção e que nos obtenhais de Vosso Divino Filho tôdas as graças de que necessitamos, para perseverarmos até ao fim. Abençoai esta casa e cada uma das almas confiadas aos nossos cuidados; abençoai os nossos parentes, amigos e benfeitores e, na hora da morte, que os nossos corações, modelados pelo Vosso, descancem para sempre no Coração de Jesus, Vosso Divino Filho. Amen.

Há ainda uma outra oração ao S. Coração de Maria, composta por Madre Butler, indulgenciada pelo Cardeal Vannutelli e recitada diãriamente pelas suas religiosas.

Sentia-se Madre Butler imensamente feliz por estar de novo na sua casa onde tinha o seu Oratório particular consagrado a Sta. Teresinha e onde podia ajoelhar-se e orar em sossêgo, sempre que o desejasse. Também as religiosas e alunas a viam com alegria, ajoelhada na capela grande, pois gozavam muito menos da sua presença do que nos tempos idos, em que a casa era só uma e pouquinhos as alunas.

Por vêzes com Madre Gerard passava o recreio das 4 horas no corredor da capela e então as religiosas, com esperança de que Madre Gerard estivesse ocupada, vinham espreitar a ver se lhe poderiam fazer companhia. Igualmente as alunas procuravam uma desculpa para irem até êsse corredor alguns minutos antes das 4, a ver se surpreendiam uma palavrinha amável ou um sorriso ao menos.

Uma destas, Frances Baker, compôs umas linhas que revelam bem o que tôdas sentiam para com a Revda. Madre e a impressão que colhiam dêsses encontros no corredor:

Voz doce, gentís maneiras.
Sorriso sempre a bailar
Nos lábios, para dar às filhas
Que vos querem encontrar.
E repoisarem os olhos
Nos vossos, mesmo ao passar,
Vendo neles a ternura
Da Mãe, em meigo brilhar . . .

O final dêsse ano de 1926, dedicou-o Madre Butler a preparar a *Carta Circular* que devia, como Superiora Maior, enviar a cada uma das casas de sua Congregação, ao expirar do ano. O assunto que escolheu para a sua primeira Circular foi "O Santo Sacrifício da Missa."

No dia de Ano Bom, leu-a à sua Comunidade, tendo já mandado cópias para tôdas as casas sob a sua jurisdição, tanto nos Estados Unidos como nos outros países.

Era um documento breve, — mas percebia-se que, antes daquelas páginas haverem sido preenchidas, muito amor, muita oração e muita reflexão as tinham precedido, diante do Santíssimo Sacramento.

A Comunidade tôda, reunida na capela para a leitura espiritual, esperava ansiosa a sua primeira comunicação como Superiora Geral.

"Minhas muito queridas Irmãs e boas Filhas", começou ela a ler, "O que é o sol, rei dos astros, para o nosso universo que ilumina, embeleza e fecunda, é-o mais ainda, a Santa Missa, para o mundo espiritual da alma. Tudo deriva dêsse augusto sacrifício, para êle tudo converge: é a fornalha que vivifica nossa santa Religião; é o Calvário perene com tôdas as suas graças a expandir-se pelo mundo inteiro.

Não podendo permanecer na Cruz até ao fim dos séculos, que alívio para o Coração de Jesus perpetuar seu sacrifício em nossos altares onde se constitue Vítima permanente, não cessando de enriquecer-nos com seus méritos!

Se tivéramos fé, pudéramos ver com os olhos da alma, no instante solene da Consagração, encarnar-Se novamente o Verbo de Deus entre as mãos sacerdotais, sustendo os raios da cólera divina prestes a estalar sôbre a nossa terra inundada de crimes. Porque eis o que representa a Santa Missa: um Deus Vítima que a Deus glorifica, que Lhe agradece e implora, a favor de suas criaturas ingratas e revoltadas."

Aqui interrompeu a leitura, um momento, como para mostrar que terminara a primeira parte da sua mensagem e depois continuou:

"Mas como assistir eficazmente à Santa Missa? Parece que o nosso lugar de Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie" deve ser ao lado da Santíssima Virgem, que continua junto do altar o officio de-

sempenhado no Calvário. De pé, junto à Cruz, nossa Mãe divina unia-se à Santa Vítima, reproduzia-lhe as adoráveis disposições e, por Jesus Cristo, com Jesus Cristo, em Jesus Cristo, glorificava a Deus, agradecia-lhe os benefícios e oferecia o Sangue de Jesus em expiação dos pecados destas filhas do seu Sagrado Coração.

Tentemos imitar nossa divina Mãe, quando assistimos à Santa Missa. Sobretudo do "Sanctus" à Comunhão, expulsemos qualquer pensamento estranho ou inútil. Abismemo-nos no silêncio, adoração, reconhecimento e amor! Depois da elevação, recitemos a preciosa oferenda e coloquemos a nossa alma sob a chaga do Divino Coração, para que a purifique o Sangue que d'Ele jorra; aproveitemos das graças do Calvário, recolhamos-lhe os benefícios espirituais que nos são destinados e só nos serão concedidos na medida da nossa piedade. Digamos a Deus: "Senhor, sou insolvente; para vos pagar, porém, as minhas dívidas, tenho o altar; "tomarei o Cálice de Salvação e a Hóstia da propiciação"; oferecer-Vos-ei vosso Divino Filho transformado em minha Vítima e, à vista d'Ele, libertar-me-eis, encher-me-eis de vossas bençãos!

"E, terminando, tomemos a resolução de dedicar à Santa Missa uma estima proporcional ao seu valor, de a colocar acima de qualquer outra prática de devoção e de assistir a ela diàriamente com a máxima reverência possível. E, quando não pudermos estar presentes a tão augusto ato de nossa Santa Religião, enviemos pelo menos nossos bons anjos, para ocupar-nos o lugar aos pés de Jesus; unamo-nos com tôda a alma aos Sacerdotes que sem cessar imolam a Vítima Santa, em algum altar longínquo do universo."

Ao chegar aqui, ergueu os olhos e a última frase foi pronunciada num tom que mostrava todo o amor que ela dedicava ao seu Instituto. "Deus vos abençõe a tôdas e Vos guarde nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria." E parecia que estas palavras não ecoavam apenas naquela capela, mas voavam pelo espaço até aos países longínquos onde os membros do Instituto se dedicavam a trabalhar.



CAPÍTULO XIII

BODAS DE OURO — “MARIAMONTE” EM ROMA

Uma das promessas de Madre Butler ao Cardeal Vannutelli em Roma, imediatamente após a sua eleição em 1926, foi que trataria antes de tudo de abrir uma casa de educação na Cidade Eterna. E sentiu-se ansiosa por o realizar. Todavia só na primavera seguinte pôde dar atenção a êsse assunto.

Dirigiu-se primeiro a Béziers, onde muitos problemas econômicos e negócios da Comunidade lhe ocuparam o tempo. Cumpria do melhor modo possível o alto cargo para o qual fôra eleita, porém já se sentia farta de autoridade, surpreendendo-se muitas vezes a pensar consigo mesma: “Mais cinco anos e cinco meses e estou livre disto tudo...” Arrependia-se, no entanto, da sua falta de generosidade e Deus, testemunha de suas boas intenções, certamente a compreendia.

Quando finalmente chegou a Roma, encontrou o Cardeal Vannutelli muito satisfeito por a ver, sobretudo sabendo que ia tratar do projetado colégio de Roma. Deu-lhe cartas de apresentação para pessoas de categoria, entre elas Monsenhor Venini, Secretário Papal, que a levou a visitar vários edifícios, na sua opinião próprios para convento e colégio. Nenhum, todavia, era bem o que Madre Butler desejava, pois era sua intenção estabelecer-se, quanto possível, dentro dos limites da cidade.

— “O esplendor e a glória de Roma são superiores a tôda a descrição e procurar casa aquí não é brincadeira”, escrevia para a América.

Madre Gerard estava apaixonada por Roma; ia com Madre Butler visitar todos os lugares indicados e passavam horas a percorrer os bairros da cidade. Só encontraram uma propriedade que

lhes agradou, na Via Nomentana, das mais belas dentre as muitas vilas com jardins, que ladeavam a famosa artéria. Casa moderna para Roma, construída há um quarto de século por rico americano que a oferecera à filha; casando-se essa com um fidalgo italiano, a vendera alguns anos atrás.

Madre Butler julgava-lhe o preço muito superior aos seus recursos; Madre Gerard, contudo, ia persuadindo-a que voltasse examiná-la ainda: — “Que salas para um colégio!” dizia. “Que sítio esplêndido!” Madre Butler achava imensa graça a essa insistência. — “Está tolinha de todo com Roma”, escrevia para “Marymount” e, se eu fraquejo, ela compra a casa, antes de eu ter dinheiro para a pagar.” Porém, do seu lado, desejava a Madre Geral dar a outros as oportunidades que ia recebendo de Nosso Senhor; por isso acrescentava: “Havemos de ver se arranjamos o dinheiro.” Sabia que as propriedades romanas estavam a ficar caríssimas, o custo das construções a subir desmedidamente em razão do programa reconstrutivo de Mussolini; mas sentia-se cansada e doente e foi fazer uma estação de repouso em Béziers. Mal chegara, já recebia telegrama de Roma, comunicando haver aparecido casa com as condições que desejavam. Mau grado o cansaço, voltou à Itália a tôda pressa, porém não era o que queriam e a lembrança do palácio da Via Nomentana perseguia as duas viajantes... Tiveram, em vista do alto preço exigido, de abandonar o projeto por algum tempo e realmente só alguns anos mais tarde conseguiram realizar o que então planeavam.

No verão do mesmo ano de 1927, voltou Madre Butler à Europa, para fazer a visita regular das casas. Parou primeiro em Seafield, Liverpool, onde lhe foi posto um fogãozinho na sala, luxo nunca visto, mesmo num verão inglês. Custava-lhe não poder ir a Portugal, mas o seu médico não lho permitia. Demorou-se, portanto, mais tempo em “Lourdesmount”, Londres, onde fez o retiro com a Comunidade.

Dava-o um Redentorista de oitenta e tantos anos, outrora ministro protestante. Era necessário ajudá-lo a paramentar-se e a levar os livros e papéis... Madre Butler, no entanto, apreciou-lhe os ditos a propósito.

— “Segue bem as Verdades Eternas e acha que Adão fez triste figura, deixando-se levar pela mulher, mas pior ainda, atirando as culpas para cima dela.”

Madre Butler gostou muito de ter estado na Inglaterra e avaliou bem os esforços de cada uma de suas casas para lhe dar prazer. As religiosas, por seu lado, ficaram também encantadas com ela: adaptava-se a qualquer circunstância e, no recreio, parecia a mais nova de todas, o que as pôs muito à vontade. Gostaram muito do seu optimismo, do seu espirito largo e generosidade que dava sem olhar ao custo. Incentivou com tamanha confiança os grandes projetos de cada um dos estabelecimentos que, como dizia uma religiosa, “teria sido uma vergonha mostrar-se menos empreendedora em sua presença.”

Em Upminster deu parabens à Superiora, por ter tantas católicas entre as internas daquele Condado protestante.

— “A Inglaterra volta à Fé que perdeu e parece procurá-la com avidez.”

Depois visitou as casas da Irlanda — Ferribank e Lisburn — Comoveu-a a piedade e sólida espiritualidade das jovens religiosas dessas casas.

Regressou a Paris e em seguida à América, muito satisfeita com o estado e prosperidade da sua Congregação.

Em 1929, depois de ir a Béziers, voltou a Roma onde as pessoas amigas desejavam a sua visita. O Cardeal Vannutelli obteve-lhe belos lugares para assistir à Beatificação do Padre de la Colombière e Monsenhor Venini preparou-lhe a audiência do Santo Padre Pio XI.

No dia marcado, sentia-se bem doente, mal podendo andar; porém o mal-estar desapareceu como por encanto, ao defrontar-se de novo com Sua Santidade. Ela e Madre Gerard receberam a honra de uma audiência particular, sendo recebidas na Biblioteca do Papa onde encontraram Sua Santidade sentado à secretária. Ajoelharam-se para lhe beijar o anel e receberam ordem de sentar-se. Perguntou o augusto Pontífice muita coisa a respeito do Instituto, o número de suas casas, dos seus membros, o gênero de trabalho a que se dedicavam, etc.

Madre Butler estivera muito rouca tôda a manhã, mas limpou-se-lhe a voz enquanto conversavam. Tinham trazido ao Santo Padre dois volumes encadernados e guarnecidos de iluminuras de professoras de “Marymount”. Um dêles encerrava o ramallete espirituai das religiosas às intenções do Papa e o outro era uma cópia do ANUARIO editado pelas alunas. Sua Santidade abriu o primeiro, leu

o ramalhete espiritual e louvou a arte com que fôra elaborado. Depois chegou à cruz que as estudantes de "Marymount" tinham construído com moedas de ouro e Lhe ofereciam e, tomando-a nas mãos, disse: "Mas isto não é pequenina oferta, como dissestes. Quanto à cruz, — muitas temos nós — porém não costumam ser desta espécie!" Folheando o outro livro, foi-lhe examinando as páginas e sorriu ao ver uma fotografia: "Como vai ficar vaidoso o Cardeal Vannutelli, ao ver-se tão jovem!" Trocaram algumas palavras sôbre a projetada fundação de Roma, explicando Madre Butler que ficaria sendo uma Procuradoria Geral do Instituto e o Santo Padre aprovou altamente a idéia.

Em seguida as duas religiosas saíram dessa sala para a sala do Trono, onde um grupo de estudantes de "Marymount" esperavam audiência. Com os seus uniformes universitários, fizeram sensação no Vaticano, sendo a primeira vez que senhoras sem o traje de protocolo eram admitidas. Sua Santidade falou-lhes em francês sôbre a educação e o uso que deviam fazer das suas excepcionais oportunidades, abençoando-as e às suas famílias. Louvou-as por terem vindo de tão longe, de além-mar, render homenagem ao Vigário de Cristo e deu-lhes de presente uma medalha com a sua efigie. A' Madre Geral e à sua Assistente deu medalhas especiais de ouro. A tôdas pareceu cansado o Santo Padre; sabendo, porém, das longas horas de trabalho a que se entregava, compreenderam a razão de tamanho esgotamento. Quando referiram a Sua Santidade a clareza com que na América se lhe podiam seguir os discursos pelo rádio, o Papa contou-lhes que o telegrama que mais o comovera de todos os que havia recebido, fora o de um Sacerdote, missionário das Montanhas Rochosas, que lhe afirmava tê-lo ouvido tão claramente, como se estivesse na sala de audiências do Vaticano.

Nesse verão, Madre Gerard foi fazer a visita a Portugal e trouxe a boa nova de que o govêrno já não era hostil à Religião, o que muito consolou a Madre Geral.

De Roma foi a Paris e lá soube que James Butler se encontrava na cidade. Ao vê-lo, ficou impressionada. Achou-o muito fraco, muito diferente do homem, tão disposto e alegre, dos anos atrás. Dormia quase o dia inteiro e a sua única distração era ir a Neuilly tomar uma chavena de chá, todos os dias. Madre Butler queria que o primo con-

sultasse o seu médico de Paris, porém só confiava no clínico de Nova York que o assistia. Muito aborrecida, dizia ela depois à Madre Baptiste: “Traz no bolso o boletim do médico dêle, como se fôsse um documento indulgenciado!”

Ordinariamente, Madre Butler começava as visitas às suas casas, logo depois dos Exercícios Espirituais de Tarrytown, em Junho. Porém, em 1930, partiu em Março e boas razões tinha para essa mudança. A 22 de Abril eram as suas Bodas de Ouro: cincoenta anos de Profissão Religiosa. Queria escapar às festas com que certamente as celebrariam em “Marymount”. Comunidade e pessoas amigas protestaram, mas foi inútil. Preparou-se sorrateiramente e embarcou. Com Madre Brendan, foi primeiro a Paris e depois a Béziers, afim de assistir ao retiro que precede sempre a cerimônia dos Votos e a Vestição. Chegaram pelas oito horas da manhã, sem serem esperadas. — “Assim, dizia muito satisfeita, fico livre de espalhafatos . . .”

A porteira, ao olhar para as recém-chegadas, exclamou imediatamente: “Notre Révérende Mère! Notre Révérende Mère!!” e agarrou-se ao sino grande, o que trouxe, pressurosa, a comunidade, de todos os lados, para a cumprimentar. Chegavam, uma muito cansada e a outra, com dores de cabeça; mas não deram parte de fracas, para não desapontarem o grande entusiasmo com que a recebiam.

Alguns dias depois, realizou-se a cerimônia, com acompanhamento de magnífica música:

— “Havemos de ter assim “uma função” em “Marymount” para a próxima vez”, pensava consigo; porém refletiu que talvez a maneira americana, mais curta e menos pomposa, não deixava de oferecer vantagens. Com o início da cerimônia às 8 horas, só cabava em França às 10, assistindo as alunas, até as mais pequeninas, coitadinhas! Se assim era de praxe?! S. Excia. Revma. D. René Mignen convidou depois as duas Religiosas Americanas para irem tomar chá no palácio, o que surpreendeu as francesas, assim como a espontaneidade com que tratava com elas, a ponto de fazer dizer à Madre Secretária: “Fizeram-no rir duas vêzes.”

Dias depois, Madre Butler vinha a concluir que a “partida” que julgava ter pregado à sua Comunidade da América, se voltava contra ela. Quanto se ririam lá, ao saber o que ia acontecer em França! Porque descobriu com grande pesar que a Comunidade se preparava

para lhe celebrar com pompa o Jubileu — e ela bem que sabia o que significava um cerimonial solene nas terras de S. Luiz, rei.

Lá se resignou e escreveu, rindo-se de si própria: — “Valha-me Deus! isto ainda vai ser pior do que se o Snr. Bispo Dunn me apanhasse e me fizesse subir outra vez a nave da capela, entre Jesuitas e Carmelistas! Com certeza, no dia 22, S. José morre de uma vez queimado!” O que viera arranjar? Fugira às simples festas que lhe preparavam na América que podia controlar, para vir enredar-se numa alta função sôbre a qual não podia dizer absolutamente nada! Fôra bem apanhada! Então resignadamente concluiu dever convencer-se de que, quando Deus quer uma cousa, a realiza com segurança.

Começavam a afluir a Béziers telegramas às duzias... O Cardeal Pacelli mandava as felicitações e a Benção do Santo Padre. O Cardeal Cerreti, uma longa carta. O Cardeal Hayes e Monsenhor Lavelle, outros muitos Prelados e distintos Sacerdotes, cumprimentos. Dos Butler e pessoas amigas, das alunas antigas e atuais, chegavam palavras de amizade e bons votos... O Snr. Bispo Cantwell escrevia, depois do telegrama: “Já vos felicitei por via telegráfica. Quero, porém, acrescentar o desejo de que cada dia dêste ano seja um dia de Jubileu e o Deus todo poderoso, a lâmpada que vos ilumine os passos por muitos anos! Esta é um penhor da minha respeitosa dedicação, do muito que aprecio o vosso govêrno e de gratidão por tudo o que por nós tendes feito. Espero que as vossas filhas do Oeste serão dignas das mais belas tradições de vossa Congregação e que a nossa Mãe Santíssima vos cobrirá sempre, ao abrigo do seu manto.”

Na Casa-Mãe, segundo o costume francês, começaram as festas na véspera, reunindo-se tôdas no grande salão onde cantaram um “Chant des Noces d’Or” composto pelas religiosas e as delegadas das diferentes casas de França leram as suas mensagens.

Deram-lhe muito e valiosos presentes: paramentos magníficos, lindos bordados, objetos para a capela, um “Bouquet Spirituel” adornado de delicadíssimas iluminuras pelas noviças. O presente da Casa-Mãe foi um escritório junto ao quarto de dormir, arranjado de novo e destinado ao serviço da Superiora Geral. Depois foi à sala do Noviciado onde estava desfraldada uma grande bandeira com letras douradas a exprimir: “Vive Notre Révérende Mère!”, cercada de bandeiras de outras nações: as nações em que estavam estabelecidas as

Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie". Seguiram-se os cumprimentos das alunas e das asiladas. A tôdas agradeceu com palavras saídas do coração, pensando na América de onde havia fugido e que não a surpreenderia nunca com tão cerimoniosa função.

No dia seguinte houve Missa, pregando D. René Mignen. Vários Cônegos e altas dignidades eclesiásticas enchiam o Santuário; a capela era pequena para acomodar os convidados. Ao Evangelho, S. Excia. Revma. desenvolveu o texto: "Demos graças a Deus pelo seu inefável dom." A maior parte do sermão resumia a vida e as obras de Madre Butler, terminando com a oração: "O' Deus, dai longos anos felizes e prósperos a esta alma que vos é tão querida, à Vossa esposa cuja vida tem sido gasta em procurar a Vossa glória! Amen."

No seu lugar de Superiora Geral, muito serena, Madre Butler procurava esconder o sofrimento ocasionado por violenta dor de dentes, refletindo qual dos dois julgava pior de suportar: se as dores do molar ou os cumprimentos de S. Excia. Revma. Quando o orador se referiu a James Butler, ela sentiu-se feliz; todavia voltou logo à "vénérée jubilaire", a quem também aumentou a terrível dor de dente.

E' verdade que se sentia grata pelas palavras do ilustre Antistite. Falava da abundância do coração e lia-se-lhe no rosto o contentamento que lhe ia n'alma, o que não podia deixar de comovê-la. E como a estimava a sua Comunidade! Como eram tôdas suas amigas! Por seu lado, essa Comunidade, ao vê-la de joelhos, tão direita e forte, também se julgava ditosa. Contava setenta anos, mas não aparentava mais de cincoenta. A voz mantinha-se ainda um contralto bem timbrado, o andar era ágil e gracioso, os olhos vivos e meigos exprimiam-lhe a fusão de uma confiança infantil com a madureza que a caracterizava.

Quando o Snr. Bispo terminou, Madre Butler adiantou-se até um genuflexório ao lado do altar, afim de renovar os seus Votos e receber a Benção Episcopal. A voz vibrante e melodiosa repetiu-lhe as palavras da Consagração... Cincoenta anos de fidelidade ao Mestre que amava! Evidente aos que a contemplavam que, nesse momento, apenas via o seu Amado cuja Vontade lhe tinha sido o farol durante tantos anos de trabalho.

Os sacerdotes e alguns convidados almoçaram numa sala do "Cours St. Jean." e muitos ficaram ainda pelo parque, satisfeitos com o acolhimento recebido.

O dia terminou com Bênção Solene do Santíssimo, "Te Deum" e "Magnificat".

A noite escrevia para Marymount: "Há tantos anos, nesse mesmo dia, fazia eu os meus Votos, no "Petit Choeur", junto do nosso Venerado Fundador. Quem me dera oferecer outros tantos, a trabalhar na vinha do Senhor!"

No verão dêsse ano, Madre Butler foi a Roma e recomeçou as pesquisas para encontrar casa. Com grande alegria de Madre Gerard, voltou ao palacete da Via Nomentana que já haviam visitado, e procurou saber qual o preço mínimo pelo qual o venderiam. Ficou bastante desapontada com a resposta, mas o Revmo. Padre Magennis, Geral dos Carmelitas, instou com ela, dizendo que seria a casa mais bela do Instituto e era preciso pensar no futuro, quando Madre Butler já tivesse deixado de existir.

Então fez os cálculos e, depois de refletir maduramente, decidiu comprá-la em agosto de 1930, sem ignorar que assumia pesadas responsabilidades: "Deus sabe, dizia, que desta vez nos enterramos e temos de contar unicamente com Ele e com sua Mãe Santíssima."

Já nomeara um grupo de religiosas para seguirem para Roma, quando a assalta receio bem fundado: "—De que irão viver?" Vence-o, porém. — "Nosso Senhor proverá e estou certa de que, se pusermos n'Ele a nossa confiança, não seremos enganadas como não o fomos até aqui."

A casa da Via Nomentana era realmente um edificio imponente, com duas torres e largos portões de ferro. Nos jardins havia fontes de mármore, rosas e mimosas por tôda parte. Depois da casa comprada, Madre Butler foi de novo visitá-la e encontrou os largos corredores, salões, vestíbulo, tudo sujo de palha, papéis rasgados e arrancados às paredes. Ao subirem a escadaria, apenas aquí e além se podia distinguir que era feita do mais belo mogno. Que tristeza! Mas, dando ordens aos trabalhadores que havia contratado, começou a limpeza.

Sentiu-se contente com a compra e dizia numa carta a Madre Gerard: "Temos poucas comodidades, é verdade, mas que consolação

estar em Roma, em casa nossa! Louvado seja Deus! Não será um sonho?"

Pouco depois, ainda louvou mais a Deus por um novo e grande favor. Esperava pagar a casa, lançando mão de um empréstimo e hipoteca, porém, como a compra coincidia com as festas de suas Bodas de Ouro, tôdas as casas do Instituto combinaram presenteá-la com a soma total do seu custo e desta forma deu logo o dinheiro todo e não teve mais preocupações...

A 30 de setembro, chegavam as fundadoras da nova casa de Roma: Madre Sta. Clara, nomeada Superiora, duas religiosas da Comunidade da América e uma da Inglaterra.

Não encontraram lá muito mobília em casa... Comeram o primeiro jantar na cozinha, sendo o fogão a mesa de jantar. Contudo como o apreciaram! Receberam — já preparado — o macarrão com chouriço, carne assada, pêssegos para sobremesa e até vinho branco.

Nem lençóis nem cobertores nessa primeira noite e Madre Butler emprestou a sua manta de viagem à superiora.

Mas apesar de tanta pobreza estavam muito alegres. O advogado comentara com Madre Butler que se achavam de posse de um dos melhores palácios de Roma, ao referir-lhe que acabava de receber uma proposta, dirigida por seu intermédio às proprietárias, de seis milhões de liras, se o quisessem vender. Madre Butler não pôde deixar de ponderar que Madre Gerard não se havia mostrado apenas romântica ou uma apaixonada da arte ao querer comprá-la, mas ainda uma boa mulher de negócios.

Quando voltou a Nova York, foi obrigada a contar à Comunidade tôda a história dos festejos em sua honra em Béziers. Falou com gratidão e amor do afeto que lhe demonstraram as filhas da Casa-Mãe, das suas orações e das bem organizadas solenidades.

— "Ah mas aquelas cerimônias tôdas... bem sei que as não devia tanto detestar. Mas que fazer? Desculpem-me as rabugices; sou muito amiga das pessoas que são minhas amigas, é um dever de reconhecimento. Não gosto é das festas e de sua repercussão..."

Por carta, iam pondo a Madre Geral ao corrente dos progressos da casa de Roma. Contavam-lhe que, só quando a escadaria principal emergiu de sob a camada de pó que a cobria, puderam verificar o que era como obra de arte. Já tinham instalado a luz elétrica, ad-

quando algum mobiliário e as cozinheiras iam aprendendo a cozinha italiana e achavam muito interessante o papel desempenhado pelas massas na alimentação.

Em fins de outubro, soalhos e escadas já rebrilhavam, as paredes haviam sido pintadas ou forradas de papel e a pequenina capela estava pronta para receber o Mestre. Benzida no fim do mês, na festa de Todos os Santos, celebrou-se lá a Santa Missa pelas intenções da Madre Geral. Ela telegrafou: "Testemunhai por mim todo o amor e gratidão ao Dono e Senhor da casa." Dias depois, Monsenhor Mingoli, Delegado Eclesiástico, fez a visita oficial do convento, aprovando tudo e dando a bênção à Comunidade reunida para o cumprimentar. Madre Butler chamava à nova casa sua "fundação caçula", sendo o seu nome verdadeiro "Mariamonte".

Com tão auspiciosos inícios, nublou-lhe, entretanto, uma circunstância o céu sereno. A imponência do edifício e a aparente prodigalidade com que fôra mobilado e arranjado, deram lugar a críticas entre certos espíritos estreitos ou invejosos, que só olhavam para a bela casa que as religiosas haviam adquirido e preparavam às futuras alunas, fingindo não dar conta da pobreza em que viviam as Irmãs, que reservaram para si os pobre compartimentos do porão e águas-furtadas e se dedicavam sem medida a humildes e penosos trabalhos.

Um dia, apoquentada com essas histórias, Madre Butler desabafou: "Dizem que Roma não foi feita num dia... Agora entendo bem a frase." Fôra doloroso saber dessas murmurações. Não era contudo a primeira vez que a atingiam tais críticas... Por isto não se deixou levar ao mais leve desânimo. Bem sabia que o trabalho de suas religiosas havia de triunfar de intenções tão pouco benevolentes. Mas o que lhe havia causado desgosto profundo fôra o falecimento do Cardeal Vannutelli, antes da abertura da fundação pela qual tanto trabalhara. Tomou como Protetor o Cardeal Cerreti que visitara Tarrytown em fins de 1929 e prometera protegê-las com todo o interêsse como o seu predecessor.

Durante essa visita o Cardeal perguntara às Noviças que favor gostariam lhes fôsse concedido. Responderam confiantes: "Que Vossa Eminência nos permita ter Exposição do Santíssimo aqui..." E,

desde êsse dia, tiveram o privilégio da Exposição às quartas-feiras, durante duas horas.

Em Junho de 1931, Sua Eminência presidiu à inauguração de "Mariamonte", coincidindo com a inauguração do seu protetorado ao Instituto. Madre Butler havia chegado na véspera com Madre Aloysius e Madre Brendan, esta, superiora de Paris.

Oh se não gostavam de estar em Roma!... — "Aqui, escrevia a Madre Geral à Madre Baptiste, só se pensam coisas santas e só se vive vida de santo; é a atmosfera mais sobrenatural do mundo."

Ficou surpreendida com o arranjo da casa. — "O que não devem ter trabalhado! Isto progride, dizia, certa de que, dentro de um ano, a nova fundação se bastaria.

A inauguração foi festa de gala, oficiando o Sacristão Papal, Arcebispo Zampini, na Missa cantada. A' tarde, veio o Cardeal Protetor, acompanhado de pessoas muito distintas que assistiram à Bênção. Além do Arcebispo e do Padre Magennis, estavam presentes o Reitor do Instituto Bíblico, Padre O'Rourke, Monsenhor Kiely, os Presidentes dos Colégios — Americano e Inglês — e representantes de muitas Ordens Religiosas. Quando o Cardeal entrou, um côro de Carmelitas composto de trinta vozes entoou o "Ecce Sacerdos Magnus". Depois da Bênção, Sua Eminência assumiu o cargo de Protetor, dando-lhe Madre Butler, numa salva, una campainha de prata e o livro ds Constituições. Êle colocou a mão sôbre o livro e tocou a campainha, como símbolo de sua jurisdição protetora ao Instituto; depois abençoou a Madre Geral. Em breve discurso, teceu louvores aos Fundadores, à Fundação, ao trabalho da Congregação e especialmente às suas obras na América.

Ainda nessa semana, proporcionou audiência papal à Madre Geral, sua Assistente e Superiores que a acompanhavam. Quando se encontraram diante do Papa, verificaram já estar Sua Santidade informado a respeito do trabalho da nova casa, porque, ao abençoá-las, disse: "Dou a minha Bênção a cada membro do vosso querido Instituto, a cada casa e particularmente à Fundação Romana. Abençoção ainda o vosso trabalho, cada uma das alunas confiadas aos vossos cuidados e cada membro das vossas famílias. Que se cumpram tôdas as intenções que tiverdes para a glória de Deus!"

No dia seguinte, Madre Butler assistiu à Missa nas Catacumbas de S. Calisto. O Revmo. Padre Hastings celebrou por sua intenção e ela pediu a Deus, desse a cada membro do Instituto uma centelha do espírito que animava os primeiros mártires.

Em casa, gostou muito de ver os progressos que as religiosas faziam na língua italiana. Já tinham algumas alunas, dois excelentes professores italianos para ajudar e seguiam um programa bem organizado.

Madre Butler sabia que essa casa da Congregação em Roma seria de inestimável valor para a administração do Instituto. Era êsse o seu fim principal, se bem não lhe fôsse indiferente o trabalho educativo. A fundação de Roma serviria de laço entre a Casa-Mãe em Béziers e a autoridade da Santa Sé. Em nada diminuiria o prestígio da Casa-Mãe, berço do Instituto e sede de sua administração.

CAPÍTULO XIV

AS VISITAS CANÔNICAS DA MADRE GERAL

Já em 1928, era evidente que o Colégio em Los Angeles precisava de novas instalações e, nessa primavera, Madre Buller e Madre Gerard partiram para lá a ver se resolviam o problema.

No dia da chegada, discutia-se em casa qual deveria ser o título do livro anual editado pelas alunas. Foi pedida a opinião da Madre Geral. “Porque não — Mariange — em honra de Nossa Senhora e da cidade dos Anjos?” lembrou ela. E a direção do anuário adotou logo o lindo título.

Demorou-se lá duas semanas, visitou várias propriedades, mas não encontrou coisa que lhe servisse, por conseguinte entregou o negócio nas mãos do Exmo. Snr. Bispo Cantwell com quem sempre podia contar e, dizendo adeus às suas filhas, recomendou-lhes muito, orassem por essa intenção e especialmente se recomendassem a S. José por meio da sua oração favorita: “Glorioso São José, pelo amor que tendes a Jesus e para glória do Seu Santo Nome, ouvi as nossas orações e atendei às nossas súplicas”.

Pouco depois escreviam radiantes, com o êxito das suas orações: o Snr. Bispo estava certo de ter encontrado o lugar requerido e, feliz coincidência! tinha o nome de S. José! Era uma propriedade situada na Colina de Belos Ares e conhecida por “Rancho de S. José de Buenos Aires”. As religiosas aconselhavam a compra, porque a propriedade ficava num dos melhores lugares dentro da zona que preferiam e, não obstante ser cara, valia a pena, porque o colégio desenvolvia-se rapidamente.

Adquiriram-na, portanto, e em Fevereiro seguinte Mgr. Cawley benzeu-a e prepararam o terreno para começar a construção. A supe-

riora, algumas das religiosas e a irmã do Snr. Bispo — amiga muito sincera desde os primeiros dias — enterraram tôdas algumas medalhas junto da primeira pedra, “para reforçar os alicerces”, como diziam. Depois regressaram a casa contentes, porque uma nova parte da Califórnia ia dedicar-se a dar almas “a Jesus por Maria”.

Colocado sob a proteção de S. José, começaram os trabalhos a primeiro de Março de 1929 e gradualmente se foi erguendo à Avenida Beverly um novo “Marymount”, mais imponente do que o primeiro no Oeste. Em Setembro já fizeram a mudança, ainda que a casa não estivesse pronta, faltando-lhe muitas portas e havendo operários por tôda a parte; porém as religiosas sentiam-se muito bem guardadas. Ou não tivesse o Snr. Bispo andado a benzer as salas, corredores e quartos do novo edifício?!... .

Como remate receberam nesse dia, vindo de Roma, um telegrama da Madre Geral, com uma benção especial para as “aventureiras e sua aventura”. Era redigida de tal forma que parecia estar no meio delas e que o calor de sua alegria as envolvia a tôdas.

Em fevereiro de 1932, a Madre Geral e sua Assistente estiveram presentes ao ato inaugural da nova fundação. Ambas sentiram-se felizes em Los Angeles. As cerimônias foram comoventes e o Snr. Bispo Cantwell, que oficiava, falou da satisfação que sentia por ver realizada a obra que sonhara.

Uma vez que S. Excia. Revma. conversava com Madre Gerard, referiram-se a Madre Butler e foram estas as palavras do ilustre Prelado: “De tôdas as superiores religiosas que tenho encontrado, — e não são poucas! — esta é a que mais semelhança tem com Cristo.”

Para a Comunidade do Oeste, esta festa teve uma nota triste, sem culpa de ninguém... Na parte posterior do edifício havia um “lago” que não passava de um reservatório ou represa, cercado, entretanto, de arbustos e de árvores que o transformavam num sítio aprazível. Ora, as religiosas queriam-no um mimo para a festa! Mas o que aconteceu? Justo na ocasião, foi necessário esvaziá-lo, e pode-se imaginar que perdeu todo o encanto! As nossas freirinhas, verdadeiras Californianas, asseguravam a Madre Butler que era raro acontecer tal coisa, o que muito divertiu a Revda. Madre que para as

convidou depois oportunamente algumas das visitas a irem contemplar o "belo lago da Comunidade!..."

O dia 8 de dezembro de 1932 encerrava o ano jubilar da fundação de "Marymount" e a essas Bodas de Prata não podia nem que a Madre Butler escapar. As festas tinham começado há um ano, em Dezembro, com uma cerimônia presidida pelo Snr. Bispo Dunn, podendo ver-se entre o clero o Padre Lennon, o primeiro sacerdote que as cumprimentara na casa de "Marymount". Reuniram-se no salão de festas onde presidia ainda a mesma estatua de Nossa Senhora, que Madre Butler trouxera consigo ao chegar àquela casa.

Durante o ano a atenção das alunas não se desviou do querido jubileu; fizeram festas de caridade, discutiram projetos, escreveram prosa e versos sobre o assunto. Agora, ao alvorecer do dia 8, os sinos de "Marymount" anunciavam os vinte e cinco anos completos de tão notável obra.

O Sr. Bispo Dunn voitou a celebrar Missa de Pontifical. Sua Eminência o Cardeal Hayes estava muito doente, não podendo assistir, porém escreveu uma carta que terminava por estas palavras: "Marymount num quarto de século, escreveu um capítulo glorioso, na história da educação católica dos Estados Unidos".

Do Cardeal Pacelli, em nome do Santo Padre, veio um telegrama: "Por ocasião das Bodas de Prata de vosso convento, Sua Santidade cordialmente concede a Benção Apostólica a Madre Geral Butler, Comunidade, alunas, bemfeitores, amigos e professorado".

Durante essas festas, só uma vez Madre Butler se mostrou contrariada com os louvores recebidos. Professores e alunas tinham colaborado num belo volume ricamente ilustrado e encadernado, sob o título de *Memórias de Marymount*. Ela recebeu a oferta muito graciosamente, porém alguns dias depois descobriram que ao correr o livro lhe tinha acrescentado observações suas. Por exemplo, a dedicatória dizia: "À nossa incomparável Mãe". Ela cortou o adjetivo e escreveu com a sua letra firme "tolo, pior que tolo". Mais adiante, uma longa descrição sobre o amor que dedicava à música e a maneira delicada como a interpretava foi também cortada e escrito por cima — "tolo"...

No Natal que se seguiu às festas, Madre Butler não esqueceu o seu costume de colocar os três Reis Magos no corredor que conduzia à capela e, dia a dia até Reis, os ia aproximando mais do Presépio.

Era encantador vê-la então nas suas devoções. Quando orava junto da Lapinha, tinha sempre um sorriso no rosto e dela foi ainda a idéia de venerar o Divino Menino depois da Missa da Meia Noite, levando-O em procissão pela capela.

Agora, no fim do ano, deu tôda a sua atenção ao trabalho da Carta Circular. O assunto era-lhe muito querido e às suas religiosas: — O Sagrado Coração de Maria. Desejava que as suas palavras inspirassem a cada uma das suas filhas um amor bem profundo ao título que tinham a honra de possuir. Quando as leu na capela, discorreu primeiro a respeito das muitas referências a Maria no Antigo e Novo Testamento. Citou louvores de Sta. Gertrudes, Sta. Brígida, S. Bernardo, Sto. Inácio, S. Francisco de Sales e outros santos que muito amaram o Coração de Maria. — “E não será justo então”, argumentava, “que religiosas que têm o nome de Maria, que são suas filhas, reconhecidas como tais pela igreja, procurem, ao contemplar a beleza das suas virtudes, reproduzi-las no seu próprio viver? Apliquemo-nos a êste trabalho durante o ano que vai começar.” Falou do amor de Deus que abrasava o Coração de Maria e como a seu exemplo devíamos fazer reinar êsse amor em nossos corações. “Por êle renunciamos nós ao mundo, aos prazeres, às riquezas, à nossa vontade própria. É a nossa consolação e a nossa força. Que êste santo amor se mostre em todos os atos de nossa vida, que o nosso *eu* se perca na vontade de Deus e nos leve a não só cumprir as suas ordens, mas até os Seus mais pequenos desejos manifestados em nossas Regras e nas ordens dos nossos Superiores. Certamente que é um ideal levantado cuja realização é difícil na terra, mas tomemos como Modêlo o Coração amante de Maria e desta salutar contemplação brotará um desejo ardente de votarmos inteiramente os nossos corações ao Divino Amor”.

“Além do Coração amante de Maria, há também o Coração Imaculado de Maria, o Coração traspassado pelas sete espadas de dor e que deve ser também nosso modêlo. Sem sofrimentos não se ama

e Deus realmente... e quanto mais se sofre, mais o amor se apodera das nossas almas.

“Consequentemente não rejeitemos os nossos sacrifícios que resultam dos nossos votos. Quem foge ao sacrifício, foge em igual proporção da vida perfeita.

“E por fim consideremos a caridade do Coração de Maria, que as religiosas devem também imitar. O amor de Deus para conosco, religiosas, mede-se pela nossa caridade. Quando manchamos o nosso espírito com pensamentos pouco caridosos, perdemos o amor de Deus e, nas almas propensas à falta de caridade, a vida espiritual é quase nula. Nos recreios falemos bem dos ausentes e sobretudo abstenhamo-nos de murmurações e de notícias mundanas. Peçamos a Maria que torne os nossos corações semelhantes ao Seu, nos dê um grande amor ao nosso Instituto, a cada um dos seus membros e a cada um dos seus usos e costumes. Sejam os fiéis à vida comum e a todos os pontos da Santa Regra e encontraremos no Sagrado Coração de Maria força, graça e santidade”.

Nomeando Madre Gerard Superiora de “Marymount”, Madre Butler insistia mais do que nunca em silenciar o seu nome em tudo o que fôsse ato público. Continuavam, entretanto, como sempre, trabalhando juntas. Madre Gerard ocupava-se sobretudo com a parte da educação e Madre Butler com obras e melhoramentos a realizar, mas todos os assuntos eram discutidos pelas duas, resultando numa real unidade de plano.

Quando em 1923 haviam construído a ala nova, esta parecia ser mais do que suficiente ao futuro desenvolvimento de “Marymount”. Em 1926, contudo, estava a casa cheia e a Madre Geral resolveu erguer um edifício espaçoso, de linhas modernas. Foi quando tiveram de pensar nas fundações da Califórnia e Roma assim como na de Paris, a que absorveu os recursos de “Marymount”. Em 1929, a crise econômica interrompeu as construções, conquanto o Colégio houvesse atravessado êsse período sem desfalque, podendo contar em 1932 mais alunas do que nunca.

Os materiais de construção subiram consideravelmente nesses anos e todos achavam que abalançar-se a fazer obras que ficariam por um milhão de dólares seria uma loucura. Todavia Madre Butler pensou, orou durante muito tempo e por fim decidiu-se. Se era a

vontade de Deus devia cumprí-la; confiadamente entregaria despesas e futuro nas Suas mãos como sempre fizera no passado.

E lá se começaram a abrir os alicerces para o pavilhão de Ciências que teria cinco andares, com amplas salas e laboratórios. Pessoas de negócio que conheciam “Marymount”, pasmavam da coragem de começar uma obra daquelas nos tempos incertos que corriam. Mas a Madre Geral explicava o que fazia e porque o fazia, de uma maneira extraordinariamente simples. Tudo entregara ao Divino Mestre e como Ele é que a tinha posto ao leme do barco, estava certa da Sua proteção. Sabia o Mestre muito bem que ela só queria agradar-Lhe, portanto não podia deixar as coisas em meio...

Tudo estava entregue ao Sagrado Coração: — para que afligir-se? Com oração e fé conseguiriam a benção de Deus para o trabalho que lhes fôra confiado. Por vêzes vinha-lhe o desejo de apressar as coisas, sobretudo quando depois de muitas novenas não via logo o resultado, mas acalmava-se, repetindo: “Somos muito impacientes; Deus é vagaroso porque sabe quando e como deve ouvir-nos as orações, contudo quem me dera que Ele se apressasse mais um bocadinho!!...”

Em Junho de 1933, pouco depois de chegarem a Roma, Madre Butler e Madre Gerard souberam da triste nova do falecimento repentino do Cardeal Cerreti, seu Protetor. Foi um desgosto grande e agora desejavam obter um sucessor igualmente bondoso e com interesse semelhante pelos negócios do Instituto. Decidiram pedir ao Cardeal Lépicier para aceitar êsse cargo. Dizia Madre Butler: “Sua Eminência é Religioso dos Servitas de Maria, muito piedoso e espiritual e de profundo saber. É disto que o mundo precisa nestes dias maus”. Teve grande contentamento quando êle aceitou.

A 22 de Junho, foi-lhe proporcionada uma longa audiência com o Santo Padre Pio XI.

Falaram das revoluções do México e da Rússia e Sua Santidade agradeceu as suas dádivas, que chegaram mesmo na hora de ajudá-lo a acudir a tanta miséria! Falaram também dos Estados Unidos e da liberdade que lá se gozava. Madre Butler, no entanto, teve de confessar-lhe que as leis sôbre a imigração estavam a prejudicar as casas da Congregação na América. Era quase impossível trocar postulantes, segundo o costume do Instituto, para fins educativos.

Saindo do Palácio Papal e a caminho de casa, Madre Butler ia contente e feliz. — “Sinto-me sempre muito à vontade com o Santo Padre, quando chego junto d’Ele; mas não posso libertar-me de certo constrangimento, enquanto me dirijo para o Vaticano”.

Durante êsse verão de 1933, Madre Butler pôde por fim visitar Portugal. Havia exatamente trinta anos que partira de lá e grandes mudanças se tinham operado...

Em 1910 estalara a Revolução e Madre Maria da Eucaristia de Lencastre, Provincial, fôra obrigada a mandar as religiosas procurar abrigo em suas famílias ou em casas de famílias amigas e até das alunas. Em Braga, na manhã da saída da Comunidade, reuniram-se na capela às 6 horas da manhã para a Missa, quase irreconhecíveis nos seus vestidos seculares. O Capelão celebrou, consumiram-se tôdas as Partículas e as religiosas separaram-se com lágrimas, seguindo cada uma o seu rumo. Todavia levavam no fundo do coração as palavras de ânimo da sua superiora, Madre Maria de Aquino: — “Minhas filhas, coragem, havemos de nos tornar a reunir”. E, desde êsse dia em que ela viu as suas filhas dispersas, de acôrdo com a Madre Eucaristia, não pensou senão em as reunir de novo.

Visitaram Béziérs e propuseram à Superiora Geral abrir casa no Brasil, para o que obtiveram logo consentimento.

E lá partiu a Madre Maria de Aquino, acompanhada de Madre Maria de Assis e Madre Sainte Foy. Quão longa e triste foi a viagem! Quando desembarcaram, ao avistar as torres de uma igreja, correram a consagrar a sua missão ao seu Deus.

No Rio de Janeiro, o Sr. Cardeal disse-lhes haver já muitas Congregações na cidade, recusando-se a deixá-las instalar-se nessa Capital. Seguiram para Mariana com uma carta do Sr. Arcebispo de Braga para o Prelado dessa cidade e em parte essa jornada teve de ser feita a cavalo! Conseguiram licença para abrir uma casa na Arquidiocese, na pequena cidade de Sete Lagoas, onde em breve se lhes juntaram mais Irmãs vindas de Portugal. Eram agora dezessete, numa residência paroquial, acomodadas apenas em dois pequenos quartos!... Quantas dificuldades passaram, faltando-lhes mesmo a miúde o necessário à existência! Madre Maria de Aquino empregava os maiores esforços para as animar, porém, como via que ninguém

se interessava por que ficassem, resolveu voltar ao Rio de Janeiro, tentar novamente alcançar a licença do Emo. Cardeal.

Quando se espalhou a notícia de que as religiosas iam deixar Sete Lagoas, receberam convite de várias cidades afim de nelas estabelecerem colégios. De Ubá, ofereciam dinheiro para as despesas e arranjavam-lhes casa, destinada a futura Escola Normal.

As cinco religiosas designadas foram muito bem recebidas em Ubá. Esperadas na estação por imensa gente, discursou o Presidente da Câmara Municipal, conduzindo-as à Igreja, onde foi entoado um Te-Deum e de onde seguiram para a residência que lhes fôra prometida.

As outras conseguiram afinal abrir colégio no Rio de Janeiro, graças à interferência junto ao digno Prelado de ilustre sacerdote, expatriado igualmente de Portugal. Os princípios, entretanto, na formosa Capital não foram tão favoráveis. A pobreza era grande, mas passados apenas seis anos, instalaram-se em Copacabana, onde adquiriram o edifício e a propriedade da Rua Toneleros. Com o número crescente de alunas, o edifício antigo foi remodelado, levantaram-se novos pavilhões entre recantos surpreendentes — a gruta de Lourdes, o palco ao ar livre, o "Stadium"...

O grupo de meninas que o frequentara nos primeiros anos tinha-se multiplicado; transformou-se no conceituado estabelecimento de quase mil alunas e as religiosas também aumentaram, reclamando um Noviciado para as recrutas que não faltam.

Madre Maria de Aquino havia conseguido reunir as suas filhas, realizando as palavras que tantas vezes lhes repetira naqueles dias de amargura: "Se formos humildes e reconhecermos o nosso nada, Deus nos ajudará e as nossas Comunidades progredirão".

Em 1928, o Brasil formava uma Província separada e abria nova fundação em Belo Horizonte. Pequeninina, ao princípio, cresceu como as suas irmãs, sendo necessário acrescentar novo lance todos os anos ao edifício.

Em Portugal o govêrno apoderara-se, em 1910, das casas do Pôrto, Braga e Vizeu. Na do Pôrto instalaram o Liceu Feminino; em Braga, a Guarda Republicana e em Vizeu o Liceu Misto.

Em 1919, a Congregação voltava às Terras de Santa Maria com uma primeira casa em Espinho, perto da vetusta metrópole de Douro, e, pouco tempo depois, em Braga e Pôrto.

Em 1933, quando Madre Butler pôde enfim visitar Portugal, lá estavam fundados seis colégios, três lares acadêmicos e duas escolas livres ou patronatos, dirigidos pelas Religiosas do "Sacré-Cœur de Marie".

Lembrava-se ela de que, já em 1903, quando ainda estava em Braga, tinha referido uma vez os seus receios de uma revolução, tratando com um sacerdote que se rira do suposto perigo... Contudo sobreveio o fato, mas, como Deus tudo manda e dirige, voltara a paz e o trabalho continuava, exultando de novo seu coração, ao contemplar as manifestações públicas de fé em terra tão católica, onde por tantos anos fôra impossível adiantar a divina colheita.

Falou às suas religiosas da audiência especial que tivera com o Santo Padre em Junho anterior e como Êle tinha a peito o trabalho do Instituto no Brasil e em Portugal. Por seu intermédio enviava Sua Santidade uma Benção tôda particular às suas filhas portuguesas e brasileiras, com as quais se sentia muito contente, pelo seu grande trabalho nas almas, nessas duas terras.

Madre Coração Imaculado contara a Madre Butler serem numerosas em Braga as senhoras que ainda falavam dela com o mais profundo afeto. E de fato muitas a vieram visitar, recordando o tempo em que as ameaçava de ir para a América, se não fôssem boas... Foi imponente a recepção em Braga à Madre Geral, outrora jovem professora e superiora nessa casa. Houve Missa solene, discursos e na sala de recepção descerraram o seu retrato, afirmando que tôdas as antigas alunas faziam questão de o contemplar ao visitarem o colégio.

Madre Butler sentia-se feliz, ao observar que não haviam sido esquecidos os seus conselhos. Foi visitar a casa antiga que continuava propriedade do govêrno e demorou-se uns instantes na bela sala que fôra no seu tempo a capela e no Oratório das Filhas de Maria.

Um dia entrou na sala de arte onde as meninas tinham a lição de flores artificiais muito apreciadas em Portugal e, tomando do material, armou logo uma muito bonita, com grande pasmo das alu-

nas. Ela riu, explicando: “Também aprendi como vós e foi com esforço que consegui confeccionar palmas e ramalhetes”.

Que algeria ver o progresso de tôdas essas fundações! — “Eu bem sabia”, como já disse um dia à Madre da Eucaristia, “que os nossos colégios voltariam a viver. A fé no coração dêste povo não se pode suprimir. Bendito seja Deus! Baseia-se a educação de novo na Religião — Uma ressurreição verdadeira do velho Portugal!”

Outro motivo de consolação foi ver o interêsse das religiosas pelos novos métodos de ensino e como seguiam cursos normais e liceais para melhor se prepararem à sua missão nas aulas.

Louvou-as pelo seu trabalho, mas acrescentou: “Não devemos contudo ter boa fama somente na maneira de ensinar... Como religiosas, importa exigir as boas maneiras e a formação moral. Aqui é que está o problema principal. Cada criança requer uma direção diferente, segundo os seus defeitos e tendências, mas o que devemos exigir de tôdas é que amem a Deus Nosso Senhor da mesma forma, isto é, de alma e coração. E, tende cautela, não as deixeis gritar nem usar desse “calão” que modernamente vai forçando a entrada na boa sociedade”...

Na sua visita a Guimarães, abriu oficialmente um Noviciado, mostrando-se encantada com a casa que as religiosas haviam adquirido.

Era-lhe grato saber que muitas das antigas alunas dirigiam patronatos e escolas livres, aproveitando a liberdade concedida pelo governo para espalhar a educação religiosa e fazer reviver os antigos costumes católicos. Era bom indício para o futuro da terra onde havia passado tantos anos e o Padre Gailhac abrira as primeiras fundações fora da França.

Em 1871, escrevia o Fundador: — “A casa é boa e as nossas filhas são tidas em alta estima; tudo promete um futuro brilhante.” Agora, cincoenta anos mais tarde, Madre Butler verificava o cumprimento dessa asserção.

Na véspera de sua partida de Portugal, como estivesse muito cansada, recolheu-se cêdo ao quarto. Cá fora no jardim, duas religiosas, debaixo da sua janela, começaram a cantar docemente “*Maria Mater Gratiae*”; logo ao segundo verso, juntou-se-lhes a voz da Madre Geral que a continuou até ao fim...

CAPÍTULO XV

MARYMOUNT DESDOBRA-SE SÔBRE DOIS CONTINENTES

No dia 10 de Outubro de 1933, lançava-se a primeira pedra do pavilhão de Ciências, fazendo parte do grupo de construções novas de "Marymount". Monsenhor Lavelle oficiou e, entre outros "momentos", encerrou-se na pedra fundamental uma relíquia do Papa Pio X, oferecida a Madre Butler numa visita recente a Roma.

Pela primeira vez na vida, sentia-se realmente cansada. O ano fôra extremamente difícil para todos; a crise econômica ainda não terminara, porém em razão da sua prudência e solicitude tudo corraera bem em "Marymount", podendo ser generosas, durante as festas do Natal, como Deus o tinha sido para com elas.

Chegou o Retiro anual que a tôdas reconfortou e durante a devoção das Quarenta Horas Madre Butler pediu e suplicou a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, abençoasse as suas queridas filhas em tôda a partê do mundo, de forma a realizarem grandes coisas para a Sua maior glória.

Na primavera de 1934, sentia-se a Madre Geral muito preocupada com as despesas da casa de Paris. O valor do dólar baixara muito e os americanos hesitavam em mandar as filhas para o estrangeiro.

Até a natureza parecia triste nesse ano: nevoeiros, neve, um vento frio que enregelava... Contudo Madre Butler, contemplando a paisagem da janela do seu quarto, não se deixava vencer pela depressão moral e dizia de si para si o que muita vez repetia às suas filhas: "Para a frente! Confiemos em Jesus, digamos-Lhe as nossas apreensões, tristezas, alegrias; numa palavra, entreguemos-Lhe tudo!"

Ainda um grande desgosto a esperava. Nesse ano perdeu "Marymount" um dos seus melhores amigos. O Sr. James Butler faleceu a 20 de Fevereiro, depois de uma enfermidade de meses. Como bom católico, murmurou até ao fim as orações da Igreja, segurando as mãos a vela benta.

Realizaram-se-lhe os funerais na Catedral. Monsenhor Lavelle cantou a Missa de "Requiem"; estudantes dos cursos superiores e secundários, de capa e barrete, enchiam os bancos da frente.

Em seguida o corpo foi levado para Tarrytown e, ao aproximar-se de "Marymount", dobrou o sino da Capela a finados. Dentro, uma guarda de honra de alunas, e as Religiosas nas suas estalas... Colocada a urna defronte do altar-mor, recebeu o corpo do grande benfeitor da casa uma última absolvição e foi transportado para a Cripta, onde ficou enterrado junto da espôsa que tanto amara e dos filhos que o haviam precedido.

Quanta falta para "Marymount", tão beneficiado pela sua generosidade em prol da educação católica!

Deixava um vácuo após si: tinha sempre na capela o seu lugar reservado para a benção de domingo e, em ocasiões solenes, presidia no salão de honra, como um pai bondoso que se compraz em contemplar um filho já criado.

As obras do pavilhão avançavam céleres e, na abertura das aulas dêsse ano, foi a inauguração solene presidida pelo Cardeal Hayes.

Dirigindo-se às graduadas, o Cardeal não escondeu a sua admiração: Não teria tido a coragem que mostrara Madre Butler em levantar aquêlo edifício, pois nem sequer havia permitido a nenhum dos seus párocos, edificasse nos últimos anos.

"Não tive a coragem de Madre Butler; tive medo. Nela há confiança, esperança e ânimo; há vistas largas, proveitosas ao nosso país e à nossa terra; por isso me regosijo, é uma demonstração eloquente de que em "Marymount" reina o grande Construtor — Cristo Senhor Nosso, — que edificou a Igreja em todo o mundo". E, dirigindo-se-lhe diretamente: "Madre Butler, dais-me imensa coragem para prosseguir e empreender as obras a que venho receando abalançar-me. Que Deus abençoe esta casa e a sua educação, na ordem natural e sobrenatural!"

Era belo o novo edifício, construído entre os velhos jardins italianos, dominando o Hudson e os lagos. De tijolo dobrado, com a fachada de pedra calcárea, sustentada por colunas jônicas, destinava-se aos laboratórios de Física, Química, Botânica, Biologia e Geologia. A cada laboratório estava anexa uma sala de experiências para o professor e, junto ao de Física, ficava uma biblioteca de Ciências.

Em Junho dêsse ano, Madre Butler, como de costume, partiu para a Europa. Alguns dias antes, fôra procurada por dois grupos de religiosas que lhe pediam licença para pronunciar os primeiros ou últimos votos, na festa do Sagrado Coração de Maria.

Olhou-as com profundo afeto e escutou as suas promessas, dizendo-lhes: “Minhas queridas filhas, os primeiros votos são muito importantes, mas os votos perpétuos ainda o são mais. Eu sei que tôdas procurareis viver em íntima união com Deus, aproximando-vos cada dia mais do Vosso Divino Espôso. A Santa Regra, minhas queridas filhas, apenas pauta a nossa vida religiosa; diz-nos quando devemos levantar-nos, por exemplo, mas a nós pertence realizar santamente essa ação. Ordena-nos o exame particular, porém de nós depende o fazê-lo com fervor e cuidado, de maneira a corrigirmo-nos e nos libertarmos dos nossos pequenos defeitos. Escutem, minhas filhas, escutem, e ouvirão a voz de Deus á segredar-lhes o que a cada momento devem praticar. Assim se tornarão santas”.

O vapor italiano em que Madre Butler atravessou o Atlântico desta vez tinha uma linda capela. Dois Bispos e vários Sacerdotes iam a bordo, mas fazia-lhe pena ver que nem um só oficial assistia à missa diária.

Em Roma encontrou Mariamonte em muito boa ordem. As religiosas cuidavam de um jardim, capaz de ter alegrado o coração de Madre Ste. Constance, se ela fôsse viva... O médico da casa era um neo-convertido que na Capela do Colégio fôra batizado.

A primeira visita da Madre Geral foi para o Cardeal Lépicier, para lhe oferecer uma cesta “bon voyage” que recebera a bordo. Ele abriu-a, sorriu ao ver o conteúdo e disse que conhecia várias pessoas a quem ia tornar felizes, repartindo-lhes aquêlê presente.

— “Não se esqueça de visitar o Santo Padre”, recomendou.

— “Mas Sua Santidade deve estar esgotado com tantas audiências”.

— “Sei que sentirá prazer em vê-la”.

Logo que pôde, seguiu o conselho recebido e, no fim da audiência, perguntou ao Santo Padre: “Como pode Vossa Santidade fazer tudo o que faz?”

Ele sorriu e disse simplesmente: “Não sou eu, é Deus Nosso Senhor”.

Em fins de Janeiro de 1935, dirigiu-se Madre Butler para a Califórnia. Havia em Belos Ares novas construções que era preciso examinar. Segundo o gôsto espanhol, compridas e pouco altas, em dois blocos: um para o Colégio e outro para dormitórios, capela, refeitórios. Rodeava-os vasto terreno para desportos: “tennis”, “basket-ball”, “badminton”, “volley-ball” e até “base-ball”.

Quando a levaram a visitar a casa, parou na sala da Comunidade, para ver de perto uma estátua de Nossa Senhora com a inscrição: “Eis o vosso modelo” e outra de S. José com a legenda: “Eis o vosso Protetor”. Disse-lhe uma religiosa: “Parecem as do refeitório de “Marymount”. Ela sorriu e disse: “Parecem antes as da Casa-Mãe em França”.

A Capela tinha agora vitrais de côr que davam uma luz muito mais doce do que as antigas janelas de vidro.

O terreno estava bem cultivado e do lago recebiam uma aragem deliciosa nos calores do verão.

Madre Butler sentia-se bem entre as suas filhas e muito feliz por ver os progressos do Colégio e das suas Obras, particularmente com as “Marias dos Sacrários”, sob o patrocínio do Senhor Arcebispo e hábil direção de Miss Cantwell. No primeiro ano haviam feito cinco jogos de paramentos; agora, no nono ano de existência, atingiam o centésimo quinquagésimo.

Madre Butler regressou a Tarrytown a tempo de assistir à festa do seu Santo Padroeiro e de ver preparar o terreno para o novo pavilhão.

O Senhor Bispo Donahue presidiu às cerimônias e era a primeira visita que lhes fazia, depois de elevado ao Episcopado; por isso nem ousou protestar contra as palavras de louvor que S. Excia. Revma. lhe dirigiu no seu discurso.

De tarde, quando contemplava o terreno escavado, sombreou-lhe o rosto uma preocupação. — “E’ muito lindo no papel, mas a execução vai reclamar grande esforço e pesado sacrificio”.

Todavia uma hora mais tarde já estava a examinar a planta com o arquiteto, com tôda a serenidade, como se não tivesse já setenta e cinco anos e direito ao descanso. Superiora Geral de uma grande Congregação, com enormes responsabilidades sôbre os ombros, mantinha-se direita e firme, com olhos claros e cheios de vida. Parecia pronta a empreender tôdas as construções e a fundar inúmeras casas.

E de fato preparava-se então para receber um grupo de religiosas das casas do Brasil, afim de discutirem a sua futura expansão e problemas educacionais.

Em Junho de 1936, recebia licença do Cardeal Hayes para aumentar a casa da Quinta Avenida. Contígua a esta, havia uma bela propriedade que estava agora à venda e durante o mês de Junho as religiosas fizeram várias novenas para conseguirem adquiri-la.

Por fim, uma manhã, o jornal “*New York Times*” dava a boa notícia. O Colégio adquiria a Casa Pratt, edificio destinado agora a servir de filial de “Marymount” em Tarrytown. Sôbre o belo fogão do vestíbulo, instalou Nossa Senhora, num nicho encantador forrado de veludo azul, onde a estátua de mármore do Sagrado Coração de Maria, presente de uma aluna, Miss Norma Shea, sobressaía a maravilha.

Depois disto suspendeu os seus planos até voltar da Europa e nesse mesmo mês embarcou com Madre Gerard a bordo do “*Normandie*”, não que preferisse o luxuoso transatlântico, mas porque tinha pressa e era o único que então partia.

A capela do “*Normandie*” era ultra-moderna e Madre Butler dizia que, por não se sentir igualmente ultra-moderna, não a achava piedosa e recolhida; isto, por culpa sua, de certo...

O Sacerdote que celebrava chamava-se Père Dieu. — “Que nome maravilhoso!”, dizia ela. E, para mais, excelente pregador! Há quanto tempo não tinha a oportunidade de apreciar tais rasgos de eloquência!

Quando chegou a Paris, não se sentia bem e o Dr. Chevalier Jackson, do Hospital Americano, vinha vê-la frequentemente. Por vezes ria-se Madre Butler das suas muitas recomendações. — “Quer ter a habilidade de fazer-me recuar dezesseis anos!” Aparecia-lhe

sempre quando ela menos o esperava, por isso tinha de ter cuidado e queixava-se, dizendo que a tratavam como a uma boneca holandesa.

Um domingo em que passara mal a noite anterior, Madre Gerard decidiu não a acordar cedo para a missa. A Comunidade saiu sem fazer barulho e quando as últimas, Mère Marie des Victoires e uma irmã coadjutora iam descer, ouviram a sua voz no cimo das escadas. “Minhas filhas, esperam por mim”? E brilhavam-lhe os olhos quando de Missal na mão entrou na igreja, aos olhares surpreendidos de Madre Gerard.

A fundação de Paris ia também ser aumentada. A casa e propriedade contígua vendiam-se por um preço razoável e, em razão da cláusula inserida no contrato de compra da primeira casa, as religiosas tinham direito de opção e resolveram comprá-la. Precisavam muito de espaço. Não tinham só jovens americanas, já muitas famílias francesas lhes confiavam as filhas e não se podia contar uma vaga na primeira casa.

Durante êsse verão, Madre Butler decidiu ficar em Paris todo o tempo da sua permanência na Europa e as Superiores das diferentes casas é que iriam lá consultá-la.

Da casa de Mariemont em Paris dirigiu, então, os negócios do Instituto. Madre Gerard com Madre Aloysius foram em seu nome a Rennes falar com S. Excia. o Arcebispo D. René Mignen e escolher local para uma fundação nessa cidade e mais tarde Madre Gerard foi como delegada à Irlanda, dizendo-lhe a Superiora Geral, ao designar-lhe o encargo: “Rouba-me a melhor parte do meu trabalho, a alegria de voltar a ver a minha velha Irlanda”. Madre Gerard recomendava-lhe que escrevesse poucas cartas e essas mesmas curtas. — “Mas eu estou muito melhor”, protestava, mesmo depois de passar dias muito incomodada. “Quando voltar, há de encontrar-me bem disposta como dantes”.

O Rev. Pe. Magennis visitou-a nos fins de Julho e ela escrevia a Madre Baptiste: “Estamos em alta espiritualidade; o Pe. Magennis cada vez se parece mais com o nosso venerado Fundador. Como o capelão está ausente, tem êle feito a caridade de o vir substituir”.

Durante êsse tempo esteve quase sempre em casa, pois chovia; mas, no primeiro domingo de Agosto em que o sol brilhou de novo,

o médico deu-lhe licença de sair e ela dividiu o tempo por “Notre Dame des Victoires” e o “Sacré-Coeur” em Montmartre, regressando a casa um pouco cansada porém muito feliz.

Muitas foram as Superiores que a visitaram então. Receavam, se propagasse em França a revolução espanhola. Já as religiosas se haviam prevenido com roupas à secular, prontas para abandonar os conventos ao menor sinal. As estrangeiras de “Mariemont” tinham ordenado de retirar-se para Inglaterra e as francesas, para casas particulares. Doentes e velhinhas de Béziers iriam para uma casa alugada. Entretanto três religiosas ficariam na Casa-Mãe, houvesse o que houvesse. Em Portugal reinava o mesmo receio e poucas puderam ir conferenciar com a Madre Geral a Paris.

A Madre Vigária de Inglaterra lastimava-se porque poucos católicos beneficiavam da educação dos seus Colégios e a Madre Geral respondia-lhe que procurasse mantê-los num alto nível moral e religioso, mas ao mesmo tempo os conservasse à altura quanto aos estudos.

A tódas as Superiores repetia: “A Divina Providência pode prover, proveu e proverá”.

Na primavera de 1936, havia falecido o Cardeal Lépicier, Protetor do Instituto, já o segundo dentro de bem curto lapso de tempo. Desta vez enviou Madre Aloysius pedir ao Cardeal Pacelli para assumir êsse encargo. Chegou o telegrama a dar a notícia do seu consentimento, no dia em que Madre Butler completava setenta e seis anos. — “Que belo presente de anos!” disse, ao lê-lo. Seguiu-se uma carta de Madre Aloysius, contando que Sua Eminência havia sido muito amável e comentando: “Estou certa de que ficamos com um bom amigo no Vaticano, que será um verdadeiro Cardeal Protetor, pois sabe-se que apesar dos seus muitos trabalhos visita de vez em quando os conventos que lhe estão confiados.”

Depois de concluídos todos êsses negócios, voltou a Madre Geral para Nova York, querendo assistir à abertura da nova casa da Quinta Avenida e à inauguração de “Butler Hall” que se aproximava. Preocupavam-na muito as finanças depois de dar balanço às contas de tódas as casas, em razão da dificuldade de prever o que aconteceria na Europa.

— “O melhor, dizia consigo, é não pensar em dinheiro, orar muito e confiar em Nossa Senhora de Lourdes, que protegerá a pobre França”.

Às vèzes tinha tentação de pensar que errara em comprar a nova casa na Quinta Avenida de Nova York, porém pouco depois já arquitetava outro projeto...

O que mais lhe custava era ver-se tão longe das outras Superiores: consolava-a, todavia, a idéia de que eram tôdas uma só alma e, como não se mede a rapidez do espírito por milhas, sentia-se junto delas a tôda a hora.

Quando regressou a “Marymount”, “Butler Hall” estava quase pronto, devendo ser benzido em Outubro pelo Cardeal Hayes.

Desta vez o nome de “Butler” dado ao novo edifício não era em memória de James Butler como muitos pensavam. Madre Butler é que nunca contradizia essa interpretação. O nome era em sua honra, mas impôs-se a insistência de todo o corpo docente, discente e Comunidade, sobretudo de Madre Gerard para conseguirem poder mandar gravá-lo na pedra da fachada.

Como o mais imponente de todos os edifícios até então erguidos em “Marymount”, tornou-se a parte central do estabelecimento, constituído de seis andares no lado posterior e quatro à frente, culminando numa cúpula encimada de uma cruz dourada. A porta principal de bronze trabalhado dava-lhe um ar solene. Seis colunas jônicas serviam de apóio a um frontão, e, gravado, o escudo da Congregação. Aos lados, anjos a segurar. No friso, por baixo, liam-se as palavras da divisa do Instituto: “Omnia pro Jesu per Mariam”. A cúpula era guarnecida de vidro côr de âmbar, filtrando uma luz suave, levemente doirada; de mármore as colunas, escadaria, base das paredes e vestibulo. Nos outros andares, de carvalho, os dormitórios. Sob a rotunda ficava uma Capela, espécie de cripta de mármore cinzento e preto. Para trás, espaçosos refeitórios e cozinhas, etc. Premindo um botão, iluminava-se num instante a cruz, a cúpula e a fachada fronteira. Surpreendente o efeito!

O arquiteto, Sr. Frank Ware, dizia ser “Butler Hall” a sua obra-prima, tendo-lhe assistido, como o melhor auxiliar, Madre Butler. Das suas visitas à Europa, durante os anos em que se traçava a planta, mandava-lhe em notas variados pormenores do que ia vendo

lhe agradava. “Aqui em Paris, há numa igreja três vitrais de vidro amarelo como quero em nossa capela, pois filtram linda côr de ouro...” Depois de ir aos “Inválidos”, escreveu: “Isto é uma maravilha de beleza e em volta do altar há tanta luz dourada que parece produzida por inúmeras lâmpadas...” Também lhe descreveu a sala de jantar do “Normandie” e a longa série de janelas ogivais, deixando entrar torrentes de luz...” De tudo tomava nota e explicava por carta ao Sr. Ware.

Em Outubro, deu-se a Benção de “Butler Hall” por Sua Emcia. o Cardeal Hayes. O arquiteto apresentou-lhe uma chave de ouro com o seu nome gravado. Êle aceitou-a, abençoou-a e apresentou-a a Madre Butler e todos em procissão se dirigiram para a capela do novo edificio, para a Benção do Santíssimo Sacramento, na qual oficiou Sua Emcia.

De tarde, em conversa, o Cardeal louvou o alto aprêço em que era tido “Marymount College” e disse quanto isso lhe era grato e motivo de consolação.

Dirigindo algumas palavras às alunas, incitou-as a aproveitar bem da educação recebida, a seguir com firmeza as tradições católicas, a fazer de Deus o fim de tôdas as suas ações, a “incorporar em suas vidas as virtudes que distinguem as mulheres católicas cujo exemplo é vital hoje em dia, quando o desprezo da lei de Deus ameaça a vida da Igreja, dos lares e das nações”.

Nessa noite, através da escuridão do Hudson e dos vales e colinas adjacentes, via-se brilhar a cruz doirada, nimbando de luz todo o edificio. As alunas dos diferentes cursos e Faculdades formaram longa procissão pelos jardins e terraços, cantando os hinos favoritos de “Marymount” e o canto de saudação dedicado a Madre Butler que se repetia sem cansar em tôda circunstância:

“Voz doce, gentis maneiras
Sorriso sempre a bailar
Nos lábios, p’ra dar às filhas
Que vos querem encontrar.”

De novo se aproximava agora a época do Natal e era necessário redigir a Carta Circular que mandava a cada casa e à qual sempre

dedicava longa reflexão. Se bem que os tópicos variassem, um pensamento predominava sempre: “Deus pede-nos apenas o nosso amor e dá-nos todo o Seu”.

Muita vez lhe ouviram repetir: “Religiosa é quem primeiramente é fiel aos seus votos e depois é humilde, modesta, simples, como foi Nossa Senhora”.

Uma das suas circulares discorreu a respeito do domínio próprio — a vitória sobre nós mesmas, vencendo o mau humor, impaciência, repugnância por pessoas e coisas...”

Outra teve como assunto a União, sublinhando primeiramente a falsa união que produzia guerras, porque o homem tinha voltado as costas a Deus, pondo toda a sua confiança em si próprio, no seu poder e nas suas invenções... Em seguida falava da verdadeira união, tal como o Instituto procurava praticar, lançando no tesouro da Comunidade todas as boas obras e méritos possíveis, para que cada uma se aproveitasse segundo as suas necessidades.

“Nada recusar a Deus” foi o título da Circular de 1936. Nada conservar para si mesma, mas lançar-se em Seus braços como a criança abraça sua Mãe — eis o segredo dos Santos — o que delicia o Coração de Deus.”

Essas Cartas Circulares eram documentos oficiais do seu Generalato, mas muitas particulares escreveu ela, que foram guardadas como tesouros pelas destinatárias, não só pelo afeto que exprimiam, mas ainda, pelos conselhos que continham. “Anime as suas religiosas, escrevia à Madre Cecilia para Los Angeles; tome apontamentos e, quando elas precisarem de ser repreendidas, faça-o com força se for preciso, mas não rabuge. Acabou, acabou.”

A Madre Ste. Foy, que acabava de ser nomeada Superiora e Madre Vigária no Pôrto e se sentia apoquentada com a idéia de não ser capaz de realizar o seu ideal, escrevia-lhe, animando-a: “Sempre amou a Santíssima Virgem e a teve por Modêlo como lha dá a Regra, portanto conseguirá reproduzir a vida de Nazaré, não só na sua Comunidade, mas em todo o Vicariato.”

A uma futura postulante dizia: “Conserve o plano da sua saída do mundo em silêncio; lembre-se de como o nosso Divino Salvador procedeu durante a vida pública e como Nossa Senhora, nosso Modêlo, passou a vida desconhecida de todos.”

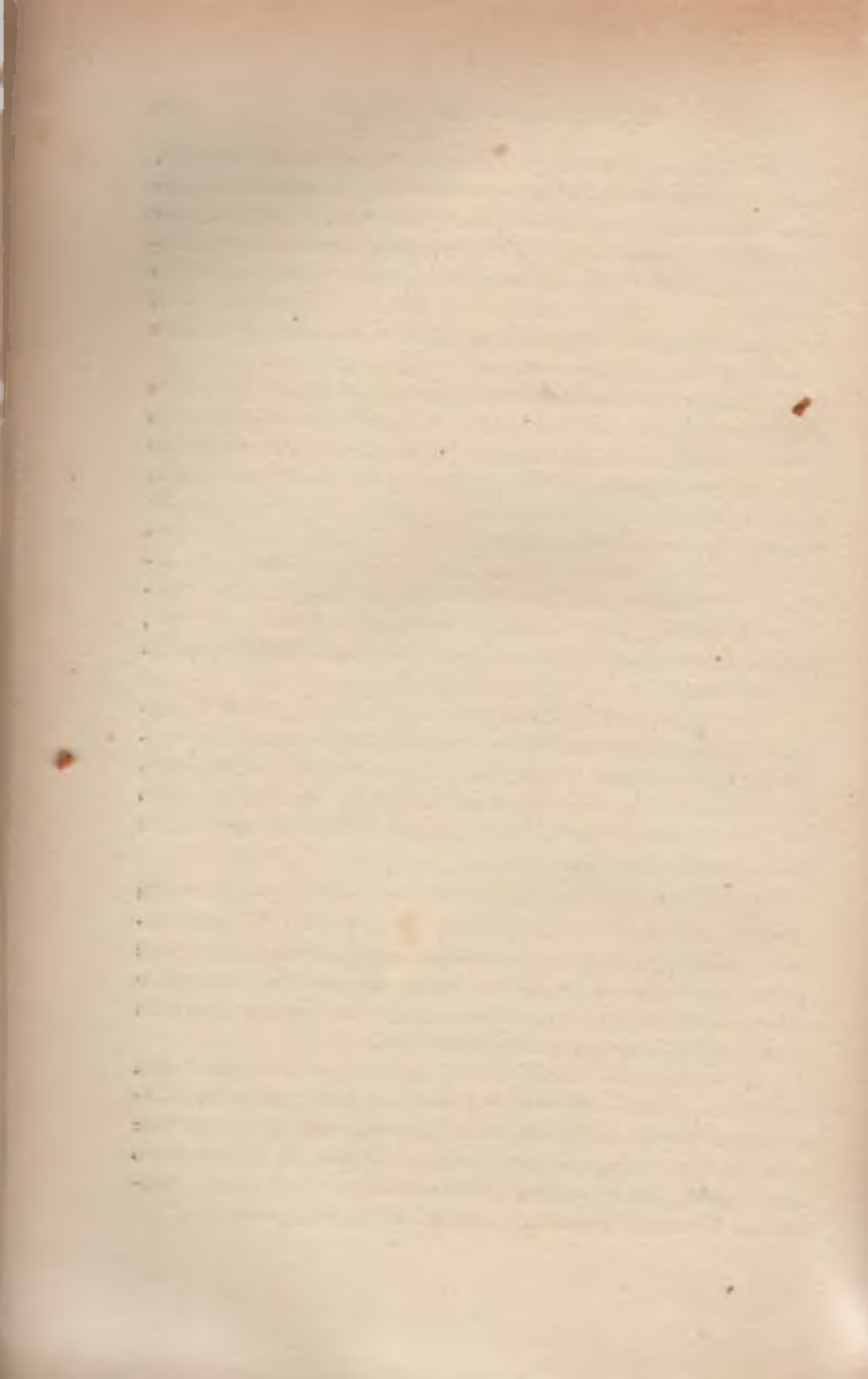
Quando a sua primeira postulante de "Marymount" professou, Madre Butler estava na Europa e escreveu-lhe uma carta muito afeituosa, lastimando a sua ausência, assegurando-lhe, no entanto, que "em espírito estaria ao seu lado." E terminava, dizendo: "Que o Sagrado Coração de Maria seja o seu livro aberto; a Sua humildade e simplicidade, o seu fito constante até ao declinar da vida. Então Ela a conduzirá a Seu Divino Filho, que substituirá a sua coroa de espinhos por uma de jóias e pedras preciosas."

Numa carta a Madre Josefina, indicava-lhe aqueles princípios que ela própria aprendera pela experiência, pelas provas e até pelos erros e que seguira por longos anos: "Seja calma e ande unida com Deus. Nunca responda precipitadamente a perguntas sôbre disciplina ou regulamento. Pense e ore primeiro e depois resolverá o que for melhor. A glória de Deus em primeiro lugar, depois o Instituto. Nunca se deixe levar pelo coração... Seja muito unida com a sua pequena Comunidade e consulte, quando qualquer coisa fora do ordinário se apresentar. Que tôdas andem recolhidas e unidas com Deus, praticando a caridade, e fique certa de que colherá muito acima das suas esperanças."

Em uma outra carta, dizia à mesma, como conselho para a Quaresma: "Que tôdas pratiqueis a verdadeira mortificação de espírito, mas pouco jejum porque tendes muito trabalho. Exata observância da Regra, especialmente do silêncio, pureza de intenção, união com Deus, exatidão nas pequenas coisas, por exemplo em dizer "*Viva Jesus*", quando nos encontramos..."

Durante uma das suas visitas a Paris, escreveu êste bilhete a seis generosas noviças que professaram em "Marymount": "O amor Divina é cioso e quer da alma verdadeiro desapêgo. Ficai certas de que Nosso Senhor gostará dos esforços que fazeis para vos vencerdes e encherá as vossas almas do seu Amor, o que significa grande alegria e suavidade, até no meio das maiores provas."

Muitas vêzes, nas suas cartas, falava da beleza e satisfação da alma na Sagrada Comunhão. Referindo-se à ação de graças, escrevia: "Tornai-a uma conversa diária com Nosso Senhor. Não fiquéis cheias de assombro, não vejais em Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento o Deus Criador: Êle é humano. Contemos-Lhe as nossas aflições, falemos-Lhe das nossas alunas... E' a hora do dia mais junto dEle."



CAPÍTULO XVI

VIAJANDO POR AMOR DE DEUS

Ao principiar o ano de 1937, Madre Butler não se sentia nada bem de saúde. Nem à capela podia ir por vêzes. Então obteve-se licença, por intermédio do Cardeal Hayes, de ser celebrada a Santa Missa num pequenino Oratório contíguo ao seu quarto. Quando se sentia melhor, podia ter a consolação de se juntar à sua Comunidade na capela.

Teve ainda nesse ano a alegria de ver terminado, na capela de "Butler Hall", o altar da sua santa favorita, Santa Teresinha do M. Jesus. Ela própria o havia desenhado e fôra-lhe oferecido por sua irmã Maria. Estava colocado de maneira que, ao abrir-se a porta, logo se via na parede fronteira o grande medalhão da Santinha querida.

O fundo era de mármore côr de rosa pálido, sôbre o qual sobre-saía o escudo da Flôrinha de Lisieux. De cada lado do altar, ficavam altos lampadários de metal que deveriam estar sempre acesos. Era um delicioso cantinho de oração que não tardou a ser batizado com o nome de "Recanto Teresiano".

Como a correspondência aumentava de ano para ano, pois, apesar das dificuldades dos tempos, iam-se abrindo novas casas no estrangeiro, tinha de dedicar longas horas à redação epistolar. A convite do Sr. Arcebispo D. René Mignen, estabelecera-se uma fundação em Rennes, e a Comunidade de Ferrybank, na Irlanda, construíra também nova casa. Os colégios de Inglaterra progrediam. Entre as alunas, muitas não católicas estavam a receber instrução religiosa, e das outras já algumas mostravam vocação religiosa.

Todavia incubava na Europa o fermento da revolta, por isso era-lhe consolador receber grandes envelopes do Brasil, com muitas cartas de noviças e postulantes, tôdas respirando paz e felicidade. “Afimial, pensava, o Noviciado de hoje será a Comunidade de amanhã e as esperanças do nosso amado Instituto repousam nessa gente nova.

“Que Deus Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima as guie a tôdas e o Espírito Santo as inspire, enquanto as vai formando no caminho da virtude!” ia murmurando, perante aquêles maços de cartas.

A cerimônia da escolha da “Rainha de Maio” que é uso fazer-se em “Marymount”, foi em 1937 particularmente bela. Era o décimo aniversário da sua instituição e por êsse motivo havia dez menina-zinhas a personificar as rainhas dêsses anos.

Também a Colação de Gráu realizou-se com grande pompa; S. Emcia., o Sr. Cardeal Hayes que estivera doente, com grande alegria de Madre Butler, se restabelecera a tempo de presidir tão significativa solenidade.

Normalizava-se a saúde da Superiora Geral com o bom tempo, de forma que só raras vêzes a viam ausente das orações na capela, achando além disto tempo livre sempre, para ir visitar o Mestre Divino.

A oração atraia-a cada vez mais. Nos jardins ou nos corredores viam-na de terço na mão e o rosto recolhido tinha uma expressão de paz que denunciava o afastamento de tudo o que é temporal.

Acompanhá-la na visita ao Santíssimo depois do jantar era considerado grande privilégio. Em primeiro lugar recitava as orações de Regra; depois encaminhava-se para o altar de Santa Teresinha e ficava em colóquio com a querida Santa. Havia sempre algum pedido nesse altar: — “Não deixeis morrer a Sra. Smith, Santa Teresinha; a família precisa dela, etc.” Uma vez, depois do falecimento de um sacerdote, ouviram dizer-lhe: — “Porque o deixastes morrer?” Depois, voltando-se para Madre Imaculada que a acompanhava: “Deus lá sabe; — nós vemos e compreendemos muito pouco.” Em seguida ia visitar a estátua de Nossa Senhora onde acendia uma vela e recitava o “Lembraí-vos”. Por fim seguia para o seu lugar e ficava em silenciosa adoração.

Até à capela as estudantes a seguiam, se ela lhes fizesse o menor sinal. “Deus Nosso Senhor a abençoe!” murmurava, quando alguma se lhe ia ajoelhar ao lado. Terminadas as orações, dirigia-se para o

gabinete de trabalho, sentava-se à grande secretária a percorrer cartas e papéis, enquanto Nossa Senhora das Vitórias a abençoava do altarzinho de cima.

No dia 9 de Junho partia com Madre Gerard para França. Tôda a Comunidade a esperava para lhe dizer adeus e ela não aparecia. Madre Gerard subiu ao quarto ver o que a detinha e encontrou-a a acabar uma carta para uma Superiora, Madre Coleta, recomendando-lhe que descansasse logo que terminassem as aulas, e não se apoquentasse com a falta de espaço. “Quero vê-la com outra fisionomia quando regressar. E’ muito “nova” para se sobrecarregar assim.” Acabava mesmo a carta, quando Madre Gerard apareceu. Depressa a pôs no envelope e tratou de despachar-se para se despedir.

A viagem a bordo do *Queen Mary* foi muito agradável. Um mar de leite, o que lhe permitia dormir bem, por isso ao chegar a Paris o Dr. Jackson achou-a muito melhor.

Ficou radiante ao saber que já tinham cem alunas.

E, quando tudo pressagiava um belo verão, sofreu um acidente. Ao vir do confessionário em “Notre Dame des Victoires”, escorregou nos dois últimos degraus e ia caíndo, porém Madre Gerard agarrou-a. Contudo torceu um joelho e teve de ser metido — “na gaiola”, dizia ela enfadada, e em seguida comentava: “Nosso Senhor certamente tem algumas surpresas escondidas na sua manga celestia! para me oferecer: mas eu é que me apresso também a ofertar-lhe êste pequeno contratempo, pelas futuras postulantes.” E conformou-se com a idéia de ficar inválida... Pôde no entanto tirar logo o aparelho e andar apoiada a uma bengala, o que muito a alegrou, pois receava precisar de muletas.

Acabavam de aumentar a capelinha e tinham feito um refeitório novo em “Mariemont”, portanto havia em casa contínuo vai-vem.

— “Tôda a gente muito ativa, de mangas arregaçadas, a trabalhar, exceto eu”, dizia muito pesarosa, enquanto Madre Gerard exultava com aquele descanso forçado.

O médico mandara do Hospital Americano uma enfermeira, Miss Ryan, para tratar da Madre Geral. Temendo alguma recaída, esta obrigava-a a um repouso absoluto até que a doente se revoltou, retomando os seus deveres diários, mau grado os olhares de censura que lhe lançava Miss Ryan.

Em Agosto estava perfeitamente bem e dizia que havia de atravessar a ponte para o vapor “tôda imponente” — “Deus me pordôe a validade e me não deixe cair outra vez! Apesar de nossa Senhora das Vitórias me ter desconjuntado a velha perna, gosto sempre muito dEla”, escrevia para a América.

Na própria semana em que deviam embarcar, quando esperava a visita de um dos seus mais velhos amigos, Pe. Magennis, recebeu a notícia do seu falecimento e tôda a casa tomou parte no seu desgosto. “Que falta nos vai fazer e aos seus numerosos amigos! Amanhã ofereceremos a Santa Missa por êle”, escrevia para “Marymount”.

Em Setembro já se encontrava na América. A escola de Madre Coleta achava-se cada vez mais cheia e em “Marymount” começava a faltar espaço.

Dizia a Superiora Geral que passava metade do seu tempo a rezar para ter muitas alunas de novo e a outra metade a rezear, não sabendo onde as havia de colocar!

Entregou-se agora com Madre Gerard a rever os cursos de “Marymount”. Durante os últimos dez anos muito já havia alterado, porém ainda mudou e acrescentou êsse ano, sempre com uma intenção: levar as suas alunas a participar de maneira eficiente nos problemas do mundo e dar-lhes mais perfeita compreensão da missão da mulher na vida moderna.

No Colégio já existia uma sociedade cultural em que se debatiam assunto de relêvo, chegando-se a melhor entender os resultados da Política. As alunas tomavam parte nesses debates com outros colégios e Madre Butler sentia que tal contacto de espírito em matéria forense era um estímulo para as meninas dos colégios menores.

Na primavera de 1938, festa de São José, preparava-se novo terreno para construir “Gerard Hall”, revotando-se Madre Gerard contra a idéia de darem o seu nome ao novo pavilhão, ainda mais do que a sua Superiora dois anos antes; e em Abril Madre Butler comprava a casa do lado posterior da Academia de Park Terrace, para aí instalar mais turmas do curso Secundário. Um choque para suas finanças, mas despesa inadiável. . .

Em Maio, as Superiores de Inglaterra e Irlanda estiveram de visita em “Marymount”, tendo apreciado imenso a viagem, pois o

espírito hospitaleiro de Madre Butler tornou-lhes a passagem por Tarrytown proveitosa e agradável.

As suas vistas foram sempre largas e estava certa de que o Velho Continente se entusiasmaria com os progressos do Novo e as suas religiosas americanas mandadas à Europa se penetrariam das tradições européias.

Em razão das numerosas visitas nessa primavera, pensaram as religiosas de "Marymount", talvez desistisse a Madre Geral da viagem anual à Europa, porém não tinha esta tal intenção. Todavia prometeu seguir os conselhos de toda a gente, sobretudo dos Drs. Lynch, Taylor e Dowd, do Pe. Lumas e especialmente da Madre Baptiste. Teria sido anatematizada, se o não houvesse feito, dizia a rir.

No verão começou a referir-se ao que lhe andava no espírito já há um ano: — "Espero ficar livre agora". Há doze anos que dirigia o Instituto, o qual, digamo-lo por amor à verdade, nunca progredira tanto como sob seu govêrno. Dizia alguém que êle acompanhava a passo a humildade da Superiora Geral. Crescia nela esta virtude, desenvolvia-se a Congregação. De sua parte, porém, esperava confiante que o Capítulo reunido em Rennes, ao qual ia assistir, acabaria por eleger outra Geral. Estava cansada de tantas viagens, de tão incessante trabalho e a idade e as doenças iam-lhe dobrando os ombros. Só por submissão à vontade de Deus suportava tão pesado fardo, repetindo no entanto a oração: "Libertai-me Senhor".

Havia ocasiões em que lhe parecia não dever alimentar tanto o desejo de "ficar livre". Um dia, seguindo pela sala de jantar das alunas em "Butler Hall", viu à janela a gaiola de um canário que era a "mascote" do colégio. Preso embora, cantava alegremente. Detendo-se junto dele a escutar, exclamou: Oh! fôssemos assim resignadas e chegaríamos depressa à perfeição".

A 12 de Junho embarcava de novo com Madre Gerard no "*Queen Mary*", ao som dos dirigíveis sôbre as suas cabeças. Ocupou-a durante a viagem o pensamento do fim do seu Generalato. A travessia foi má, com muito nevoeiro. A Madre Geral, porém, achava-se tranquila, escrevendo cartas, lendo correspondência e rezando. Madre Gerard escrevia para a América: "Só queria que a assistissem a meditar alto a Via-Sacra. Parece um pároco. Nunca assim a ouvi pregar."

A jornada de Cherburgo a Paris cansou-a a ponto de chegar exausta ao convento de Neuilly. Aí encontrou tudo muito bem e aumentado. A capela tinha sido arranjada e estava linda, com o chão de mosaico castanho e branco, os bancos de carvalho, tudo iluminado pela luz suave e doce dos lampadários de bronze.

Durante alguns dias conservou-se em casa a descansar ou no jardim; depois começou as conferências com as superiores. Todos aconselhavam agora as casas francesas a transferir os fundos para os Estados Unidos. Na Europa as condições eram péssimas e mal se podiam traçar planos para um futuro imediato.

Ela bem sabia que só o desejo de fazer a vontade de Deus lhe dava coragem para tomar decisões importantes em tempos tão calamitosos. Admitia, ainda que usualmente só de si para si, que essas decisões se lhe tornavam custosas e escrevia um dia a uma Superiora: “Quando chegamos a velhas, não temos a mesma coragem, minha querida Cecília”.

Nos meados de Julho foi para Rennes, feliz com a idéia de ver tôdas as superiores, que já se iam reunindo para o Capítulo Geral em Agosto e estuava-as, à medida que chegavam, procurando ver qual seria a melhor para a substituir. Estava tão certa de não ser reeleita que escrevia para “Marymount”: “Peçam muito ao Divino Espírito Santo que nos inspire a eleger quem seja a um tempo prudente e animada do desejo de promover a expansão espiritual e material do nosso querido Instituto.”

Em Agosto já se mostrava preocupada e presa de dúvidas, ao escrever à Madre Baptiste: “Deus queira que me poupem e me deixem em paz, a preparar-me para o encontro com o nosso Divino Mestre. Se eu ficar livre, matem o vitelo gordo; se não, cantem o *Dies Irae*”.

No entanto ia cumprindo em Rennes os seus deveres de Superiora Geral. Cada vez compreendia melhor o valor das línguas que sabia falar, pois conversava com tôda a facilidade com as religiosas, fôsem francesas, inglêsas, portuguésas ou italianas.

Ouvia as superiores em particular e em grupos, para tratar dos interêsses futuros da Congregação.

Presidia a tôdas as conferências e sessões, falando dos cursos religiosos e sociais, salientando que os métodos deviam adaptar-se sempre às necessidades da educação moderna.

Também instava cada ano mais em que se devia dar às alunas formação social e física junto com a religiosa e intelectual.

Repetia frequentemente: Ensinem às alunas pelo exemplo e pela palavra que não há coisa mais alta na vida do que a honra e mais se deve apreciar a retidão do que tôdas as coisas transitórias” — “Dêem às alunas princípios verdadeiros, vistas largas e nobres e ensinem-lhes coisas que valham a pena saber.”

Em uma das conferências resumiu os quatro pontos em que as professoras de instrução religiosa deviam insistir: Levantar as alunas acima dos pensamentos sórdidos da terra, animá-las a terem grande confiança em Deus e a desenvolverem a sua *inteligência religiosa* que é a percepção das coisas de Deus, pois que o primeiro dever das religiosas na educação das crianças que lhe são confiadas “é fazer delas perfeitas e sólidas cristãs”.

A sua regra de educar era simples: “fazer a vontade de Deus”. — “O nosso trabalho é de fato uma obra de fé, ainda que servindonos de meios naturais, portanto devemos ensinar às nossas alunas a viver da fé e a encontrar no amor de Deus o segredo da verdadeira vida.” Convidava os membros da Capitulo a ler este ponto da Regra: “As Irmãs procurem ensinar às alunas as regras da delicadeza cristã, a única verdadeira e que tem seu princípio na caridade. Não lhes tolerem no exterior afetação de espécie alguma e saibam corrigir-lhes o que houver de grosseiro nos seus hábitos, levando-as a adquirir maneiras afáveis, delicadas e atenciosas”.

E as Superiores, ouvindo-lhe ler esta passagem, pensavam que ela era um exemplo vivo das palavras que lhes propunha. Nunca em seus planos de atingir a finalidade da mais alta e melhor educação, perdia de vista o ideal: formar boas cristãs.

Nos programas dos seus estabelecimentos de estudos superiores, não se contentou com um ano para o estudo da Apologética, mas dedicou-lhe quatro anos, afim de se capacitarem suficientemente no conhecimento dos dogmas da Igreja para a sua defesa, acrescentando-lhe ainda um suplemento de discussões práticas sobre o Catolicismo.

— “Porque de que serviria às nossas jovens o estudo de filosofia católica, se a não compreendessem e não fossem capazes de a expôr de modo convincente aos outros?” insistia.

Cada Suepiora havia levado os seus relatórios sôbre os progressos das suas casas e era-lhe grato saber que em Ferrybank, por exemplo, a casa do Noviciado e capela nova estavam quase prontas, tendo o Sr. Bispo afirmado que esta seria das melhores da Irlanda. — “Se queremos estender o nosso querido Instituto, devemos cuidar das vocações irlandesas”.

As delegadas aprovaram o planço de divisão do Instituto em Províncias em vez de Vicariatos, mudança que se impunha em razão do seu desenvolvimento crescente. Mais tarde pediria licença para formar os Capítulos Provinciais e consultaria a respeito da sua administração. Concordaram também no desejo de ampliar a obra dos retiros e gostou de saber que uma superiora inglêsa já os promovera não só entre as antigas alunas, mas entre as senhoras e até entre trabalhadores. Aprovou a idéia, atribuindo aos retiros para senhoras em “Marymount” as bênçãos de Deus sôbre a casa e sôbre as alunas.

Madre Gerard não a perdia de vista e comunicava para “Marymount” que Madre Butler estava resistindo muito bem.

Uma superiora escrevia: “Faz magníficas conferências diárias com todo o seu antigo vigor e parece uma rainha”.

Madre Gerard era de opinião que isto se devia às orações das delegadas que haviam ido a Lourdes. A Madre Geral tinha-lhes pedido que orassem lá, para que Nossa Senhora a abençoasse e a todos aquêles com quem estivera em contacto no passado ou haveria de estar no futuro.

Nunca se queixava de cansaço e, dizendo-lhe uma vez alguém que devia estar exausta com tanto trabalho, respondeu com vivacidade: “Para isso é que aquí estou. Há quanto tempo as não vejo: é do meu dever tirar-lhes as diifculdades.” Portanto a sua porta conservava-se sempre aberta às diferentes Superiores e os seus ouvidos prontos a escutar-lhes as consultas, pondo os recursos do seu saber e experiências sempre ao serviço de tôdas.

O relatório do Vicariato da América impressionou as delegadas, revelando-lhes a enorme influência de Madre Butler na Congregação. Compreenderam que as fundações americanas não saíram do estado

depreciativo e penúria dos primeiros tempos, senão graças ao seu trabalho, rígidas economias e leal cooperação que inspirava à sua Comunidade. De boa mente suportavam privações e sacrifícios desde que ela julgasse necessário pedir-lhos.

Ouviram narrar, comovidas por tal exemplo, quanto eram as alunas generosas em dar dinheiro e tempo às obras sociais: Missões, asilos, escoteirismo, etc., atividades essas exercidas dentro de um espírito genuinamente católico.

Talvez por estar o relatório tão bem feito foi que “Marymount” não matou o vitelo gordo em honra da libertação de Madre Butler. Ainda que não premeditando nesse sentido, abriu os olhos às delegadas e estas viram nela o Chefe ideal de que lhes havia traçado o perfil na sua última circular. Logo no primeiro escrutínio a reelegeram por unanimidade, faltando apenas um voto — o seu.

De cabeça curva, escutava o seu nome repetido à verificação de cada cédula e viam-se-lhe mover os lábios em oração. Quando a eleição foi proclamada, pendeu-lhe mais a cabeça como de envergonhada, antes de a levantar e, sem uma palavra, preparou-se para fazer a vontade de Deus... Mais tarde disse à Madre Gerard que, à leitura dos votos ia confortando o espirito com a máxima que sempre lhe dera forças: “Deus nunca exige um trabalho sem dar os meios de o executar”.

Numa das cartas que escreveu então, confiava de passagem os sentimentos que a animavam nessa hora: “Se alguma vez me senti humilhada, foi agora: mas as humilhações fazem-nos bem.”

“Só por meio da oração é que espero poder dar conta e suportar êste fardo que Deus me quis ainda colocar aos ombros.”

Mas quem a reelegia sabia que tinha nela um poderoso agente do Mestre. Algumas ainda recordavam a sua partida para o Novo Mundo como jovem conquistadora e sabiam como conseguira harmonizar perfeitamente o interesse das coisas do céu com a habilidade para os negócios temporais.

Os seus trabalhos como Superiora Geral provaram que tôdas haviam acertado na escolha, doze anos antes, pois tinha o condão de saber escolher as pessoas para os trabalhos e via as dificuldades e erros nas construções ainda antes dos arquitetos. Êste o lado material. Do lado espiritual, tinha tacto para descobrir e adivinhar quem

estivesse atribulado. Uma vez uma das religiosas fôra ajoelhar-se na capela, pensando numa coisa que a afligia, mas que não dissera a ninguém; nisto ouviu que paravam junto dela a murmurar: “Filha, lance tudo nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria”, e, ao olhar, viu Madre Butler dirigir-se para o seu lugar.

Agora a Superiora Geral, ao ver tanto telegrama e tanta carta de felicitações, suspirou, já cansada com a idéia de os agradecer. Principiou pelo telegrama do Cardeal Hayes, dizendo-lhe que a sua bênção lhe tornava o cargo mais leve. Só dentro do transatlântico que a reconduzia à América, soube que o seu agradecimento não chegara a ser recebido, pois Sua Eminência havia sido arrebatado pela morte e o telegrama a felicitar Madre Butler fôra dos últimos que expedira.

Em “Marymount”, sentia-se maior regozijo por a terem de novo e tão bem de saúde. Só havia um ponto triste: A cerejeira do Japão defronte da varanda, que florescia tão linda à volta anual da primavera, havia fenecido. Quando viram que estava sêca de todo, arrancaram-na e mandaram plantar outra no mesmo sítio; porém não pegou e então alguém lembrou-se das palavras de Madre Butler nos primeiros tempos da fundação do famoso estabelecimento: “Quando aquela árvore morrer, vou eu também”, mas ninguém falou no caso. E como a viam tão bem disposta, sossegaram.

CAPÍTULO XVII

ÚLTIMA VISITA À CIDADE ETERNA

Voltou pois, Madre Butler aos Estados Unidos, não livre dos deveres do Generalato, como havia desejado, mas carregada com as suas múltiplas obrigações. As alunas deram conta de que tudo corria como dantes, ao lhe ouvirem a voz na capela, repetindo as orações depois da Bênção. Por sua vez também a Comunidade se sentia feliz por a ter de novo a presidir aos diferentes exercícios de piedade; e sobretudo que consolação, quando a boa Mãe lhe dirigia algumas palavras depois do terço e da leitura, espiritual! Por vêzes pouco dizia, mas êsse pouco calava-lhe nas almas: — “Nunca tendes pena de vós mesma. Procurai adaptar-vos, de forma a não serdes motivo de mortificação para os demais.” “Nunca teremos influência sôbre os outros, se formos infiéis à graça”. — “Não nos deixemos levar pela corrente da nossa atividade: devemos ser Martas fiéis ao dever, mas acima de tudo sejamos Marias fiéis à oração”. — “Fazei algumas vêzes o vosso exame sôbre o inteiro desapêgo das criaturas e vêde não só se Deus é o Senhor Único do Jardim de vosso coração, mas até se alguém lá entra para um curto passeio.”

Uma vez avisou as religiosas de que nunca deveriam imaginar que uma aparência tristonha e aborrecida é sinal de perfeição... E contou o que dissera Santa Teresa, ao saber que em um dos seus conventos as religiosas tinham tomado a resolução de não deixarem escapar ditos espirituosos. Perguntou-lhes o que seria delas, se tal princípio viesse a prevalecer nas suas casas e deu ela própria a resposta: “O encanto do amor do Cristo extinguir-se-ia. Bem basta ser tola por natureza, sem tentar sê-lo pela graça... “e a Sta. Madre

acrescentava: “Que as vossas conversas sejam simples, vivas, alegres, apreciando tudo o que é digno de ser apreciado nas coisas do tempo, mas tendendo sempre para a Eternidade.”

Madre Butler falava frequentemente da íntima união com Deus. “Antes de esta união se poder realizar, é necessário haver alguma coisa em comum entre a alma e Deus, de forma a permitir o intercâmbio do amor e essa coisa é um conhecimento exato de Deus como Ele se revela no Evangelho, com o Seu Coração a arder em chamas, com a Sua ilimitada Bondade para com os pecadores e a Sua profunda Compaixão para com os fracos e miseráveis...”

Maravilha os que a conheciam ver como amava as suas religiosas — novas e velhas, fracas e fortes. “Deus entregou-mas e trabalham por Ele”, dizia um dia ao Pe. Leahy. Pensava muito nelas e gostava de receber suas notícias, quando longe. Correio que não trouxesse uma carta de alguma casa do Instituto não a satisfaria. E respondia sempre de acôrdo com as disposições da destinatária: à noviça respondia com um coração de noviça e à professora, com conselhos de quem tivera larga experiência no encargo de guiar almas. Dizia uma das suas filhas: “A grandeza de Madre Butler vinha-lhe do interior, de um verdadeiro coração de religiosa, de um coração que amava ardentemente a divisa do seu Instituto: “Tudo para Jesus por Maria”.

Tôdas as semanas recebia notícias de Inglaterra, França, Portugal, Roma e Brasil e, qual boa mãe, escrevia também semanalmente para cada uma das suas casas, tratando de negócios, dando conselhos, avisos e consolação, na sua linda e firme caligrafia. Aos pontos de Regra dava especial atenção, porque os julgava da mais alta importância.

Agora o Exmo. Arcebispo Cantwell pedia um novo “Marymount”. Desta vez para Montecito, Santa Bárbara. Já tinha a um preço razoável lugar escolhido para começar o colégio: duas boas casas dentro de uma propriedade. Dizia que católicos e protestantes à porfia o reclamavam e, pesando o valor de suas palavras: “Ponho êste pedido sob o patrocínio de S. José em cujo mês me foi feito a mim”. A resposta de Madre Butler foi imediata: — “Quem poderia resistir? Não eu, depois de ler a carta de Vossa Excelência e de tomar conhecimento de que servia de intermediário o meu querido S. José.

Pode Vossa Excelência contar com o “Sacré-Coeur de Marie” para o auxiliar nesse cantinho ocidental da Vinha de Nosso Senhor”.

Decidiu-se logo, vendo nisso a vontade de Deus, e mandou uma Comunidade de seis religiosas para Montecito, com Madre Cecilia por superiora. Esta chegou à California, quando justamente fazia quinze anos que lá fôra pela primeira vez. Tomaram posse do colégio na festa do Sagrado Coração em 1938 e pouco depois escreviam a Madre Butler, encantadas com a nova casa, as vistas lindas para as montanhas e para o Oceano Pacífico, todo esmaltado de pequeninas ilhas, com o seu belo jardim e pomar de árvores semi-tropicais, de folhagem magnificamente colorida.

Madre Butler estava então em Rennes e respondeu, animando-as e felicitando-as. Pelo Sr. Arcebispo teve também notícias muito consoladoras. O colégio realizava amplamente as suas esperanças.

Na festa de Santa Teresa, a 15 de Outubro de 1938, abria na Irianda o Noviciado, com seis postulantes irlandeses, e “Marymount” mandava dizer missas por essa intenção, pois já as ameaçava a sombra da guerra.

S. Excia. o Sr. Bispo Collier escreveu falando do bolo levado a Ferrybank pelo empregado de um vapor, milagre de confeitaria — um arranha-céu americano, com anjinhos e outras figuras. Até pensou que o deveria benzer... já no ano anterior por ocasião do Natal, ao visitar o convento, as religiosas solicitaram-lhe a graça de benzer os pastéis e pudins para as festas, de forma a que... nada se estragas-se!... “Ordem difícil até para um Papa!” concluia.

As coisas na Europa cada vez complicavam mais. Em “Marymount” receava-se pelas comunidades de lá e rezava-se para que não entrassem na Guerra a Inglaterra e a América. No verão anterior, em Rennes, falando com D. René Mignen, perguntara-lhe a Madre Gerard o que aconteceria, se a França fôsse vencida e a Alemanha ganhasse? S. Excia. respondeu: “Il n’y pas de danger”; acrescentando que, se estalasse realmente a guerra, a França estaria preparada. Apesar do seu optimismo, a Revda. Madre foi-lhe pedindo a caridade de conceder abrigo às suas religiosas de Paris em St. Malo, caso viesse a ser necessário. Poucos meses depois disto, os acontecimentos lhe justificavam os receios pelas fundações na França.

Em “Marymount”, Gerard-Hall ia crescendo e esperavam inaugurar-lo no fim do ano. As outras fundações também progrediam. Alguém lembrara acabar com a casa de Sag Harbour; Madre Butler, porém, afastou a insinuação: “É o berço do “Sacré-Coeur de Marie” na América; devemos conservá-la quanto possível.”

Quando alguma celebridade ia falar a “Marymount”, Madre Butler ia sempre ouvir, assim como concertos e discussões, animando com o seu sorriso encantador. Poucos, no entanto, sabiam que esse sorriso disfarçava por vezes grandes sofrimentos... O coração piorava e, segundo as ordens do médico, tinha frequentemente que ficar no quarto e até ouvir a Missa só no Oratório. A custo se conformava com decisões tão contrárias a seu gosto, sobretudo por ocasião da adoração das Quarenta Horas, muito lhe custava ter de rezar no quarto.

Continuava a sua correspondência e a espalhar a caridade. Estava sempre a ajudar igrejas pobres e a missionários do mundo inteiro. Quantas pessoas necessitadas não auxiliava! Costumava ter sempre num saquinho dinheiro trocado e pequenos presentes que ia distribuindo...

Na véspera do Natal sentia-se melhor, podendo assistir às três Missas da Meia-Noite. — “Efeito das orações do Instituto” disse.

No dia do Ano Novo de 1939, recebeu carta do Cardeal Pacelli, mandando a Benção Papal e o agradecimento do Santo Padre, com visível gratidão pelos presentes que ela lhe mandara para os seus filhos de todo o mundo.

Em princípio de Fevereiro sobrevém o falecimento de Pio XI. Foi um grande desgosto mas não surpresa, pois já há muito se receava pela sua vida. Como sentiu consolação, ao ver que todos os jornais levantaram tão alto a memória de Sua Santidade! — “Até os nossos inimigos parecem reconhecer a integridade de seu caráter”.

Mas quando “Marymount” soube da eleição de um novo Papa e que esse novo Papa era o Cardeal Pacelli, Protetor do Instituto, agora Pio XII, foi intensa a alegria. Mas o pior é termos de escolher outro, dizia Madre Butler, “Todavia dias depois, começou a esboçar-se-lhe no espírito um plano do qual não falou durante meses, sabendo que levantaria grande celeuma quando o revelasse. E tinha razão, porque, apenas participou na primavera de 1939 que tencionava ir a

Roma em Junho apresentar as suas homenagens ao novo Papa, tôda a gente, desde o médico até à menor em autoridade, se insurgiu contra a idéia. — “E’ um sentença de morte”, disse em ar solene o facultativo, não querendo as religiosas nem ouvir falar nisto em “Marymount”. Com tanta idade, doente do coração, empreender tal viagem, atravessar o oceano?!... Nem por sombras se devia pensar em tal coisa.

A Madre Geral amadureceu, porém, o seu plano e o traçara muito sèriamente. Tinha decidido que iria a Roma ainda, indubitavelmente pela última vez... Veria Sua Santidade, testemunha-lhe-ia a sua dedicação e a de todo o Instituto... Realizaria o seu desejo intenso.

Sorriu, pois, a tôdas as objeções e disse gracejando: “Ora, o Pe. Kenny escreveu-me o ano passado que começava a estar velho, mas esperava chegar à idade de Noé... e no seu livro — “Romance das Flóridas” — conta o fato de um certo Jesuíta que atingiu cento e trinta e dois anos, celebrou as Bodas de Ouro, havendo ingressado na Companhia aos oitenta e dois! Eu ainda aí não cheguei nem o Pe. Kenny”. E também alegou que a terceira cerejeira japonêsa, plantada defronte do colégio, prometia vir a ser uma árvore forte...

Todos argumentaram, mas perderam o tempo. A 2 de Junho, embarcava no REX com as Madres Gerard, Sta. Clara e Estanislaw e a Irmã Walburga. Conforme prognosticara o médico, sentiu-se doente a viagem tôda e a ponto de o clínico de bordo julgar que ela morreria. Apesar de tudo sustentou-a a fôrça de vontade e insistiu em ir à Missa até que o médico e o capelão lho proibiram. Então tôdas as manhãs, quando era a hora da Missa, chorava, mas muito baixinho para que a Madre Gerard a não ouvisse. A sua confiança, contudo, não diminuiu. Tinha-se entregado ao Sagrado Coração de Maria, ao Santo Cura d’Ars e à sua querida Teresinha. Com tão poderosos auxiliares, não a surpreendeu nada o fato de estar muito melhor quando o vapor atracou no cais. Foram recebidas com grande alegria em “Mariamonte” e em meio a tanto carinho e cuidados a sua saúde foi-se restabelecendo, confiando às suas filhas que estava convencida de que o devia às suas orações. Alegrava-a ver como o colégio progredia e êste parecia-lhe cada vez mais bonito, louvando o cuidado que tinham em conservar os soalhos e as mobílias em perfeito estado. Em Roma estava fresco e agradável como a primavera na América.

A Comunidade insistiu em que consultasse o seu médico, Dr. Ferrari, que não se cansava de dizer a todos como era uma doente dócil e notável pelo seu espirito lúcido e inteligente. Segundo as suas ordens, conservou-se em casa uns dias para descansar e pouco depois escrevia para "Marymount", assegurando estar muito melhor e comentando quanto gostaria, a vissem comer um prato de macarrão todos os dias como verdadeira romana.

Agora queria dar ao médico um presente que êle apreciasse e inquiriu ao Padre Leahy se uma caixa de charutos não lhe daria prazer. O Padre achou que era uma boa lembrança. E, à primeira vez que a visitou depois, lá trazia o Dr. Ferrari para seu contentamento uma fileira de charutos, a aparecer no cimo do bolso do colete.

As Madres que a acompanharam a Roma iam visitar as diferentes igrejas e capelas e, quando voltavam a contar-lhe o que tinham visto, dizia: "Quem me dera ter ido também ver e rezar." Descansava muitas vêzes defronte da varanda do seu quarto a ver as estudantes e professoras entrar e sair e sobretudo gostava de ver o jardineiro Domenico no trabalho. Era homem de grandes proporções e muitas habilidades. Um dia contaram-lhe que o pobre Domenico passara por um singular contratempo. Enquanto cavava no canteiro dos tomates, o terreno cedeu inesperadamente e êle foi parar às catacumbas, sem uma arranhadela, porém muito assustado e com os tomates por cima.

Madre Butler riu com vontade da história e disse em seguida à religiosa que lhe contou: "Agora, arrange-me umas moedas de cinco e dez liras". Quando ela lhas levou, estava implicada, porque queria Madre Butler aquele dinheiro — "Presa no quarto, sem sair, em que o ia gastar? perguntou. — "Em que?" contestou-se a responder a Madre Geral e, curvando-se da varanda, chamou Domenico que agora lavrava em regiões mais seguras. — "Isto é presente das catacumbas". Atirou também algumas ao ajudante e os dois cantaram alto os seus louvores em eloquente italiano.

O Pe. John Leahy, que era ao tempo capelão da casa, visitava-a algumas vêzes e conversavam. De vez em quando, confiava-lhe as suas perplexidades, não tanto para receber conselhos como para lhe pedir orações. Um dia falaram de algumas religiosas novas que gostavam de se entreter das grandes coisas que pretendiam fazer pelo seu Insti-

tuto. Ela sorriu tristemente e comentou: “Melhor procederiam, se tomassem a peito fazer aquilo para que vieram à Religião — ser boas religiosas”. O Sacerdote conhecia-a há anos e cada vez se sentia mais impressionado com o seu modo de proceder. Quantas pessoas indiferentes e até hostís à religião tinha visto desarmadas na presença da Revda. Madre! E compreendia que devia ter passado por grandes provas nos seus primeiros anos, para ficar tão inbuída do espírito de fé. Não que o manifestasse exteriormente, era sumamente natural, mas a sua serenidade de espírito o patenteava a quem a conhecia como o Pe. Leahy. Quanto apreciava êsse bom Sacerdote a sua insistência em que se cumprisse a Vontade de Deus! Tudo o que desagradava a Deus quer na conduta individual ou na perseguição à Igreja, feria-a no coração. Uma vez falou-lhe a Madre dos sofrimentos da Igreja na Espanha e no México e havia tanta angústia na sua voz que êle não encontrava palavras para a consolar. “Quando estou com ela”, dizia a uma das religiosas, “tenho um vislumbre de Deus e do seu mundo vasto e profundo e, ao deixá-la, levo maravilhas no meu espírito. Se me pedissem para falar de Nossa Senhora, não encontraria melhor meio do que apresentar Madre Butler.”

Decorridas algumas semanas, o Dr. Ferrari decidiu que já podia sair, porém insistiu em acompanhá-la ao Vaticano no dia marcado para a audiência papal. Logo que se fixou a data, começou a pensar nas coisas que queria pedir, entre elas um novo Cardeal Protetor. “Mas, talvez o Santo Padre...” e punha de lado a idéia que teimava em voltar. Às onze horas do dia indicado, ainda estava deitada na cama e o médico a procurar deter uma hemorragia nasal. Era a hora fixa para a audiência. Desolada exclamava: “Minhas filhas, vão sem mim, não posso ir.” Entretanto, ao quarto do meio dia, já se sentia muito bem. Vendo Madre Gerard muita gente à espera, receou que não aguentasse: Madre Butler, ao contrário, estava muito tranquila e sorria para as outras ao vê-las aflitas. Por fim Monselhor Venini conduziu as duas religiosas à sala da audiência particular. O Santo Padre, sentado à sua Secretaria, recebeu-as com um sorriso e Madre Butler achou que êle parecia imensamente cansado e muito mais velho do que quando dois anos antes visitara Nova York. Depois de beijarem o anel e se sentarem, fez Sua Santidade muitas perguntas sobre o Instituto e suas várias casas, mostrando que como Protetor desempenhara

tem o cargo. Tomou muito interêsse pelos seus planos de expansão e falou com encômios do trabalho que realizava "Marymount" em prol da Igreja nos Estados Unidos. Falou ainda das viagens suas ao Novo Mundo e do magnífico trabalho do clero e religiosos, nesse vasto campo de Ação Católica.

Por fim houve uma pausa. Então Madre Butler disse que tinha um grande favor a pedir: "Se Vossa Santidade quisesse honrar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria ficando nosso Protetor..." O Santo Padre não hesitou na resposta. "Se o desejas..." E pediu as orações do Instituto por intenções próprias e para a paz. — "Olho essa promessa como sagrada", explicou Madre Butler. Ele suspirou: "O meu cargo é muito pesado, por vêzes esmagador, preciso de orações para me ajudarem."

Nesse meio tempo o "Maestro di Camera" certificava o resto das superiores à espera na ante-câmara de que a audiência provavelmente só duraria cinco minutos e então seriam também admitidas... Mas os cinco minutos passaram e os Guardas Nobres que se mantinham em posição de sentido, puseram-se à vontade. Vinte minutos! e o "Maestro di Camara" a mostrar-se atônito: "Muito extraordinário," ouviram-lhe dizer..

Então a campainha anunciou o fim e as outras superiores, entrando, encontraram o Santo Padre de pé junto à Secretária e Madre Butler e Madre Gerard, ao lado.

Deu a tôdas o anel a beijar e abençoou-as individualmente. Parou, quando chegou a vez de Madre Santa Clara, para lhe dizer que se recordava de a ter visto no ano anterior, perguntando-lhe como estava. Da Madre Brendan quis saber notícias da comunidade romana e colégio. Com Madre Estanislau falou de arte; com Madre Xavier, das casas a seu cargo em Portugal. Falou inglês durante tôda a audiência.

Então Madre Butler apresentou Madre Antoine e Madre Estanislau, do Convento de Lisburn, Norte da Irlanda, "onde sempre se combate pela fé", esclareceu. O Santo Padre sorriu. Depois de lhes dar a Benção Apostólica, disse: "Agora quero dar-lhes uma lembrança e de uma gaveta tirou dez lindas caixinhas brancas com as armas papais; dentro de cada uma, um rosário branco. À Madre Geral, que foi a última, deu uma benção especial e uma segunda para o Instituto e

cada um de seus membros em todo o mundo. Então os olhos lhe pareciam perdidos no espaço: com o pensamento juntava tôdas as filhas espalhadas pelo mundo aos pés de Sua Santidade, seu Pai e Protetor, de forma que a Sua Benção descesse sôbre cada uma com abundância.

Enquanto o Santo Padre distribuia os terços, ela ia dando a consoladora notícia de que Sua Santidade consentiria em ficar Protetor da Congregação. Mas parece que já o tinham adivinhado na alegria que iluminava o rosto de Madre Butler. Monsignor Venini disse-lhes depois que haviam tido uma audiência muito fora dos costumes...

— “Foi uma recepção real, respondeu ela, não por mim, mas pelo Instituto; porém Sua Santidade parece muito cansado. Deus o guarde e lhe dê forças! O mundo bem precisa de um Pastor e Pai.”

Madre Gerard escreveu para a América que o Papa não podia ter sido mais bondoso nem mais terno; e que, quando se dirigia à Madre Geral, a expressão paternal do seu rosto tomava um ar de filial doçura, como de um filho falando à sua Mãe.

A audiência que todos julgavam não poder aguentar, foi ao contrário um esplêndido tônico para Madre Butler. À longa carta que Madre Sta. Clara escreveu para “Marymount” contando tudo, a Madre Geral acrescentou: “Querida Baptiste, já não posso aturar mais lisonjas... aqui todos rezam para que eu recupere a saúde. Ela vem aí com certeza... Reze também com as pombinhas do seu Pombal...”

Sentia-se tão bem que começou a receber visitas e a ir a vários lugares de devoção. Até foi assistir ao pôr do sol do Monte Pincio. O Cardeal La Puma veio visitá-la e ela rogou-lhe, levasse uns recados seus ao Santo Padre: primeiro queria agradecer-lhe mais uma vez o ter se dignado continuar Protetor do Instituto; segundo, a sua saúde melhorava rapidamente desde que êle a havia abençoado. À tarde, depois da visita do Cardeal, foi à Catedral de S. Paulo e andou a passear à volta da Basílica, orando nos diversos altares e chegou a casa sem o menor indício de fadiga. “Parecia que ali queria Deus restituir-lhe as forças”, dizia Madre Sta. Clara.

Quando Monsignor Venini a veio visitar, trouxe-lhe algumas lembranças preciosas de Pio XI — um cabeção de moire branco, o seu purificador, um estojo de vidro com as armas pintadas, um lindo

terço de prata, êste último mandado pelo Santo Padre. Também lhe deu uma reliquia da Florinha do Carmelo que ela apreciou imenso.

Antes de deixarem Roma, ela e Madre Gerard foram a São Pedro e Monsignor Venini arranjou-lhes entrarem por uma porta lateral para evitarem a escadaria, mandando-lhes pôr duas cadeiras para o caso de se sentirem cansadas. Quando chegaram, começava a Bênção à qual assistiram e depois foram aos túmulos de Pio IX e Pio X e oraram na cripta por muito tempo. Agradecia Madre Butler a graça que recebera das suas grandes melhoras.

Ao subirem da cripta, ia ela à frente e andou de altar para altar. Passou por uma criancinha que estava junto da Mãe que orava no altar do Santíssimo Sacramento e a pequenita, reparando em Madre Butler, dirigiu-se para ela e lançou-lhe os braços ao pescoço. As religiosas ao lado só desejavam ter ali tôda a Comunidade, para apreciarem juntas aquele belo quadro.

Visto ser impossível a Madre Butler ir visitar as suas casas por causa da saúde, vieram as superiores a Roma e ela gostou que tivessem esta oportunidade de visitar a Cidade Eterna. Deram-se os Exercícios Espirituais, apreciando tôdas muito êsses dias de sossêgo e recolhimento.

Em Agosto, recebeu a noticia de que o seu velho amigo, Monseñor Lavelle, estava muito doente e logo escreveu a Madre Baptiste, dizendo-lhe que o convidasse a "Marymount" e lhe dissesse que devia descansar muito e tomar *coramina* para o coração.

E ela própria começava agora a pensar muito em "Marymount" e as suas cartas para Madre Baptiste eram cheias de planos e projetos. — "Porque não esperar pelo ano próximo para o levantamento do novo pavilhão? Não seria melhor dar preferência à capelinha no ano corrente? Quanto à secretaria, basta um arranjo para agora e no ano próximo pensaremos em construir outra nova. E diga a Monseñor Lavelle (que estava a descansar em "Marymount") que vou levar-lhe um fornecimento de *coramina*".

Nos fins de Agosto, o Santo Padre devia falar através do rádio, esperando-se que fôsse um apêlo a favor da paz. A guerra parecia iminente. Os turistas americanos saíam apressadamente da Europa, ansiosos por regressar ao seu país e iam para Bordéus esperar navios americanos. Inesperadamente vem a notícia: proibida a saída de na-

vios italianos. Roma, no entanto, continuava em sossêgo e Madre Butler admirava-se ao ver como os italianos recebiam as coisas plácida-mente. Eram contra a guerra e confiavam no “Duce” para a evitar. Por tôda a parte se via gente a entrar e sair das igrejas. De noite, tudo às escuras. Os carros particulares haviam sido mobilizados pelo govêrno. Poucos gêneros e nenhum café. Muita gente se tinha transportado a lugares mais seguros, nas montanhas. “Mariamonte” gozava de grande tranquiildade. Não fôsse o ruído dos caminhões e bondes elétricos, dir-se-ia habitem no centro de um grande parque. As religiosas italianas andavam tristes e faziam novenas de orações.

Nesses dias de preocupação, um acontecimento alegrou o coração de Madre Butler: a conversão da Condessa Ana Palmieri. Alguns anos antes, tinha vindo bater um dia à porta do colégio e entreter-se com a religiosa que o dirigia. Depois começou a dar lições, falando por vêzes em se fazer católica. Agora, de repente, anuncia que firmara afinal sua resolução. Uma manhã, na Missa das sete e meia, era recebida pelo Pe. Lennon no seio da Igreja, ajoelhando-se junto a Madre Butler para receber a Sagrada Comunhão. Que alegria para o coração da Madre Geral! Em meio às ansiedades da guerra, num tempo de tão sombrias perspectivas, era consolador ver uma alma voltar-se para Deus!

— “Ore por mim”, disse ela depois a Madre Butler. “Sim e peço-lhe, ore também pelas minhas intenções. Eu tenho uma longa lista de intenções, mas neste momento o dom mais precioso que Deus pode dar ao mundo, é a paz. Peçamos ambas isso agora e só isso!”

Uma manhã Madre Butler disse a Madre Gerard: “Estou com saudades da América”. Mas acrescentou: — “Contudo não tenho pátria nem casa neste mundo.”

Realmente era tempo de regressar por outras razões que não as pessoais. Cada vez se acastelavam mais negras as nuvens sôbre o continente europeu. O REX, entretanto, para o qual já tinham comprado bilhetes, estava ancorado e preso no porto. “Guerra, boates de guerra... e à tarde... já é o contrário que circula — Não haverá guerra”, escrevia Madre Butler, acrescentando que principiava a adotar uma invencível e nova devoção: a Sta. Filomena. Sentia-se triste por não poder estar em “Marymount” em Setembro: — “É um grande sacrifício não chegar aí, antes da inauguração das asas.”

Tentaram várias maneiras de arranjar lugar em outro transatlântico. Já não era lícito, porém, atravessar o território francês. Ainda faziam projetos, quando o consul americano aconselhou a não entrarem em França em caso algum. Houve quem sugerisse tomarem um vapor de carga que ia partir, mas já passava de duzentos o número de americanos que esperavam preencher as vinte vagas que lá havia e uma viagem em tais condições devia também ser extenuante para Madre Butler. Em nova York os Butler tentavam todos os esforços para lhes arranjar passagem, mas em vão... Estavam nisto, quando um acôrdo entre os govêrnos italiano e americano lhes permitiu embarcar, a 9 de Setembro, no REX que levantava ferro.

Quando a Comunidade de Roma se juntou a despedir-se da Superiora Geral e a viu a dizer-lhes adeus, sentiu-se penetrada de uma grande tristeza. — “Addio” diziam elas e na sua resposta entreviam o adeus final...

Razão tinha Madre Butler para agradecer aos seus santos Protetores a quem tanto recorrera. Empreendera a viagem de Roma contra a vontade dos médicos; estava tão doente ao partir que a sua comunidade não esperava vê-la regressar; e lá volvia a “Marymount”, sentindo-se muito bem.

Quando Madre Baptiste a viu subir as escadas da varanda, direita e agil, exclamou: “E’ um milagre de primeira ordem.” E as outras concordavam com ela.

Da sua parte, ao contemplar as filhas reunidas para a receber, soltou esta exclamação: “Graças a Deus que cheguei! Pensei, não mais as tornaria ver. Agora foi a última viagem!”

Tinha recebido, porém, muito mais do que esperava ao partir. O Santo Padre garantira-lhe a Proteção sôbre as suas filhas e tôdas as casas do Instituto.

Findavam-lhe as preocupações. Não podia deixar em melhores mãos o seu Instituto e o trabaldho da sua vida, do que nas mãos do Vigário de Cristo...

CAPÍTULO XVIII

ÚLTIMOS DIAS DE MADRE BUTLER

Nos fins de 1939, já as notícias da Europa eram muito poucas. De Paris nada, exceto um telegrama, dizendo que tôdas estavam bem. De Itália ainda recebia cartas: “Mariamonte” não tinha mais internas, continuava o externato apenas. As Comunidades de Inglaterra haviam deixado as casas e estavam no campo com as crianças, sujeitas a muitos inconvenientes, mas conseguindo em pequenos grupos seguir a Regra e exercícios da Comunidade. Essas cartas falavam de separações dolorosas, privação da Missa diária e da presença do Santíssimo Sacramento, mas contavam também o trabalho e apostolado das Religiosas. Viviam fora dos seus conventos, mas, alimentando-se de Fé, iam-na comunicando aos que estavam fora dela. Em Setembro Madre Butler telegrafou à Comunidade de Paris que fôsse para “St. Malo”; o Arcebispo D. René Mignen tinha-lhes prometido abrigo lá.

Tudo corria como habitualmente na América. Os colégios da parte ocidental como da oriental prosperavam. A Academia de Park Terrace contava duzentas e cincoenta alunas e das outras casas chegavam ótimas notícias. Em “Marymount” ela própria via como tôdas se preparavam para um ano de intensa atividade.

Em Outubro perderam o Monsenhor Lavelle, o bom amigo do colégio, o último dos sacerdotes da Catedral que havia auxiliado Madre Butler nas suas construções e planos. Lá ficara a descansar nessa mesma Catedral onde se passara a sua vida sacerdotal.

A 6 de Novembro, à Missa celebrada na capela Butler, assistiram como de costume todos os membros da Família Butler, recebendo a Sagrada Comunhão e descendo depois à cripta para orar. Era conso-

maior vê-los tão unidos e fiéis à memória de seus pais. Madre Butler pôde também estar presente à Missa e depois entreteve-se com êles familiarmente.

Na festa da Imaculada Conceição, o sermão do Dr. Lynch versou sobre "Marymount" e a sua celestial Protetora. "O seu gôsto", disse êle, "é transformar os filhos dos homens em seus filhos e cidadãos dos céus." Êste trabalho confiou-o a outros. Aquí neste cantinho da Vinha do Senhor, faz-se o trabalho de Maria há trinta e dois anos e o grãozinho de mostarda tornou-se a maior das árvores. A divisa de "Marymount": "Tua luce dirige" não tem sido simplesmente uma oração, mas o guia de "Marymount". Esta casa sempre tem vivido e procedido com Maria e para glória do seu Divino Filho."

Nesse ano o inverno foi frigidíssimo, o Hudson gelou, porém Madre Butler quis tomar parte nos trabalhos de preparação para o Natal, escrevendo numerosas cartas e cartões a pessoas amigas, refletindo por vêzes que já faltavam muitas na lista e acrescentando: "Que do Céu velem por nós!"

As suas filhas da Inglaterra mandou uma carta especial: "Estou certa de que, apesar dos "raids" aéreos e alarmes, o Menino Jesus lhes dará a Sua Paz, de forma que os sacrificios que agora fazem, possam salvar muitas almas e atrair as Suas Bençãos sôbre tôdas e cada uma. Mas, oh! como o meu coração sofre por vós e por tôdas as minhas filhas dos países em guerra!"

Soube com muito prazer da festa que as estudantes de "Marymount" organizaram no Hospital de Cancerosos em Hawthorne. Um outro grupo dera uma festa às criancinhas do Hospício das Irmãs da Misericórdia. Insinuaram algumas pessoas que as meninas podiam contrair doenças a visitar enfermos pelos hospitais... Madre Butler, porém, não foi do mesmo parecer: "Isto o que faz é ensinar-lhes o valor de tudo que têm, e Deus vela por quem trabalha nas suas obras."

Assistiu à Academia organizada pelas alunas no colégio e apreciou-lhes as comédias. Conseguiu observar até ao fim os santos costumes dêsse período tão cheio de alegria para o cristão, ainda que por vêzes fôsse obrigada a confessar que se sentia cansada, embora convencendo-se a custo de que isto era verdade. Pelo contrário, afligia-se tratando-se de Madre Gerard cuja saúde não era nada satisfa-

tória e insistia: “Precisamos de a ver restabelecida; a Comunidade e o colégio precisam tanto dela! Importa que descanse.”

No dia primeiro do ano, como era seu costume, leu a Circular de 1940 à Comunidade reunida na capela Butler, durante a leitura espiritual da tarde. Era o assunto: “A imitação das Virtudes do Sagrado Coração de Maria.” Olhou para as suas filhas sentadas à sua frente, as suas queridas filhas, e em espírito viu tôdas as outras que estariam a ler o mesmo nos países distantes. Algumas talvez a recebessem muito depois, dada a incerteza dos correios, mas mais cedo ou mais tarde havia de lhes chegar às mãos, e então por seu turno a ouviriam falar-lhes. Ao principiar, sentia a impressão de as ter tôdas ali, escutando-a.

“E’ com um coração de Mãe dilacerado de dor, ansiedade e graves receios para o futuro, que vos dirijo esta carta anual.

“A angústia de não receber vossas notícias em intervalos regulares, em razão de interrupções no serviço marítimo, e de não saber se estais bem e salvas, me enche de tristeza. Algumas de vós fostes arrancadas aos vossos conventos e privadas da consolação da vida da Comunidade; a vós, assim provadas, conjuro de modo particular: sêde mais fiéis do que nunca à nossa Santa Regra, e por vossa observância, silêncio e caridade, tornai-vos um motivo real de edificação para os seculares.

“Há pouco tempo, grande alegria era a minha em vós e para vós, na ocasião da audiência especial que nos concedeu nosso Santo Padre Pio XII, pelo verdadeiro afeto paternal com que nos recebeu. Foi uma honra extraordinária e uma consolação imensa para mim receber um privilégio tão fora do comum, como é o de continuar sua Santidade Protetor do nosso Instituto. Abri meu coração a sua Santidade e dei livre expansão às minhas aspirações e esperanças sôbre o nosso querido Instituto e cada membro em particular.

“Disse-lhe que minhas filhas espirituais não me dão preocupação nem ansiedade. Isto alegrou muito o Santo Padre. Parecia uma visita a Nosso Senhor em pessoa, porque, no Seu Vigário visível, eu vi e reverenciei a Nosso Senhor. Sua Santidade abençoou o nosso espírito de união e ficou contentíssimo, ao saber que nunca houve divisão em nossas fileiras. E’ para nós um dever velar para que continue a reinar êste espírito de união entre nós.

“Quão depressa veio a cruz, seguindo de perto recepção tão jubilosa e consoladora! As condições são trágicas na Europa, com a visão da guerra no horizonte. Aqui também na América existe perplexidade, perturbação e confusão. Mas o Sol de Deus não cessou de brilhar a Sua Misericórdia e Bondade hão de dominar a situação.

“Ouvi dizer uma vez que Sacerdotes e Religiosos indignos são em grande parte responsáveis pelo estado infeliz do mundo de hoje. Segundo o Pe. Plus, S. J., são êles repreensíveis, por não terem previsto a Revolução Francesa em 1789; a Revolução Portuguêsa em 1910; a Revolução Espanhola em 1931 e por não terem percebido as táticas de Lenine e seu partido, no Terror Russo. Será uma lição para o futuro!”

Ao ler o parágrafo seguinte, a voz tão firme tremeu-lhe como se lhe custassem as palavras que devia pronunciar. “Nestes dias tristes de desintegração e revolta geral e de rejeição à Lei de Cristo, volvemos naturalmente os olhos à nossa querida Mãe, Maria SS., cujo Coração foi traspassado de uma espada de dor e para o nosso Fundador amado, a quem devemos a própria existência. Ouvimos-lhe estas palavras inspiradas, — palavras vibrantes de intenso entusiasmo para com Deus: “Deus destinou uma multidão de almas abrasadas de amor ardente, cujos raios chegarão aos confins da terra, para aquecer e abraçar. Êsses focos acenderão a chama da caridade divina, sempre crepitante nas Comunidades Religiosas”.

“Nosso amado Fundador sentiu imensa alegria e consolação, ao pensar que o “Sacré-Coeur de Marie” é um dêsse braseiros de amor. Dirigindo-se diretamente às suas Filhas espirituais, repetiu-lhes as seguintes impressionantes palavras: “Sois do número dessas almas destinadas. A vossa missão é acender o fogo do amor divino que se extingue nas almas, de reanimar o mundo que se esquece do Cristo”.

“A nossa sublime vocação é uma vocação de amor. Amar a Deus com todo o coração, com tôda a alma, com tôdas as forças e implantar êsse divino Amor no coração de todos. Esta, a nossa vocação celestial de Espôsas de Cristo e de verdadeiras Filhas do Sagrado Coração de Maria! Nosso trabalho de amor deve continuar-se até que o mundo inteiro nele se abraze.”

Tôdas escutavam atentamente e ecoavam-lhes nos corações as palavras que ela ia proferindo.

“A rainha de tôdas as virtudes — a caridade ou amor de Deus — foi a flor mais bela que desabrochou no Coração de Maria. Seu amor a Deus e ao próximo não teve semelhante na vida humana. Agoraizei: quem, na verdade, será mais capaz de nos ensinar a viver para Deus e em Deus e amar ao nosso próximo como a nós mesmos do que Ela, cuja vida foi um ato contínuo de amor e adoração divina? Oh! queridas filhas, refugiai-vos continuamente no Seu Coração Sagrado e sereis outros Cristo.

“A vida do Sagrado Coração de Maria foi uma vida de sacrifício. Ela ficou de pé, junto à cruz, assistiu à morte de seu Filho, uniu-se-Lhe nos sofrimentos e os ofereceu a Deus por nossa salvação. Somos incapazes de compreender seus sacrifícios extraordinários sem uma graça especial. Impotentes as palavras humanas para exprimi-los de maneira adequada! Ultrapassam tudo que uma inteligência criada pode idear. Os sacrifícios da alma — renúncia a si mesma, prontidão em submeter-nos aos juizes que nos contrariam ou dos quais desconfiamos, às suspeitas e ao ridículo são mais dolorosos que os do corpo.

“Perguntou Nosso Senhor a seus Apóstolos, quando lhes mandou pregar a doutrina que lhes ensinara: “Podeis beber o cálice que eu beber?” Nosso Senhor vos pergunta também: “Podeis beber do cálice? Podeis suportar a vossa parte nos sofrimentos do Vosso Mestre? Que resposta dareis? Tenho a certeza de que será: “Sim, Senhor, podemos!”

Os sacrifícios ganham almas pela força do exemplo. São as jóias que Deus dá para santificar as vossas alunas.

Estava a terminar e algumas religiosas receavam que o esforço que fazia fôsse de mais para as suas forças, mas a voz tornou-se mais forte quando falou do Santo Padre.

“Recomendo muito particularmente às vossas orações as intenções do nosso Santo Padre, cujo coração está esmagado sob o peso de responsabilidades gigantescas. Nosso Venerando Fundador tinha um forte e constante apêgo ao Vigário de Cristo. Quando já avançado em idade, foi até Roma para prestar homenagem a Leão XIII e obter a aprovação final e a benção de Sua Santidade para o Instituto que êle amou tão ternamente. Se vivesse hoje, certa estou de que havia de aconselhar instantemente o estudo cuidadoso e constante das Encíclicas dos Papas. A Encíclica do nosso atual Santo Padre é uma

mensagem ao mundo que perdeu as âncoras e se move desesperadamente no cáos, para um destino desconhecido. E' mais do que um testemunho de Fé. E' um chamamento à razão e à justiça. O Santo Padre põe o dedo infalível na chaga das heresias da moderna sociedade, heresias contra a Igreja, heresias contra a ordem natural; contra a verdade revelada e contra a reta razão. Pio XII em sua obra prima levanta mais uma vez a eterna questão "Porque nascemos?" "Para que fim vivemos?" A nossa idade, que relegou a religião e a filosofia para os lugares obscuros e se concentrou quase inteiramente em fins econômicos e progresso técnico, deu em anarquia e dissolução.

Outra vez, quero exprimir-vos, queridas filhas, à sombra da Cruz, meus sentimentos íntimos de pesar e assegurar-vos das minhas contínuas orações. Que Deus abençoe e proteja a tôdas as minhas muito queridas filhas e faça delas grandes santas!"

Seguiam-se depois as instruções de costume, a propósito das orações da Comunidade, etc. Estava terminada a leitura. Ao sair da Capela, voltou-se para Madre Gerard, sorrindo: "O meu canto de cisne".

Nesse mesmo dia recebia "Marymount" a benção do Santo Padre. Riam-se-lhes os olhos ao iê-la. "Como Deus foi bom em nos dar o Santo Padre por Protetor!" Quando chegou de Roma o Anuário Pontifício e notaram que o nome do Instituto aparecia em três lugares, seguido do esclarecimento: "sob a proteção especial do Santo Padre" sentiu-se feliz. "E' o sêlo final das benções de Deus"; e logo propôs mandar uma cópia para cada Província. Serviria de precioso arquivo pelos anos fora e seria um memorial constante da bondade de Deus para com elas.

Ao passo que corriam os primeiros meses do ano, a todos se evidenciava que os dias de Madre Butler na terra estavam contados e que ela se aproximava das moradas eternas. Não que a sua devoção e o seu interêsse fôssem menores; mas as fôrças é que lhe fugiam. Continuava o seu trabalho por cartas e por visitas das religiosas de mais perto, ia regulando os negócios do Instituto, mas o coração baixava e cada vez eram mais longos os períodos em que não saía do quarto, indo só da sua secretária para o oratório particular. Êsse aposento onde agora passava todo o tempo era o mesmo em que se dissera a primeira Missa em "Marymount" e, terminada a capela grande,

foi transformado em quarto e escritório para Madre Butler. A mesa que servira de altar nessa primeira missa estava agora na sala de engomar para nela se colocarem as roupas engomadas da capela.

Assistia quase diàriamente à Missa no seu oratoriozinho particular e as comunhões que aí fazia chamava de: "Guardas de sua vida". A Santa Missa tornara-se agora na verdade a paixão da sua alma.

Como sempre, continuava a apreciar as pequeninas atenções e os grandes favores. Um dia três postulantes trouxeram-lhe algumas flores e, enquanto estavam sentadas junto dela, começou a contar-lhes a fundação de "Marymount" e depois falou da perseguição à Igreja em outras terras, acrescentando: "O' minhas filhas, um dia creio que também chegará até aqui a perseguição. Quantas de vós quereis morrer por Cristo?" As três levantaram a mão solenemente e sem hesitação e ela sorriu-lhes: "Muito bem, minhas mãrtirezinhas, mas primeiro é melhor prepararem-se, vivendo a Santa Regra segundo a vossa bela vocação. Lembrem-se de que um soldado nunca vai para o campo de batalha sem ter aprendido primeiro a tática da guerra. Na verdade, minhas filhas, o martírio pela espada é muito mais fácil do que o do coração e do espírito."

Quando a obrigavam a ficar deitada, o que então se tornara frequente, era uma doente ideal, muito dócil e discreta. "Até é boa demais", dizia a religiosa que a tratava; "nem há coragem para lhe ralhar quando quer fazer o que não deve". Chamavam de: "angélica vontade própria" a êsses assomos de menos submissão. Aplicava a si mesma o conselho que dava às filhas: "Se estais adoentada, levantai-vos, ide à Missa e voltai para a cama. Se não podeis, ficai na cama, mas segui a Missa pelo livro".

Madre Gerard, para que ela se não afligisse com as notícias da Europa, de vez em quando guardava alguma carta ou jornal até que Madre Butler desconfiou por lhe faltarem cartas que esperava. E, uma tarde, quando Madre Rafael a foi ver por alguns minutos, com a recomendação de observar se a doente se conservava coberta, Madre Butler recebeu-a com o seu sorriso habitual e depois disse-lhe: "Então, filha, teve hoje carta de casa?" Era uma pergunta normal que recebeu logo resposta:

— “Recebi”, fala Madre Rafael inocentemente.

— “Eu logo vi, disse Madre Butler; bem sabia que hoje era dia de correio do estrangeiro. Elas não querem que eu me aflija, mas vá dizer a Madre Gerard que as janelas aqui estão abertas para trás e eu ando fora da cama, a correr pelo quarto todo à procura das minhas cartas. Suponho que isso a vai trazer imediatamente junto de mim”:

De fato Madre Gerard entrava daí a pouco, ofegante, com o pacote das cartas na mão.

Nessa doença, tratou-a uma enfermeira diplomada que dizia ser a Madre Butler a sua melhor doente. Não sendo católica, a sua opinião tinha dobrado pêso. “Madre”, exclamava, quando chegava ao termo de algum acesso de dores, “a senhora é uma santa!” E na verdade pensava-o, porque testemunha no sofrimento da sua profunda humildade, da sua entrega total à Vontade Divina, se lhe aprouvesse chamá-la.

“Não sou nada disso!” respondia. “Nem quero que assim me fale. O pior é que Nosso Senhor ainda se vai zangar comigo por causa do mimo com que me cerca”. Mas a enfermeira não se dava por vencida.

Apesar de tão doente, era sempre a mesma Mãe, tôda solícitude pelo bem das suas filhas. Mesmo da cama de doente, ia seguindo os trabalhos do colégio e regozijou-se sobremaneira, quando se reuniu pela primeira vez em “Marymount” a “Associação das Estudantes Católicas”, com representantes de todos os Colégios Superiores.

No fim de Fevereiro piorou. Em carta dirigida a Madre Xavier, escreveu do punho um pequeno “post scriptum”: “Estou bastante desanimada e conto muito com as suas orações”.

Durante essas últimas semanas de vida, a Irmã Walburga, enfermeira assistente que a acompanhara nas últimas viagens, encarregou-se completamente dela. Havia noites em que a Irmã lhe queria dar alguma coisa para a aliviar, mas Madre Butler arredava-o para o lado! “Valha-me Deus, filha, como poderia eu receber Nosso Senhor de manhã!?” Ia-se animando durante as longas noites, de manhã podia assistir à Missa, receber a Sagrada Comunhão e até dizer as orações depois da Missa. E a Irmã notava que ficava sempre melhor durante algumas horas, como se Nosso Senhor a sustentasse. Muita vez, durante a noite, a Irmã ouvia-lhe murmurar a sua oração favo-

rita: "O' Glorioso S. José" e também: "O' Sagrado Coração de Jesus, sabemos que para Vós só há uma coisa impossível: não atender aos que soírem e estão na aflição". Por vêzes durante o dia dizia: "Irmã, se tem uns minutos livres, diga o têrço comigo, sim?" Uma vez perguntou-lhe à queima-roupa: "A Irmã reza para que eu tenha uma morte boa?" — "Sim, minha Madre, e também para que a Comunidade possa estar comigo nesse último momento".

Madre Butler acolheu a resposta com um sorriso. "Gosto de ouvir isso. Graças a Deus que com a irmã posso falar da morte. E agora quero que me prometa dar-me aquêlê pequenino crucifixo branco, quando eu estiver realmente a morrer. E' muito leve, poderei segurá-lo. E não se esqueça de ter a vela benta pronta, para acender quando eu precisar".

Outra vez perguntou se a lâmpada diante da Santa Face, no seu Oratório, estava sempre acesa e queria acesa a que estava sôbre o fogão no seu quarto noite e dia.

Certa vez examinava uma caixa de objetos litúrgicos para as missões, que Madre Sacré-Coeur lhe trouxera. Eram roupas para serem cosidas e bordadas pelas alunas. — "Continue êste trabalho", disse-lhe Madre Butler, "e a ensinar às meninas o privilégio que é coser para o altar de Deus Nosso Senhor. Assim as aproximará de Deus e as fará mulheres úteis neste triste mundo".

A 17 de Março sentia-se melhor e foi assistir à récita dada em honra de S. Patrício, falando depois à Comunidade reunida em sua honra. Nessas poucas palavras entrava o pensamento da morte, mas ia tão entrelaçado com palavras de vida que não lhes causou tristeza, mas, pelo contrário, alegria. Madre Úrsula que era muito baixinha e estava lá longe e nada via do que se passava, sorrateiramente subiu pelas escadas para lugar mais vantajoso. Madre Butler deu com ela e logo lhe disse: "Desce para baixo, Zaqueu". Sentia-se tão bem que se conservou a pé até mais tarde. — No dia seguinte não se levantou e de tarde perguntou que horas eram. Era a hora da Bênção, todas estavam na capela exceto a enfermeira que ficara com ela. Nisto tocou o sino e Madre Butler sentou-se na cama. "Irmã, dê-me o Santo Hábito e vamos para a tribuna. Ninguém saberá e eu meto-me logo depois a correr na cama".

A Irmã ficou aflita: “Minha Madre bem sabe que não tem forças para isso. Espere até ficar um pouco mais forte”. Ela abanou a cabeça e disse: “A minha filha tem sempre uma desculpa para me afastar do meu Senhor. Mas não importa, porque em breve estarei com Êle. Vamos lá então rezar o têrço juntas”. Quando acabaram, disse: “A sua Mãe hoje está muito doente. Melhorará?” A Irmã não tinha resposta para lhe dar, e Madre Butler sorriu ao seu silêncio, respondendo por ela: “Seja o que Deus quiser. Deus é bom. Nada presta neste mundo, minha filha, e dê graças a Deus por O conhecer, ainda que tão pouco!”

CAPÍTULO XIX

O FIM

Em Março piorava o coração de Madre Butler. Desta vez o médico, Dr. Taylor, deu ordens de não se levantar e exigiu enfermeiras a velá-la dia e noite. O resultado dêsse cuidado e descanso foi que se lhe tornou possível ir à capela na Quarta-Feira Santa. Na Quinta-Feira visitou o Santíssimo tantas vêzes que ficou exausta e o médico proibiu-lhe a menor observância de Sexta-Feira Santa. Porém levaram-lhe uma relíquia da Vera Cruz e quando a viu conseguiu sair da cama, ajoelhar e curvar-se em profunda adoração. Apertou-A nas mãos e murmurou uma e muitas vêzes: “Perdão, meu Jesus, perdão!”

No Domingo de Páscoa ouviu missa no seu oratório e mandou palavras de alegria e felicidade à sua Comunidade. À tarde, chamou Madre Gerard: “Ouvi dizer que cantaram o “Maria, Mater Gratiae” na Bênção. Peça às religiosas que a cantem aqui no meu quarto. Quando o côro entrou e o bellissimo hino, seu preferido entre todos, foi entoado, ouviu-o com um olhar cintilante e perceberam-lhe a voz, não forte e clara como no passado, mas baixinha e serena, repetindo as palavras familiares.

Em quantos lugares havia entoado aquêlo hino? — Na querida Casa-Mãe, em Béziers; em Braga, especialmente no dia que de lá partiu para ir começar aquela jornada da América; na velha casa de Long Island City onde só havia um violino para a acompanhar; nas casas de Roma e Paris e aqui, neste “Marymount” que o seu amor e a sua fé tinham levantado.

Passou uma tarde de Páscoa feliz e o médico permitiu-lhe ter algumas visitas. A tôdas que vinham pedia que orassem por uma coisa

que muito desejava: era que a propriedade dos Mac Cornicks não fosse vendida a ninguém, mas viesse a pertencer a "Marymount". Já alunas e religiosas andavam com esta intenção há meses e agora ela ainda intensificava os pedidos. Levaram-lhe um exemplar do "Cormont", o jornal do Colégio de "Marymount" e ela pediu a Madre Clara, transmitisse os seus parabéns à querida redação do Cormont.

A 3 de Abril recebeu a visita dos Exmos. Srs. Bispos Donahue de Nova York e Kearney de Rochester e no dia seguinte, uma benção especial do Santo Padre. Diariamente chegavam cartas e telegramas de pessoas amigas, prometendo orações.

Um dia sentiu-se pior e a Comunidade começou uma tríplice cadeia de rosários auxiliando as alunas, que passaram todo o tempo livre na capela.

Quando o referiram a Madre Butler, ela repetiu muitas vezes: "Que darei eu ao Senhor por tudo que Êle faz por mim?"

Porém, quando uma vez perguntou por algumas religiosas e lhe disseram que estavam na capela a rezar pelas suas melhores, suspirou e disse: "Não devem pedir para que eu viva. Não sabem que eu tenho de ir para a minha Pátria?" Pouco tempo antes escrevera no seu caderninho espiritual: "O' Jesus, dai-me a vossa luz e o vosso auxílio, para que eu possa fazer reparação nestes últimos anos da minha vida. O inverno já chegou para mim. Meu Jesus, misericórdia!"

Ao Padre Cipriano Truss, Capuchinho, que dera um retiro às alunas, confiou que só lastimava ter feito tão pouco por Deus durante a sua vida.

— "Mas Deus nos recompensa pelo esforço que fazemos", lembrou o religioso.

— "Sim", disse ela sorrindo, "é isso que me conforta".

No dia 7, teve uma crise de coração muito forte e os médicos recearam que fôsse mortal. Enquanto estavam nesta triste ansiedade, levaram-lhe uma relíquia de Santa Teresinha. Anos antes, Madre Butler dera essa relíquia a um missionário e êle contava curas maravilhosas operadas com ela. Agora, sabendo da sua doença, viera a correr lá dos confins do Sul até Nova York, começando uma novena por Madre Butler. Ela reconheceu a relíquia, apertou-a nas mãos, beijou-a e no mesmo instante deu-se no seu estado uma mudança para melhor, declarando os médicos que essa mudança não tinha explicação

natural. Na manhã seguinte tomou algum alimento, afirmando que lhe tinha passado de todo a dor, sentindo-se, entretanto, muito fraca.

— “E’ claro”, diziam as religiosas, “que por intermédio da Santa que ela tanto ama, a sua vida se prolongará até às Bodas de Diamante”.

Todo o Colégio pedia isto, porém, disse um dia uma aluna das mais novas: “Talvez não devêssemos estar a tirá-la assim do Céu, onde já podia estar agora tão feliz com Deus”. Continuou a poder receber a Sagrada Comunhão todos os dias. Às vèzes estava tão fraca que parecia ser-lhe impossível comungar, mas ao ouvir o *Domine non sum dignus*, reanimava-se como se recebesse uma força miraculosa.

As alunas consultavam as religiosas sôbre o que poderiam dar à Revda. Madre Geral no dia do seu jubileu e finalmente Madre Clara falou a Madre Butler: “Oh! se alguém me quer dar uma lembrança, que seja para o Santo Padre. Tenho-me descuidado ultimamente e preciso mandar-lhe alguma coisa para os seus pobres”.

Juntaram o dinheiro e, quando no dia lho entregaram, observou com alegria os preparativos para o remeterem logo para Roma. As orações haviam dado resultado. Celebrou o seu sexagésimo ano de Religião e, bem disposta, ouviu ler a carta que o corpo discente lhe dirigia, apresentando o seu presente, um jubileu de diamantes de missas oferecidas por ela.

Não foi essa data celebrada com festas por causa da sua doença, mas a oferta de sessenta missas, o ramo de sessenta lindas rosas, significativas lembranças do colégio, eram sem dúvida o que ela mais apreciava. Escutou a leitura de inúmeros telegramas e cartas das suas Comunidades e pessoas anigas por todo o mundo. Quando liam algum telegrama dos países em guerra, dizia: “Minhas pobres filhas que tanto sofrem! temos de pedir por elas”. Depois rogou a Madre Gerard que não deixasse de dizer a tôdas as suas filhas doentes em tôdas as províncias, que lhes mandava muitas saudades e pedia por elas a Nossa Senhora de Lourdes.

O resto do dia, passou-o a ler algumas cartas das suas Comunidades. Os numerosos ramalhetes espirituais que recebeu foram postos no altar do seu Oratório. À noite permaneceu unida em espirito às suas filhas, rezando baixinho consigo.

Na manhã seguinte, as que estavam no Oratório com ela quando receberam a Sagrada Comunhão, notaram como se lhe transfigurou o rosto, ficando tão belo que já não era da terra.

A manhã passou sossegada, ouvindo ler mais algumas cartas de parabéns. Ao chegar o Dr. Mac Guire, encontrou-a muito fraca e pediu às que estavam no quarto, não dissessem tantas orações vocais. "Se a Madre Geral ouve alguém rezar" — e olhou para ela significativamente — "há de rezar também".

E ela sorriu-lhe alegremente de entre as almofadas. De tarde, quando êle voltou, examinou-a longamente e mandou sair tôda a gente do quarto por alguns minutos. Madre Baptiste tinha estado a falar com a Madre Geral e preparou-se para sair também. Aquela ordem surpreendeu-a, pois Madre Butler estivera a conversar, a rir e a apreciar muito uma história engraçada que ela lhe contava. Depois tomara um pouquinho de café com uma torradinha e parecia saber-lhe bem. Na visita da manhã, o médico havia dito que o pulso e o coração estavam bem. Agora, enquanto Madre Baptiste se preparava, já à porta, para sair com as outras, Madre Butler acenou-lhe com a mão e pareceu-lhe ver impressa no rosto da Madre Geral, uma expressão de isolamento. Disse-lhe então: "Vou à capela um bocadinho rezar pelas suas intenções, já que não posso ficar aqui". Ela aprovou com a cabeça: — "Sim, filha, a oração pode tudo, mas reze antes por Madre Gerard. Ela é que lhes fará falta".

Quando um pouco mais tarde Madre Baptiste voltou com Madre Gerard, julgaram-na muito bem e cismavam por que motivo estava o médico tão preocupado há pouco e porque ficara no colégio, pois não tinha ido embora.

Madre Butler parecia pronta para conversar, mas as ordens do médico eram formais. Madre Gerard disse-lhe então: "Agora está muito cansada, logo falamos". — "Esse logo não mais virá", foi a sua resposta, mas tão serenamente que não se assustaram.

Uma hora mais tarde a Irmã Cândida saía apressada do quarto, a chamar as religiosas e o médico. "Está pior", dizia, "parece nova crise do coração". Quando entrou o clínico, sentiu confirmados os seus receios, comunicando às religiosas que era chegado o fim. Madre Gerard mandou imediatamente chamar o capelão, Dr. Lynch, e informou a comunidade e diferentes casas.

Dez minutos depois, tôdas as suas filhas de “Marymount” lhe rodeavam o leito e o sacerdote rezava o officio da agonia.

Madre Butler, muito calma, de olhos fechados, escutava segurando na mão a vela, enquanto Madre Baptiste lhe chegava o Crucifixo aos lábios. As últimas palavras que lhe ouviram murmurar foram: “Amado Jesus, José e Maria”... Depois ficou serena, sem falar nem fazer o menor ruído. Até ao fim esteve lúcida e sossegada. Daí a momentos, ouviram-lhe um leve suspiro como de quem vai adormecer.

O médico, que ajoelhara, levantou-se e disse às religiosas, ainda inconscientes do que acontecera: “Quando Deus fala, nada mais se pode fazer”. Só então compreenderam que havia falecido. Morrera como vivera: com coragem, alegre e santamente.

Parecia dormir numa expressão de felicidade; sômente uma palidez mortal substituíra a sua côr habitualmente rosada.

Em baixo, na capela, as Filhas de Maria cantavam o Offício de Nossa Senhora, — devoção muito querida a Madre Butler e que ela espalhara por tôda a parte. Quando correu a notícia de que tocara ao fim, estudantes e religiosas começaram logo a Via-Sacra.

Tôda a noite foi velada no seu quarto, onde havia um belo Crucifixo iluminado. Vasos de rosas chá, viam-se na mesinha de cabeceira — as rosas que lhe haviam oferecido no seu jubileu. A corôa de espinhos circundava-lhe a cabeça. As religiosas alternavam-se rezando o têrço e o “De profundis”.

O côro das alunas que andava a ensaiar um concêrto, tinha planejado um ensaio geral para Madre Butler ouvir. Mas, já muito doente, não pudeça assistir. Então escolheram do programa a Ave Maria de Schubert de que tanto gostava e pediram licença para a cantar: quando o seu corpo foi transportado do quarto para a capela, setenta vozes frescas dirigiram a Maria aquela súplica por quem tanto tinham amado.

Lá fora, no jardim, a cerejeira rebentara durante a noite. Os botões vermelhos eram agora maciços de flores. Ainda que cêdo para florescerem as árvores, esta erguia-se numa beleza triunfal.

Os dois dias seguintes, alunas atuais e antigas desfilarão perante a urna, ajoelhando, beijando-lhe as mãos, tocando têrços no seu hábito, mãos e lábios e contemplando pela última vez aquêlo rosto amado.

Havia entre elas alunas de há trinta anos, pessoas amigas, pessoas que lá haviam ido aos retiros, empregados, operários, pessoas a quem a sua caridade sustentava; era uma fila interminável. Não só as estudantes, religiosas e senhoras choravam, mas até muitos homens. Então milhares de missas e ofertas para missas começaram a chover e sacerdotes de longe e de perto celebravam missas de Requiem.

No dia seguinte ao do falecimento, Madre Gerard dirigiu cartas circulares a tôdas as Comunidades, como já vinha fazendo ultimamente. “Perto de Deus tôda a vida”, dizia, “também Êle esteve junto dela, quando mais precisava. Ainda que não pudesse tomar alimento para o corpo, o da alma nunca lhe faltou. Até ao último dia recebeu Nosso Senhor no seu coração e nesse momento parecia alheia a tudo o que a cercava. Estava na presença do seu Deus”.

Durante o tempo em que permaneceu exposta na capela forrada de preto, houve muitas missas: da Comunidade, das Noviças, das alunas, etc. Houve missas em todos os seus colégios e escolas da cidade.

Flores, muitas flores... Um grande ramo de lírios oferecido pelas alunas esteve colocado no seu genuflexório no quarto e depois foi lavado para a Capela. Chegavam flores a tôda a hora. Como ela sempre agradecera os mais pequeninos favores que lhe eram prestados, como devia estar ocupada durante aquêles dias.

Para as religiosas, o ramo mais triste era o que estava na sua cadeira forrada de luto — lírios do vale e gardênias — colocado no lugar onde repousavam geralmente as suas mãos, em oração.

Na Sexta-Feira, às 10 horas, foram as Exéquias e a Capela Butler estava cheia de pessoas que vinham pagar o seu último tributo à Fundadora de “Marymount”. Durante tôda a cerimônia, o corpo esteve presente defronte do altar. À frente da urna, Cavaleiros de Colombo, com as bandeiras americana e papal; outros apresentavam armas. Presidiu o Arcebispo Spellman, celebrando o Bispo Donahue, pregando o Bispo Kearney o elogio fúnebre. Os Padres Dumas — Jesuíta e Lynch, Carmelita, eram diácono e subdiácono, representando as duas Ordens que tanto tinham trabalhado com ela. O côro do colégio cantou a missa — O Sr. Bispo Kearney disse com santa ufania e saudade: “O viandante que atravessar esta região, apontará hoje e no futuro para êstes edificios que representam o trabalho de trinta e três anos,

de esforços ativos e intensos; porém a história de pedra e cal, da cúpula e flecha é nada, se a compararmos com a história das almas dessa juventude que levou Madre Butler a afoitar-se a tão vastas construções.

“E só Deus a Quem ela serviu tão fielmente saberá avaliar as dificuldades, as provas, os desânimos pelos quais passou nesses anos. Não era feitiço seu desabafar desgostos com os seus amigos; alegrias sim. Pesares e dores, levava-os Àqueles de Quem desde o dia da sua Profissão prometera aceitar tudo, o bom e o mau, a cruz e a alegria, o êxito e o insucesso.

“Com o mundo e a educação tão fora da ordem, qual esteve sempre durante a sua vida, em que liberdade de ensino se interpretava como liberdade de ensinar o que é ditado pelas agências; com tôdas as larguezas para certos ramos de ensino, mas estreiteza e intolerância com os sistemas de educação que todavia desafiavam os séculos; dando o maior cuidado aos cursos de estudos laicos e tôda a indiferença à alma do indivíduo; Madre Butler caminhou sempre para a frente, proporcionando a “Marymount” o melhor, no que se revelava coerente com o seu ideal”.

Terminadas as cerimônias fúnebres, as estudantes de “Marymount” ladearam o caminho para a cripta. Mary Barrett, Presidente da Associação das Estudantes, levando uma cruz de lírios, abria a procissão das Filhas de Maria. Passaram pela gruta de Nossa Senhora de Lourdes onde tanta vez a tinham visto orar ou arranjar as flores que a ornamentavam.

Os Cavaleiros de Colombo formavam guarda à entrada da cripta e o Arcebispo Spellman, os Bispos Donahue e Kearney, muitos Monsenhores, Clero, Religiosos e membros da Família Butler desceram os degraus, de onde foi lançada a benção final.

A seu pedido, a sua sepultura ficou em frente do altar, do lado de fora da grade, mesmo debaixo do altar da capela grande.

S. Emcia., o Cardeal Spellman, de capa negra, lançou a absolvição a Madre Maria José Butler, Superiora Geral das Religiosas do “Sacré-Coeur de Marie” e Fundadora de “Marymount”. O côro e o clero entoaram a Benção e o Dr. Lynch, capelão do Colégio, abençoou de novo a sepultura. Ali ficou por muito tempo a orar,

mesmo depois de todos terem saído, exceto as religiosas que compunham as flores, ao longo do túmulo e no altar.

Três lajes tinham sido levantadas no pavimento de mármore, que foram repostas e cimentadas.

Talvez fôsse maior a manifestação de dor dos que choravam Madre Butler fora do convento do que no seu interior. Não que no convento sentissem menos a sua perda, mas porque, depois que a querida Mãe fôra descansar no seu túmulo, sentiam mais em "Marymount" a sua presença do que a sua falta. Nos corredores, na capela, nos jardins, tinham a impressão de vê-la sorridente, alegre, dando-lhes coragem. Sentiam-na junto delas em qualquer circunstância, só não fruíam da sua presença corpórea. Por vêzes tinham a impressão de lhe ouvir a voz tão meiga a dizer sorrindo, nos corredores ou à entrada da sala da Comunidade: "Vive Jêsus", num tom de voz que nunca era alto, mas chegava a todos os cantos.

A fascinação da sua presença, o seu entusiasmo, a sua bênção pairavam junto às suas filhas. Se uma religiosa ficava triste, parecia-lhe sentir os olhos sorridentes de Madre Butler a fixá-la e logo se encaminhava aos seus deveres, mais animada e com mais fé.

Durante várias semanas, as cartas e telegramas sucediam-se, vindas de tôdas as partes do mundo, enviadas por tôda a classe de homens e mulheres; da Casa-Mãe e casas de França, de Portugal, Espanha e Brasil, de Roma, de Inglaterra e Irlanda, das casas da Califórnia. Cartas de Prelados que apreciavam o seu trabalho; cartas de Missionários distantes a quem o saquinho preto tinha mandado donativos, em ocasiões críticas, dos sacerdotes encarregados dos Índios de Turtle Mountain, dos leprosos de Cebu e das Missões dos Negros; cartas de muitos amigos que fizera durante a vida e das suas inúmeras alunas.

Monsenhor Mac Intyre escrevia: "Caráter decisivo no campo da educação, fez trabalho precioso nesta diocese".

Da Irlanda vinham estas palavras do Bispo Collier: "Como "Marymount" deve parecer mudado e triste, sem ela; porém podemos dizer que a sua obra estava feita. Recebera o dom de uma longa vida na qual não deixou dias vazios e a sua morte não produzirá tristeza amarga, antes a lembrança perfumada de uma existência irradiante e de

um caráter são, Verdadeira Mãe espiritual, personalidade de escol que deixou o mundo melhor e mais rico, por ter passado por êle!...

“Também me apraz pensar que ela passara por Inistioge e Ferrybank a caminho do Céu, afim de, como disse o antigo exilado, espreitar lá para dentro. Foi o Noviciado de Ferrybank a sua última obra que nunca se realizaria sem ela e o acêrto de tal obra é evidentíssimo, agora que o Continente está em chamas e a Inglaterra, ameaçada de morte”. E Nicolau Phelan que sessenta anos antes, quando rapazi-nho, lhe oferecera o ramo de flores azues da côr dos seus olhos, para com ela levar algo da Irlanda às terras de França —escrevia: “Era a prima a quem eu mais queria”.

Tão diversas as cartas e os autores que pareciam quase uni-versais.

Do Padre Lourenço Kelly, S. J., um bilhete, dizendo que dela recebera o primeiro óbulo para o monumento aos mártires america-nos em Auriesville. De Maria Pahar, na Índia, onde um Jesuita le-vantara a sua Missão e escola com a ajuda dos donativos enviados de “Marymount”, outro bilhete saudoso. De um condutor de “taxi”, uma carta, pedindo lhe fôsse concedido um exemplar do jornal “Cor-mont”, Ilustrado com gravuras do funeral: “Quanta consolação me daria, pois não esqueço nunca a bondade de Madre Butler para co-migo”.

Do Pe. Leahy uma longa carta cheia de recordações: “Nem um só momento”, escrevia, “em que não fôsse uma verdadeira senhora e uma verdadeira religiosa. Considerava a Deus como faz o marinheiro, quando no meio da tempestade procura a luz que é pôrto e salvamento. Vivia sempre no mundo do espirito e da Fé. Constantemente a preo-cupar-se com a desgraça que espera as almas tresmalhadas... O ca-minho das observâncias religiosas era a seu ver o único a levar à Pátria e então seguia-o sem hesitar. Que lhe importavam as dificuldades, se palmilhava a vereda que conduzia onde a esperava o Desejado do seu coração? Com que clareza via tudo com olhos de fé, dessa fé que se assemelha à visão! Mais do que ninguém parecia ter compreendido que Cristo era o Caminho e a Vida. E nossa vida e caminho eram o próprio Cristo. Procurava-O e encontrava-O de pronto, nos peque-ninos exercícios do dia tanto como nos maiores empreendimentos”.

Quando chegou a Roma a notícia da sua morte, o Cardeal Maglione telegrafou logo, a mandar os pêsames do Santo Padre e Madre Baptiste, quando viu o telegrama e de quem era, pela força do hábito, moveu-se para ir mostrá-lo a Madre Butler, esquecida um instante da triste realidade presente...

Mais tarde chegou carta, sugerindo a lembrança de uma troca de cumprimentos. No ano anterior, tinha ela ido doente, cansadíssima, mas empenhada na viagem, apresentar homenagens ao Papa Pio XII e escrevera de Roma: "O Santo Padre é um verdadeiro santo".

Hoje, nesta carta para Madre Gerard, Sua Santidade mostrava ter também reconhecido nela os traços de santidade que ela descobrira no Santo Padre e referia-se ao donativo que no seu jubileu Lhe enviara, última prenda das suas alunas para ela, último donativo dela para a Santa Igreja.

Eis o conteúdo da carta: "O nosso coração ficou profundamente comovido com a triste e afetuosa mensagem, que cumpria o último desejo da vossa saudosíssima Madre Maria José Butler, a qual, apenas celebrou as Bodas de Diamante de Profissão Religiosa, entregava a piedosa alma no seio de Deus. Por sua ordem e como último desejo, mandastes-Nos uma oferta que é recebida com o coração reconhecido, como último penhor da devoção da vossa querida e santa Madre, a Nós, Vigário de Cristo na terra, antes de ir contemplar a sua Divina Luz.

"A memória de Madre M. José Butler está bem viva no nosso espírito e coração, desde a sua última e filial visita a Nós feita em Junho do ano passado, e não esquecemos em nossas orações a vossa Comunidade, implorando de Nosso Senhor todo o auxílio, para que continue a ter o inspirado govêrno de que tem gozado nos anos passados". "Do Vaticano, 15 de Agosto de 1940." — no alto da página, à esquerda; e, à direita, a assinatura — "Pio, p.p. XII".

Aquela impressão primeira que religiosas e alunas experimentavam de que Madre Butler, com a sua alegria, o seu sorriso encantador, a sua indomável atividade, estava ainda com elas, continua em "Marymount". Sente-se a sua presença em tôda parte. E' quase como se ela tivesse ido à capela fazer uma visita e fôsse voltar daí a pouco; como se devesse aparecer de um instante para outro no corredor, tirando as folhas sêcas a alguma planta ou chegando outra para

o sol ou talvez como se fôsse à despesa vigiar o arranjo de algum chá com bolos para as visitas inesperadas ou parando junto de alguma aluna que quisesse consultá-la a respeito de qualquer dificuldade, ouvindo-lhe dizer, no fim: “Volte, minha filha, e Deus a abençoe” — como era a sua maneira preferida de se despedir das meninas...

Às suas religiosas parece-lhes, às vêzes, ouvi-la, quando recitam as orações depois da missa, levantando o tom da voz, ao pronunciar as palavras: “Reinai sôbre esta comunidade e sôbre o mundo inteiro!”

Em número, em espírito, em educação religiosa e em instrução profana, as suas comunidades continuam a progredir firmemente.

Tôdas aprendem a aperfeiçoar-se, como ela dizia que deviam fazer: espiritualmente, culturalmente e intelectualmente.

Muitas dessas comunidades foram fundadas durante os seus anos de Superiora Geral: quatro casas em Portugal, três na Inglaterra, três no Brasil, uma em Roma, duas em França e várias nos Estados Unidos, como um Noviciado nos Estados Unidos e um na Irlanda.

À sua morte, ainda não estavam os Estados Unidos envolvidos na guerra; mas numa das suas últimas conferências às religiosas havia uma quase profecia do que sobreviria em breve: “Preparem estas crianças, estas lindas crianças; instruam-nas, formem-nas com tôdas as veras para os dias maus. Não sabemos o que nos espera neste nosso país; o dilúvio pode vir ainda durante a minha vida. Preparem as crianças, de forma a que possam preparar por sua vez, parentes amigos e fazer-lhe face”.

Não viveu, contudo, o bastante para chegar a tomar conhecimento da triste odisséia das casas de França: também daria para se julgar feliz, se tivesse sabido de que maneira se portaram as religiosas. Em Cambrai deram aulas até o bombardeio as forçar a procurar abrigo. E, depois de terem pôsto a salvo as suas educandas, atravessaram a pé quase tôda a França até alcançarem Béziers, jornada que lhes levou semanas, quase sempre perseguidas pelos terríveis bombardeios. Rennes estava em terreno ocupado e continuou a sua obra ainda que de forma mais modesta.

Em fins de 1940, as religiosas que tinham ido por ordem de Madre Butler para St. Malo, voltaram a Paris e encontraram tudo em ordem em casa... Até a estátua de S. José que tinham pôsto no vestibulo

para guardar o colégio, lá estava. As religiosas escreveram a Madre Gerard: "A nossa Mãe muito amada mostrou o seu poder no Céu e temos nela confiança inabalável". Miss Ryan, que havia sido enfermeira de Madre Butler várias vezes em Paris, foi residir em "Mariemont" e cuidou das coisas tão bem que quando as religiosas voltaram, lhes pôde entregar tudo na mais perfeita ordem.

Quanto a "Mariamonte", em Roma, onde do alto de uma coluna de mármore de Corinto uma Madona idealmente branca sorria para as flores a seus pés, tudo estava bem, conforme a notícia que chegara.

Em Portugal progrediam as obras e em 1941 abriram colégio em Lisboa.

Florescia a fundação de S. Paulo, Brasil, de onde anos antes a superiora do Rio de Janeiro levava a Madre Butler uma solicitação com sete mil assinaturas, para acompanhar o pedido da introdução da causa da Beatificação dos Fundadores do Instituto.

Nos Estados Unidos continuava a expansão: novos terrenos se adquiriram e novos edifícios começavam a levantar-se. Em 1942, o colégio da Quinta Avenida estava tão cheio que não podia admitir as alunas novas que solicitavam inscrição e Madre Immaculée procurava terreno. A propriedade dos Mc Cormick, tantos anos ambicionada por Madre Butler, passava enfim para as mãos das religiosas e nela se instalava o Noviciado. Em Sag Harbour, abria-se nova Escola Superior para alunas internas e no verão o terreno servia para vida ao ar livre às crianças da cidade. O velho colégio de Tremont Avenida transformara-se também em Escola Secundária e já procuravam local para novas construções.

Lá para o Poente, na Califórnia, havia uma nova Escola em Montebelo e outra em Corvallis, no vale de S. Fernando. Em Santa Bárbara onde anos antes Madre Butler lastimara o fato de haver tantos católicos sem Fé, agora um "Marymount" esplêndido prometia ser um "Marymount" no Oeste capaz de rivalizar com a Mãe que o criara.

Também sempre fôra desejo de Madre Butler abrir casa no Canadá, e eis que na antiga cidade de Quebec domina, das alturas do Monte Carmelo o majestoso rio S. Lourenço, o irmão mais novo de todos os "Marymounts". Lugar bem adequado à sua última fundação: o seu apostolado nascera entre almas francesas na velha França;

é justo que volte a exercer-se por último entre almas francesas, na nova França.

Sempre com Deus no espírito andara e trabalhara Madre Butler, desde o dia da sua primeira comunhão até ao da sua morte.

— “Vamos devagar”, costumava dizer, “confiando em Deus e entregando-Lhe o que nos pesa”.

Fôra essa confiança que a levava mar em fora, que construira todos os “Marymounts” e casas por toda a parte, cada uma das quais, levantada a custo de dificuldades por vêzes quase invencíveis.

Sim, a sua confiança era inabalável, fôsem quais fôsem os obstáculos, e, atravessando os mares, dizia o Pe. Dumas, fazia lembrar S. Patricio ou S. José, os viandantes do Senhor.

Para si não guardava nada; só uma vez mostrou a uma religiosa um estojozinho já gasto, com uma relíquia da Vera Cruz e disse: “E’ a única coisa que eu não tenho escrúpulo de guardar”.

Gostava de receber pequeninos presentes, mas apenas lhe chegavam às mãos, já estava a pensar a quem os havia de dar. Chales, casaquinhos de malha eram-lhe oferecidos às dúzias quando se via enfôrma. Iam para as suas religiosas e pessoas necessitadas; e quando nos seus últimos tempos procuraram algum para lhe vestir, não encontraram...

Nunca voltava da Europa sem trazer alguma coisa para cada uma das suas filhas e as superiores que as visitavam, levavam sempre uma lembrança às religiosas tôdas das suas comunidades.

Havia uma carmelita velhinha a quem durante anos forneceu as sapatilhas. A porteira tinha sempre trôco para os que vinham pedir à porta. Alguém, sabendo dêste costume, dissera-lhe que naturalmente se tratava de pobres de profissão, a que respondeu: “O que é dado por Deus nunca se perde e Êle saberá fazê-lo frutificar”.

Depois da sua morte examinaram a sua correspondência. Quantas cartas de agradecimento: por ter auxiliado a obter uma colocação, pela lembrança de aniversário... o serviço de chá para uma festa de caridade... o quadro do Sagrado Coração... a prenda de noivado... o pacote de roupa a uma família em más circunstâncias... auxílios a conventos necessitados na América e no estrangeiro...

E às vêzes era mais do que o presente material: “Animou-me, deu-me coragem”, dizem centenas de cartas recebidas pela comuni-

idade, depois da sua morte. "Parece que me escrevia quando eu mais o necessitava".

Hoje ainda, Madre Butler tem muito que dar. Para alguma coisa são os milhares de missas mandadas dizer por sua alma, e as orações dos que nunca a esqueceram... No mês de Novembro, antes de morrer, quando algumas Religiosas de Park Terrace a vieram visitar, disse-lhes: "Orem muito por mim, minhas queridas filhas. Dentro em breve Nosso Senhor dirá: "Anda daí, velhota, que preciso de ti; e como hei de apresentar-me perante Ele com as mãos vazias?"

Agora, após a sua morte, há sinais visíveis de que as suas mãos ainda trabalham, não só entre as suas religiosas e alunas, mas nos corações de muitos que em diferentes terras ela protegeu, porque durante a sua vida também não limitava os benefícios às suas filhas e ao seu Instituto. O coração ia-lhe até às extremidades do mundo, a todos que fôsem filhos de Deus e de Maria.

De Dublin receberam uma carta de sua prima Inês Moylan, dizendo: "Quando obtenho qualquer favor e consolação, logo o atribuo ao seu valimento no Céu".

Os que vêem esta influência crescer cada vez mais, depois da sua morte, repetem e animam outros a repetir a oração aprovada pela autoridade eclesiástica:

"Senhor Jesus Cristo, dignai-Vos mostrar que a nossa Mãe, Madre Maria José Butler, é particularmente querida ao vosso Sagrado Coração e digna de ser honrada sôbre os nossos altares..."

INDICE

Duas palavras de introdução	9
Prefácio	11
Prólogo	13
A Infância	25
A jovem	37
A Postulante	45
A noviça	59
Em terras de Portugal	65
Do velho ao novo continente	79
Começos de Marymount-on-Hudson	101
Expansão da obra — noviciado — retiros	117
Marymount — curso superior	131
A caminho do ocidente	141
Novas fundações: Mariemont em Paris e a casa de Quinta Avenida	155
Madre Butler é eleita superiora geral	165
Bodas de ouro — “Mariamonte” em Roma	179
As visitas canônicas da Madre Geral	191
Marymount desdobra-se sôbre dois continentes	201
Viajando por amor de Deus	213
Última visita à Cidade Eterna	223
Últimos dias de Madre Butler	235
O fim	245

sempre quando ela menos o esperava, por isso tinha de ter cuidado-lhe e queixava-se, dizendo que a tratavam como a uma boneca holandesa.

Um domingo em que passara mal a noite anterior, Madre Gerard decidiu não a acordar cedo para a missa. A Comunidade saiu sem fazer barulho e quando as últimas, Mère Marie des Victoires e uma irmã coadjutora iam descer, ouviram a sua voz no cimo das escadas. “Minhas filhas, esperam por mim”? E brilhavam-lhe os olhos quando de Missal na mão entrou na igreja, aos olhares surpreendidos de Madre Gerard.

A fundação de Paris ia também ser aumentada. A casa e propriedade contígua vendiam-se por um preço razoável e, em razão da cláusula inserida no contrato de compra da primeira casa, as religiosas tinham direito de opção e resolveram comprá-la. Precisavam muito de espaço. Não tinham só jovens americanas, já muitas famílias francesas lhes confiavam as filhas e não se podia contar uma vaga na primeira casa.

Durante êsse verão, Madre Butler decidiu ficar em Paris todo o tempo da sua permanência na Europa e as Superiores das diferentes casas é que iriam lá consultá-la.

Da casa de Mariemont em Paris dirigiu, então, os negócios do Instituto. Madre Gerard com Madre Aloysius foram em seu nome a Rennes falar com S. Excia. o Arcebispo D. René Mignen e escolher local para uma fundação nessa cidade e mais tarde Madre Gerard foi como delegada à Irlanda, dizendo-lhe a Superiora Geral, ao designar-lhe o encargo: “Rouba-me a melhor parte do meu trabalho, a alegria de voltar a ver a minha velha Irlanda”. Madre Gerard recomendava-lhe que escrevesse poucas cartas e essas mesmas curtas. — “Mas eu estou muito melhor”, protestava, mesmo depois de passar dias muito incomodada. “Quando voltar, há de encontrar-me bem disposta como dantes”.

O Rev. Pe. Magennis visitou-a nos fins de Julho e ela escrevia a Madre Baptiste: “Estamos em alta espiritualidade; o Pe. Magennis cada vez se parece mais com o nosso venerado Fundador. Como o capelão está ausente, tem êle feito a caridade de o vir substituir”.

Durante êsse tempo esteve quase sempre em casa, pois chovia; mas, no primeiro domingo de Agosto em que o sol brilhou de novo,